

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

**Design de notícias no cenário de convergência jornalística:**  
práticas profissionais em jornais do Rio Grande do Sul

Volume 2

## **Apêndice B | Entrevistas**

**Patricia Lopes Damasceno**

Porto Alegre, outubro de 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

**Design de notícias no cenário de convergência jornalística:  
práticas profissionais em jornais do Rio Grande do Sul**

**Volume 2**

**Apêndice B | Entrevistas**

**Patricia Lopes Damasceno**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de doutor.

Orientadora  
Dr.<sup>a</sup> Ana Cláudia Gruszynski

Porto Alegre, outubro de 2018

## SUMÁRIO

<b>8</b>	<b>APÊNDICE B   ENTREVISTAS</b>	<b>180</b>
8.1	ENTREVISTA ED48V	180
8.2	ENTREVISTA ED26F	188
8.3	ENTREVISTA ED37B	200
8.4	ENTREVISTA ED15S	205
8.5	ENTREVISTA ED37C	214
8.6	ENTREVISTA ED48M	232
8.7	ENTREVISTA ED26D	243
8.8	ENTREVISTA ED15S	255
8.9	ENTREVISTA ED48O	270
8.10	ENTREVISTA DIA37D	281
8.11	ENTREVISTA DIA26R	287
8.12	ENTREVISTA DIA15C	297
8.13	ENTREVISTA DIA48G	303
8.14	ENTREVISTA DIA15K	313
8.15	ENTREVISTA WEB26F	321
8.16	ENTREVISTA WEB48A	334
8.17	ENTREVISTA WEB15G	340

## 8 APÊNDICE B | ENTREVISTAS<sup>1</sup>

### 8.1 Entrevista ED48V

*Como tivemos um encontro anterior, pode ser que alguma das perguntas tu já tenha falado, mas se tu quiser pensar de uma outra maneira, ou se tu não te importar de responder para eu ter o registro, né, vamos dizer assim, eu te agradeceria. Eu vou começar por umas perguntas mais para saber... então, resumidamente, qual a tua formação e como tu começou a trabalhar em redações jornalísticas.*

Tá. Eu sou formado em jornalismo na UFSM, estudei lá de 84 a 89, nos anos 90 eu fiz uma Pós em Teoria da Comunicação em São Paulo na Cásper Líbero e, assim, mais academicamente ou mais currículo de curso eu fiz um Master em jornalismo para editores é... que é em São Paulo, que é uma parceria da Universidade de Navarra com a Instituição em São Paulo. Ah... aí tenho assim cursos de treinamento esporádicos. Ah... eu comecei em redação em março de 1984, no meu primeiro dia de curso eu comecei a trabalhar em rádio, trabalhei em Santa Maria em rádio, depois eu trabalhei em jornal em Santa Maria também, nos anos 80 e no final dos anos 80 mudei para Santa Catarina e, enfim, desde 3 março de 84 eu sempre trabalhei em redação. Tive um período de uns 7, 8 anos trabalhando em agências de comunicação em São Paulo, agências clássicas de assessoria de imprensa, comunicação empresarial, mas basicamente trabalhei em redação, trabalhei jornais e rádios em Santa Maria, depois trabalhei no jornal A Notícia em Joinville, Santa Catarina, depois tive esse período de São Paulo, depois trabalhei na revista Manhã aqui em Porto Alegre, trabalhei 3 anos na Editora Abril, na Veja, um ano e meio na Veja revista, um ano e meio como editor da Veja.com e desde 2002 eu tô na RBS. Diário de Santa Maria, por quatro anos, depois trabalhei um ano e meio aqui na Zero Hora, em 2005-2006, depois trabalhei nos jornais da RBS em Santa Catarina, voltei para notícia, fui editor-chefe do Diário Catarinense e estou aqui na Zero Hora desde a metade de 2012 como editor-chefe e agora como... um cargo nada jornalístico chamado gerente de jornalismo, dos jornais e do GaúchaZH.

*Certo... ah... então assim tu teria como dizer mais ou menos então como que se deu essa vinda para cá para Zero Hora?*

---

<sup>1</sup> Ao se considerar o compromisso assumido com os respondentes junto aos Termos de Consentimento – que os dados das entrevistas seriam de uso exclusivo do pesquisador da tese *Design de notícias no cenário de convergência jornalística: práticas profissionais em jornais do Rio Grande do Sul*, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2018) –, as informações aqui contidas não poderão ser usadas para outros fins. Projeto de número 33533 (COMPESQ) e parecer da aprovação pela *Comissão de Ética em Pesquisa* número 2.595.147.

Foi uma trajetória acho que de, de carreira dentro da RBS... eu trabalhava em 2002 na Veja, tinha uma vida meio resolvida em São Paulo e aí por questões um pouco pessoais, um pouco familiares eu dei essa guinada, voltei para o sul, voltei pro Rio Grande do Sul, e aí comecei a vamos dizer assim: uma construção de carreira normal, num Jornal pequeno do Grupo, depois eu tive uma experiência aqui na Zero Hora, que foi mais na verdade de preparação para uma fase em Santa Catarina, daí a RBS comprou o jornal de Joinville, eu fui para lá, aí fui para o Diário Catarinense que é o maior jornal de lá e depois vim comandar a redação da Zero Hora. Foi uma construção de carreira dentro do Grupo assim, dentro do grupo sempre tenho uma função essencial minha, né, editor-chefe de “A”, editor-chefe de “B” e sempre participando dos fóruns de decisão, dos comitês, dos conselhos, dos grupos de decisão, dos projetos, né, criação do Gaúcha ZH, construção da redação integrada, primeiro com o Diário Gaúcho, depois com a Zero Hora, então é uma função executiva de redação, basicamente isso, assim.

*Certo. Considerando então o atual posto de trabalho, eu queria que tu falaste um pouco das suas principais atribuições. E se tu quiseres falar também, como tu falou durante a conversa, em uma perspectiva de tempo em função das últimas mudanças, em que tu estava mais concentrado antes e como é que está agora...*

É... hoje eu tenho uma função de, de... não é uma gestão direta de redação, é uma gestão dos líderes de redação da Zero Hora, do Diário Gaúcho e do Pioneiro de Caxias. Além disso, eu sou uma das três pessoas, assim, que determina o conteúdo, linha editorial do Gaúcha ZH. As funções, as atribuições dentro da RBS são muito... elas se entrecruzam muito, assim, não existe assim “ah o cara tá lá naquela cadeira ele faz aquilo”, tem sempre uma série de demandas complementares, às vezes até maiores do que a tua função essencial. Então, construção de redação integrada, forma um grupo, três/quatro pessoas, eu sempre sou uma das três/quatro pessoas nessas grandes decisões de redação, né, time da Copa, parte editorial da Copa, parte estrutural da Copa, eu também entro para atuar como uma das três/quatro/cinco pessoas. É... cobertura eleitoral da mesma forma, a gente forma grupos, os grupos se reúnem, os grupos articulam, definem força-tarefa, os grupos definem editorial, os grupos definem o modo de agir, os grupos fazem calendário de debates, de pesquisa eleitorais, etc., os grupos gerenciam orçamento, eu participo sempre também. Então, hoje além de ser um gestor dos gestores dos jornais e do site e com isso tendo um papel importante nas tomadas de decisão, as principais tomadas de decisão, eu ainda participo desses fóruns de decisão de grandes temas jornalísticos dentro do Grupo, basicamente é isso, assim. E é difícil dizer “x%” do tempo é “A” ou é “B” ou é “C”, mas o meu tempo é distribuído nesses papéis. E como eu tenho uma trajetória muito de redação, muito de chão de redação, assim, eu permanentemente sou acessado pelos repórteres, por editores, “como é que faz isso?” “como é que faz aquilo”, “eu tô com esse problema como é que eu gerencio?”, “estou precisando tomar uma decisão sobre a equipe, dentro da minha equipe”, “estou precisando de um perfil novo de profissional”, então, enfim, tem uma verticalidade grande, assim, desde... desde base, pautas, enfim, até um topo maior. Isso é um pouco... tipo... então faz tudo e não faz nada?

[Risos]

Talvez faz tudo e faz tudo. Melhor dizendo isso assim. É... mas essa é uma função, nessa linha...

*Tá bem. Bom, anteriormente tu explicaste, de uma forma resumida, então tu falaste de como hoje a relação está se estruturando, como ela se organiza, essa questão dos setores, das equipes, das reuniões de pauta, quantas são feitas, horários, se por exemplo, se existem horários do papel de fechamento, do digital a princípio de fluxo contínuo, esses prazos de produção, plantões, enfim, como que ela se estrutura e se organiza.*

É uma redação que tem mais ou menos essas 300 pessoas e é uma redação onde correm em paralelo, em um intervalo de um dia, desafios que são às vezes paralelos, às vezes são únicos, às vezes se

sobrepõem de produzir para as três plataformas, pro jornal, pro papel, para o digital e para rádio. O desafio é integrar tudo o que for possível de ser integrado no processo de produção de conteúdo, para evitar a sobreposição e para ter o melhor resultado de conteúdo e para ser mais inclusivo possível em todas as mídias, para que o maior número de jornalistas possam participar do papel, do digital e da rádio. E é em cima dessa lógica que a gente constrói o nosso fluxo de trabalho que basicamente tem uma reunião de pauta de manhã e que tem todos os seus *deadlines* de todos esses veículos. Então tem *deadline* programa por programa de rádio, cada programa de rádio tem o seu time próprio de produtor, de âncora, daí o time de reportagem é único, ao longo do dia na rádio, é... os jornais têm seus *deadlines* né, a Zero Hora tem dois fechamentos, o Diário Gaúcho tem dois fechamentos, a gente tem seis edições por semana, tem uns cadernos que vão fechando ao longo da semana e no digital é um *deadline* por minuto, assim de acordo com a demanda do digital, né. A gente procura planejar tudo que é possível planejar, coberturas, enfim, e ainda ter que ter uma prontidão para as coisas extras do digital. Esse é o desafio da redação, é conseguir construir um fluxo, um processo de trabalho que dê conta desses quatro títulos: Zero Hora, Diário, Rádio Gaúcha e GaúchaZH, dentro de uma lógica coerente, racional, produtiva, inteligente, evitando sobreposição, garantindo o DNA de cada veículo. Esse é o... basicamente esse é o desafio.

182

*Então duas perguntas em relação a isso: como se dá integração, em que níveis? Como tu estava falando antes que tem algumas coisas na produção ali que não necessariamente estão integradas, os softwares e as ferramentas que utilizam para publicação, por exemplo e se tem alguma perspectiva de integração com a TV?*

A integração assim, no plano das pessoas ela, de cima para baixo, vamos dizer assim, ela tem um diretor de redação comum, tem dois gerente de jornalismo, eu e o Escola, ah... e depois, e depois tem editores por tema, é... são quatro grandes temas: Esporte, Cultura e Comportamento, Vida e Estilo, que a gente chama que é tecnologia, etc., etc. e notícias hard news e break News. São quatro grandes pulmões produção de conteúdo, cada um com um editor. Ah, fora isso tem um editor-chefe dos jornais, da rádio, do Diário Gaúcho e da Zero Hora. Têm áreas específicas, tipo a diagramação, áreas específicas de uma... assim como tem Central Técnica, né, os repórteres, a gente tem um time de repórteres muito compartilhado, e que são subordinados a esse time aí. Aí tem uma estrutura de chefe de reportagem, que está abaixo do editor-chefe da Rádio, dentro das editorias, além do editor principal, tem normalmente o número dois, até porque são 24h operando e eles tem interfaces permanentes, que desde a reunião de pauta até grupos de WhatsApp e até pequenos fóruns que eles fazem de conversa a todo momento. A ideia de convergir todo mundo no mesmo espaço é isso, é uma assembleia permanente, que... a gente hoje enxerga ela hoje com muito mais tranquilidade, ela flui, as pessoas entendem seus limites, tem plantões comuns de semana, as escalas de final de semana de reportagem é uma escala só, então tem desde horários em que o repórter fica aqui e ele além de apurar, apresenta um noticiário de hora em hora, até o repórter que vai para rua, isso tudo é pensado, as escalas são feitas com 10 dias de antecedência. O esporte tem uma dinâmica própria porque as coisas do esporte acontecem mais sábado e domingo, então tem uma maior concentração de pessoas sábado e domingo, diferentemente das outras áreas. Tem um *know how*, assim, que é resultado um pouco, sei lá, de 50 anos de jornal de 90 anos de rádio que a gente sabendo fazer, a gente cria as interfaces, respeita as peculiaridades, né. Em pauta de trânsito é uma coisa muito específica de rádio, não posso escalar qualquer um para fazer isso, é assim como um repórter que vai fazer uma entrevista de três páginas com uma fonte especializada, também não é qualquer, mas a gente conhece as peculiaridades de cada um na equipe, vai escalando da forma como eles melhor se desempenham nessas áreas. Tem coisas que, o cara é de Esporte é de Esporte, o cara é de Polícia é de Polícia, de Política é de Política, né, esse é um primeiro, uma primeira lógica de organização. A segunda ela é temporal, ao longo do dia quem vai fazer o quê. A terceira é pela especificidade da demanda, repórter de trânsito, não são todos os repórteres que podem apresentar um noticiário, aqueles de minuto, a cada hora, a gente vai desenvolvendo. Ao mesmo tempo tem o esforço de ampliar o número de

peças mais ecléticas, então a gente tem, por exemplo, um trabalho de fonoaudiólogo, tem trabalho de Treinamento, as pessoas mais qualificadas numa função do treinam as outras e a gente não tem objetivo de fazer com que todo mundo faça tudo, a gente sabe que tem especificidades, a gente sabe que aquela matéria de 10 páginas, tem 4 repórteres que sabem fazer, a gente não vai escalar a pessoa errada no lugar errado, assim como funções específicas de rádio que tem pessoas que são mais talhadas para fazer aquilo ali. É um ambiente que respeita isso, procura versatilidade, mas respeita as demandas específicas de cada função e escala as pessoas que tem atributos para aquela demanda, é bem intenso isso.

*E tem uma perspectiva de integração com a TV?*

183

A TV ela tem uma lógica Globo. O G1, o GE, tem um modelo de negócios, baseado numa lógica, de uma crença, que originária da lógica de TV, de audiência. E ela tem uma personalidade de ponta a ponta que percorre o Brasil, a TV aberta é cheia de especificidades, né. Então eu não vejo, não é o objetivo, não tem cronograma, não tem nada, não é foco e a gente procura integrar em várias coisas, o GDI por exemplo, tem pessoas da TV, a gente compartilha muito conteúdo, a gente troca informação ao longo do dia, mas é mais...

*Colaborativo?*

É, é um colaborativo com alguma sistematização, mas até determinados limites que respeitam a identidade e a integridade do que é a Globo, o sistema Globo ou o Grupo Globo e do que são as marcas proprietárias da RBS. Então, não existe a perspectiva, não enxergo num prazo um cenário de todo mundo na mesma redação, integrando totalmente, usando os mesmos insumos na mesma produção de conteúdo, de maneira ampla assim, não vejo isso. Acho que não está no radar, não está no horizonte.

*Também um pouco do que tu falou antes quando tu estava falando da publicação... das publicações e perfil, do quanto vocês querem se diferenciar. Poderia falar um pouco sobre o perfil do veículo, de como funcionam então as políticas editoriais e comerciais, como se sobrepõem... que tu falou que em algumas situações que o editorial é preponderante.*

É, eu acho que em todos os veículos da RBS tem uma marca muito forte de cobertura local, isso é comum, tá. O que parece ser óbvio não é tão óbvio assim em outros estados. O Paraná não é tanto assim, Santa Catarina não é tanto assim, o Espírito Santo longe disso, uma influência é muito forte das coisas do Rio. Enfim, não é não é tão igual assim, é muito forte esse viés de cobertura local em todos os veículos da RBS. Daí tem as coisas que são de cumprir as funções práticas assim, né, a TV faz a interface com a Globo, tem os seus espaços locais de produção de conteúdo para os programas nacionais da Globo, tem toda uma lógica dela, né. Aqui falando desses quatro veículos, né, um desafio nosso é, embora integrando todo mundo, manter esse DNA de cada veículo. Então o Diário Gaúcho não pode deixar de fazer jornalismo popular, de ser um jornal de venda avulsa, de ter um apelo forte de banca, de ter um tripé de serviço, segurança, variedades. A Zero Hora não pode perder no papel a característica de ser um jornal 360, de ter multitemas, de ser um jornal generalista, mas em ser muito forte em política, economia, esporte, de ter um foco muito grande na dupla regional, de ter um foco muito grande da política estadual. Talvez poucos jornais impressos façam tantas manchetes estaduais quanto a Zero Hora faz. Os outros jornais, ou porque tem um viés mais nacional ou porque mesmo sendo estadual não seguem, não acompanho tanto a política local, não tem tanto conteúdo estadual, né. A Zero Hora é um jornal de um leitor mais maduro, porque o leitor papel é mais maduro, enfim, enfim tem uma série de atributos Zero Hora que são diferentes de Diário Gaúcho. A Rádio Gaúcha é inerente, que pega toda essa lógica de cobertura local, acho que a Zero Hora tem essa coisa forte de análise de colunistas também que sempre... a gente procura que isso nos diferencie para o

bem ou para o mal, que às vezes o público não gosta tanto, mas enfim, é característica. A Gaúcha é um pouco todo, assim, no olhar temático é muito parecida com Zero Hora, tem o viés da agilidade, da instantaneidade, de ter muitas vozes, de muita programação ao vivo, de ter muita inserção ao vivo, não é, não é uma rádio de produção de reportagem, com trilha, com uma abordagem gravada, etc., numa rádio que tem muito ao vivo e muito debate, que é muito focada no Rio Grande do Sul, né. E o Gaúcha ZH é a convergência disso, ele procura ter mais profundidade, mais análise e mais agilidade, a ideia é trazer o melhor da Gaúcha, pelo menos o que mais caracteriza a Gaúcha, e o que mais caracteriza a Zero Hora. Os traços dos veículos são esses e é com que a gente casou, tem um compromisso de manter esses atributos que levam esses veículos a ter a audiência que eles têm. Falei ali da Zero Hora, é um dos quatro maiores jornais do Brasil, o Diário Gaúcho tem uma circulação a acima de 100 mil exemplares/dia só venda avulsa, ele começa de manhã com zero exemplares, ele termina o dia com 100/105/110 mil exemplares vendidos praticamente só na grande Porto Alegre, é muito... não tem nenhuma jornal no Brasil baseado só nisso, o Extra tem assinatura, tem o Super Notícia em BH, três ou quatro, assim, que sejam baseados assim. A Gaúcha com a audiência dela vai para 40 semanas como líder total de audiência AM/FM, ah... e o GaúchaZH que tem 14 milhões de usuários por mês diferentes, né, 45 milhões de páginas acessadas, 50 milhões de páginas acessadas, é muito para um veículo estadual, então... tem esse compromisso de manter esse patamar de liderança e de audiência... Acho que tinha mais coisas que tu tinha me perguntado...

*Não... acho que seria isso mesmo, sobre as políticas editoriais e comerciais, poderias até dar um exemplo no momento...*

É... na verdade um pouco da linha editorial de cada um a gente já falou...

*Sim.*

A gente falou antes ali na conversa com os alunos é que tem essa questão da... das variáveis de busca de audiência na internet que são discussão de audiência na internet...

Pausa para mudança de sala.

É que é um bichinho muito novo... toda essa discussão de audiência ela é muito complexa, porque os mecanismos de busca de audiência nem sempre são muito editoriais, nativos editoriais, eles movidos por algoritmos, por mecanismos de busca, por uma série de coisas, a gente toma uma decisão de trazer tudo isso aqui para dentro, de treinar as pessoas em relação a mecanismos de busca, em relação a redes sociais e enfim, mas manter a primazia da lógica editorial, entende, de “ah mas não tá dando audiência na capa tal assunto”, mas não interessa a gente tem um compromisso com esse tema, um compromisso editorial, a gente continua, a gente percebeu, a gente procura equilibrar as duas coisas, procura atender todas essas premissas de algoritmos de SEO, de não sei mais o que, mas mantendo a lógica editorial acima de tudo. No papel e na rádio é mais fácil de fazer isso, é muito tomada de decisão e a temperatura audiência não é tão instantânea assim, a gente mede isso muito tempo depois às vezes. No digital como a gente tem uma série de ferramentas a gente enxerga o que está subindo o que está descendo, o que os outros estão dando, o que a gente tá dando, mas a gente procura manter a prioridade editorial de tomada de decisão, basicamente isso.

*Ah... teria... tu falou ali quando eu perguntei sobre a estrutura, sobre alguns tópicos da rotina de produção de conteúdo, mas eu queria que tu falaste um pouco melhor desse caminho, né, da produção do conteúdo, do fluxo de produção. Como se dá o gerenciamento dessa produção e da distribuição?*

A gente basicamente a partir do tema, a gente identifica o endereçamento do tema. É um tema para todas as mídias, é um tema só para uma, é um tema para outra, como abordar... de que maneira em

cada mídia. A partir disso a gente escala as pessoas, ah vai ter que ter um repórter, vai ter que ter dois repórteres, vai ter vídeo, não vai ter vídeo, vai ter um repique na rádio então o repórter tem que estar tal hora aqui para falar. A rádio vai querer repercutir mais, então vai para um atualidades, vai para um programa de debate na rádio, tem que ter gente aqui, não tem gente aqui, faz um *live* no Facebook, não faz, produz um conteúdo maior, tem vocação para ser uma matéria de manchete no papel?, não tem, além do que a gente já apurou longo do dia no factual, eu tenho que ter um repórter para fazer um segunda apuração para papel ou tem que ter um cara de texto final para fazer um texto melhor papel, para fazer uma amarração, né. Então a partir do assunto que a gente conhece de cada veículo, da nossa equipe, a gente vai tomando decisões muito em tempo real, cima da hora assim, e cada assunto tem uma natureza, cada assunto tem um jeito de fazer. Por exemplo, hoje a gente está publicando no papel uma página em que o Rodrigo Lopes fala sobre o México, “ah o México vai enfrentar o Brasil”, tá mas o México teve eleições, o México é um país assim, tem tal cultura, tem tais questões geopolíticas, geoeconômicas, no papel. Ele já podcast disso, já tá lá no site, ele ontem de noite entrou na rádio num programa da noite da Gaúcha, que eu não lembro o nome, que ele tem mais tempo de conversar com o repórter. Então é assim, a gente pega o assunto, endereça o assunto para mídia que for, ou para todas ou para uma delas, do tamanho que aquela mídia precisa e a gente escala as pessoas para fazer aquilo daquele jeito. Então cobertura policial de manhã, Polícia adora fazer operações, às vezes a gente manda dois repórteres, a gente sabe tem que fazer muito texto daquilo, vai ter que ter uma apuração posterior e amo mesmo tempo tem um repórter que vais entrar na rádio várias vezes, ah não, o repórter que está entrando na rádio várias vezes a gente sabe que ele pode fazer o texto depois, a gente não escala ele para outros assuntos de rádio, ele vai fazer o texto depois, é uma decisão tomada a partir de cada situação. Claro que tu olhando assim tu diz: “meu”... mas assim, enfim, a gente tem algumas horas de voo, a gente tem uma equipe numerosa, muitas pessoas decidindo, a gente tem um bom entrosamento entre os líderes e gestores e as tomadas de decisão costumam ser corretas, às vezes dá trombada, às vezes tem pessoas fazendo a mesma coisa, a gente esquece de fazer alguma coisa, às vezes a gente dosa errado um assunto, às vezes a gente achou que um assunto ia render 3 coisas e rendeu 5, aí tem que correr atrás, botar um repórter para apoiar, mas isso é tudo dia-a-dia, entende, e imagino o quanto é complexo para um médico decidir que tamanho é o corte que ele vai fazer no paciente, mas o médico talvez já não tenha essa dificuldade. E a gente também, aparentemente é um mundo, mas que a gente já decifrou de alguma forma, não impede que haja trombadas, mas como regra a gente organiza certas coisas.

*Tá. E dentro dessa rotina quais são os profissionais que tu mais interage, que tu tem que negociar mais durante...*

Eu particularmente interajo muito com editores... editores, menos com repórter, às vezes um repórter “ah me ajuda aqui”, “me falaram que essa pauta é tua” ou “esse assunto aqui eu lembro que a gente já fez em uma matéria”, interajo um pouco menos com o repórter, mas bastante com editores e interajo com o andar de cima, com a editora de redação, com o vice-presidente editorial, interajo com outras áreas da empresa, com marketing, com tecnologia, com gestão, com outras áreas que dizem respeito à tomadas de decisão de redação. A minha função é um pouco híbrida, assim, é um pouco editorial e é um pouco de gestão de equipe, até de gestão de negócios, assim, também. Então essas minhas interfaces são bem variadas ao longo do dia.

*Entendi. Ah... e agora uma pergunta mais geral, sobre o cenário atual, né, do setor, como tu percebe o impacto então das últimas transformações no setor jornalístico, no ambiente da redação? E assim né, basicamente sobre coisas que tu falou anteriormente, a entrada de novas tecnologias, o próprio processo de convergência, as consequências de tudo isso nesse ambiente da redação.*

Eu tenho assim... tenho lido muito ultimamente “ah mundo será diferente”, “as profissões deixarão de existir” e... Eu acho assim, não dá para negar isso, não dá para negar o impacto das tecnologias na

rotina das pessoas, não dá para negar o impacto da tecnologia na divisão do trabalho, não dá para negar o impacto da tecnologia em processos que deixam de ter necessidade de ser feitos, né. Em 2006 eu era editor da agência RBS, eu tinha um grupo de 11 pessoas, e a gente fazia coisas do tipo traduzir textos ou então fazer pesquisas por telefone de conteúdos em agências para ver se a agência tinha tal coisa, se ia cobrir tal coisa. Hoje em dia nada disso é preciso. Tudo vem traduzidos das agências, eles traduzem, tem gente que faz tradução aqui, mas menos pessoas. Toda comunicação é digital, eu sei instantaneamente eu abro três sites ali e eu sei o que todas as agências do mundo tão fazendo de fotografia, de imagem do dia, isso claro tem um impacto, tem determinadas funções que deixaram de existir. Como se fazia indicadores antes em um jornal, se fazia lendo assim, chegava o fax a gente tinha que botar ali “bolsa”, hoje em dia tudo vem pronto, hoje em dia o melhor é não fazer indicadores em jornais, porque não precisa mais a gente tem um pequeno volume de indicadores ali que é o essencial. É fotografia, imagem, né, como mudou, os profissionais e imagem, tem o Júlio ali, um monstro da fotografia, ele está fazendo captação de imagem ali para o Notícia na Hora Certa, que a gente veicula 6 vezes por dia no Facebook, que é teaserzinho de conteúdo que a gente põe Facebook. O Júlio é um cara que continua sendo um enorme de um fotógrafo, mas ele faz vídeo, ele edita vídeo, ele outro, mudou perfil, o espectro das coisas dele, então evidentemente a tecnologia, a forma como as pessoas nos acessam, como consomem conteúdo mudou e a gente não pode ficar aqui fazendo como fazia anos atrás, isso é real, redes sociais geraram uma série de demandas novas que geram profissões novas, analista de rede social tem aqui dentro, editor de vídeo tem aqui dentro, programador de sistemas eu tenho aqui dentro, a gente talvez tenha agora, tenha que contratar analista de dados, para fazer mais jornalismo de dados, realidade. Mas assim, existe uma coisa da premissa da nossa profissão do jornalista que não muda, que é bem aqui assim, escolha do assunto, é o instinto editorial, é apuração, é percorrer as etapas de apuração de maneira correta, é preocupação com precisão, é o atributo do jornalista seja ele texto, seja ele capacidade de comunicação por áudio ou por vídeo, é a questão espacial do jornalismo, de... da infografia. Infografia mudou hoje ela é dinâmica, não é tão dinâmica assim porque o celular não deixa, mas se a gente só produzisse conteúdo para desktop, a gente estaria fazendo milhares de coisas infográficas dinâmicas, né, o Flash foi sepultado, por causa disso aqui, né. Então assim, mudou um monte de coisa, mas na premissa o jornalismo é o jornalismo, na premissa medicina é medicina, né, o cara quando faz um prédio é para as pessoas morarem dentro. Então acho que tem que tomar esse cuidado, assim, de achar que tudo foi revogado no jornalismo, e que tudo é novo e que tudo é diferente, não é. Talvez o modo de fazer, o modo de empacotar, o modo de organizar, o modo de distribuir, sim. Muitos dos temas porque a cidade mudou, né, hoje nutrição é um tema super importante para a gente tratar, por exemplo, muitos dos temas, temas novos, temas obsoletos, né, mas a premissa de como faz, né, a cura de quê perfil profissional tem que ter, de que atributos ele tem que ter, de como tu tem que ter cuidado com precisão, com essas coisas todas, ela existe, ela vai continuar existindo. Acho que esses é uma das coisas essenciais assim, de como a gente lê o jornalismo hoje e os veículos de comunicação, mas se daqui a pouco não vai mais consumir pelo papel, não vai mais acessar pelo papel, ou se o papel vai ficar ultra segmentado para um grupo muito pequeno, muito seletivo de pessoas que querem pagar muito caro, topam pagar muito caro, ou se o papel, matéria-prima papel, vai ser substituída por um suporte digital flexível que eu posso, que não é pesado, que não é duro, não sei, mas na essência como eu vou alimentar essas, esses canais, como vou distribuir conteúdo, não mudou. Basicamente isso que me parece.

*Tá. Ah... basicamente na tua atividade, assim, qual o principal impacto que tu percebe assim, percebe algumas novas habilidades e competências e coisas...*

Ah eu precisei ir muito além do papel, que é a minha origem, a minha escola, precisei ir muito além do texto, não exatamente como execução, mas como compreensão de processos eu tenho que ser muito mais eclético hoje do que eu era no passado. Por força de função gerencial eu tenho que dominar outras ferramentas de gestão, de orçamentos, tenho que discutir uma série de coisas, mas também e eu

me esforço para isso, não posso deixar de ser o velho jornalista de sempre, entende. Me preocupar com apuração, texto, clareza, com correção, com equilíbrio, com uma série de coisas e isso não mudou. Então é quase um desdobramento da resposta anterior. Tanto pela atividade do jornalista em si, eu tive que abrir muito o meu leque de conhecimento, né, quanto pela minha função dentro da empresa, mudou bastante, mas na premissa na essência eu procuro não me afastar tanto assim das minhas origens.

*Última pergunta. Tendo por base toda essa tua trajetória, toda tua experiência como tu vislumbra então o futuro do jornalismo.*

Eu acho que é um futuro que tem que ter muito jornalista, vai precisar de muito jornalista para cada vez mais decifrar a complexidade do mundo, das relações, das variáveis. Como que ele vai exercer isso, em que plataforma, com que ferramentas não se sabe, né, estamos começando a desenvolver isso, né, a sensação de que as coisas ficam menores e mais ecléticas é cada vez mais claro, mas eu vejo um futuro de muito jornalismo, muitos jornalistas, tá? Me parece que, que... acho que a grande crise de tipo “uau, o mundo acabou para jornalistas” eu acho que ela passou. Talvez mais pulverizado, talvez menos redações com muita gente, assim, talvez mais pequenos de inteligência, né, em que meio de produção é menos crítico, né, porque a tecnologia barateou e tornou mais acessível, ok! Acho que sim, vários amigos meus estão trabalhando em pequenos lugares, do meu filho que eu falei que é jornalista, ele trabalha no Jota de Brasília, é uma redação de 30 pessoas que nunca se reúne. Eles se reúnem uma vez por semana e eles são remotos, eles são focados em conteúdo do meio jurídico e eles distribuem de milhares de formas, então é completamente diferente o jeito dele trabalhar, mas ele é jornalista, né, na essência. Quando a gente sai para beber na Cidade Baixa a gente fala das mesmas coisas, do jornalismo da apuração, da sociedade, enfim. Então, eu acho que é um futuro com muitos jornalistas, mas assim tem que abrir o coração, que não aderir as novas tecnologias, não sei o que, não é um gesto de amor ao jornalismo, é mais um gesto de talvez, de dificuldade de compreender as mudanças. E é possível aderir a tudo isso sem abrir mão do jornalismo, sem abrir mão de ser jornalista, me parece. Espero que esteja certo.

[Risos]

## 8.2 Entrevista ED26F

Eu te pergunto porque eu fui diagramadora. Eu comecei no jornalismo por que gostava de números. É um caso raro. Eu comecei lá em noventa e quatro... 94! Porque eu fazia o magistério, no contra turno do magistério eu fazia as cadeiras de matemática. Eu gostava de matemática e eu só fiz magistério por que foi o primeiro ano do calendário rotativo. E era só magistério que eu entraria no mês certo... só fazendo magistério no segundo grau. Então, eu fiz magistério, mas no contra turno, o colégio oferecia as disciplinas, o colégio estadual maior daqui, o Junino. E eu fazia matemática, física e química e uma pessoa que trabalhava aqui na diagramação era professora de matemática. E daí me convidou para vir para cá.

188

*Mas, não tinha nenhuma formação em jornalismo?*

Não. No começo, imagina... eu era professora de matemática.

*Claro.*

E a gente fazia calculo basicamente nas páginas, né. Claro que tu tinhas que entender. Mas, basicamente cálculo.

*Porque tinha que calcular a centrimentagem, quantos caracteres...*

Isso, eram coeficientes basicamente que a gente trabalhava...

*Eu estava lendo uma entrevista com Francisco Amaral e ele estava dizendo isso: que na época, ele tinha que ser bom de calculo e ser criativo.*

Isso mesmo. Eu nunca fui muito criativa. Eu nunca fui muito talentosa. Eu fazia tudo certinho. Mas, não... tanto que depois eu fui fazer secretaria gráfica... para entrar no jornalismo de texto.

*Mas, já usava software para editar?*

No começo, os textos eram editados em DOS. Quando eu entrei aqui...

*De programação...*

Isso, a gente também tinha... cabia à diagramação colocar os comandos certos para o jornalista colocar. Imagina... para o jornalista era mais complicado.

*Com certeza...*

Não era nada amigável. Mas, era um tempo assim do passado, muita coisa evoluiu... nossa! Mudou muito. A gente tinha uma paginação que a gente chamava, que eles usavam... não era o PageMaker... Mas, era uma coisa...

*Quark?*

Não... o Quark veio depois...

*Ab, sim... então antes do PageMaker era...*

O PageMaker... O Deon que vai saber te falar. Tu vai falar com o Deon, não vai?

*Vou...*

Ele vai saber te dizer, por que ele trabalhou na paginação. Ele vai saber te dizer... Paste up...

*Paste up é uma técnica na verdade... de cortar e colar...*

Talvez fosse isso... talvez fosse isso... ele vai saber te dizer, por que ele tem uma memória muito melhor que a minha. [risos] Mas, eu comecei no jornalismo pela diagramação e sou... adoro.

*E depois em que outro setor... minha primeira pergunta era essa até...*

Depois eu... deixa eu te dizer. Depois eu, fui diagramadora, depois eu fui a secretaria gráfica que era... na verdade, tu tinha que colocar o texto em trinta centímetros, em 11.6 paicas, por exemplo, quando chegava no industrial, às vezes estourava, faltava, o título não fechava, e esse papel eu fazia, que era de fazer esses ajustes no industrial. Era serviço da redação, fazer esses ajustes no industrial. Acompanhava a rotação do jornal, porque impresso, tu enxergas que tem um erro, hoje que a gente não faz mais isso, o plano está em outro lugar, nem faz mais isso. Mas, as coisas como era tudo colado até... às vezes deslocava, fazer esse acompanhamento inteiro, a serviço da redação, mas dentro do industrial. Depois eu fui editora da arte, que entrava diagramação, e ilustração mesmo, e depois, eu gostava muito de tecnologia, eu fiz muita implantação de novos softwares de edição... Treinava os diagramadores e os repórteres, os editores a usarem novos softwares de edição de texto e de diagramação. Vamos lá implantar no Diário Catarinense, então, eu ia lá implantar e numa dessas implantações, eu fiquei. Que foi em Santa Maria. Que eu trabalhei com o Nilson, Nilson é editor-chefe lá... e eu fui a editora-executiva dele em Santa Maria.

*No Diário de Santa Maria.*

Eu fui montar e fiquei. Tinha até um outro colega que estava no Pioneiro.

*E período em que tu foi editora de arte tu lembra mais ou menos?*

Foi até 2002. Mas, eu posso te dizer. Eu estou aqui fazendo um PDI, eu posso te dizer tudo.

*E tu é natural daqui?*

Isso também é uma coisa que requer explicação. Eu sou só nascida em Veranópolis, porque o meu pai foi trabalhar lá, mas toda a minha família é daqui. Meu pai foi trabalhar lá por dois anos e eu nasci em Veranópolis. Mas, eu saí de lá com quarenta dias, não tem ninguém da minha família lá, então eu sou daqui. Eu não posso dizer que sou natural... *[por que não nasceu]* e por que sou jornalista. Não posso, estar mentindo. Em que ano eu fui editora de arte? De 98 a 2002.

*Começou aqui...*

Comecei aqui em 94... e aí em 2002... *[foi lá implementar]* em 2002, eu fui para lá e eu fiquei até fevereiro de 2006, de sub... de sob do Nilson. Editora adjunta que chamava e em 2006, o Nilson foi para a Zero Hora, para a Agência RBS e eu assumi lá e fiquei lá em Santa Maria até 2015. Em 2015 eu voltei, como editora do Pioneiro. Nesse meio tempo eu fui profe de jornalismo lá na Universidade Franciscana de Santa Maria, as irmãs, sabe?

*Ab, conheço cheguei até a fazer uma seleção lá. Conheço UniFra, né? Conheço.*

Que agora, é UFN. Mudaram...

*É...*

Elas conseguiram virar universidade.

*O curso lá parece ser bem legal.*

É... elas são muito corretas e muito antenadas também e acaba que a gente vê até mesmo pela própria seleção. Que a UFSM acaba formando alguns bons profissionais. Mas, eles veem menos preparados para o mercado. Não é esse o objetivo da federal. Mas, já na Unifra, eles vinham mais focados.

*E você ficava indo e voltando? Quando tu foi professora lá...*

Mas, eu estava lá. Só de outubro – quando eu vim para cá – até dezembro, eu fiquei indo e voltando. Alguns dias, que eu tinha aula eu ia, mas eu combinei com as irmãs, que eu ia encerrar o semestre, mas que em alguns eu não ia....

*E que disciplina que lecionou?*

Eu dei Redação 1, que foi uma experiência muito muito enriquecedora. É bem difícil, Redação 1 por que eles são muito novos e eles não conseguem escrever tão bem assim... então é bem difícil. E eu levava quarenta redações para casa, para corrigir e redações que tinham 150 correções por redação, sabe? Então, era bem difícil, mas eles precisavam escrever, então para mim Redação foi difícil. Não sei se eu teria coragem de... eu dei Redação 4, que é quando eles aprendem reportagem... mas, mais tempo de – eles chamam de jornalismo especializado 1 e jornalismo especializado 3. Um é aquele que te apresenta cada um dos gêneros... jornalismo cultural, jornalismo esportivo, jornalismo político, mais ou menos cada semana, a gente trabalha um bem geral, mas para eles saírem com o conhecimento. Às vezes, tinha cadeiras de férias específicas, sabe? Jornalismo esportivo, jornalismo cultural. E a gente fazia uma revista de jornalismo ambiental. Bem legal, também. Bem desafiadora. É um tema bem difícil de se trabalhar, bem chato, mas é um tema bem legal de se trabalhar, também. Os alunos gostam bastante. E a outra que eu adorava era jornalismo investigativo. É ótimo, por que a gente descobre um monte de coisas com os alunos, é muito bom de se trabalhar assim.

*Que legal. Que legal. E depois tu voltaste para cá?*

E depois, eu voltei para cá e depois eu até ia me inscrever para participar de uma seleção que ia ter para professor aqui na FSG, mas como meu marido, não estava ainda aqui, e eu tenho uma filha ainda pequena, ele me disse: tu não vai...

*É muita coisa. Mas, você tu pelo visto.*

Eu gosto. Mas, agora eu estou estudando, estou fazendo uma pós em Gestão e Empreendedorismo lá na ESPM em Porto Alegre. E eu queria algo que me tirasse só do... [do jornalismo] do jornalismo e que me abrisse outras coisas, sabe?

*Pelo que eu estou vendo, das atividades de vocês, vocês estão desenvolvendo bastante gestão.*

É por que a gente tem essa dificuldade de se manter só no nosso negócio, né? Essa falta de gestores que queira desenvolver pessoas, que goste de olhar processos, de planejar. A gente gosta de executar. É bom executar. Então, a gente vira muito operacional. É difícil ser estratégico, quem vem da administração, do marketing, consegue. Gosta. A gente tem essa dificuldade de encontrar jornalista e a gente tem também essa coisa social, então pra gente tudo é mais difícil. É mais raro quem goste então, a gente tem que cuidar pra ver se consegue encontrar pessoas para ser gestor, porque não é tão simples e são muitos processos em jornal especialmente e muitas oportunidades de melhoria em um negócio em plena transformação. Que pode pegar mil caminhos, porque a gente não tem um caminho que mostre que vai dar certo para todo mundo.

*Está numa fase de testar e ver o que funciona...*

E alguns acertam em um ponto, mas para outro não dá certo naquele modelo. Mas em contrapartida tem um monte de oportunidade também. Eu acho que tem um monte de oportunidade não são nos veículos, mas até para tu criar o teu próprio veículo. Tem um monte de oportunidade diferente.

*E quando tu voltou para cá, tu voltou como editora do jornal.*

Em 2015. Outubro de 2015.

*E segue até hoje. Hoje, a tua função...*

Hoje, a minha função, não que antes ela fosse muito operacional, mas estava muito mais dentro do dia a dia, tocava reunião de pauta todos os dias. Hoje a minha função é gerente de jornalismo da RBS. Eu cuido dos três veículos: Pioneiro, Rádio Gaúcha Serra e RBS TV. Na verdade começando, porque, vinte e quatro anos de mídia impressa e agora aprendendo TV e rádio... que eu convivia por que lá em Santa Maria a redação é uma só. Mas, não trabalhava de maneira integrada. Agora, o meu desafio é fazer essa integração das redações e representar o jornalismo da RBS na Serra, né? Mas bem fora da operação. Bem no desenvolvimento da estratégia, no desenvolvimento da equipe, tentando... com o desafio de tornar os nossos três veículos o mais relevante possível.

*E como estão as suas atribuições agora. Tu fez até um comparativo, que antes você fazia de uma determinada maneira e agora, você faz de outra...*

Bom, antes como editora-chefe eu cuidava do Pioneiro especificamente, então sempre arrancava o dia cedo da manhã já meio que atuando, perguntando para os editores se viram isso, aquilo, aquilo outro, vamos encaminhar isso aqui, aquilo ali, eu acho que nós temos que arrancar mais para esse lado, eu acho que nós temos que ouvir mais gente, um pouco de envolvimento assim, na operação. A gente faz uma reunião de pauta assim, uma e meia que os editores trazem a sua...

*Uma só.*

Uma só. A uma e meia. A gente faz uma de capa, que o Zé, faz uma de capa, que ele coordena. Eu participava quando podia, mas quando não podia, eu não participava. Via a capa, mas muitas vezes, não via a capa antes de sair. É ele quem faz, só se ele sente que tem algum problema, que ele me acionava. Então, no dia a dia, era isso. Sair da reunião de pauta com a edição equilibrada, que a gente tivesse uma manchete boa, uma boa foto de capa e que a condução que se tinha que mudar ou não a condução de um assunto para o outro. E ao longo do dia, mais o que a gente faz é tirar dúvidas: damos o nome desse cara ou não damos? Aqui, temos um pedido de correção. Ou às vezes mesmo, conversas com eles, conversas sobre carreira ou sobre algum ponto específico da pauta, ou até vários fóruns... a partir do Dia da Mulher a gente fez uma discussão de como a mulher se sentia dentro da Redação. A gente fez uma edição para fora e aí a gente olhou para dentro e vimos o que tínhamos que evoluir e começamos a fazer um trabalho nesse sentido, sabe? Todas essas coisas da gestão. Olhar para o orçamento, talvez até um pouco de envolvimento, de alinhamento com o comercial... com a circulação... com Porto Alegre... Mas, a gente tem muita autonomia. Muita autonomia. No jornal a gente tem muita autonomia.

*Mas, hoje, no jornal, você não está mais participando das reuniões de pauta. Já tem outra pessoa nessa função...*

Eu até saí simbolicamente dali para poder... senão, as pessoas... não descolam. Então, hoje, eu estou trabalhando no projeto da integração especificamente. Claro... nós tivemos um problema, de uma foto de capa essa semana, que foi um problema grave. Aí eu me envolvo. Teve o pedido de direito de resposta de uma autarquia e aí eu me envolvo. De uma horinha mais complexa assim, eu me envolvo. Mas, pouco no dia. Claro, um pedido de correção, um pedido de direito de resposta, uma coisa mais grave, eu entro porque, tem a experiência de estar à frente de uma Redação há quinze anos quase, ajuda a saber o que tem potencial, a gente precisa pedir ajuda do jurídico, o que dá para a gente tocar sozinho, assim... tem que ter esse olhar um pouco.

*E esse processo de integração? O que ele está demandando, envolvendo?*

O que nós estamos fazendo? Eu estava comentando com o Nilson. Hoje, a Trícia, que é a editora – nós colocamos o cargo dela de editora-adjunta – mas, ela é editora do Pioneiro. Mas, agora a gente passou para editora-adjunto, e o cargo dela está editora-adjunta. A gente não tem um editor-chefe hoje, mas ela responde pela Redação. Que é o mais claro para todo jornal. E a Babiana que é coordenadora de jornalismo da Gaúcha Serra, e a Shirley que é coordenadora da RBS TV, elas estão em Porto Alegre, justamente para olhar todo os processos da integração da Gaúcha Zero Hora. Para ver duas coisas: nós estamos trabalhando em duas coisas paralelas. Uma é: quais são os processos que a gente pode fazer até a turma do Pioneiro ir para o prédio da TV que deve ser em novembro. O que a gente consegue fazer. Onde há sobreposição, o que a gente pode fazer, que pode ser muito legal para todo mundo, para a gente não chegar lá com o cacos quebrados. A gente tem muito essa preocupação de ser um aprendizado para todo mundo, da gente não bater cabeça onde não precisa, sabendo que uma hora ou outra, alguma coisa vai sair do script, mas com o melhor objetivo possível. Esse é o trabalho que as gurias estão fazendo lá, algumas coisas a gente já conseguiu evoluir, faz um mês que foi anunciado o modelo e a gente tem uma planta que está desenhada lá, que foi desenhada antes do anúncio, e que agora, a gente vai pedir para as gurias reolharem os processos, para ver se ela está adequada ou se a gente vai precisar mudar. Se a TV fica naquele canto mesmo, ou se ela fica junto com a rádio e o jornal, se o esporte inteiro fica em uma editoria só e junta TV, rádio e jornal... e nos produtos que a gente vai entregar até o fim do ano. O que a gente vai apresentar de novidade com essa mudança. Um projeto mais na rádio, o Pioneiro vai fazer 70 anos, e tem um monte de projetos. Então tem os projetos que são de cada veículo, que

a gente tem que garantir que ficará de pé e tem projetos que são integrados. E tem eleições e o que a gente vai fazer cascadeado do grupo em Porto Alegre, o que a gente não vai fazer? O que a gente não vai fazer? O que só o Pioneiro vai fazer... nisso que a gente está trabalhando assim, terminando o plano de integração. Reolhando para o plano que a gente tinha, mas que é anterior ao envolvimento de rádio, TV e jornal. Nem todos estavam envolvidos em todo plano, então agora a gente vai fazer uma construção, junto mesmo, que faça o maior sentido possível, por que a gente quer, sair com os acertos, contando com a experiência que a Gaúcha ZH já tem... o que eles fizeram lá que a gente pode replicar aqui, o que eles acharam que iria dar certo e não deu, porque a gente tem esse diferencial que é a rádio e a TV juntos, que lá ainda não é. Esses são os nossos desafios para esse ano. Primeiro, reolhar para esse plano, e ver se é isso mesmo, repactuar com a direção da empresa, o plano era esse, mas, nós vamos fazer assim... e começar executar e algumas coisas, a gente já está executando. Um projeto de valorização do inverno chamado *Manta e Cuia*, que a Serra foi muito afetada pela crise. Muito afetada. E está sofrendo muito ainda. Até de autoestima. Se sentindo pior do que Bento, pior que... Santa Maria tem infraestrutura, pior que... estamos nos sentindo o Patinho Feio. Então, pelo incrível que pareça nós estamos fazendo um processo de valorização do inverno na Serra com muito foco em Caxias. Para mostrar o que Caxias tem de bacana, porque Caxias foi muito dependente do setor metal mecânico, é muito dependente ainda, e o setor foi muito impactado e está reagindo antes também... mas, foi muito impactado. A cidade não explora o turismo, a gastronomia, mesmo o turismo industrial, o turismo de eventos. Não explora... A gente tem tentado mostrar que Caxias tem coisas boas até para os próprios caxienses se fortalecerem. E esse projeto nós estamos fazendo juntos. Esse projeto, nós lançamos dia 21 de junho, todos juntos. A gente faz coisas na rádio, que faz na TV, que faz nos jornais.

*As equipes quando possível, já estão trabalhando em cooperação. E vai ter alguma mudança de nome, como houve com a GaúchaZH, por exemplo...*

As marcas a gente ainda estamos estudando porque a gente tem uma questão pontual, que é a questão do digital. Essa é uma questão pontual, que também depende de uma estratégia da empresa. Porque o Pioneiro, hoje tem um site que é antigo e que é um site próprio que ali estão só as coisas do Pioneiro e algumas coisas que a Gaúcha Serra produz, e o Pioneiro não produziu. Mas, hoje nós produzimos muita coisa em duplicidade. E a Gaúcha, pela Gaúcha, até mesmo por que fica longe, e o Pioneiro pelo Pioneiro. Mas, a exemplo do que aconteceu com a Gaúcha, para o leitor o que importa é a informação, aquela do digital. Não o hard News, o breanking News, o que for notícia. Então isso, certamente nós não vamos produzir duplicidade. Mas, como nós vamos distribuir, essa é uma decisão que nós precisamos tomar. Por que, é investimento ou não. Qual formato vai ser? A Gaúcha vem para dentro do Pioneiro, vira uma coisa. Gaúcha Serra- Pioneiro, não! Pioneiro vira uma aba da Gaúcha ZH... não... esses estudos todos que a gente está fazendo. Mas, depende de ver até aonde vai o investimento e muito olhando, Patrícia, o que a gente está fazendo? A gente está neste momento, olhando de dentro para dentro, eu conversando com todas as pessoas da TV, com todas as pessoas da rádio e na semana que vem, eu vou ficar ainda na operação, por que como ainda tem Copa do Mundo, eu não mergulhei na operação, porque era uma exceção, era uma operação que a gente está fazendo e às vezes os programas não entrava, não era o dia a dia. Então, agora, eu vou mergulhar um pouco na operação, para entender aonde é que aperta os parafusinhos de cada coisa e nós estamos começando amanhã a trabalhar com pesquisas com a área de inteligência de mercado, lá de Porto Alegre, com dois tipos de pesquisa. Uma é pesquisa por questionário online, para entender se as pessoas veem a Gaúcha Serra, o que elas gostam, como é que elas veem os comunicadores, qual o programa de maior relevância, sobre o quadro de saúde, para a gente entender, como é que o público está olhando. E eu fiz quando eu vim para cá e estou validando lá com essa área de inteligência de mercado, para a gente fazer entrevistas em profundidade com ouvintes, com telespectadores e com leitores. Com o nosso público, mas separadas. Porque, eu tive uma experiência de fazer ouvidorias em Santa Maria, que se as pessoas estão juntas em um grupo focal, o comportamento é diferente se eu tenho um bom argumento para dizer que eu não gosto da polícia, tu embarca no meu ou eu embarco no teu, tira um pouco do sentimento do cara, mesmo. Então, leva mais tempo, mas não requer mediador, a gente consegue ouvir, e se a gente faz... eu fiz com dez Pioneiro, todas as vezes eu fiz no Pioneiro, eu fiz com dez, eu fiz umas três ou quatro vezes já... e a gente não precisa tanto, eu acho... não precisa tanto. Então, é isso que a gente vai fazer. Umhas cinco pessoas, para a rádio, cinco pessoas para a TV, cinco

peças para o jornal. E depois repete muito... não precisa. Agora, nós estamos validando os nomes, validando as perguntas, para também olhar, com esse olhar de fora para dentro, por que também... a gente não fez no plano para ver se é aquilo mesmo. Por que, às vezes a gente tem ideias que não.... mesmo no site, a gente tinha um projeto para fazer um site novo, e assim, o que os jornalistas queriam era uma coisa muito diferente, muito além do que o leitor queria. Muito além... o que o leitor queria... nós temos uma experiência, que é incrível assim, a gente pediu para área de desenvolvimento lá, para o núcleo digital de Porto Alegre me explicar. Porque a gente tinha três capistas do site. Pessoas que se revezavam para fechar os turnos e hierarquizando as notícias. Aí eu tirei os três capistas e coloquei a capa no automático que a última notícia é sempre a primeira. Tem uma estrutura.... e a gente saiu de quatro por cento da audiência vinda pela capa, com três profissionais fazendo, três profissionais não era sempre, porque a hierarquia da capa, né, para vinte e cinco por cento. E aí eu perguntei [*que curioso*] muito curioso. Aí eu perguntei: é por que o leitor quer a última notícia, ele não quer que fique a manhã inteira ali... ele entra para saber a última. Então, ele é quadrado, mas o cara sabe onde achar as coisas. Eu não sei se o Nilson te falou sobre o click...

*Ele falou, que muitas pessoas ainda entram pelo click... Por isso eles mantem....*

E porque o Click, ele é todo, tu sabe exatamente, a pessoa, em geral... as pessoas de mais idade... não precisa ser muito moderno...

*Não precisa ser um usuário experiente...*

Às vezes aquele mínimo produto viável, em que, o que o cara quer exatamente? O que eu quero entregar, o que eu posso entregar, quanto de dinheiro leva e o que para o cara satisfaz ele... então, isso foi um aprendizado que a gente fez num modelo nesses Métodos Ágeis, quando foi redesenhar o site fez um sprint, testou com cinco usuários, e fez pesquisa, testou...

*E esses usuários tinham perfis diferentes?*

Uhum.... bem diferentes.

*Por que às vezes, esse novo leitor, ele tem uma expectativa diferente daquele que está mais acostumado com papel...*

A gente fez uma pesquisa maior com o questionário online.... depois a gente ouviu especialistas e depois quando a gente foi testar o protótipo a gente testou com cinco pessoas em momentos diferentes. Individualmente.

*E quem desenvolve essa parte que envolve um pouco de programação... é aqui mesmo?*

Tu vai falar com ele: o Guilherme. O homem que realiza os nossos sonhos. O programador. O homem que transforma os nossos sonhos em realidade. Claro, que a gente fez um protótipo naquele momento para implementar a gente precisa de toda a área de desenvolvimento lá de Porto Alegre. Mas, ele consegue fazer a máscara para a gente. Ele é programador. Mas, a gente fez um protótipo com design mesmo. E aplicativo é com ele também. O aplicativo nosso, que é uma catástrofe, o aplicativo nosso que é ruim e que tem várias falhas, esse é um aplicativo padrão de quando nós criamos esse site. Esse... que aqui tem o cargo de webdesigner... ele é programador, mas não faz o nosso site. Ele faz os nossos especiais, ele trabalha mais nesse sentido. Nós temos um produto novo, chamado... Almanaque. Mas, aí a gente quer apresentar diferente, como é que a gente apresenta... queremos fazer um quiz... ele nos ajuda nesses especiais... mas do que, o resto vem de rede... o site, aplicativo vem de rede. O aplicativo sim, a gente gostaria de mudar, por que ele tem uma série de falhas, ele não atualiza na velocidade que deveria, uma série de coisas que a gente deveria...

*E sobre aquilo que tu estavas falando, na entrada do portal do site ali, na entrada, a tecnologia deu alguma resposta para vocês nesse sentido do comportamento da capa?*

Foi isso que a Camila, a Camila me colocou. Que é a novidade.

*Uma das coisas que a teoria vem apontando é que a massiva entrada dos leitores pelas redes sociais e pelos mecanismos de busca, vocês percebem isso também?*

Sim. Redes sociais, sim, muita. Mecanismos de busca também. Eu posso te dar um pouco dos dados, tanto que só 25% é pela capa todo o resto, vem por outro lugar.

*E o próprio Nilson, havia me comentando, até mesmo em razão da estrutura do Facebook ter mudado, enfim, caiu um pouco as redes sociais, caiu um pouco a canalização.*

Sim pela estratégia do Facebook, mas a gente investiu muito no Instagram, que a gente não tinha muito investimento, aí vai... a gente cresceu muito em audiência nesse primeiro semestre, mas muito pelo – deixa-me ver aqui o quanto a gente cresceu – muito pelo... até porque a gente tem potencial e aí a gente conseguiu investir bastante em vários processos. Como a gente fez esse sprint para testar o novo site, a gente testou um produto, mas todos os processos anteriores a gente repensou também. Porque para entregar aquele produto, como a gente repensaria o resto. Isso fez a gente mexer em vários processos que acabaram, nos fazendo melhorar no.... Isso são os números do semestre. Visualizações de páginas, então no geral, a gente cresceu nas principais... por que também, duração média na seção é normal que ela caia um pouquinho, quanto mais audiência tu tiver... mas foi bem legal, a gente cresceu em novo usuários.... Aqui são os usuários únicos, ele que conta, a visita dele tem um tempo.

194

*Olha que legal, de certa forma, o digital traz essas estatísticas que são muito interessantes...*

São muito legais. Por que na verdade o digital mudou assim, completamente as nossas vidas. Porque a gente que é jornalista, a gente era muito dono da informação e dono também de decidir o que a gente daria, né? Entendendo muito que a gente sabia o que o público queria, o que precisava. E o digital mudou muito. Primeiro, muita informação, virou muito mais commodite, todo mundo tem acesso, todo mundo pode fazer uma foto, tem acesso gratuitamente e pode publicar. Então, os dados estão muito mais disponíveis para gente e para todo mundo. Quando eu entrei na redação, as pessoas não tinham um celular. Tinha que ir no lugar falar com a pessoa, às vezes tu ligava para um telefone para falar com uma pessoa que atendia duas casas à diante. Era muito diferente. Hoje, não. Hoje, nós temos o desafio como jornal: “como é que o cara vai pagar por uma informação? “O que é que vai nos diferenciar e fazer o cara comprar o Pioneiro todos os dias? Porque o cara vai comprar esse jornal, que tratamento a gente está dando para informação, que faz o cara... O que só o Pioneiro vai ter...” Então, cada vez menos vai ser o que aconteceu ontem, para ser a análise do que aconteceu ontem. Qual é o impacto... esses dias o bispo de Caxias, pediu perdão para a sociedade caxiense. Qual é o impacto disso em uma sociedade super católica? Porque é a primeira vez que um bispo pede perdão à sociedade caxiense. Qual o significado deste perdão? O que está mudando dentro da igreja? De uma coisa que.... Tu vai conhecer o contador da violência, que conta o número de assassinatos. A gente tinha um problema interno aqui que cada lugar dava um número de assassinatos. E a informação da secretaria de justiça é uma informação que... na estatística oficial o homicídio só acontece se a pessoa morrer no dia ou logo em seguida. Porque se ela morrer no hospital ela não entra para a estatística. Isso é outro tipo de óbito, decorrente... claro, que se o cara ficou internado um ano e meio por causa de um tiro, a gente não vai saber. Mas, a gente acompanha. Então, a gente fez um negócio chamado contador da violência, que cada morte a gente coloca ali dentro, diz como é que está, como está a investigação. Isso fez também que a gente padronizasse e todo mundo desse o mesmo número de homicídios. A gente consegue fazer as análises melhor. A gente desenvolveu... conhece o Basometro do Estadão?

*Conheço.*

A gente desenvolveu o Olhometro baseado no Basometro. Até o Toledo que foi um dos criadores do Basometro, e a gente diz que o Olhometro é baseado no Basometro, mas olha para Câmara de Vereadores local. E eu há anos, queria fazer isso. Há anos tentava e ninguém comprava a minha ideia. E a Juliana comprou e eu fiquei muito feliz. Então, a gente tem esse que conta a presença do vereador na Câmara, como é que ele votou, quantos projetos ele propôs, e agora, a gente está trabalhando para torna-lo mais amigável, mais filtros, por que eu sei que ele é superimportante, mas a gente tem que torna-lo mais interessante também. Porque eu acho que a gente pode fazer as pessoas se interessarem muito mais se [se mostrarem os dados que ele está gerando] isso! isso!

*É uma coisa bem interessante, ainda mais nesse período de eleição. E, quando, ele começou? Quando ele foi implementado?*

O Olhometro, eu acho que foi nessa Câmara, que foi nessa legislatura. Eu não tenho total certeza, mas eu acho que foi nessa legislatura. Eu acho que foi com três meses dessa legislatura, e a gente conseguiu lançar olhando para trás... a gente pode confirmar ali com a Juliana e com o Guilherme, eles vão saber bem direitinho.

*Não lembro se tu comentou comigo, mas tu falou que entrou pela diagramação, tu se formou em jornalismo. Tu fez a graduação?*

Sim. Eu fiz aqui na UCS.

*Ab, tá... Eu não registrei.*

Mas, eu não falei mesmo.

*Então, quando eu cheguei tu estavas me explicando um pouco como funcionam os setores, como eles se organizam, basicamente pela editoria, certo? E para lá na integração, vocês não sabem bem como vai ficar.*

É... a gente tem uma planta que tem todas as posições. Mas, a gente não está... a gente definiu inicialmente, mas está reolhando.

*E mais ou menos segue por editoria, por temática?*

O que a gente está imagiando? O Esporte todo junto. O hard news, geral, polícia, digital, Gaúcha que é breaking news, todo ele junto. Economia e política talvez um pouco separado, porque elas só tem no jornal e por que elas fazem muito esse conteúdo, que não é do dia a dia, claro que tem, mas é menos ou o que a gente cobre de política, muito dificilmente entrará na TV. A gente cobre a prefeitura todos os dias, cobre a Câmara, mas isso dificilmente entrará na TV. Na rádio entra mais. Mas, até o nosso editor de política é comentarista na Gaúcha. Então a gente está pensando por fluxo de trabalho mesmo. [*mais ou menos, como está a Zero Hora*] mais ou menos como está a Zero Hora. Sabendo que isso, a TV por exemplo é diferente. Mas, aqui a Gaúcha não tem gente do esporte. Mas, a TV tem. E a gente entende que faz sentido o cara do esporte estar junto com o esporte, por que jornalistas esportivos para eles é bom. Eles se complementam, eles só falam sobre isso... é muito diferente da política, da economia, geral elas têm afinidades. A própria cultura, mas o esporte... ele mistura... não que ele mistura, entretenimento com jornalismo. Mas, eles têm outra pegada, eles têm outros desafios, bem diferentes dos nossos, né?

*Você poderia falar um pouco, sobre quais são as principais políticas editoriais, comerciais, porque tem essa questão de estar ligado ao Grupo RBS, a Zero Hora tem como característica dá uma notícia que é daqui, enfim... tem alguma especificidade do Pioneiro?*

A gente está debaixo do mesmo guarda-chuva. Mas, tem muita autonomia para tocar o dia-a-dia do jornal como a gente acredita. Claro, que dentro dos nossos padrões e que fazem muito sentido para a gente. Então, o nosso desafio é ser “o” jornal de Caxias, “o” jornal da Serra. E isso é o que nos diferencia mais. Tem muita coisa que não interessaria para a Zero Hora, para a capital, mas para cá interessa. Hoje, a Zero Hora, olha mais para a Porto Alegre, do que já olhou. A gente olha muito, muito, muito para o local. E cada vez mais. A gente era um jornal que dava Brasil, estado e mundo. Hoje, a gente foca muito.

*Quanto municípios são?*

64.

*Um monte, né?*

Um monte. Abrange, a gente circula nos municípios, mas, a gente não consegue cobrir assim, a gente cobre o excepcional, eventualmente ir lá e fazer um conteúdo próprio, mas tem cidades que para nós são muito importantes. Flores da Cunha, fica aqui do lado, uma cidade de 30 mil habitantes, é um bairro de Caxias, mas é muito importante para o nosso negócio, para a nossa circulação. Bento Gonçalves, é muito importante. Gramado e Canela tem a sua importância, mas a gente não circula com tanta força em Gramado e Canela. Eu acho que é mais importante para a

Zero Hora, Gramado e Canela, do que para o leitor daqui, para o nosso leitor. Por que tem uma cultura diferente. Uma cultura mais alemã, é tudo diferente.

*Muito turístico que você estava falando que aqui não é tão forte...*

Então, Bento é muito importante. Flores da Cunha é muito importante. Vacaria, importante. No verão é muito importante em Arroio do Sal.

*E você tem uma ideia de quantas assinaturas e vendas avulsas?*

Tenho. [nesse momento ela vai atrás dos dados]

*É só para eu ter uma ideia. Por que eu fiquei bem impressionada, por que o Nilson falou do Diário Gaúcho... ele só trabalha com vendas avulsas e são 100 mil exemplares. Ele falou de uma média de 104 – 110 mil... é bastante.*

196

Nós temos aqui, 20 mil de média total... venda avulsa 1500... 2000 nos finais de semana. Essa é a nossa média.

*E vocês tem um perfil de assinantes só no digital?*

Temos. Espera um pouco que eu vou ver. O bom do digital é que ele dá tudo, né? Esse foi um trabalho que a gente fez para testar o novo site. Que a gente faz em cinco dias. [método Sprint?] É. Muito legal. Tem um livro fantástico que te ensina a fazer tudo e dá certo. Se tu seguir tudo o que eles dizem, dá certo. Só para eu te explicar rapidamente. No primeiro dia tu vê qual é o objetivo que tu quer. O nosso era... eu quero o site do Pioneiro, o nosso era: Pioneiro digital ao seu lado, sem gastar dinheiro. Que era transformar o Pioneiro mais ao seu lado possível que é o nosso slogan, sem grandes custos. Então, a gente começa pelo fim e tu dizes o que quer. Que é um pouco do que tu faz. Mas, a gente não costuma... a gente costuma começar pelo começo. A gente mapeia esse novo site, como a gente vai integrar com as redes sociais e você escolhe um alvo. Quem é o alvo? E a gente escolheu leitores e não leitores. Aí você pergunta aos especialistas, ainda na segunda-feira, tu pergunta aos especialistas, aí tu chama gente que entenda. Gente que entenda do consumidor, quem entenda do jornalismo, quem entenda do digital, você chama os especialistas e eles tem um tempo de contar o que eles acham. Com base no teu objetivo. Só que é um horror, porque as pessoas não falam de processo. As pessoas não falam do produto, entende? Então, você tem que ficar sempre focando. É o produto. Aí tu faz esboços, de como seria, do leitor, o que ele faz... tudo design. Tudo design. Depois na quarta, a gente faz batalhas e faz storyboards e decide entre as coisas que a gente fez. Na quinta, a gente faz o protótipo, desenvolve o novo site e na sexta a gente faz o teste e aprende com ele, o que a gente tem que ajustar. Essa aqui era na quarta, as nossas batalha com os pontinhos, ela diz tudo... tudo. É muito legal. Aqui eles trabalhando no esboço, na quinta o que fica de cada um e aqui o teste. A Juliana que é especialista em consumidor e Analice Carret que é uma empresária e daí ela vai mostrando e fazendo as perguntas. Mas, como eu vou saber disso: aí ela dizendo... aí o protótipo passa e vai mostrando como é que seria. E aí, ele é diferente, mas ele não é tão diferente. [nesse momento ela mostra à Patrícia questões técnicas ao método adotado pelo jornal] [Andreia: atende o telefone] mas, você ia me perguntar sobre alguma coisa...

*Sim, era de quem só assina o digital...*

[Procura pelos dados] esse não é o mais atual. [Andreia procura pela informação]

*E a pesquisa que vocês fazem tem um pessoal aqui que trabalha ou é o pessoal lá do...*

A gente não gasta para fazer pesquisa, a gente discute muito o que quer saber com o pessoal da inteligência de mercado lá de Porto Alegre, pessoal da inteligência de produto e a gente monta um questionário junto, tentando chegar mais próximo das perguntas que a gente quer e a gente copila os dados aqui, com uma pessoa que... na verdade, ela era da comunicação corporativa, mas ela tem essa habilidade, então ela copila para a gente e depois a gente monta uma planilha com essas coisas assim....

*Que bom, né? Vocês terem essa assistência.*

É porque, ajuda... claro, que às vezes não fica no modelo que a gente sugeriu. E acaba nos onerando, mas é muito importante, a gente acerta muito mais nos produtos, sabe, quando a gente dá uma pesquisada, a gente acerta muito mais! Todas as mexidas que a gente fez no Pioneiro, desde 2016, que a gente fez a primeira, todas as mexidas que a gente fez, a gente fez com pesquisa. Então, quando você vai mostrar o protótipo, vai pesquisar o protótipo, em teste... ele vem bem mais redondo. Claro, que tem produtos que é o Mais Serra que o nome estava errado. Mas, apareceu muito no teste. Então, a gente consegue pegar antes, o que vai dar errado depois. É muito bom. Eu vou ficar te devendo, eu tenho esses dados, mas...

*Não te preocupas. Mas, era só para eu ter uma ideia em relação às assinaturas do impresso.*

Tem uma diferença de público, mas não é taaanta diferença. Mais mulheres no digital, 56 a 44. Mais homens no impresso. É o titular da assinatura.

197

*E dentro da redação hoje e, talvez, como é que vai ficar. Com o gerenciamento da produção, assim, o que vai para o impresso, o que vai para o digital?*

Tudo vai para o digital. Tudo vai para o digital. E para o impresso, e para o impresso, primeiro a gente recebe o boneco, né, então tem essa estrutura e tem um pouco menu do dia. Bom, temos Copa do Mundo, então é muita página para o esporte. Agora, não. Porque o Brasil saiu. Mas, no auge, por que o Tite é daqui, então, tem um olhar para o Tite na Copa do Mundo, né? E esse bairrismo que a gente tem na Zero Hora e que a gente também tem aqui. Mas, na época da greve dos caminhoneiros era tudo na economia, nas eleições é muito espaço... então tem esse menu do dia que a gente compõe e a gente compõe, dentro do boneco que é a ocupação comercial versus o número de páginas. Vamos chegar na ocupação comercial e a gente cresce de oito em oito, o que para a Zero Hora não é um impacto tão grande, mas para a gente é porque a gente faz 24 mais 8. Faz 32 páginas por dia. Então você sair de 32 para 40, são 8 a mais, né? Mas, acontece e a gente vai adaptando. E aí dentro daquele menu do dia, a gente vai olhando... olha, tem mais páginas para o esporte, então o esporte pediu cinco, a geral pediu 4, ou nós decidimos na reunião que vamos investir mais nesse assunto, então, vamos tirar de quem para acomodar. Um pouco, cada editor vai pedir o espaço para o que quer, para o que tem, a gente muda, na reunião de pauta, a gente já tem o boneco, já sabe quantas páginas já tem para cada um, se está dentro ou se está daquilo que ele pediu e as adaptações que devem ser feitas. Cada editor é responsável por aquela entrega na editoria. Ele vai definir o fluxo de trabalho. Esse repórter vai fazer isso, esse, aquilo; aquele, aquilo outro... esse cara tá fora, porque está trabalhando para um especial para aqui uma semana, é assim... cada editor tem a sua entrega para fazer, no digital e no papel.

*E quais são os horários de fechamento?*

21 horas, se não me engano, de domingo a quinta. E 20:15 – 20:30 as edições de sexta, sábado e domingo. Quando tem jogo do Caxias e do Juventude, do Grêmio e do Inter, a gente espera terminar o jogo e publica com aquele resultado. Mas, isso é meia-noite. Meia noite e quinze, meia noite e meia... dez da noite, se tem um fato super extraordinário também... a gente fecha mais tarde...

*O digital por ser fluxo continuo fica um plantonista?*

Fica até às 10 e meia. Até 10 ou 10 e meia fica um plantonista. A Geral é que arranca mais cedo, seis um pouquinho antes e é a que fica até mais tarde. Tem gente que cobre todo esse dia... é muito difícil acontecer alguma coisa depois das dez horas da noite. É muito difícil e aí na nossa inter jornada, a gente fica com duas horas descobertas que é das 10 à meia-noite. se acontecer algo grave das 10 à meia-noite, nós vamos ter dificuldade em mandar alguém. Mas, com a pessoa que entrou às seis da manhã, ela vai ter uma inter jornada de 10, à meia-noite ela pode voltar e entrar se acontecer alguma coisa que requeira atenção... e claro que numa necessidade, no caso de uma necessidade imperiosa ou uma coisa muito grande acontecendo, a gente justifica uma possível regularidade, mas, assim uma vez por ano, que acontece uma catástrofe. Que a gente chama de necessidade imperiosa, que a gente justifica o jurídico, justifica aos órgãos competentes que a gente teve uma jornada de exceção, por uma jornada imperiosa. Mas, tem que ser alguma coisa plausível, né? Porque a Gaucha ZH cobre toda a madrugada. Só se acontecer uma catástrofe...

*E quais são as principais ferramentas e softwares que vocês usam na redação? É o mesmo da Zero Hora ou não?*

A Zero Hora usa o News para digitar texto? [usa]. Então é o News, o InDesign é o mesmo... o Edit no online, eu não me lembro qual o nome...

Não, eles não comentaram...

Mas, eles vão saber te dizer. É o mesmo, Edit, para arquivos de fotos é o mesmo Nica.

*Eles tinham um lá também... Não é satisfação... Ontem, eu estava vendo uma entrevista, era uma coisa de Recursos Humanos... das pessoas que avalia...*

Superação.

*Superação. Isso mesmo. Vocês têm, também?*

Sim. Que toda essa parte de gestão de pessoas é toca cascadeada e toda RBS tem. A técnica, o jornalismo, todos tem.

*Bom, na sua rotina anterior, tu interagia mais com os editores?*

Mais.

*E hoje?*

Hoje mais com os coordenadores.

*Você já falou que tem autonomia para as decisões...*

Claro, que eu vejo que uma coisa vai dar problema, que é um problema grande, a gente compartilha, troca uma ideia, mas a gente com a experiência vai vendo que aquilo tem um potencial... bomba, vai lá... Mas, a gente tem muita autonomia em jornal. Muita autonomia. É muito bom de se trabalhar assim. Você não conversou com editor, não né? Só com o Deon.

*Isso só com o Deon.*

Eu não sei se ele vai te dizer tanto, porque ele faz a capa, ele não produz tanto conteúdo, mas claro que o cara da economia a gente questiona alguma coisa, não dá para não falar do aumento da gasolina, isso sim a gente troca. Todo mundo tem autonomia para tocar o seu dia a dia.

*Tu foi respondendo, ao longo, mas pensando assim, em uma perspectiva de tempo, desde que você começou nessa atividade, vamos dizer assim, de coordenação e gestão, como editora, quais foram as principais mudanças que tu percebeste? Nessa perspectiva, considerando essas transformações recentes do setor...*

Eu acho que assim, o que continua igual? O bom repórter é o cara que apura bem e escreve bem. Isso, continua igual. O bom fotógrafo é o cara que consegue colocar tudo dentro da foto, que consegue um olhar diferente, que consegue uma imagem que só ele consegue. O bom repórter, é aquele que só ele escreve um texto daquele jeito, só ele apura daquele jeito, é o cara que faz a diferença, continua sendo. O bom editor é que cuida do detalhe, que deixa a tua matéria melhor, em essência, eu acho que a gente continua igual. Mas, o que mudou? Mudou a quantidade de dados que a gente tem e aonde a gente procura, como a gente pode apresentar. Mudou que hoje todo mundo tem acesso à informação, então o conteúdo tem que ser muito relevante, para ti continuar a ser importante, ser consumido, ser relevante para a tua comunidade. Mudou muito os processos de gestão, muito, muito. Eu noto que tem muito mais preocupação com o ser-humano. Por que era muito indiferente, não é que não tivesse preocupação com o ser-humano, mas hoje, como gestor a gente é cobrado para ter um excelente clima de trabalho, para ser um bom lugar para trabalhar, para ter um respeito, as redações eram lugares em que as pessoas fumavam na redação, tinham whisky dentro da gaveta, eram lugares assim, nem tão saudáveis, quando eu entrei. Eu fui fumante quatorze anos. Tinha muito café... tinha muita coisa que não era saudável para a qualidade de vida. A gente ficava muito tempo... Hoje, não. Hoje, a gente é muito mais profissional. Eu acho que o jornalismo, Patrícia, o jornalismo precisou se reinventar e melhorou muito. E vai melhorar mais, justamente, por causa de todo o impacto das tecnologias nos nossos negócios.

*Eu ia te perguntar sobre o futuro...*

Eu acho que assim... eu, tenho consciência que é difícil, que é uma caminhada que exige muito, mas eu acho que é em todos os setores. Eu noto que não é uma exclusividade nossa, que exige muito mais, o mercado muda, exige muito mais hoje do profissional. Eu acho que o jornalismo evoluiu que tem muita coisa boa, que a gente não via há vinte anos e que vai daqui há vinte anos vai ter muita coisa melhor, e acho que para nós que é jornalista tem muita opção também. Porque antes era muito... Tinha mais mercado nas mídias tradicionais, mas hoje, veja o Poder 360 em Brasília, o cara que tem uma redação hoje que não sei se não é maior do que a do Correio Brasiliense. E que está fazendo muita diferença nesse negócio, nesse consumo. Então, eu vejo muito isso, que tem muitos desafios dentro da mídia tradicional, dentro do que a gente faz. Mas, tem muitas oportunidades dentro e muitas oportunidades fora. E acho que também... eu também percebo, um pouco, Patrícia, que a sociedade começa a recolocar o jornalista dentro do papel. Eu acho que as pessoas estão ressignificando, [re]entendendo o papel do jornalista. Eu acho que talvez, começando de cima, mas aos poucos vai descendo, por que as pessoas começam a entender, qual a diferença de se ter uma imprensa boa, qualificada para sociedade. Qual é a diferença de se ter uma imprensa livre, ter uma imprensa qualificada. O que talvez, eu gostaria, é que as pessoas hoje lessem melhor e tivesse um maior discernimento do que é bom. Mas, as pessoas procuram aquilo, que elas querem ler. Aquilo que concorda com o meu pensamento, né? E, não necessariamente, aquilo nem é real às vezes, talvez eu tivesse a expectativa que muito também, eu não estou menosprezando o leitor, porque isso não dá para fazer, mas talvez que em média tudo tivesse subido, e na verdade as pessoas acham mais legal, algumas claro, não olhar para o que discorda de ti, não olhar para pensamentos que sejam diferentes do teu, para evoluir, reforçar a crença ou te fazer mudar de ideia. Então, eu acho que tem vários desafios. E para a gente é isso, como é que a gente vai contar as histórias? Eu tenho tanto orgulho quando a pessoa diz: olha, para mim só é notícia quando sai no Pioneiro. Eu escutei isso dos Randon. Se não saiu no Pioneiro não aconteceu. Se só é notícia se saiu no Pioneiro, olha qual é a responsabilidade da gente. De escolher qual notícia colocar, qual não colocar, como colocar.

199

*Eu acho que a outra pergunta tu já respondeu, né? Qual é esse perfil desse novo jornalista.*

Eu acho que na essência é a mesma coisa, né, Patrícia. Na essência, é a mesma coisa. Mas, eu não sei como é que vai chegar, minha filha tem cinco anos. Eu não sei se ela fizesse jornalismo, qual profissional ela chegaria ao mercado. Que profissional ela seria. Ou o cara que está entrando agora, como é que ele vai sair. Às vezes, eu fico olhando assim, e as faculdades de jornalismo, ainda tinham jornalismo impresso. Um colega nosso, que é estagiário disse assim: ainda falta uma cadeira de impresso. Cadeira de impresso? Talvez tenha que ter, mas eu não sei como é que eles vão sair daqui a pouco. Porque quando eu comecei, eu olhava para os caras de quarenta anos, eu queria escrever feito esse cara, eu queria fazer um título feito aquele ali... e os caras eram a minha inspiração. Nunca olhava para quem estava chegando. Olhava para quem tinha experiência. E hoje, eu aprendo muito com quem tem experiência. Mas, eu não sei se aprendo mais com quem tem experiência ou com quem está chegando. Eu não sei, por que é diferente... claro que a gente aprende com quem tem experiência, mas eu aprendo também com os guris de vinte anos. Muita coisa de gestão, muita coisa. Também tem esse desafio bacana que é viver a transformação.

*Viver a transformação tendo uma equipe com perfis totalmente diferentes. Então, legal. Da minha parte era isso. Eu já te ocupei bastante.*

Imagina...

*Deixa-me ver... deu uma hora...*

### 8.3 Entrevista ED37B

*[...] não tranquilo, são alguns tópicos na verdade, o Jonatas me explicou um pouco, um pouco da estrutura e da organização, mas seria para eu... entender também um pouco do ponto de vista do editor, como as coisas elas funcionam. Rapidamente, eu gostaria de saber se onde o senhor se formou... na UFRGS em Jornalismo...*

Pós-Graduação na Holanda... Mas, isso faz muito tempo...

*Sim... E quando você começou a trabalhar em Redação de Jornalismo?*

200

Báh! Você não tinha nem nascido. Setenta e... um. Estava na faculdade ainda.

*Como estagiário.*

Como estagiário na Zero Hora. No arquivo da Zero Hora. E na Rádio Gaúcha. É o mesmo complexo.

*Sim. Do Grupo RBS.*

Mas, na época não era RBS. [Claro...] era Rede Jornalística Zero Hora...sei lá o que...

*E na função que o senhor exerce hoje, está há quanto tempo?*

Dez anos. Não! Doze. No Correio eu estou há vinte e quatro. Vinte e cinco! E na função de editor-chefe... Dez.

*E no Correio?*

No Correio vinte e cinco. E na atividade de editor-chefe... dez.

*E nas suas atividades, no seu dia a dia de trabalho, quais são as suas principais atribuições?*

Olha... eu cuido da editoria de cada [inaudível] e cuido da economia. A economia eu mais supervisiono os editores, indico o que vai sair e o que não vai sair, e as meninas fazem, né? Elas executam. São executivas, vamos dizer assim, são do jornalismo executivo. Elas executam mais ou menos o que a gente conversa ali, sempre conversando... “eu acho isso, eu acho aquilo” ... sempre executando. Como o jornal é muito simples, muito sintético, então a gente tem que ser objetivo e escolher cinco ou seis notícias de cada área, um pouquinho mais, um pouquinho menos, depende do dia, dos anúncios, etc... e, focar naquilo... notícias curtas, como diz o slogan do Correio do Povo: “direto ao ponto”. Sem...

*Sem muito rodeio.*

Sem muito rodeio, sem muito lero-lero. Sem muito nariz de cera... Sabe o que é nariz de cera?

*Sim. Sim.*

“Fulano de tal, foi preso, ontem, por que roubou dez laranjas no supermercado”. Pronto. Aí depois conta as circunstâncias e conclui com o outro lado. Evidentemente... Na economia funciona assim, a gente escolhe as notícias e elas executam e na capa, eu faço essa reunião das cinco horas. Com o pessoal todo, com o Jonatas inclusive é da multimídia, tem que ver os vídeos que vão entrar em algumas matérias de jornal, para ver o que está acontecendo, rolando em cada área, para ver o que pode ir para a capa. Sempre tem um monte de chamadas, mas eu acho que a gente vai reduzir. Eu estou querendo abraçar o mundo e às vezes não dá para abraçar. Por que o jornalismo muda muito [Patrícia: Claro...] não adianta, você querer dar sete, oito notícias que você julga importante, porque você pode reduzir para três ou quatro importantes, ainda... então, essa é a minha dificuldade no momento, eu estou tentando reduzir e aumentar o visual. O jornal tem um projeto gráfico, mas ele é maleável, ele é flexível. Muda conforme a circunstância e a capa principalmente, eu vou alterando, se eu fosse é... me fixar no projeto gráfico, eu teria que fazer praticamente a mesma capa

todos os dias. Não dá. Tem que ter fotão, atrair o leitor, cortar foto, fazer umas chamadas diferenciadas, tentar mesmo com toda a experiência que a gente tem... manter o interesse pelo jornal. Hoje, o jornalismo impresso, ele está... eu não diria que ele está definhando. Mas, ele está numa crise. Em função das Ns mídias sociais, redes sociais e alternativas opções que as pessoas têm para buscar noticiário, começa por rádio, tv, Facebook, agências de notícias, os jornais on-line... Instagram... Twitter... tem tanta coisa, que é tão instantâneo, então, tem que descobrir formula. Não é só o “Brasil ganhou ontem do Uruguai”. Não é só isso. tem que pegar o mote: “fulano de tal, salvou o Brasil” quer dizer, cada jornal tenta fazer... [Patrícia: uma abordagem...] tenta uma alternativa, uma abordagem, nem sempre é possível, nem sempre dá para dançar em cima de um tema, né? Porque obedece a certas regras e a linha do jornal não permite que seja muito solto. Pode ir solto até determinado ponto depois tem que ir [inaudível] algumas coisas, né? É um jornal teoricamente conservador, mas que a gente tenta extrapolar esse limite, né? Em termos de designer da capa, não tem uma linha fixa, não sigo regras. Quer dizer, eu procuro não seguir, cada dia, eu invento uma coisa, às vezes eu volto lá no projeto antigo, por que o dia está fraco em termos de notícias, aí eu volto a fazer e aí eu sigo o projeto, mas é só um dia ou dois, depois eu volto a inventar de novo. Cada dia tem que criar uma coisa diferente. Uma coisa interessante que cause ao menos algum impacto. Ou às vezes, a gente erra, acerta, por que no jornalismo não tem nada assim.. é o tchan! Não tem. Um dia, para fazer a capa, você acerta tudo. No outro dia, vice pisa na bola. No outro dia, você escorrega. É muito maleável o negócio e mesmo os observadores, são tantos que estão sempre aí apontando o dedo. “ ah, que porcaria, que coisa ruim”. Então, tem que se estar sempre atento ao que se está acontecendo e mais inovadora possível. E permanentemente, né? Não dá para dormir no ponto.

*Quantas reuniões de pauta são feitas?*

Tem essa aí...

*A das cinco...*

Eu faço duas: uma com o meu pessoal da economia, mais ou menos às seis, quando o material de economia estão mais ou menos circulando por aí, e às cinco com os editores para ver o que vai para a capa. Cada um diz qual é que é a matéria que vai abrir a capa deles, né? E alguns editores não vão, a maioria vai, alguns se acham mais importantes que os outros, mas eu vou lá e vejo o que eles tem, não gosto de brincar com editor, mas todos deveriam participar, porque a coisa mais importante acontece no jornal, mas alguns não vai. Então, nessa reunião, a gente faz um raio x do que vai ser a próxima edição, pinça os assuntos e trabalha em cima deles.

*E a diferença entre as duas reuniões quando elas acontecem...*

As duas reuniões... mas, só economia. E só com o pessoal que trabalha comigo. Vamos abrir com isso, com tal texto...

*Então, em geral do jornal são uma...*

Em geral é uma, embora, tenha umas específicas com o editor do jornal chama a rural dependendo do evento que se tem, né? Festival de Cinema de Gramado para ele saber mais ou menos, qual é a linha e o que está se passando.

*E com o jornal na web como é que se dá o gerenciamento do que vai primeiro?*

Tem um editor ali, todo o jornal produz para web mas nem tudo que é produzido vai para web. Quase tudo deveria ir para web, mas alguma notícia que se julga exclusiva, não vai. Mas, hoje em dia, quase não tem notícia exclusiva é muito raro.

*E nem no papel.*

E nem no papel. Muito menos no papel. Mas, tem algumas editorias insistem em guardar a notícia, a vidão do editor é que deveria guardar algumas coisas por que impresso é atrativa para atrair cliente, mas as vezes, a gente é atropelado pela velocidade das coisas. O que é sensação às 3 da tarde, às 5 não é mais. O que é boa às 4, duas horas mais tarde não é mais. Então, a gente está

caminhando para uma harmonização do on-line e do impresso. Mas, eu acho que o caminho é força total no impresso, e essas multimídias que a gente trabalha, também e o impresso ficar como paizão de tudo. E procurando focar em coisas diferenciadas, dar outra dinâmica para as notícias, mas isso dá muito trabalho, é muito difícil você chegar a um consenso, todos os jornais estão tentando, acabam avançando ou regredindo dependendo da situação.

*Mas, a linha o senhor ia dizer que o foco editorial tanto para impresso, quanto para on-line [é o mesmo!] é o mesmo, tá.*

No on-line você tem mais liberdade. Publica a notícia com mais profundidade [tem mais espaço] espaço ilimitado e publica com mais e não tem pruridos. Tem pruridos... políticos, ideológicos, eles publicam sem tanta... [sem tanta revisão] revisão, não é o termo. Sem tanta... sem segurar muito.

202

*Segurar o senhor diz em linguagem?*

Não. Linguagem é mais ou menos semelhante. Sem segurar tanto a notícia. O que pode ser... o que de repente, o que a gente não pode publicar no impresso, pode publicar no on-line. Certas questões, certas matérias, mais pesadas, eu não digo, pesadas...

*De controle mais delicado...*

Delicado. Pode ir ali, por que no impresso fica mais marcado. Fica o registro mais contundente... Se bem que hoje...

*Faz um print.*

É...

*E dentro da sua rotina, quais são os profissionais com quem você mais interage, mais negocia...*

Editoria de geral, editoria de política, economia... e as outras editorias... rural, esporte também... há muito mais noticiário dessas áreas na capa do jornal do que... das outras... Internacional!... Todas são importantes, mas às vezes fica horas e horas sem ter uma notícia de impacto, né? No cenário internacional. Então, a gente esquece um pouquinho, deixa eles de lado. Mas, de repente ressurgem, na geral é todo dia. São problemas da cidade, coisas do interior. Na política, então, com esse turbilhão que é o Brasil e com a economia que é muito dinâmica, muito volátil, então, a gente fica mais concentrado nessas áreas.

*Você tem algum tipo de pesquisa, de mapeamento, de como o leitor, está acessando o jornal, tanto pela web, como pelo impresso?*

Tem mais... Quem mais poderia lhe informar sobre isso, é o nosso diretor. Eu não sei se você marcou uma entrevista com ele?

*Com o Dr. Telmo.*

É... Eu acho que ele tem mais condições de lhe responder isso, por que ele tem mais acesso. Ele que toma mais conhecimento dessas pesquisas que são realizadas... mas, por cima assim, é polícia e esportes. Embora, todas as questões políticas e econômica que a gente puxa para a capa, o que mais o leitor quer saber é sobre o seu time, um crime ou outro...

*E vocês chegam a acompanhar durante o dia, o que está saindo em outras redações, o que está...*

Acompanha. Eu acompanho todas as agências. Tipo da Folha, do Estadão, O Globo, da Zero Hora... eles são muito dinâmicos no jornal on-line. A gente também é. Mas, cada um tem uma linha, eu procuro acompanhar, eu não digo para seguir o que ele está fazendo, mas, para ter noção, que eu não vou me esquecer de alguma coisa. Eu posso até não dar o que eles estão julgando importante. Mas, eu tenho que saber. Saber é o fundamental. Saber por que eu vou deixar de lado.

*O senhor acaba em função disso, modificando alguma coisa dentro da pauta...*

Dependendo do que for acontecendo, a gente vai acompanhando pelas agências até 10 horas da noite...

*Qual o horário de fechamento?*

É 10. 10:30. Dias de jogos vai até mais. Jogos aqui do Brasil. Então, a gente vai acompanhando. Se tem alguma coisa às 9:30, 10... que ultrapasse todas as fronteiras, aí troca. Troca.

*Esse horário é para o impresso. E como é para o on-line, assim...*

O on-line vai entrando.

*Tem plantonista?*

Tem até uma hora da manhã. Porque depois, a audiência cai. [Cai. Muito] Se você tem 10 mil acessos, 10 da noite, eu não sei qual o nível de acesso, há uma da manhã tem 200, 300. Vai variando. Depois recomeça às sete, às seis. Eu não me lembro mais...

*Tem uns horários mais...*

Mas, é em torno das sete horas.

*E agora, pensando no Correio do Povo. Você destacaria alguma coisa assim, que só ele faz?*

Eu acho que a gente faz algo que poucos jornais fazem. Mantemos uma página de rural, que é uma página de *Agrobusiness*, de agronegócio, e uma página de ensino, que os outros jornais dão quando tem notícia, nós damos todos os dias. São dois diferenciais interessantes. E esses dois diferenciais são importantes e os outros diferenciais em relação aos outros jornais é não ter tijolão. É matéria, curta e grossa, direto ao ponto. É isso que interessa e que o cara vai ler, hoje, ninguém tem mais tempo, o cara tem muito celular para acessar, computador, a gente imagina, tem muitas redes para acessar, muita coisa para fazer... muito isso, muito aquilo. [Patrícia: dividir a atenção com tudo isso] aquela notícia me chamou a atenção e eu vou direto ao ponto. Eu acho que esse é o nosso grande diferencial.

*E agora, pensando num âmbito mais geral. O setor jornalístico tem passado por mudanças bem radicais, a introdução de novas tecnologias, algumas redações estão integrando, a rádio, com a TV, enfim... integrando a produção, como o senhor percebe essa transformação, esses desafios, as preocupações, se o senhor percebe oportunidades, nessa...*

Como assim? como a Zero Hora está fazendo?

*Eu digo, até por sua experiência aqui na redação...*

Nós estamos começando. O multimídia e o impresso estão trabalhando em conjunto. A rádio é um processo que são duas empresas de um mesmo grupo, mas a tendência é essa. O jornalismo é um só. A informação é uma só. Não adianta o rádio trabalhar a informação: *çamento da ponte móvel do Guaíba...* fazer de um jeito e o jornal fazer de outro. No fundo é a mesma informação. Não adianta ir duas equipes para lá, da mesma empresa... tudo é uma conjugação de custos, gastos, benefícios, eu acho que no fim vai ter que trabalhar todo mundo junto.

*E, chega a acontecer a Guaíba tem que cobrir uma mesma pauta?*

Às vezes tem uma greve dos caminhoneiros lá em Terras de Areias. Lá era o foco e aí vai uma equipe do rádio e uma equipe do jornal. Agora, está indo não vão mais duas equipes. Mas, de repente, quando não é combinado, vai ver... está na mesma cidade, no mesmo lugar... duas equipes, dois custos elevados e para que? A informação que se busca é uma só. Se pode dividir perfeitamente. E a tendência é essa. A notícia é uma. O jornal é um. O objetivo é único, o objetivo é transmitir a informação. Um com certa rapidez e outra, dependendo do impresso, on-line, agora, com certa... do rádio, por que o rádio é um pouquinho mais rápido. Mas, o on-line... por que ir todo mundo? Às vezes ali no treinamento do Inter, tinha uma equipe do on-line, uma equipe do impresso, uma equipe do rádio, pô! Três veículos, três pessoas gravando... três celulares gravando, um fotógrafo, quer dizer, as coisas estão mudando e a tendência é essa. Trabalhar uma informação,

uma informação é uma empresa que se une, para divulgar isso, nos seus vários meios. Por que a gente no fim, coloca essa mesma informação, no Twitter, no Facebook, no Instagram, no impresso, no dia seguinte, no rádio, para que se essa informação pode ser transmitida por um jornalista só? Sem que ele faça um esforço extraordinário. Talvez, ele tenha que falar um pouquinho e não tenha que só escrever. Mas, é a mesma informação, para que tanta gente? Eu não quero que se perda emprego. Não é isso. a gente pode diversificar, ampliar o leque de informações. E a tendência é essa, em algumas áreas, em algumas coberturas, já está se fazendo isso. Mas, ainda tem dificuldade de se conjugar outros tipos de cobertura. Ainda tem muita resistência, mesmo de gente mais jovem, não é só de gente mais velho. Resistência, vaidade, você mexe com vaidades, mexe com talento, mexe com várias coisas. Com várias questões, que ultrapassa o limite da informação, que a gente tem que suprimir isso. Vai ter que suprimir? Não. As coisas vão se encaminhando para suprimir. Para essa questão. [para esse lugar] é para esse lugar. Nem todo mundo, concorda. Nem todo mundo concorda. Nem todo mundo tem a mesma opinião. É a mesma coisa... como é que se faz uma capa? Eu faço do meu jeito. Eu não julgo, porque acaba um trabalho solitário, vamos dizer assim... você ouviu muita gente e depois, você acaba sozinho, tendo que decidir. Nem sempre, você está num dia excepcional para fazer coisas excepcionais. Tem dias que você está mais ou menos. Tem dias que você está muito bem. Então, acaba que o reflexo da solidão, te dando pistas, mas assim mesmo, permanentemente, eu acompanho on-line, eu acompanho, os vídeos que são produzidos e tal..

*E tem alguma coisa do Grupo Record que influencia?*

Olha, raramente, a empresa dá poder para a direção do jornal, para fazer o melhor jornal possível. Obedecendo alguns critérios políticos, ideológicos, religiosos, a gente sabe até onde pode ir para não criar área de confronto, afinal, o jornal tem um dono e o dono pensa assim. o dono não é um ser... jornal tudo pode. Liberdade total. Não é assim. tem que ter limites. Eles não impõem. Báh! Esse tipo de cobertura não é legal.

*Chega a acontecer uma proposta de algum editor que não...*

Eugênio: Não vamos ser preconceituosos, unilaterais na crença religiosa, não vamos ser... isso tem... não vamos ser unipartidários, não vamos apoiar os partidos. Nós vamos em todos os partidos, nós vamos em todas as igrejas, eles têm a igreja deles. Se pode dar a igreja católica, qualquer notícia que seja relevante. É a mesma coisa, que a igreja deles são contra alguma coisa... vamos supor assim, é só um exemplo: que eu vou tirar aqui... “ah, você não gosta de parada gay”. Mas, o próprio presidente, um dia me ligou e disse assim: “ dá a parada gay. Publica isso. eu não quero amanhã, ser acusado de preconceituoso, por não ter dado a notícia”. Você vê que a preocupação do dono da empresa é ter uma visão plural das coisas. Você não pode ser preconceituoso com gays, lésbicas, com outras coisas.... Não é para dar uma força assim e tal, mas é para publicar todas as correntes da sociedade. Vertentes da notícia. Então, se publica. É isso que eu acho interessante da parte do Grupo Record é isso. publicar tudo dentro de uma lógica deles. Tem que dar o PRB, tem que dar o PT, o PSDB, tem que dar o governo, o anti- governo, a oposição. Tem que dar todos. Não há um... vou apoiar só o Lula. Ou só o Temer. Vou encher a bola dele. Fazer forçar a barra. Não tem essa de forçar a barra.

*E nunca teve alguma coisa vetada...Que está aqui, e não pode sair.*

Nada. Vetada não .. claro, vamos dar notícia do governo do estado, vamos dar oposição, vamos dar o prefeito, vamos dar os problemas que ele enfrenta para administrar a cidade. Não há proibições.

*E tem uma coisa que eu me esqueci de perguntar. O senhor estava falando das redes sociais, tem alguém da equipe que fica focado nas redes sociais...*

Jonatas trabalha comigo ali. Tem coisas, ele vai me dizendo. Tem o YouTube também. Esse menino é um expert disso aí...

*Então à princípio, era isso...*

## 8.4 Entrevista ED15S

*Eu queria que tu falasse então da tua formação e quando que tu começou a trabalhar em redação de jornal.*

Tá. Eu comecei em redação do Jornal em 1996, tava no último ano da faculdade de jornalismo aqui na federal, eu comecei a trabalhar num jornal A Razão, extinto ano passado. Trabalhei na Razão de 96 até o final 98, início de 99 eu fui pra Casa Zero Hora de Santa Maria que ainda no tempo da Zero Hora tinha sucursais. Fiquei na Zero Hora de 99 até o ano de 2002 que quando o Diário de Santa Maria foi o sexto jornal do Grupo RBS, foi fundado e aí eu entrei pro time do Diário. A partir de primeiro de Fevereiro de 2017 então ele passou, foi vendido né, e adquirido por um grupo de empresários locais e cá estou até agora.

205

*E nesse período quais foram as funções assim que tu fez...*

Eu passei por praticamente todas as funções. Na Razão eu fui repórter de todas, lá a gente fazia todas as editorias né, nessa época. Fiz um pouquinho da edição né, mesmo não tendo só na prática não com efetivamente com o cargo, mas já editava ali. Na Zero Hora eu comecei como repórter, comecei um ano e meio, um pouquinho mais, daí já virei editora da sucursal, o que em tese me dava muito. Aí o editor ele tem a responsabilidade, tinha responsabilidade pelas pautas, fazia, matérias também, mas ele usava o tempo do colega, nós éramos só em dois na Zero Hora. E aí quando eu entrei no Diário em 2002, eu comecei como editora de produção, que era um cargo que na época não era coordenar todas editorias, ele tinha alguma editorias específicas, que era geral, comunidade, editorias assim mais ligadas ao serviço porque na época se tinha a ideia que pra o Jornal dar certo precisava de ir muito forte com essa questão do serviço. Depois eu virei editora executiva e por fim editora-chefe, mas assim como editora executiva e editora de produção atuava em todas as editorias, então ajudava no fechamento, tanto nas decisões da matéria como também nos fechamentos. Tava editando tudo, passando por todas editorias.

*Silvana estava me comentando que agora vocês tinham um modelo que antes tinha o impresso e o online eram mais separados e que agora tão...*

Juntando!

*Num processo de integração. E aí eu queria entender, que tu me falasse um pouco então da tua função hoje como editora-chefe, o gerenciamento da produção, se tu fica mais focada mesmo no impresso...*

Teve uma mudança né? Quando a gente veio pra cá em Fevereiro a nova direção tinha uma ideia, que requisitou, e que agora a gente tá voltando de novo a funcionar de forma mais integrada. Eles queriam um produto no papel e um produto no digital separados. A gente na época cresceu de 24 páginas, nós temos hoje durante a semana, nós temos 40, ao invés das 24, 40. Nas semanas que a gente chegava, na época em 32 no máximo, hoje nós chegamos a 76 ou 80. Então assim teve inserção de muitas editorias novas, em relação ao jornal da RBS, a gente ganhou equipe e tal, então meu gerenciamento a partir do momento que a gente mudou pra cá, é mais da gente conseguir pensar, no jornal, no conjunto. Então só de editoria nós temos 24 hoje, editoria são as exceções. Então a parte que eu participo mais ativamente justamente na gente enxergar as pautas principais dessas editorias, então é na reunião de pauta, que a gente tem todos os dias, e na terça que a gente tem a reunião que define todas as manchetes até a quinta feira da semana que vem, da semana seguinte e também o jornal do final de semana. Então a gente define o que que é manchete, o que são as fotos, o que são as apostas... é mais nesse olhar em geral, e claro, a gente volta e meia muda alguma coisinha nas editorias que sente, que não faz mais sentido mesmo, sendo um projeto novo. Ontem nós fizemos uma mudança em título obituário, a gente achou que não tava legal e que não tinha nada pra clt... então, além do salário assim. De todo o tempo olhar pro conjunto mais no macro. Eu participo, na minha função também, eu acho que isso veio da RBS mas aqui é mais efetivo, eu participo muito da gestão estratégica, agora o jornal tá vendo a possibilidade de uma TV diária, então a gente tá em negociação com isso, a gente tem uma negociação com rádio, então o auditório que tu viu lá em baixo, o auditório vai funcionar talvez as maiores estratégias são aqui no

próprio jornal do que fora, o auditório vai funcionar como a gente vai alugar o auditório pra fazer produção de conteúdo, pra quem vier fazer os eventos aqui. A gente aluga e tu decide o que tu quer... ah, eu quero um *e-book*, porque é um negócio temático então a gente vai fazer o e-book, eu quero uma *live*... Ah eu quero transmitir esse evento pra todas as minhas empresas... então a gente vai... claro a gente ainda tá no projeto, então deve ser em agosto ou setembro que vai começar. Mas tudo que a gente faz, por exemplo, que tá firmando seus primeiros contatos ainda, que é um núcleo de produção de conteúdo pra formatura, nós vamos fazer grandes reportagens para turmas que contratarem os nossos serviços, não é o que as empresas convencionais fazem. É transformar a história daquela turma e de cada um dos seus integrantes em uma grande reportagem, no papel, a gente vai fazer no *e-book*, vídeo... a gente vai fazer... então são propostas que a gente tá... às vezes faz. Eu um trabalho muito mais hoje nessas estratégias, pensando o negócio do que... e no macro do jornal, eu não vou a fundo entrando nas editorias, até porque tem oito editores pra isso, mas é mais assim... e o envolvimento aqui então é maior ainda nessas questões estratégicas, porque vários dos projetos que eu tentei lá na RBS, por exemplo do núcleo de formaturas, sempre tinha outras prioridades, questão de tá cada vez mais enxugando mais os profissionais. Então não tinha mesmo nem quem vendesse o plano. Hoje a gente vai começar com núcleo de produção de conteúdo para eventos, que é para formaturas, para eventos aqui em baixo no auditório... então sempre pensando em várias estratégias de sustentação do negócio.

*Então aqui com essa mudança de propriedade do jornal, a equipe aumentou?*

Aumentou. Nós aumentamos na época 10 e eu perdi as contas agora, porque agora nesse semestre nós contratamos mais dois, então nós já estamos em 12, mais um que é da equipe da Silvana que deve começar em agosto, 13. Então a gente foi ganhando equipe, eles têm uma visão um pouco diferente, um pouco não, totalmente diferente do negócio.

*Eu ia te perguntar, um pouco das políticas editoriais...*

O que mudou na linha editorial, tá? O que que eles já no início... a gente até quando virou a primeira edição já publicou: o que muda na linha editorial... é sempre focada em questões que podem ajudar a cidade, em matérias que podem ajudar a cidade em seu desenvolvimento, e também teve na época essa separação, por exemplo, polícia, no início agora a gente já tá mudando de novo... Polícia no início era mais site e segurança a gente tratava no papel. Não que a gente não fosse dar, mas a gente trabalhava mais com o viés da segurança né? Que medidas que podem ser feitas pra contribuir pra melhorar a segurança né? Nesse olhar de como ajudar a cidade e a região a se desenvolver, então é sempre nesse olhar. Basicamente nisso, e nessas divisões, por exemplo, esporte no início como se tinha uma visão que eles defendiam muito duas questões: hiper localismo e interatividade, esses dois eixos. Eles entendiam, a direção, que a dupla Gre-nal não teria interesse local, não seriam times daqui que eles queriam prioritariamente, queriam dar mais atenção pros esportes locais, que nunca tinham tido espaço e tal. Com o tempo a gente foi mostrando e os leitores ajudaram que não tem essa, que dupla Gre-nal é local, tanto quando InterSM. As pessoas se interessam. Voltamos, temos uma página hoje até com mais espaço que a gente tinha antes da dupla Gre-nal. Mas são questões assim que eles tinham um modelo que eles acreditavam e a gente foi com o passar do tempo mudando. Hoje a gente dá mais polícia que deu lá no início. A gente não vai dá uma manchete de polícia por exemplo, a não ser que seja, a gente esteve já nessa gestão uma manchete de polícia que foi um negócio estratosférico... foi uma tragédia que eram 4 mortes numa cascata aqui perto. Daí nesse caso... Então teve assim, de alterações eu acho que é mais ou menos essa que a gente teve. Mas assim é sempre um repensar né? É toda hora se olhando e toda hora vendo que tem coisas que tem que ajustar.

*E essas mudanças em parte elas foram balizadas por alguma pesquisa junto do leitor, como é que é isso aí? Como é esse retorno?*

Tu diz depois das mudanças? Não. O que que a gente tem? Não tem nenhuma pesquisa de... eu até quero retomar agora, eu trabalhei desde o início sempre com conselho do leitor, sempre, na RBS sempre, sempre fiz questão de ter o leitor muito próximo. Aqui a gente não conseguiu, eu não consegui fazer um modelo porque eu quero justamente colocar essas mudanças que a gente fez, mas a gente tem muito retorno nas assinaturas. Porque a visão de negócio deles é diferente. Na

RBS era assim: primeiro me entrega a receita, depois a gente entrega o produto. Eles fizeram o caminho inverso: primeiro nós vamos investir, primeiro nós vamos fazer um jornal de 40 páginas durante a semana e um jornal de 76 ou 80 no final de semana, isso aí é fora da curva, na contramão de todo mundo. Primeiro nós iremos investir, depois nós vamos buscar mais anunciantes, mais assinantes, vamos primeiro dar o produto, é uma visão de negócio diferente. Então o que que a gente observa? Que vem tendo resultado, por exemplo nas assinaturas, anunciantes, é óbvio a tabela é mais baixa que no Grupo RBS, mas se ganhou muito em quantidade, porque assinantes a gente tem a carteira, ela oscila tá, mas é em média de 12 mil.

*E tem assinante só digital? Não?*

Tem só digital. Agora a gente tá com a promoção de 99 centavos por 3 meses, eu acho. Só digital eu não sei qual que era o último número que a Silvana tinha, se era 800 ou 900, mas agente sempre olha no... eu não me lembro, não sei te dizer. Só sei que agora com essa promoção no primeiro mês fecharam 150 eu acho assinaturas digitais, só digital. E que a gente também não esperava, mesmo sendo 99 centavos, a gente não achou que... porque a gente acompanha né? Eu na minha pesquisa estou vendo muito isso né... os dados de jornais grandes o quanto eles demoram pro digital, ele não acompanha, como ele é lento, a gente acha que é só o assinante do papel que é, ah puxa vida... é uma briga diária pra gente fechar em tal o número de assinaturas, mas não, o digital é a mesma coisa apesar do preço. Não é uma coisa... então a gente se surpreendeu com o primeiro mês ter dado tanto...

*Tantas...*

Tantas assinaturas. Com essa promoção. É. Então o que a gente vê é isso né. Os leitores mandam cartas, bastante, tem muita participação com a palavra, uma entrevista, puxa... manter um jornal todo de entrevista com uma pessoa da cidade é difícil é conseguir. Então a gente tem vários retornos assim de que é um outro jornal e tem muito mais conteúdo, tem gente que diz a, tem mais conteúdo até do que a Zero Hora, eu fico pensando, deve ter mesmo porque a Zero Hora tem diminuído tanto com o passar do tempo que realmente se for comparar o que é conteúdo local, da cidade, com o que a Zero Hora traz do que é realmente é conteúdo estadual, que não seja mundo ou país, eu até acho que tá... tem gente que já fez a conta que nós temos mais conteúdo que a Zero Hora...

[Risos]

É, tem gente que se presta a ir lá e contar quantas matérias tem... mas a gente nota né, todos os jornais, a gente é afilhado a ADI, que é a Associação dos Diários do Interior, e aí tu vê. Quando eu entrei no grupo eu perguntei a média de paginação e a média é 20, 24 no máximo durante a semana, a maioria 16 até quem é diário. E aí final de semana a maioria chega a 50 às vezes, 60, 60 no máximo, que é a Gazeta, mas assim tu não vê esse monte. A gente entende, o papel subiu de novo, bastante, realmente é bem complicado. Então toda vez que a gente cresce em assinatura e a gente tem crescido mês a mês, é sempre de pouquinho em pouquinho, não é aquele bando até porque tem muito cancelamento e aí nos cancelamentos aparecem muito do que eles fazem, porque eles fazem planilhas com os motivos e sempre aparece problema financeiro, não aparece produto. Então o problema não é produto. Por isso que eu tenho essa hipótese muito forte do meu dia a dia, não é o produto que vai nos fazer, ir pro futuro não é. O leitor não desiste da gente por causa do produto, mesmo nas vendas eu pedi um levantamento, não tinha... eu pedi um levantamento que eles perguntassem pros leitores que disseram: não, eu não quero assinar o jornal, pra ver se aparecia alguma coisa em relação ao produto, ou que dissesse: não, não gosto porque tem tal pessoa que trabalha lá e eu não gosto daquela linha ou não gosto dos empresários, não, não aparece. Só problema financeiro. Não, não assino porque eu tenho que comer. Então não é o produto. E o que eu vejo nesses jornais da ADI é como todas as forças estão em cima do produto. Não vai nos levar, o que vai acontecer essas coisas que a gente ver. Fusões de veículos, que vão dizer que o jornalismo fica mais forte, mas não é. Não é. A gente sabe que não é. É sim olhando o futuro, pra conseguir se enxergar um pouco mais adiante, contendo gasto, porque tu não consegue aumentar muito a receita comercial, não consegue, mesmo aqui a gente aqui que agora é um valor novo. Tu sabe que tu tem o teu limite, tu consegue ir até ali. Mas mais do que aquilo também... Então não adianta tu contar,

dizer não vou fazer um plano pra aumentar... tu não vai passar muito daquilo dali... então é claro, tu mirando o futuro tu tem que fazer isso... então por isso que eu digo que é meio na contramão... várias vezes eu já disse... ele disse eu fico sem dormir. Eu digo eu também fico, tu fica me dando gente, eu olho pra esse bando de gente e penso minha nossa, esse negócio tem que dar certo. Mas também é estimulante porque a gente tem autonomia... eu por exemplo eu como jornalista de conseguir participar dessas decisões, olha que legal vamos fazer um núcleo de produção de conteúdo pra formatura, esse negócio vai bombar. O primeiro que sair já vai ser... todo mundo vai querer. Ah, mas não é do papel... Puxa, mas os pais, os avós dos formandos, quem não é do papel? Vai ter *e-book*, vai ter vídeo, vai ter *live* lá no momento da formatura, vai ter o que a gente decidir que vai ter.

*Com toda bagagem de produção jornalística...*

É, com essa coisa que emociona sabe? Então a gente tem que olhar adiante entendeu? Olha as pesquisa lá de 2011, eu olhei pra fazer o estado da arte, e tu vê sugestões dos próprios jornalistas falando: ah tem que mirar no conteúdo, tem que ser um conteúdo mais... o conteúdo hiper local, tem que trazer diversidade de opiniões, tem que ser mais profundo, tem que ser... isso em 2010, 2011, nós estamos fazendo isso desde então. No que isso ajudou? Em absolutamente nada. Seguimos caindo, não segura mais só isso. O que que a gente tem que fazer? A gente tem que fazer todas essas coisas pra garantir o jornalismo de qualidade, porque esse é o pressuposto, mas não é na crença de que isso vai nos levar adiante. Não vai. Então é bacana isso, a gente poder participar de todas essas decisões. Algumas dão certo, e eles tem muita coisa... eles tentam várias coisas, na que dá a gente viu, ah, mas no que a gente viu vai dar certo. Então a gente vai pra cá. Então a gente tá sempre tentando várias coisas ao mesmo tempo. Várias pontas.

*Entendi. Como os outros me falaram mais da sua rotina assim específico, eu vou te fazer uma pergunta mais operacional pra entender qual a rotina de produção do jornal como um todo assim, como que ela funciona assim...*

Tá, eu vou te falar... a Silvana falou do digital, eu vou falar do papel. No papel a gente começa de manhã com a primeira menina que chega, assistente de conteúdo, que ela faz um obituário, nasceu, faz algumas matérias temáticas assim que não são pro dia, ela chega por volta das sete e meia. De manhã ainda só tem mais editoria de cultura, e das páginas temáticas que saem três vezes na semana, que chega de manhã. O grosso da redação é a partir da uma e meia. Uma e meia a gente tem reunião de pauta, sempre pelo menos meia hora por dia pra discutir a pauta seguinte. Terça feira a gente tem a reunião das manchetes e também do final de semana, e aí os outros dias é sempre uma meia hora, depois a gente tem mais um momento de encontro dos editores de novo que é por volta das seis, seis e meia, que é pra olhar a capa e a contra capa, vê o que que a gente vai apostar, o que que mudou da reunião, como é que ficou a manchete e tal, e depois a gente já se encaminha pro fechamento que 8h15 é o horário, como a gente imprime na Zero Hora ainda, é o horário que a gente tem que entregar a última página, as 8h15. Nossa reunião é tarde se for olhar, então, mas a gente trabalha muito com adiantado sabe, não é só... ele não pode depender o jornal de 40 páginas todo começando a uma e meia da tarde... Então a gente tem muitas coisas já prontas, muitas coisas já adiantadas, as páginas temáticas sempre já prontas com bastante antecedência, cultura fecha mais cedo, tem várias páginas que fecham mais cedo. Assim da rotina o que que a gente tem mais contato, que são contatos mais relevantes, com comercial a gente cuida antes da reunião do boneco, que é da distribuição das páginas, e isso dá um pouquinho de trabalho e, assim, a redação é o setor que a gente tem esse contato mais no dia a dia, que aí é fechar o quebra cabeça né, tem 24 editorias e sessões, tem que colocar os anúncios e a gente tava meio desacostumado a colocar os anúncios, porque na RBS estava bem complicado, tinha bem pouco anúncio, então era sempre... e aqui oscila muito, no dia de semana até quarta-feira a gente não tem muita coisa, mas depois... Aí o jornal de quinta, sexta e final de semana é sempre um quebra cabeça, então isso demanda bastante tempo, nessa questão eu tento ajudar bastante, porque é difícil decidir às vezes tem que derrubar uma editoria ou outra...

*E quantas páginas pra cada editoria, é fixo ou vai sendo definido na reunião de pauta?*

O que que a gente tem de premissa? Não derrubar editorias. Então assim, às vezes acontece, mas é uma premissa a gente tenta cumprir. A editorias que tem mais página é a geral, que às vezes tem

três, as vezes duas, mas as demais todas tem uma: política, agronegócio, educação, saúde, esporte, esporte agora tá com 3 que a gente tem uma dupla Gre-nal, então a gente combinou com a direção de manter as duas de esporte local, mas a gente vai fazer uma terceira, então eu derrubei uma das duas páginas de estado-país-mundo, que a gente concentra tudo numa página, e transferei essa pra página lá pro esporte. Então... mas a gente tenta sempre, manter. Às vezes entra anúncio, daí sempre nas páginas ímpares, aí às vezes tem uma matéria que tu quer dar duas páginas, tu quer dar na espelhada né... Isso assim demanda um pouquinho mais de... Eu tô agora num processo de desapego e nisso o mestrado me ajudou, porque eu fazia sempre capa e contracapa, e tem duas editoras que tão fazendo. Agora atualmente é uma, mas eu treinei duas até pros finais de semana, porque durante o mestrado a direção me deu assim, esse...

*Indulto (risos)*

É, esse indulto que eu não trabalho domingo, porque aí eu consigo fazer as coisas né, aí eu não trabalho no domingo. Então aí eu tenho duas fazendo, uma num final de semana a outra no outro. Mas eu acho que assim, das coisas assim, momentos assim chave são esses. A Silvana sempre participa já da reunião pra gente ver o que a gente vai fazer pra botar no *online*, que horas que vai botar, pra ver o que que a gente vai ter de material, claro que agora a gente vai voltar a ser mais integrado, porque na RBS isso era mais integrado porque não tinha a gente né? Na época não tinha nem digital, tinha uma pessoa que fazia mais, então a gente vê mais vídeos, o que que a gente vai ter de vídeo, então são os momentos assim que a gente tem mais do conjunto.

*E aí no teu dia a dia tu interage mais com a Silvana que é do digital, com o comercial, com a parte de gestão...*

Com o comercial e com a Carol que agora tá com a capa e contra, aí eu tô disciplinando os editores pra passar os problemas primeiro pra ela, depois ela me aciona, mas ainda assim eles vem direto e faz parte, às vezes eu até me esqueço e daí eu vou resolvendo, a gente vai esquecendo. E mais as questões estratégicas que eu tô atuando em várias frentes.

*Porque eu vi que o pessoal da diagramação também recorre muito a ti, pra qualquer coisa...*

Sim! O que que acontece? Às vezes aquela velha... isso daí vai ser pra sempre eu acho, conversa: ah não deu pra apertar aqui, diminuir um pouco a foto. Nunca é: vou botar um fotão, olha que legal, que lindo ficou minha página. Então eles tentam, conversam daí eles só me dizem assim: dez. Daí eu vou lá olho na página dez, e vejo e digo: minha nossa! Porque no final quando tá perto do fechamento, lá pelas sete, sete e meia, eu faço um passeio, pra tentar né... porque jornal é muito grande, então a chance da gente ter erro em título, de né... eu procuro dá no final assim uma olhada. Puxa, daí se eu pego um erro em título pelo menos evito, porque óbvio não consigo nem ler, nem revisar nem manchete. Mas eu dou essa passada. Mas quando eles estão em apuros, eles não conseguem com os editores, eles me chamam. Colunistas, os colunistas tem uma página pra fazer por dia aqui, e eles são ainda editores, por exemplo, o Deni ele é colunista, principal do jornal, e ainda editor de economia. Porque ele edita a página de economia. Eles não conseguem, eles querem enfiar o mundo, em um dia, como se não houvesse amanhã, tu entende? Como se não houvesse amanhã. Então eles botam uma fotinho, um horror de texto. Então eu sinto assim que pelo menos eles já entendem que tem que ser diferente, mas assim nunca é sem briga. Nunca é sem briga. Por isso eu faço bastante. Porque não dá só para o esporte ter as páginas bonitas e a Cultura que é onde a gente consegue trabalhar, até porque tem um pouquinho mais tempo, mas se o esporte que a gente trabalha de tarde também consegue, a gente tem uma dificuldade enorme que é aquela coisa. Aí tem uma que é editora da... a gente diz, a editora da reforma agrária, quer colocar o mundo dentro da página, não vai caber...

*Ainda é um pessoal que prioriza muito o texto...*

Muito o texto. Muito difícil. E agora aqui nesse modelo, até nem é tanto texto, que eles querem, daí se tem... O projeto que foi pensado, por exemplo, educação tem uma matéria na página e talvez uma secundária. Duas. Eles querem por cinco, seis, tudo é importante. Eu entendo essa preocupação de trazer tudo para o leitor, de dar primeiro e tal. Mas puxa não dá. O jornal tem quarenta páginas, se todo mundo decidir botar cinco ou seis... Faça a conta! Não dá, ninguém vai ler. Isso é uma coisa que eu fico em cima. A gente faz as avaliações, essa semana... a gente tá

fazendo agora mais sistemático: um editor faz a avaliação da semana e daí a gente fala: essa semana de novo, só o esporte, só a cultura e a reportagem especial que final de semana a gente consegue trabalhar um pouco melhor. Mas no mais... é difícil ter uma página que: poxa, mas que página bonita, que página pensada, tem esse ponto aqui, tem esse info, que legal que ficou! Claro, é um jornal que tem muita página, não dá para ter ilusão que a gente vai conseguir entregar todos os dias das 40, 10 belíssimas... não vamos conseguir. Só que nós temos que ter duas, três que o leitor pare: poxa, que legal esse visual, vou até ler, nem vi mas vou até ler. Tem que ter! A gente não vai conseguir fazer isso em todas as editorias, não dá para tudo ser um monte de texto. Mas é difícil assim tu pegar um repórter que consiga te entregar que tu diga, 30 centímetros e que ele entrega 30 centímetros, traz 40, 50. É incrível isso, é muito difícil. Mesmo os novos.

*Sim. E nessa negociação qual que tu acha que é o papel do gráfico, do visual pro jornal assim...*

210

Eu acho que num jornal maior a falta de uma página bem pensada, que seja bacana, que tu tenha vontade de ler, ela tem muito mais relevância de quando é um jornal menor, que tu vê, vai rapidinho e já foi. E eu tenho... e eu acho que nisso a gente precisa avançar muito ainda aqui, muito, muito, muito! Não dá pra gente ter só reportagem especial e só esporte com as páginas bonitas... e cultura eu acho que também tá no caminho. A gente tem que ter essa preocupação e aí não precisa ser várias... Poxa, hoje o esporte e a cultura, mais uma editoria eu consegui hoje pensar o visual antes. Já é uma baita de um baita ganho... claro, tem que começar cedo. Mas assim, a gente tem muitas matérias que a gente pensa antes e conclui antes. Então porque é aquilo que eu te falei, não dá para deixar as 40 para o dia. Então porque não fazer, sabe? Claro é um modelo que tem mais jornalistas, a gente tem uma produtividade hoje muito maior do que tinha na RBS. A gente tem uma média de cada editor com 4 páginas, 3 ou 4, o que mais chega é 4, edição de 4 páginas, o repórter entrega mais ou menos uma página, por dia. Então é uma matéria só, ou uma matéria e uma secundária, é uma produtividade muito maior do que a gente tinha na RBS. Então é muito mais corrido o modelo. Mas se a gente consegue adiantar, a gente consegue pensar antes. Eu tenho editores que falam: eu tenho dificuldade de pensar o visual, em como ficar legal. Eu digo, mas vocês têm a diagramação, não se sintam obrigados a ter todas as soluções, você só precisam compartilhar o problema, passar pra eles o que você pensaram em fazer. E na diagramação, foi uma editoria que a gente ganhou um profissional. A gente trabalha com hora extra, né? Eu tenho o jogo pra fazer. Só que precisa ter essa cultura. A gente precisa trazer e assim até as colunas... não precisa ser uma página... pra começo né? Numa próxima etapa a gente vai procurar. Tem que ter mais foto, tem que ter menos texto. Tu bate o olho naquela página e poxa, me dá canseira só de ver. Às vezes tem uma página da coluna de política e do lado tem... eu digo na reunião, brinco né, essa aqui eu passei reto, nem li, imagina os leitores! Daí os editores ficam bravos comigo né? Mas depois reconhecem, mas são coisas que a gente tem que caminhar e o visual é uma delas, mesmo a capa. A gente tava falando com a Carol, a gente pensa muito pouco soluções diferentes, muito pouco, tem que ter, tem que fazer uma meta no mês, tem que ter no mínimo duas capas matadoras sabe? Capas que eu possa colocar aqui na parede, é isso que a gente fala. Essas metas agora que a gente tá conseguindo, vai fazer um ano e meio, a gente tem avaliação sistemática, a gente... a comparação é que a gente saiu do avião que a gente tava, todos nós na RBS, pulamos pro avião do lado, trabalhando, sem piloto, sem nada, absolutamente nada, e tudo novo. Parece um ano e meio um monte de tempo, mas é rápido. Nós viemos pra sede nova só em dezembro, agora eu tô conseguindo pelo menos avaliar, conseguindo olhar melhor o jornal no conjunto, ver aonde a gente está falhando, ter uma avaliação sistemática, e incluindo a diagramação também nesse olhar, pra gente que a consiga. Pra mim o visual é um negócio relevante que a gente tem que melhorar muito, sabe? O projeto não foi pensando pra colocar 500 matérias na página. Ele foi um negócio muito mais clean, nós tornamos... a gente quer dá tudo pro leitor como se não fossemos um jornal diário. Mas é uma coisa boa de jornalista, eu não acho ruim, só quem a gente precisa equilibrar e eu tenho problemas no fechamento também por causa disso. Tinha um monte de página fechando depois das 8, meu horário é 8 e 15, não dá. Eles querem até o último minuto para botar as coisas que descobriram. Então é uma conta difícil. Mas eu acho que agora a gente tá conseguindo já dedicar um pouco mais tempo para essas coisas que são super importantes.

*E assim, tu tem bastante experiência já em redação, o setor vem passando por transformações bem importantes e impactantes. Com base na tua experiência assim, o que tu destacaria como as principais mudanças que tu perceberes nos últimos anos?*

Tu diz em que: conteúdo, gestão do negócio...

*De todo esse panorama o que que tu destaca, meu foco é até mais nas práticas, nas rotinas, assim. O que que tu destacaria como principais mudanças destes anos assim, 4-5 últimos anos...*

Sim. Que aí a gente pega uma fase na RBS e esse último um ano e meio aqui. Olha, na RBS eu vou te dizer que esse período assim, três anos e meio ou antes, já foi um período assim bem complicado, porque foi só redução de conteúdo, a gente teve, passou por vários movimentos de aproveitamento de conteúdo feito pela Zera Hora, então a gente tinha uma página lá que trazia as notícias do estado, que vinha pronta. A gente teve nesse período todo que eu me lembro, foram uns 4, 5 anos, até mais tempo, a gente todo final de ano, às vezes nem chegava final de ano, às vezes em agosto vinha uma conta que era: reduzam dez por cento da folha de pagamento. A gente tinha que olhar na estrutura... o Chagas foi demitido porque eu tinha que cortar um editor por causa do valor e aí foi o editor de arte e de diagramação. O Chagas nem era na minha conta, foi na conta da Andrea que era editora-chefe anterior. Mas claro a gente participava e conversava tudo junto e via o que fazia mais sentido pro jornal. Então só foi encolhimento. A gente trabalhando fazendo site e papel ao mesmo tempo, com a mesma equipe, foi bem complicado. Porque a gente não conseguia no papel... não tem como buscar uma grande profundidade tendo que fazer as duas coisas. Mas também eu acho que tem muito aprendizado porque eu me lembro que essa minha disposição, meu olhar para estratégias novas, para tentar fazer umas coisas diferentes, olhar pra o negócio diferente, foi justamente por causa disso, porque a gente não conseguia enxergar muitos caminhos. A gente já a tinha aquela coisa: ah, vai chegar final do... quantos por cento vai ser da folha, quantas pessoa vão ter que cortar. E isso já era uma coisa que na redação, por exemplo, já tinha ilhas que tinham várias posições vagas, sabe. Então eu acho que foi um movimento bem complicado. Ainda assim eu acho que a gente sempre foi, o Diário de Santa Maria, o principal veículo da cidade, isso não se perdeu. Sempre foi a que repercutiu mais, isso realmente a gente conseguiu mesmo perdendo gente, durante 15 anos que ficou na RBS a gente ganhou uma única vaga. Nós começamos lá no início com 34 em 2002, nós terminamos antes de vir pra cá com 26, o resto das vagas todas perdemos. Teve toda essa movimentação dentro da RBS que era... que acabou culminando na fusão... claro na época a gente não tinha, a gente não enxergava aonde eles queriam chegar. Mas por exemplo, a gente fazia toda a produção do jornalismo, a gente fazia reuniões nós, a TV e a Rádio Gaúcha. Sempre pensando em produtos de onde é que estavam as possibilidades da gente integrar e ganhar força. Por exemplo, a gente foi pro Haiti, foi um cinegrafista que na época era nosso fotógrafo, que foi pro jornal, e foi o cinegrafista, que hoje está o Bernardo na TV em Porto Alegre. Então se ganhava várias coisas porque a gente conseguia otimizar, fazer projetos bacanas, mas ao mesmo tempo também tinha a resistência dos profissionais, porque vem toda uma “ah juntos somos mais fortes”, vem toda a estratégia, mas no fundo as pessoas sabem. Claro, pensado no futuro, como que a gente chega lá na frente é a questão que a empresa tem que tomar. Mas pro profissional nem sempre é uma alternativa que ele consegue enxergar esses ganhos. Eu sempre enxerguei muitos aprendizados que a gente conseguiu. Mas pra quem tá na ponta não é tão. A gente foi perdendo, a gente tinha uma revista *Mix*, que foi encolhendo de tamanho, a gente tinha uma revista que na época era sobre saúde que desapareceu, então no produto isso também foi, é difícil tu manter uma equipe muito motivada com esse cenário. Mas ainda assim a gente tinha um ganho importante, tanto é que essa nova direção veio com essa certeza, não dá pra ser só jornal, tem que ser tv, rádio, atuar em outras frentes. Mas tinha essas coisas, tinha resistência, pessoal da TV, da Gaúcha, às vezes não enxergava essas coisas, que a gente no jornal, talvez por ter enfrentado por mais tempo esse tipo de coisa, por já estar mais habituado com a cultura da empresa também. Então era bem complicado conseguir a adesão e todo mundo entender que era pela integração que a gente conseguiria...

*Hoje quantas pessoas tem? Aqui na redação.*

Aqui na redação eu acho que nós somos em 39 agora. Tudo junto, o papel e o digital. Nós contratamos 10. Então tu imagina contratar dez pessoas com o jornal rodando, sem piloto, 10

peças novas, aí tu treina, então às vezes eu olho e falo assim “meu Deus”, será que a gente demorou um ano e meio pra fazer uma avaliação assim mais, de conseguir olhar... sim mais aí tu olha tudo que tu fez, é meio doido assim. Eu contando às vezes as pessoas dizem assim: poxa, vocês estão na contramão né? Porque o que que a gente enxerga é só fechamento de vagas, redução da edição impressa, redução das páginas. A gente sempre dizia: isso não dá pra fazer porque tem custo. E daí eles lá assim: sim, tem custo, mas a gente vai investir no que for necessário. Porque a gente tá sempre nessa cultura de se tem custo não dá pra fazer, só se não tiver custo. A gente brincava que a gente não sabe lidar com dinheiro quando a gente tem alguma coisa. Então é uma cultura e hoje a gente sempre pensa em custo, custo, custo. Enfim, são modelos de negócios diferentes, qual que vai dar certo, qual que não. Isso é muito forte. Primeiro a gente tem que investir, dar pro leitor um conteúdo e depois tentar monetizar em cima dele.

212

*E assim se tu fosse pensar hoje, que características tem que ter um profissional pra trabalhar na redação?*

Eu falo que o que a gente conversa muito com os editores e com os repórteres também, eu sinto falta daquele repórter... acho que não dá pra dizer que é o repórter de antigamente, porque a gente tem na redação exceções, que é aquele cara que faz a sua pauta, aquele cara que vem às cinco horas da tarde e diz: vai ter que mudar a tua manchete porque eu descobri uma exclusiva, eles vem e aí eu não sei se é geracional ou se a gente criou isso neles. Eles recebem a sua pauta, executam, até pensa uma coisa ou outra. Mas não tem mais aquela vibração: poxa, descobri tal coisa, eu tenho que largar tudo que eu tô fazendo pra focar nisso aqui. O resto “ah o que o editor vai fazer com as páginas?”, isso é um problema dele. Então eu sinto muita falta... e aí, independente do cargo tá? Repórter, ou editor, diagramador ou fotógrafo. Essa paixão, sabe, que a gente tem pelo jornalismo. Eu acho que isso acaba se revelando depois também. Eu acho que a gente também cria muito esses filhos da pauta, de ficar só cumprindo e tal. Eu sinto falta... Para mim o mais legal é virar tudo as seis da tarde, puxa é isso que me dá adrenalina, é começar de novo, esse desafio. A gente não enxerga isso mais, independente de cargo. Poxa, falta só uma hora pra terminar meu horário e agora surgiu tal coisa. Como se fosse um problema, poxa pro jornalismo os fatos não podem ser problema, tem que gostar disso. Eu acho que tem uma coisa que a gente nas redações acabou criando, mas eles também vem de fora assim sabe. Aquela coisa de o que é a minha tarefa hoje, do dia. Então como é difícil às vezes tu dizer: vai lá e pensa e traz aí o que tu quer na pauta, a pauta é tua. Talvez também... aí tu pensa 40 páginas, não é uma coisa, tu não pode todo mundo ficar tendo essas, esses desafios toda hora, senão não fecha no horário. Mas a gente não enxerga... eu tenho dois que eu posso te dizer, dois da reportagem que tem isso. E eu busco nas avaliações, eu tento valorizar isso. Porque eu acho que é muito... que se for olhar lá no meu tempo isso era o perfil comum, e hoje não é. E não sei nem se eles tem essa preocupação essa geração nova... eles não vem super habilitados em lidar com todas as tecnologias... muitas vezes nem isso motiva, nem isso desafia, esse diferencial também não vem. Eu não sei se tem a ver com a geração, muito eu acho que é, eu tenho um guri de 13 anos e é uma cabeça totalmente diferente, mas eu me preocupo. Isso me faz e eu acho, e eu digo pra eles que a gente tem que parar pra conversar sobre essas coisas. Eu tenho um editor, a gente tem selo exclusivo... eu brinco que a gente criou o selo pro Deni? Não né, só que não. A gente criou... quantos selos a gente colocou... hoje não tem essa coisa. Essa gana, eu vou descobrir antes, vou fazer uma pauta bacana, minha pauta dos sonhos. A gente teve uma época ainda na RBS que a gente fez a pauta dos sonhos anual, que tu podia escolher tua pauta, ficava fora o tempo que tu quisesse, uma semana, 15 dias, o que precisasse... não apareceu candidatos. E é geral. Eu converso muito com a Acione que é consultora do projeto, que ela é professora, trabalhou com a gente lá no início, e hoje ela é coordenadora do curso de jornalismo na UFM, a maior particular aqui, e ela se preocupa muito e acha que isso é de geração mesmo. A gente não encontra, agora na federal a gente conseguiu fazer pela primeira vez firmar estágio com eles. Aí tinha dois que eu dei aula lá na docência orientada e eu falei vou ter que aproveitar esses dois de algum jeito. Aí abriu vaga de assistente de conteúdo que é funcionário, não é estagiário, eu trouxe os dois pra cá. Mas isso é muito raro, muito raro assim, eles se preocuparem. E eu não falo só de mercado. Mesmo pra quem vai enveredar pela pesquisa, eu não consigo vê... mesmo agora nas aulas de mestrado, essa paixão pela pesquisa, essa coisa de eles estarem atentos a tudo, pra tentar pensar as coisas eu não tenho visto. Então eu acho que é muito mais de geração do que o profissional. Então não é o mercado. Não é só aqui na empresa.

*Então como é que tu ver o futuro do jornalismo?*

Eu acho assim... em relação ao negócio a gente já foi pro fundo do poço, eu me sinto voltando há um bom tempo. Eu acho que a gente já teve no olho do furacão, eu enxergo que a gente tá voltando. Sempre minha opinião, minha realidade, quando eu falo minha opinião é a minha realidade. Mas olhando assim a gente consegue crescer nas assinaturas, consegue crescer nos anunciantes, a gente enxerga por exemplo mercados que deixaram de anunciar há um tempão, estão voltando para o jornal... Eu tô enxergando uma retomada. Mas assim: *o jornalismo nunca será como um dia foi*. Muito tranquilo. A gente viveu um período, no início do jornal, em 2005, 2006, 2007, na Zero Hora a gente ainda tinha o plano de participação de resultados e a gente ganhava até três salários a mais em fevereiro. Então tava muito tranquilo. Mas era assim um cenário que a gente não enxergava essa preocupação que a gente... que nos últimos anos da RBS de assim: quantos dias nós vamos durar ainda? Mas eu enxergo uma retomada. Eu acho que tá muito mais na nossa mão, da gente despertar nessa geração nova esse orgulho, essa paixão que nos trouxe pro jornalismo, sabe? Eu acho que nem as faculdades... eu participei... para tu ver como está distante do mercado, na federal eu consegui dar nos três semestres, que só precisava fazer duas docências, eu fiz três docências, e aí pra eles o quanto é importante ouvir o dia-a-dia... e ainda a universidade federal tá infinitamente melhor do que na minha época, hoje tem várias pessoas que atuaram no mercado e tem uma mescla assim... mas ainda assim não teve aula que no final eu não fui aplaudida e não era porque eu era muito boa, mas porque eles sentem essa falta. E se a gente não começar lá, a fazer isso não adianta a gente entrar... aí ele vai entrar aqui, quanto tempo nós vamos demorar para despertar essas coisas nele? Tem que começar lá. Eu enxergo esses dois que vieram pra cá e fizeram trabalhos muito bons, se pilharam com o que foi dito e tanto é que estão aqui. Mas isso tinha que ser uma preocupação nossa desde sempre, traze-los pra cá, a gente ir para lá, falar, eles vem aqui eu falo tudo pra eles... eu chego e digo eu vou falar ou para vocês terem a certeza que é o que vocês querem ou talvez para desistir: vocês sabem o piso do jornalista? Vocês sabem como é que são as escalas? Vocês sabem como é a escala de trabalho? Então eu já dô todas as dicas.

213

*A real.*

A real. Avisa teu pai e tua mãe, se quiser desistir já pensa, não fica gastando 4 anos do teu pai ou tua mãe aí, não vai ficar rico, mas tem isso, aquilo. Eu enxergo que se a gente consegue despertar no contato isso eu acho que tá muito mais na nossa mão assim. Da gente ir até lá, eles virem encontrar com a gente. Porque outra preocupação que eu tenho: vários que saem daqui como estagiário a gente não preparou suficientemente pra aproveitá-los numa vaga que surge. Não preparamos. Hoje mesmo no administrativo me perguntaram se a fulana vai ficar? Infelizmente eu disse não vai ficar. Mas ela não é boa? É. Mas nós não preparamos tudo que ela precisava desenvolver de competências pra numa eventual vaga a gente conseguir aproveitar. Eu tenho vários outros que já tão prontos, mas isso a gente fala com os editores. Está na nossa mão. Não pode ficar com uma pessoa que tu fica dois, três anos, e que tu não preparou. No surgimento de uma vaga ela tem que ser a pessoa para ocupar... e a gente vai desesperado pra fora. E a gente quer alguém que minimamente tem experiência e às vezes é difícil. Claro, hoje já é mais fácil porque tem quilhões de currículos sempre, a gente fica dois anos e não conseguiu preparar...

*Investindo, de certa forma...*

Então eu acho que tá muito mais na nossa mão, tem que dedicar tempo. Então tem que ser uma preocupação minha, poxa eu tenho um subordinado ali que eu tô respondendo por ele que vai chegar no final e não vai ser aproveitado. Então é uma coisa que tem que trabalhar. Eu entro de férias amanhã e em agosto que eu voltar eu quero um planejamento de cada um pra ver como que vai fazer, e no final talvez aquela pessoa que tá ali na cultura, surja uma vaga lá na economia. Que que precisa na economia? Isso, isso e isso, tá. Então o que a gente desenvolveu naquela pessoa... eu acho que tá muito mais na nossa mão. Na escola, na educação os pais não ensinam a trabalhar as frustrações então aqui no primeiro tombo já era. Mas muito a gente tem que contribuir, mostrar o que nos fez ingressar no jornalismo o que a gente enxerga, como é bacana essas coisas. Como que a gente consegue transformar realidades. Isso é da gente. Começar lá na faculdade, começar já. Tudo demanda investimento de tempo, mas acho que isso vale a pena.

## 8.5 Entrevista ED37C

*Eu gostaria que você falasse da sua formação e quando você começou a trabalhar em redação de jornal.*

Eu me formei na PUC em... 2016.... 2011, 12, 13... não! Eu acho que em 2014. Eu confesso que... eu acho que no meio da história eu vou acabar me lembrando.

*Mas, em jornalismo...*

Em jornalismo, em 2010, eu entrei no Correio do Povo. Eu comecei jornalismo, vindo para cá e tinha uma colega lá na Assembleia, tinha uma colega que estava fazendo jornalismo e na época, ela terminou aqueles dois anos que são o máximo de estágio e o Renato, conseguiu colocar ela aqui no Correio. Tinha uma vaga aberta, ele a indicou e ela foi selecionada para trabalhar na web aqui no Correio. Que era auxiliar de web lá. Na verdade, na época chamava agências. Ela não estava trabalhando comigo lá, mas sabia que não estava gostando, e neste dia em que eu disse que não estava mais suportando, que não dava mais, uma pessoa pediu demissão aqui no Correio e ela mandou um email. “Acabou de pedir demissão”. Aí o Renato, me pegou pelo braço, e aí foi a mesma coisa. O Márcio que é editor do site, aí não. Renato... A menina pediu demissão e aí meia hora depois, apareceu o Renato, comigo a tiracolo, e aí o Renato... e aí uma semana depois eu vim para o Correio. Então, foi assim... tudo muito rápido. Não deu para pensar muito. Aqui, no Correio, quando eu entrei em 2009, não, foi em setembro de 2010. Era para trabalhar nas agências, esse setor, antigamente, recebia o telex, recebia as coisas e despachava. Depois, o telex se modernizou. Virou as agências no site e ainda tinha as quatro pessoas que ficavam sentadas, olhando para a parede e pegando conteúdo e separando. E o site do Correio, foi aberto em 2009, se não me engano ainda não tinha um ano o site do Correio quando eu entrei. Então, esse pessoal que estava na agência, começou a auxiliar o pessoal que estava no site, auxiliar a colocar galeria de fotos, esses trabalhos bem de estagiários mesmo. Aí eu entrei e comecei a fazer isso. Fiquei até 2012, nessa função. Aí em 2012, eu ainda estava ainda na faculdade, e tive a ideia, eu moro em Alvorada. Eu tive a ideia de fazer um jornal em Alvorada. Que na época não havia nenhuma imprensa, site nada em Alvorada. E depois a ideia amadureceu para eu abrir um jornal impresso. Tinha, mas era aquela questão: apesar de Alvorada estar aqui ao lado de Porto Alegre e ser uma das onze maiores cidades do estado, era como se fosse uma cidade lá no cafundó do Judas. Precário nesse sentido e um tanto de outros. Aí eu decidi abrir um site e depois, a ideia amadureceu para eu abrir um jornal impresso. Isso em 2011, por que eu percebi que aqui, eu estava fazendo funções burocráticas e em janeiro de 2012, eu pedi para sair do Correio, para me dedicar a esse projeto do Alvorendense. Saí do Correio, em março de 2012, eu lancei o Alvorendense, aí nós lançamos ele como um jornal impresso semanal, 5000 cópias, full color, mais o site 24 horas. E foi assim, em dois meses nós estávamos muito conhecidos na cidade e fora da cidade também, com novos veículos e tal... e isso eu estava na faculdade ainda. Aí ao longo deste ano de 2012, eu comecei a ter problemas gerenciais, por que você tem uma ideia muito bacana jornalística, mas não é administrador. Não sabe tocar uma empresa que tem imposto, tem quinhentas coisas... [tem funcionários] funcionário, folha e fluxo de caixa... todas aquelas questões. não tinha experiência nenhuma e aí nós tivemos vários problemas gerenciais, aí em agosto de 2012, teve a eleições de 2012, aí teve a eleição em Alvorada e aí para a eleição de Alvorada, a gente decidiu suspender o impresso, por que a gente percebeu que a nossa audiência estava muito na web. Aí focou num processo de cobertura para web em Alvorada. Deu muito certo, só que pesou essa questão de grana. Dezembro de 2012, abriu uma vaga aqui no Correio e aí o Márcio, perguntou se eu queria voltar. E eu voltei. Então, eu saí em janeiro de 2012 e voltei em dezembro. Eu brinco falando que era quase umas férias, só. Porque eu sai, abri o Alvorendense, implementei ele e voltei. No mesmo ano.

*E ele continuou existindo?*

Continuou existindo. Aí, em 2013 eu reorganizei o Alvorendense, aliás eu me formei em 2013. Eu disse que iria me lembrar. Porque em 2013, meu trabalho de conclusão foi a experiência que eu tive com o Alvorandense. Porque aí eu me debrucei e estudei academicamente a ideia que tinha feito,

todos os detalhes e pude ver, onde eu tinha errado. E aí eu entreguei o projeto em dezembro, novembro, enfim, no final de 2013, e em 2014, o Alvorandense continuava existindo, mas é como... eu refundi ele. Comecei a implementar noções administrativas mesmo. Por que aí, o meu trabalho de conclusão, serviu para eu ver, o que eu tinha feito de errado. E aí eu coloquei as coisas nos trilhos novamente.

*E tu continuava aqui?*

Continuava aqui. Durante todo o processo de 2013, eu fiquei com o Alvorandense, com o Correio do Povo, com o trabalho de conclusão e eu tenho um filho que nasceu um mês depois do Alvorandense. Eu fundei o Alvorandense em março de 2012, em abril de 2012...

*Um ano bem intenso.*

Um ano bem intenso. E eu aproveitei esse trabalho de conclusão, e eu comecei a implementar algumas coisas no Alvorandense, que deu muito certo. Aí sim. Começamos a melhorar a nossa saúde financeira, aumentamos a nossa cobertura, voltamos com edições impressas semanais, a abrangência começou a ser muito grande e eu continuava aqui no Correio. Aí em 2014, quando eu me formei, por que eu me formei no final do ano, o Correio não pode, depois que você se torna jornalista, nessa vaga de agência, é com carteira assinada. Ela faz trabalhos relacionados à estágio, mas é uma vaga de carteira assinada. Como auxiliar-administrativo, alguma coisa assim. Só que depois que tu te forma jornalista, o Correio não permite que tu permaneça numa vaga dessas. Tu precisa ser promovido a uma vaga de jornalista, para ganhar pelo menos o piso ou dispensado. Não dá para ficar no jornal, formado, numa vaga dessas. E aí não surgia uma vaga para me alocar, o Márcio queria que eu ficasse ali na web, na época o editor de política me perguntou se eu não queria ir para a política, por que aí em 2014, ia vir eleições, só que ele não tinha essa vaga aberta e aí surgiu uma vaga na diagramação. Foi quando a Cláudia me chamou: vem pra cá, por que quando eu voltei em 2012, no final do ano pro site, ainda que eu estivesse nessa vaga, eu comecei a fazer mais infografia para o site. O site não tinha tanto essa parte de infografia, e aí eu sempre gostei de mexer nessa parte com pacote Adobe e tal.

*Você já sabia alguma coisa...*

Já sabia... Como na faculdade eu implementei o Alvorandense, todo o projeto gráfico fui eu quem criei e tal. Já era dessa área. Gostava disso. Aí quando eu voltei em 2012, eu voltei mais focado nisso. Aí pelo menos uma vez por dia, eu fazia uma infografia animada, grande, comecei a ter uma noção de flash e tal... foi muito testando coisa, na época a gente conseguiu implementar vários materiais legais, por causa disso, a Cláudia estava me observando. A Cláudia e o Pedro. Na época os dois chefes da diagramação, a vaga que tem é essa e eu vou chamar para a diagramação. Aí entrei em 2014, e comecei a trabalhar na diagramação do jornal e fazer um projeto especial, uma info especial, uma cobertura diferenciada, para fazer uma coisa gráfica nisso... aí eu acho que em 2014, que a gente fez uma atualização gráfica, que a gente fez, que o Pedro já havia feito e aí eu auxiliei ele, a gente estava ainda aprendendo como é que se faz as coisas... em 2015...

*Mas, além dos especiais, tu trabalhava na rotina diária?*

Todos os dias, a rotina do dia a dia, eu fazia. Nós tínhamos a rotina que eu te falei de domingo, normal, a rotina de domingo, a gente fechava na sexta-feira e depois que fechava o jornal de sábado. Sempre foi plantão, por que eu precisava do horário do dia livre para trabalhar a noite e ficava como plantonista do jornal. Então, o jornal de domingo, eu sempre diagramava sozinho. Porque eu ia tocando, deixa eu que eu faço depois, os editores iam embora e tinha edições, que eu ainda tinha umas oito páginas do jornal abertas e não tinha ninguém na redação. Já tinha ido, tinha a liberdade que o jornal só ia fechar no sábado, meio-dia, então, eu ficava aqui até 1 – 2 horas da manhã, por que eu queria fazer com calma, queria fazer uma coisa diferente, um desenho assim, um desenho assado então, você imagina, eu falo no Correio... mas é por causa disso, eu tenho essa questão de sempre me meter em tudo, e gostar de fazer tudo, sabe? Com o Alvorandense foi muito assim, tudo sabe? Desde do imposto de renda do negócio ali até pensar em cobertura, matéria, coluna, editoria, sabe? Mexia um pouco de tudo, sabe? Isso é muito bacana, para dar uma noção mais ampla do projeto. Aí na hora de pedir uma matéria para o repórter, você sabe quais as

dificuldades que ele vai ter, sabe? A dificuldade de um editor em fechar um conteúdo... essa visão mais ampla é o que eu acho que eu consegui desenvolver nesse processo todo. Aí veio 2017, e em 2017, nós tínhamos lá em Alvorada o projeto eleições e aqui teve o Mais Domingo. Aí eu fiquei mais focado, como eu te falei, nessa parte do Mais Domingo, na criação de infografia...

*De criar o caderno do zero....*

De criar o caderno do zero a primeira vez, a primeira coisa que nós fizemos foi criar o conceito do caderno, não só a parte gráfica, mas como iria ser, que tipo de matéria...

*Que tipo de editorial...*

Quais sessões vão ter para que serve isso...

*E aí era tu e quem mais?*

Eu e a Verediana. Ela continua com essa sessão e eu passei a ser o editor assistente dela depois. No Mais Domingo. Só que apesar de gostar dessa parte de infografia, tu deve ter percebido que eu me meto em tudo. Eu não estou satisfeito, quando eu estou mexendo só com uma coisa. Então, quando eu comecei a me focar muito em infografia, isso começou a me incomodar. Sabe?

*E tinha bastante demanda?*

Tem. Por que o Correio tem demais. Por que o Correio não tinha essa parte não estava bem absorvida. Não por que o comando geral não quisesse, mas, por que *[Não tinha quem fizesse]* exatamente! E como eu comecei a fazer, veio mais demanda, mais demanda e mais demanda. Aí eu comecei a me incomodar nesse sentido. Não é isso que eu quero para mim. Não é ser um infografista que eu quero para mim. Não é trabalhar para jornal e só fazer infografia. Não é isso que eu realmente gosto. Aí eu comecei a pensar de que forma, eu poderia distribuir mais essas demandas. Até um dos projetos mais bacanas que eu fiz para o Correio de infografia, foi uma retrospectiva do ano passado. Foi uma edição do Mais Domingo, foi a última do ano... *[Depois eu vou lhe pedir para tu me mandar essas coisas]* tá! Ela... Nós fizemos todo o Mais Domingo em quadrinhos. Em ComicArts a gente fez assim... dividiu em editorias... Mundo. E fomos contando do início do quadrinho, até o final, todos os assuntos do humano, no internacional, em formato de quadrinhos. Aí depois, teve internacional, teve esportes, teve ensino, dividido pelas editorias do jornal. Teve a crise política, a crise no estado, do Sartori, dos pagamentos, teve cultura, enfim, a gente fez o jornal inteiro e a capa como se fosse uma capa de Gibi. E eu me matei, por que eu estava com algo na época, que eu só consegui pegar a retrospectiva quinze dias antes, um projeto que para você fazer minimamente, você precisa fazer em um mês assim. Eu não me lembro qual era o projeto, eu lembro que eu estava envolvido com alguma coisa, que eu não conseguia mexer com isso, e aí... eu tive a ideia. Eu já tinha tido no ano anterior, mas eu não tinha tido coragem para bancar. No ano anterior, nós fizemos a retrospectiva e foi uma ideia mirabolante minha... que não dava, não dava, não dava e depois nós tivemos os projetos vendidos para o comercial. Que era um mega pôster, que ao invés do jornal abrir – ele tem um recorte – são quatro chapas em uma página e a gente fez quatro posters com chapas frente e verso. E ele era dobrável e ele era uma mega linha do tempo, que você abria e tinha uma mega linha do tempo com todos os acontecimentos do ano. Imagina... A Lava-Jato, o impeachment, aquele monte de coisas, capa do jornal e não sei mais o que. Eu também enlouqueci fazendo aquele troço. Mas, nesse caso, eu sempre me ferro, por que eu me coloco nas situações. E não tem como compartilhar muito a produção do negócio.

*Claro. Por que nem mesmo o pessoal da diagramação tinha como lhe dar assistência.*

Exatamente... E ainda mais com a demanda que eles têm, continuam tendo, né? Então, eu fiz tudo isso do zero,

*Tu sabia que se desse essa ideia, tu teria que abraçar...*

Exatamente e o risco de não fechar, fechar tarde, tanto que aqui no Correio é sempre uma correria. No final do ano, a gente sempre faz o tradicional brinde de natal e ano novo. No último dia de trabalhar no natal e do ano-novo. Que são os dias em que estamos fechando as edições especiais. E

pelo segundo ano consecutivo, eu não participei do brinde, eu era a única pessoa na ponta da redação aqui, trabalhando... por que não dava. Tinha muita coisa atrasada do jornal, para fechar ainda. E o Telmo não ficava na minha volta por que ele não queria me pressionar, porque eu não entreguei ainda não foi por que eu não quis, mas por que eu tenho muita coisa para fazer... e sabe se ficar me pressionando, eu vou me atrapalhar e aí que eu não vou conseguir fazer. Mas, preciso entregar o negócio. Aí ele ficava para lá e para cá, passava por mim, foi, foi, foi... eu só consegui brindar, quando eu consegui acabar tudo e mesmo assim, entregar com algumas horas de atraso. O pessoal da impressão já me conhece, sabe que quando vem esses projetos, sou eu quem estou empatando. Aliás, eu me lembro, qual foi o projeto: a reforma da redação. Porque aí eu me envolvi em todo o processo da reforma da redação. Aí eu já estava pensando na reforma aqui na redação, não apenas estruturais, chegou uma nova direção do Correio...

*Tu lembra o ano?*

Essa nova gestão do Correio que está chegou no final de 2016, início de 2017.

*Aí eles vieram com essa ideia de mudança...*

Isso, por que eles vieram para cá com essa ideia de mudança, só que o jornal estava muito carente. De infraestrutura mesmo. Eu lembro de uma reunião que eu participei, em que eu falei: “olha, não dá para pensar em trocar função de editor, se a gente for ver que o computador dele não abre duas abas. O navegador que tranca, tem uns navegadores muito antigos. Não tem como a gente pensar num repórter produzir mais, se ele não tem ferramenta para isso. Precisamos que vocês invistam na redação”. Depois vocês apresentem um boleto, oh agora tem que fazer isso, mais isso e mais isso” e as pessoas vão responder. Por que elas não fazem, não é por que elas não querem. Mas, por que elas não têm como fazer agora. E foi muito bem aceito pela diretoria e aí começou a se pensar em reestruturar o jornal, montando esse planejamento e aí no meio do ano, veio essa ideia de reformar a redação toda. Aí eu me envolvi em todo o processo desde de contatar a empresa que iria fazer e dizer como queria e fazer as plantas, mudar aqui e lá. E desde... do modelo da mesa e da cor da mesa, o material... a questão macro conceitual, até como vai ser o fluxo de notícias a que material nós vamos usar no tampo da mesa. Do maior ao menor, para tu ver, como é que eu acabo me metendo nos processos todos. E aí veio a reforma, foi logo na sequência, e aí a gente trocou os móveis e, os computadores e aí nessa mudança...

*Isso em 2017.*

Isso, em outubro, novembro e dezembro. Foi esse processo de mudança. Se não me engano, o dia da mudança foi no primeiro final de semana de dezembro de 2017. Aí estava mudando os softwares. Eu acho que o Pedro deve ter comentado contigo do Hermes.

*Ele comentou comigo do Hermes.*

Exatamente. Teve uma atualização, que também foi nesse período. Então, eu brinco que a gente chacoalhou a redação de ponta cabeça, chacoalhou e largou.

*Se criaram setores novos e excluíram outros?*

Não excluímos nenhum. Mas, criamos o multimídia. Que foi nesse momento, que o multimídia nasceu. Imagina, nós trocamos moveis, a gente trocou equipamentos, a gente trocou os softwares, a gente colocou uma nova editoria no meio da redação. E mudamos o fluxo de trabalho. Então, a gente mexeu muito no trabalho.

*E quantas pessoas, mexeu muito no número de pessoas? reduziu...*

Nessa mudança toda, a gente não demitiu ninguém e nem contratou ninguém. Foi tudo com o mesmo processo. Claro, que se você for olhar nos últimos anos, a redação do Correio do Povo diminuiu como um processo natural das redações, mas nenhuma vinculada a tal pessoa. Ah, essa reforma não vai precisar de tal pessoa. Tanto de outubro até agora, a gente não teve demissão na redação. A gente teve a Fernanda que pediu e dois repórteres que pediram para sair e foram substituídos. Então, a gente não encerrou nenhum cargo. Mesmo durante esse processo, a gente viu

que dava... porque a redação do Correio do Povo já é enxuta, né? Então, não dava para mudar. O ideal seria ampliar. O que todo jornalista quer é contratar mais gente, mais gente... como não dava para contratar, mas não precisava demitir, “ vamos organizar o que nós temos para tentar criar esses fluxos dentro da redação”. E por isso, eu digo que a gente chacoalhou a redação, por que a gente fez tudo isso, junto. No final de dezembro, estava todo mundo com novos computadores, novas mesas, sentados em lugares diferentes, por que a gente mudou todo mundo de lugar, não ficou ninguém no mesmo lugar. Para se ter uma ideia, o desenho antigo, eram três filas...

*Você tem alguma foto...*

Eu acho que tenho. Eu consigo. Porque eram três filas antigas, como aqui, tem o multimídia, uma aqui e uma aqui e dois na horizontal. Lá. Que ficava a redação web, o esporte e eu brincava que era um monte de filas e cadeiras e ia sentando o pessoal, sabe?

*Não tinha muito lugar.*

Tinha. A política no canto, todo mundo junto e tal, os móveis caindo aos pedaços, para você ter uma noção, há um ano atrás, dois anos atrás, essa parede que era assim, tinha um carpete, quando eles tiraram o carpete, eles descobriram até uma chapa antiga, do Correio do Povo, que estava escondida atrás do carpete. Está exposta em algum lugar no jornal. Eles tiraram o carpete e tinha [uma chapa de impressão?] uma chapa de impressão. Eu não me lembro que edição que era. Mas, era uma edição importante. Eu não sei por que cargas d'água estava ali... da época da apreensão, eu imagino que deva ser dessa... o que mais tem são essas histórias assim... Aí a gente mexeu muito na redação e aí tinha a necessidade do multimídia. Vamos criar, não vamos contratar e não vamos demitir ninguém, mas aí quem vai ficar no multimídia? Aí surgiu a indicação do meu nome, nessa parte para ficar coordenando o multimídia. Na verdade, eu sou coordenador do multimídia, mas eu fico envolvido até hoje, muito envolvido em todos os processos do jornal. A diretoria e o Telmo decidem o que eles querem fazer e basicamente, eu tenho que operacionalizar aquilo. Entendeu?

*Você participa da redação de pauta?*

Participo. Participava mais, agora eu participo quando dá, por causa do horário do programa;

*É uma reunião.*

É uma reunião. Que serve mais... essa reunião é mais focada no fechamento do impresso. A gente tem, como a equipe é menor, na volta aqui, a gente sempre conversa muito ao longo do dia sobre a produção, pautas, cobertura, com o Marcio, do online, com a Lúcia Mendes, chefia de reportagem e eu aqui. Porque eu não fiquei apenas coordenando os multimídias, os auxiliares. Por isso, não é um cargo de editor multimídia, e sim de coordenador, porque a gente precisa coordenar esse fluxo multimídia na redação. Então, como eu lhe falei, a gente não tem redator e nem repórter. A gente tem que encostar lá na rural, matéria de cinco anos do... compensado. Como a gente vai fazer? Senta a gente, eu, com o editor do rural, com o repórter do rural. Montamos o projeto, hoje à tarde, eu estava...

*É uma atividade, um pouco de gestão?*

Exatamente, hoje, eu estava com a repórter de cultura, conversando sobre o Festival de Gramado. Reúne com o editor, a gente monta, o que vai ser a nossa cobertura do Festival de Gramado e eu bato com Telmo...

*Tu acaba participando de toda a produção do jornal*

Sim. Acabo que sim. Eu só não... A Lu fica coordenando os repórteres. E as pautas mesmo do dia. Eu fico mais com essas questões de coberturas especiais e não necessariamente, com a pauta em si. Mas, com a forma da entrega que a gente tem que ter, com a forma em si. O que a gente tem que ter. Aí depois, vamos precisar de tal coisa e aí passa para a Lu, que ela vai demandar quem vai fazer isso. Essa parte de material, de curadoria de material do que vai ser feito. Em gestão desta cobertura. Por isso, que eu estou sempre envolvido com tudo. Nada que eu acabe não me envolvendo.

*E quantos compõem ali esse setor?*

De multimídia? Nós temos dois estagiários, cinco auxiliares multimídias e uma editora multimídia.

*E o que cada um faz mais ou menos?*

A editora que está chegando segunda-feira, no lugar da Fernanda, ela faz a coordenação do dia a dia deles. Agenda deles, o que cada um vai captar, não sei o que... os auxiliares se revezam em quinhentas coisas. Porque, como eu lhe falei, a gente não contratou. Então, como surgiu esses auxiliares? O que eles faziam antes? Três eram auxiliares de fotografia, ficavam apenas cadastrando fotos no sistema. Outros dois eram da web, naquela vaga de agências, que se incorporou a agência e passou a auxiliar a web como um todo. Eram dois fazendo isso. Nós pegamos esses dois da web, três da fotografia, vinculou eles ao multimídia, alterou a carga-horária deles. Eles eram de seis horas e passaram a trabalhar oito horas e mais uma e aí absorveram as demandas que eles tinham dos dois setores e mais algumas. Na verdade, a gente pegou tudo e concentrou no multimídia. Tem muita coisa concentrada ali. Porque, nasceu disso, a gente precisava pegar pessoas para absorver essas demandas também. Para não sobrecarregar os setores que ficavam sem. Algumas coisas mudaram no processo, hoje, o fotógrafo que faz o cadastramento de fotos, era algo básico assim, como se faz há muito tempo. Mas, com o software que a gente tinha, não dava para fazer. Era muito demorado, e eles não tinham tempo para fazer. Tinha que ter alguém para fazer e o software era usado aquele, por que, a gente estava com aqueles computadores antigos e não dava para usar outro. E com os computadores novos, nós atualizamos os softwares e criamos um novo fluxo de trabalho e os fotógrafos começaram a criar isso. Aí foi essas mudanças pontuais que a gente fez na redação, seguindo outro modelo de fluxo. Os multimídias, não gerenciam mais as nossas fotografias, mas pegam umas fotos de agências que vem para o impresso, que colocam no sistema para disponibilizar para diagramação, são eles que pegam esse conteúdo... eles continuam com aquelas agências, também é uma demanda deles, separarem aquilo por agências, as separações vêm como demanda das próprias agências ali internacional, por exemplo, O Globo, tem editoria de Brasil. Nós aqui, no caso, não temos e aí temos que pegar o conteúdo e ver o que é que se aplica aqui dentro. Para entregar para as editorias. Então eles seguem fazendo isso, fazem a edição de vídeo, captação de vídeo quando necessária, porque a gente pede para o fotógrafo fazer isso ou o repórter. Na rua ele mesmo faz, se é um boletim, o fotógrafo segura o celular e ele filma o repórter. E manda para a gente publicar no Twitter, coloca no Correio para ter esse sempre a cobertura ao vivo, e a gente pega o material e vai fazendo os boletins ali, dos consolidados. Então, os auxiliares também fazem a edição desse material, fazem a edição e a produção desses programetes que a gente tem para web, ou para CineCP... ou Drops de arte e agenda, o Carros e motos, o direto da redação eles auxiliam em toda essa produção. E o que mais vier. Eles são os braços para tocar a coisa. Para fazer a coisa sair, acontecer. Mas, todo o trabalho deles é feito com a supervisão da editora de multimídia, e também eles não produzem conteúdo. Eles apenas fazem a lapidação disso. Como eles são apenas vagas de auxiliares, eles não saem para fazerem uma entrevista por exemplo, se eles saem para captar, eles estão sempre acompanhados do repórter, vai segurar a câmera... vai fazer imagens...

*Eles têm uma tutoria, né?*

Eles nunca estão fazendo nada sozinhos, mesmo por que, a gente tem um perfil bastante eclético. Tem estudante de jornalismo, tem PP [Publicidade e Propaganda], tem estudante que não é de jornalismo. Mas, tem expertise em outras áreas técnicas, porque é importante. De jornalismo, mesmo, é a editoria de multimídia que gerencia isso. E os estagiários são da mesma leva. São dois cargos de seis horas, o Eduardo que é um dos estagiários, fica só com o Direto da Redação. Faz a produção, as laudas, eu vou acompanhando essa produção dele, e ele faz a transmissão da OBS depois.

*Em relação a essa estrutura do setor, parece que mudou de lugar e teve uma posição mais central, foi o responsável pela web, que ficou na continuação ali do multimídia?*

Isso. O Correio já está há um bom tempo, assim como outras redações está trabalhando conteúdos para web, com o mobile first, enfim, tudo tem que convergir para web, para ti ter uma noção, há dois anos atrás – três com certeza, dois talvez – a web era separada lá no canto.

*Era separado.*

Separado lá no canto. Tinha uma pessoa do impresso que se quer sabia quem trabalhava na web. Porque é tão distante, e tem uma porta ali, que tu nem vê as pessoas entrando. Então, tu imagina a mudança de conceito, que não é só de conceito.

*Não. Dar centralidade.*

Porque tu nem lembra... se quer vê eles ali, entendeu? Então, você nem se lembra que tem que fazer... enfim... Aí eles vieram e ficaram naquele canto lá e aí nessa mudança “ah, vamos colocar eles no meio”, porque tem que ser um negócio... agora, nós mudamos todos os softwares, mas a web segue com o antigo deles. Então, o nosso processo de integração vai estar 100% feito, quando o Polopoly. Eu não sei se o Pedro te explicou dos quatro pilares desse software o Hermes. É o Hermes, o Polopoly, o Act e o Desk. O que ele te mostrou foi o Hermes.

220

*A estrutura deles.*

O Act é entrada de conteúdo. O repórter pode escrever pelo celular, pelo computador, como o endereço é pela web, os correspondentes fazem lá direto e cai direto na nossa... aqui pro Hermes. O Polopoly é o CMS do site. É o que vai operacionalizar o site, a estrutura a parte de trás do site. Quando o Polopoly estiver ativo, todo o conteúdo que entra pelo Desk, entra pelo Act, vai estar também disponível pela web. [*Automaticamente?*] Automaticamente, dentro do Polopoly. Então, a gente vai conseguir mesmo que o fluxo seja circular em tudo. Vai e volte. Matéria da web pode ir para o impresso, por que antes para você ter uma noção, antes tinha a integração, mas a integração era mandar por email, *control c e control v* e colocar lá. Estamos falando de uma forma totalmente diferente. Todos vão ter o mesmo sistema. E o Desk é o grande pai que armazena todo esse conteúdo. Hoje, nós temos o CP Memória que é o arquivo de fotos do jornal [Patrícia: Que é desde 2007] exatamente. O Desk vai ser o CP Memória 2.0. Ele não vai apenas armazenar as fotos antigas, mas as novas do jornal, do dia a dia, como também documentos, vídeos e todo o tipo de conteúdo seja ele em PDF, fotos, vídeo, texto, o Desk vai ser um grande armazenador de conteúdo.

*Como foi escolhido esse sistema... foi uma coisa do grupo ou...*

Foi apresentado, o Hermes já se trabalhava com ele há muito tempo no Correio, e é uma atualização do Hermes esse pacote novo deles.

*Vocês já trabalhavam com ele antes de ter a modernização, então...*

Já trabalhava com eles já...

*Mas, uma versão mais antiga.*

Uma versão bem mais antiga que a gente não conseguia atualizar por causa dos computadores. Então, os computadores eram uma necessidade, então, tem que trocar. Por que o Hermes estava tão antigo, que corria-se o risco de acontecer um problema, e ele não ter mais manutenção, não tinha mais equipe de manutenção. Aí como iria fazer? O jornal não ia sair? Teve uma vez, um dia que o computador, eu não lembro qual era... pegou uma ar-condicionado lá no TI... estava estragado. O ar condicionado estragou lá na sala em que ficam os servidores, em um final de semana, o ar condicionado estragou e ao invés de refrigerar, ele começou a aquecer o ambiente. Imagina, em uma área de servidores. Ele começou a subir, subir a temperatura e começou a cair todo o sistema do jornal. Da empresa inteira. Tanto comercial, como RH, tudo. E a minha redação, tudo. Eu lembro que quando chegaram para ver o que tinha acontecido, RH, TI... O negócio estava há mais de 40 graus. Estava na eminência de pegar fogo, aquele troço. Imagina, só que um dano desses não se recupera em uma, duas horas. E para fechar o jornal nessa hora? Eu lembro que a gente começou a chamar enlouquecidamente, todo mundo para o jornal... e eu tinha desenhado o projeto gráfico do jornal no InDesign por que eu gosto do pacote Adobe. Então, eu montei todo o projeto gráfico no InDesign e eu montei todo depois eu passei ele todo para o Hermes. Então, eu tinha ele todo no InDesign... só que assim, para ti ter numa redação deste tamanho um pacote Adobe funcionando, você tem que ter 500 outros penduricalhos para funcionar, para todo mundo possa trabalhar juntos, não é só abrir o InDesign e deu. E eu estava sozinho. A minha máquina era

a única que tinha o InDesign e tinha que fazer o jornal todo. Aí começa a desenhar um jornal de 8 a 16 páginas, só para dizer que não deixou de circular, com colunistas, não sei mais o que... vocês passam tudo por email, que eu vou baixando tudo ali e colocando um por um e imprimo e faz a revisão. Assim, as dezesseis páginas. Lá pelas tantas, eu acho que 9 – 10 da noite, eu acho que voltou, conseguiu recuperar parte do sistema, e a gente migrou para o Hermes e aí que deu o alerta: “não dá, a gente tem que ter um plano b” e aí se investiu um monte na TI... em novos servidores,

*E aqui tem programadores... pessoal de T.I..*

Tem. Tem. Tem... e aí trocaram todos os servidores, os serviços de refrigeração, agora, é automático e tem plano b e c. A gente tem pacote Adobe para metade da redação – para metade da redação, não. – mas, todo o pessoal do multimídia tem o pacote Adobe para o pacote de vídeo e tal, a gente tem os projetos gráficos salvos num plano b fora do sistema e tal... criou-se todo um sistema de emergência por que a gente não sabia como ia ser. *[um plano de emergência]* mas, foi quando se viu que não dava, que tinha que fazer investimento e a empresa investiu muito nesse período. Equipamentos, celulares novos, a primeira cobertura multimídia, que o setor multimídia estava trabalhando e mostrou a que veio, foi o julgamento do Lula esse ano. Eu cheguei aqui às 4 da manhã, para essa cobertura, a gente conseguiu novos computadores, novos celulares, novos microfones, microfones nem tinha antes, microfones, celulares, power bank, o que mais... tripé... a gente equipou o multimídia na cobertura do... tudo. Mas o resto todo não tinha. Para a cobertura do Lula a gente montou um planejamento que não me interessava, quais eram as nossas limitações, era o que a gente queria fazer. E a gente apresentou: a gente pode fazer uma cobertura deste tamanho. Mas, a gente precisa disso, daquilo e daquilo outro. E conseguimos esses investimentos e aí... a gente montou uma cobertura, eu acho que todo o jornal ficou mobilizado nessa cobertura, eu acho que fora dessa cobertura, só estava o esporte e Arte e Agenda, o resto todo estava envolvido nisso. Na rua e por que uma coisa leva a outra... Lá no Alvoradense, quando eu fiz a cobertura de enchentes e eleições, eu aprendi que quando se está no o live na rua, eu ficava com o celular na frente do negócio, e falava três, quatro minutos e não tinha mais informações e fazer o que? Por que se eu estou sozinho no negócio, não tem mais como apurar mais informação para dar ali. E o sinal era ruim, às vezes caía, às vezes travava, às vezes ficava pixelizado, enfim... aí teve uma vez, uma greve de transporte público, eu ainda estava no Alvorandense, um parêntese: quando em 2018, me ofereceram a vaga de coordenador multimídia, eu vi que iria aumentar muito as minhas atribuições aqui, eu decidi encerrar o Alvorandense, entre um e outro, eu decidi pelo Correio, por que não dava para tocar um e outro. Então, desde desse ano eu estou só com o Correio. Eu estou fazendo mais coisa, porque eu estou só com o projeto do Correio. Foi quando eu tive que decidir entre uma coisa e outra. Mas, enfim, lá no Alvoradense, eu fiz uma transmissão com uma repórter na rua, ela me mandava takes de vídeos curtos, eu ficava na redação e ia pegando o material dela pelo WhatsApp, e colocando na transmissão. Aí, enquanto ela não mandava, e enquanto ela não mandava, eu ficava na redação apurando outras coisas e falando. Eu estava apurando o OBS, com uma TV na minha frente, servindo de monitor para mim e a web cam em cima da tv. Aí o teclado e o mouse, ficava comigo em cima da bancada. Então, eu estava falando com as pessoas e operacionalizando o OBS, quando entrava e quando saía e uma pessoa do meu lado, chegou material da rua. Agora, tem um print de gente colocando fogo no pneu não sei onde e a gente ia colocando, ali. Eu fiz com três pessoas essa cobertura e deu muito certo. Então, eu vi com essa experiência de lá, eu resolvi fazer isso lá, só que eu estava com três pessoas. Mas, se o eu fizer isso, no Correio, com a equipe que o Correio do Povo tem, a gente vai fazer chover, e foi o que aconteceu. A gente ficou das 6 da manhã às 7 da noite ao, o dia inteiro da cobertura, ininterruptamente. Colocando os protestos, as pessoas iam para a rua e iam mandando, só que eu não tinha uma pessoa na rua, eu tinha vários repórteres. Eu tinha gente no Guaíba, eu tinha gente dentro da sala *[interrupção]* tinha gente no parcão, tinha pessoal em 500 lugares, em todos os lugares, mais a transmissão ao vivo do negócio e eu fiquei em pé na redação, de ancora, só administrando o material que vinha e eu tinha a Fernanda, que estava de editora do meu lado, imagina se... no Alvorada eu fiz quatro horas disso. Quatro horas com três pessoas. transmissão não sei o que, no Correio eu estava mega tranquilo. Porque tinha alguém na operação, tinha alguém na operação fora, coordenando isso, mais o pessoal da rua, mais o pessoal aqui dentro vendo, se estava acontecendo coisas e mais a cobertura do site. Então, todo esse pessoal... por que o lance é o seguinte: a gente está concentrado aqui no multimídia, em entregar novas formas de conteúdo. Mas,

a entrada disso, continua acontecendo. A mudança disso, foi só... reaproveitar esse material de uma outra forma. É reembalar ele, entendeu? Esse material que já vinha, a gente vai decupar ele, esse para uma linguagem de web, esse para uma linguagem de site, esse para uma linguagem de impresso, a gente vai embrulhando ele de formas diferentes.

*Mas, é uma outra expertise. Vocês começaram a ter que lidar...*

Nesse dia, teve editor que não tinha nem twitter. Aí na saída, vamos mandar por twitter. “Mas, eu não tenho twitter”. “Vamos fazer agora”. Aí, saiu para fazer boletim, segurando o celularzinho, aqui no parcão está acontecendo, tal e tal coisa. Não sei mais o que...”

*Saber fazer vídeo, editar...*

Sabe? Porque escreve um texto muito bom. Mas, gravar um boletim? Com a câmera parado ali na frente? Com as pessoas falando, ali na frente e não sei mais o que? Como eu tinha a experiência do Alvorandense, eu estava no meio da redação, com a redação tumultuada. Com o monte de coisa acontecendo na cidade e a gente tendo que cobrir e telefone tocando aqui e eu falando blablabla... às vezes, vinha da Guaíba um entrevistado, descia comigo de lá e entrava ao vivo, peguei Juremir, peguei Mendelski, foi naquele dia que o Kim Kataguirí teve aquele lance na Guaíba. Tu te lembra? Eles saíram do programa e desceram para falar comigo, mas como eu estava, no programa, eu não vi esse rolo todo acontecendo. Então... como é o nome dela? [Patrícia: Eu não vou lembrar] enfim, ela saiu e foi embora. E o Kim continuou no programa. E o Juremir e ela desceram e entraram ao vivo comigo. E eu entrevistei os dois, mas eu não estava sabendo o que tinha acontecido. Por que eu estava acompanhando aqui, e depois quando acabou, que a gente foi ver, que aquilo estava repercutindo no Brasil inteiro. Na hora, eu nem questioneei ele, perdi a oportunidade de ter surfado na onda. Eu vi que eles chegaram e comentaram: “Báh! tu viu aquela atitude?”, eu vi que tinha acontecido alguma coisa. Mas, eu não vi o que que era... Mas... a gente. Mas, foi a segunda cobertura que a gente fez mais redondinha, nesse modelo foi a greve dos caminhoneiros. Com o pessoal do interior mandando também. Mas, a greve dos caminhoneiros teve uma audiência de 60 mil... um negócio muito grande. Foi quando a gente lançou o Direto da Redação, só que a gente não sabia... foi testando, testando, testando... aí veio a greve dos caminhoneiros e não dá para testar. E aí foi...

*E o Direto da Redação fica no canal do YouTube?*

Ele é transmitido ao vivo no Face. E a gente leva depois para o YouTube. A ideia é que seja transmitido ao vivo Face, Twitter e YouTube. A gente só não está fazendo isso agora, por que como a gente tinha vídeos antigos, a gente via um vídeo legal e subia no vídeo do Correio. E um desses vídeos lá, eu não me lembro se em 2012, que o caso de várias mulheres peladas caminhando por vários pontos de... tinha um vídeo sobre esse caso, que esse ano, eles decidiram classificar como pornografia e nos deram uma punição. E nós ficamos três meses sem poder fazer transmissão ao vivo. Um vídeo de 2012, que tinha 8 segundos e aparecia nos três segundos finais. Um relance da mulher. Um vídeo de 2012. Eu não sei, se denunciaram, mas enfim, a gente tomou essa punição e não estou podendo fazer ao vivo. Então, passa lá, mas, a ideia agora, é termina em agosto...

*Aí não vai para o site, né?*

É que agora, o Direto da Redação, fica destacado na capa do site, quando está acontecendo, mas depois ele fica reposicionado ali, mas é o embeded do Facebook. É por que nós não temos um reprodutor de vídeos. A gente usa o YouTube. O YouTube é o nosso reprodutor de vídeo oficial. Então, isso gera alguns problemas, alguns conteúdos sensíveis a gente não pode colocar, mas o YouTube tem a audiência nativa dele. Uma audiência que se a gente só [falas sobrepostas] então, tem vídeos nossos que tem uma audiência muito boa, teve um que eu me lembro que estava o Carnaval, da Paraíso do Tuiuti, e vi no facebook as pessoas comentando sobre aquele caso. E eu estava deitado na cama, li no WhatsApp. Vai na FP pega as fotos do desfile, coloca o samba enredo da escola e a sequencia de fotos e sobe para o YouTube. Só para a gente ter esse material para colocar nas matérias. O vídeo entrou e ficou na nona posição dos Trends do YouTube naquela semana. Porque a gente foi os primeiros a colocar e não era vídeo, era foto da escola. Era só o samba-enredo com fotos da escola. Na verdade, o que a gente começou a perceber é que a gente

tinha que ter algumas ações, como as que os YouTubers mesmo fazem... no jornalismo. Tentar trazer isso para dentro do jornalismo. De que forma, que dá para trazer isso, por isso, que no Direto da Redação, eu brinco, “aí, perdi ao vivo. Me desculpa é isso mesmo”. Passo o tempo inteiro conversando com as pessoas e tal. Porque eles não querem assistir ao Jornal Nacional [Patrícia: Sim... É outro formato] é outra coisa. Eu vou conversando, eu quero ter uma conversa com as pessoas. então, eu estou tentando ter mais esse lado, entendeu? Pegar, as noções do que as pessoas estão falando, por que você vai pegar vídeos no YouTube e tem vídeos bons e vídeos merdas.

*Sim... Tem coisas que não tem produção nenhuma.*

Esse não é o nosso esforço jornalístico. Mas, é o que talvez a gente precisa para ser a porta de entrada para um conteúdo jornalístico mais elaborado. Na cobertura da prisão do Lula, a gente fez ao vivo do julgamento do STF. Jurando que depois que votou o julgamento, que não deu a liberdade, o que só daí quinze ou vinte dias ia ter ordem de prisão. Então, eu fiquei aqui até uma, duas da manhã tocando essa cobertura, no outro dia todo mundo de ressaca, à tarde estoura o pedido do Moro. “Eu não acredito”. Aí que entrou ao vivo com as informações que a gente tinha. Aí começou a fazer boletins ao vivo à medida que foram surgindo novos fatos.

223

*E tem uma média de audiência?*

Quando é assunto Hard News que entra boletim ao vivo a audiência dispara. É uma audiência muito forte. Quando é um direto da redação, quando são assuntos que não tem apelo, são assuntos banais do dia a dia, dá uns dois mil... mil e quinhentos... mas, uns dois mil dá. Agora, ontem, teve uma audiência um pouquinho melhor, por que, teve chuva e neve congelada e as pessoas, se interessaram pelo assunto, semana passada teve pesquisa eleitoral, o Povo deu e as pessoas se interessaram pelo assunto. Isso aí já dá um pico maior. Agora, a greves dos caminhoneiros a gente chegou a 60 mil. Do Lula também se chegou a esses números, por que eram coisas que iam acontecendo e a gente entrava... e o que acontece é isso também... a gente pega um espaço que não está sendo disputado. As televisões colocam os plantões, mas as pessoas estão na web. A gente entra com um plantão na web em vídeo. Então é isso que dá certo, as pessoas estão cansadas de ler textos e querem saber...

*E estão muito na frente de computador, celular...*

Já chegou informação para a gente de pessoas que estão no carro nos ouvindo. Eles colocam na transmissão e ficam nos ouvindo. Isso demonstra as formas de consumir o conteúdo. Nesse do Lula começou com plantões e a gente achou que iria acabar, acabar e não acabava nunca e foi até sábado de noite e a gente fez toda a cobertura. E depois, a gente montou todo o material que foi especial e a gente montou a cronologia, desde do julgamento até a entrada dele na carceragem, um vídeo de sete ou oito minutos em que a gente narra – na verdade, não tem narração – mas, são trechos do ao vivo, com trechos de matérias da FP, que é a nossa agência internacional que a gente pega material, que vai contando a história e começa com o repórter dizendo: “começa agora, no STF o julgamento” e mostra cada ministro falando, aí a ministra Carmen Lúcia dá o veredito, e aí aparece eu falando: acaba de sair a decisão do STF, não sei o que... e aí parece o dia 22, 23 não sei quanto “e atenção! O Moro acabou de decretar a prisão do ex-presidente Lula e a partir daí vai mostrando toda a cobertura que a gente fez”. Ficou bem legal o material e assim, esses são trabalhos mais elaborados, mas que estão também com uma linguagem mais de web, que as pessoas conseguem acompanhar de uma forma não tão formal e tal. É por aí que nós estamos nessa vibe de produção e aí tentando misturar esses novos caminhos sem deixar de focar naquilo que a gente faz e faz muito bem e eu acabei indo para essas outras áreas e acabei nunca mais fazendo os gráficos gigantescos. Se bem, que do Lula eu fiz. Na cobertura do Lula, foi legal, por que tinha um infográfico maior, a gente foi lá e conseguiu autorização para entrar na sala dois, três dias antes e aí eu fiz uma maquete 3D da sala. Eu não tenho conhecimento nenhum de software 3D. O que eu fiz – mas, reformei meu apartamento no ano passado – então, eu sabia aqueles programas de desenhar reforma, sabe... eu fui lá, tirei as fotografias e vi como era tudo, vi como eram esses programas virtuais Leroy Merlin, não sei mais o que, montei a estrutura, tirei de lá, aí em cima disso, eu fiz no illustrator, tu vai olhar como ficou a versão final e você nunca vai imaginar que foi dali que eu fiz.

Mas, não tenho esse conhecimento e como eu te falei, eu gosto de tanta coisa, que eu não consigo aprofundar o meu conhecimento em nada...

*E 3D é uma coisa que é um universo à parte.*

E tem que ter um tempo para se dedicar. Não é assim, sentar e começar a fazer. E aí eu fiz aquele negócio e ficou muito legal. E aí eu montei. A gente tinha a edição do final de semana, e de sexta-feira. Eu acho que de segunda... eu acho que teve um esquema assim, o julgamento foi numa segunda-feira... eu lembro que foi numa segunda-feira, e a gente tinha uma edição de final de semana e a edição de segunda para dar material. E a gente ia segurar o infográfico para segunda-feira, para dar o serviço e o infográfico. Na sexta-feira de noite, ligou a repórter de política e disse: “eu consegui, o esquema de segurança que será implementado na segunda-feira. Eles vão fechar o espaço aéreo”... e a secretária não queria divulgar esses dados. Ela conseguiu com uma fonte dela, todo o detalhamento do projeto. E aí eu acrescentei essas informações naquele infográfico. “Vamos dar tudo, agora”. Já que é um material que só a gente tem... vamos dar agora, por que se for dar só na segunda-feira...

224

*Claro, pode ser que mais alguém apresente.*

Eu dei a página toda e o que aconteceu? No mesmo jornal de domingo, a Zero Hora deu um infográfico igual! Pega as duas edições, não foi cópia nossa, nem cópia deles, só o diferencial que o nosso tinha as informações corretas e detalhadas, que era o trabalho que a repórter tinha conseguido... o número de efetivo, só que o trabalho de infografia, o mapa 3D... a estrutura foi exatamente o mesmo. aí eu olhei a posição da mesa, “meu Deus, se eu tivesse dado na segunda-feira”

*E lá tem uma equipe exclusiva para fazer isso.*

Eu teria perdido esse infográfico. Teriam achado que eu copiei do Zero Hora. Depois pega essa edição.

*Eu me lembro dela...*

Foi no domingo anterior ao julgamento do Lula. O Lula foi 25, eu acho, de janeiro, foi no domingo anterior ao julgamento do Lula e pega a Zero Hora. Tem exatamente a mesma infografia. O deles traziam outros dados aqui, a minha era uma página. Mas, era exatamente a mesma infografia. Quando eu olhei, eu pensei: ainda bem que eu não segurei. Porque, qualquer coisa depois, eles iam dizer que era cópia. Mas, era muito igual o conteúdo e a gente deu, por que precisava dar uma cobertura boa, precisava desse tipo de coisa, mas, como você falou é uma equipe inteira para fazer uma infografia, aqui a gente está fazendo quinhentas coisas e está fazendo isso também. E não ficou devendo em nada, a cobertura nesse sentido. No caso da web foi só nós que fizemos isso de cobertura ao vivo... inclusive depois a gente ficou sabendo que o R7, por que até então, nós não tínhamos um alinhamento com o R7. Que é da Record. Por rixas internas assim, de diretoria com diretoria que na época, eram outras. E eles não podiam usar nada deles e eles não podiam usar nada nosso. E ver essa cobertura do Lula e a gente fazendo chover, depois eu fiquei sabendo que eles arrancaram os pulsos por que eles não podiam usar nada que nós estávamos dando. Agora, a gente foi para São Paulo e fechou parceria e o pessoal da redação lamentando...

*Isso quando? Faz quanto tempo que começou essa parceria? Faz pouco tempo?*

Faz... Eu acho que eu viajei para lá, em maio, ou março, uma coisa assim. Porque tinha antes, como eu estava falando...

Então, não tinha intercâmbio de conteúdo?

Não. Agora a gente tem. Por isso, que eu te falei, a gente está fazendo Festival de Gramado, por que a gente tem uns acordos comerciais, porque as vezes, eles conseguem a venda de coberturas especiais lá em São Paulo, muito mais próspero, só que ele não tem essa expertise lá. E a gente tem. E não consegue vender. Então, a gente teve que montar essas parcerias, vocês montam essas parcerias, vocês vendem... e as questões comerciais veem como vai ser isso e a redação monta. Por

que para nós o que importa é fazer cobertura. É trabalhar e fazer um trabalho bem legal. Só que tem que ver como viabiliza isso. Se lá em São Paulo, tem como fazer isso, a gente começou a fazer isso. Principalmente, demanda de rural. A gente está com um projeto para lançar, no meio de rural, principalmente na parte de multimídia, São Paulo tem interesse, tem mercado, e eles não tem essa expertise e nós aqui temos anos de tradição trabalhando com rural.

*Trabalhando com essa temática de rural.*

Exatamente. Estava por aí, eu citei essa infografia do Lula, por que, tirando essa, eu devo ter feito umas duas ou três assim, por último. Eu não tenho feito com tanta frequência e algumas coisas eu tenho passado para alguns auxiliares e não tem feito infografias mais elaboradas como a gente fazia antes... por causa de dedicação mesmo de tempo.

225

*E parece então que tu tem um poder de decisão bem grande, no que a capa do jornal produz. De um modo geral assim...*

Sim, acabou que assim, foi por essa experiência que eu tive fora do jornal. No Alvorandense e está aqui no Correio desde 2010, e ter vindo lá das agências e ter passado por vários setores e tal, eu tenho essa liberdade no jornal, dada pelo Telmo, essa confiança dele e por me envolver em outros processos mesmo, como a reforma do jornal, que envolve conteúdo. Por isso que eu preciso tanto essa editora de multimídia, que ela realmente que toca o dia a dia do setor. Do contrário, eu não conseguiria fazer isso, porque tem um monte de projetos maiores, para ir tocando e ir direcionando, né? Mas, quando eu disse que eu já fiz de tudo no jornal, eu já fiz fotos, vídeos, matéria, textos, já teve matéria minha de capa, foto minha de capa, coisas que não são da minha incumbência fazer, mas por algum motivo ou outro, eu acabei fazendo. Por causa disso, que hoje, eu consigo ter a liberdade para propor algumas coisas e tal... porque eu já me meti em um monte de coisas para ter espaço. Quando eu falo me meter, parece que eu não tinha espaço e que estou forçando a barra. Na verdade, não foi assim, sempre que solicitado pelo pessoal dos setores, enfim, e também agradeço, por que a redação do Correio, um diferencial é esse. É um clima mais tranquilo de trabalhar. Você vai pegar outros jornais, a própria RBS o pessoal que saiu de lá e veio para cá, por que o mercado é pequeno e a gente sabe de tudo, né? As pessoas falam muito disso. Eu não posso falar, por que eu nunca trabalhei lá. Mas, eu acredito muito no que dizem a respeito, deste clima de competição, de gente que tem medo de tirar férias, com medo de alguém pegar o lugar, de um passar por cima do outro, deste clima muito competitivo. Que eu acho até muito normal em redações. Infelizmente, abrindo o jogo. Só que aqui no Correio, não tem muito isso. as pessoas são mais tranquilas nesse sentido. Por isso, e só por causa disso, eu acho que eu consegui ficar tanto tempo no Correio e sair lá debaixo e estar hoje, na coordenação do multimídia. Porque, o clima da redação me permitiu, as pessoas me permitem isso. Ninguém me vê, como se eu estivesse tomando o espaço delas. Ou querendo mandar nelas. O fato de ir ali e propor uma pauta, o fato de ir ali e fazer uma foto e ir para a capa, desde da web em que eu fazia infografia e que não é a minha atribuição fazer, sempre tive espaço para isso, as pessoas sempre receberam bem e eu acho, que por causa disso, as pessoas sempre receberam bem no Correio. Do contrário, eu tenho para mim, que se estivesse em uma outra redação, eu não teria conseguido fazer essa trajetória que eu fiz no Correio. Eu não teria espaço para isso, ou algumas pessoas poderiam se incomodar tanto comigo, que poderiam me cortar, entendeu? Não sei, talvez não, mas eu tenho essa impressão. Que a redação do Correio é mais tranquila, que dá para trabalhar, as pessoas, não tem esse clima tão competitivo, me permitiu ganhar espaço. Por que as pessoas são mais tranquilas e a gente consegue trabalhar do contrário. Eu não conseguiria mexer, imagina... mexer na redação toda, mexer nas posições, nos lugares. Em todo o processo de mexida do Correio, eu tive apenas um problema. Pontualmente, com uma pessoa, que no outro dia foi resolvido. Com discussão ali, por causa de lugar, foi um. Em uma resação inteira. A gente mexeu em 100 posições...

*São quantos na redação?*

Só aqui, em termos de posição de mesas, nós temos 54. Se não me engano. Só que tem pessoas em dois turnos, três turnos. Então, dá umas 70 pessoas, tem mais vinte ali e dá umas cem pessoas tranquilamente.

*Trabalhando na redação.*

Em todos os turnos. E em todo esse processo na redação, teve um problema só. Que foi resolvido no dia e eu imaginei que seria muito pior, e no dia, as pessoas acabaram se envolvendo e tinha o pessoal da limpeza aqui, trabalhando e tal e eu coloquei o pessoal na mudança, imagina, ter que desmontar toda a redação, não tem como fazer isso em uma semana. Tem que fazer isso em uma noite. Sexta-feira, o pessoal fechando o jornal e a gente recolhendo mesas, jogando coisa fora, para não passar a sexta-feira toda, desmontando, tirando o material daqui, para sábado, ficar desmontando a redação toda de redação, em redação. Colocando o pessoal da web aqui dentro e na sexta-feira de noite, sábado de noite arrumando todos os computadores, por que domingo, o pessoal ia chegar meio dia e a redação teria que estar tudo arrumado. Então, a gente desmontou a redação sexta-feira de noite e no domingo de manhã estava tudo montado. Foi uma peleia.

*Nossa, que mão-de-obra. Então, nessa rotina tu interage com o jornal como um todo. Eu iria perguntar com quais profissionais você mais interage assim... mais é direto com os editores, com os repórteres se precisar, talvez um pouco menos...*

Hoje, eu estava falando direto com a repórter. Porque depois que a gente passou pelo processo de edição multimídia, a gente teve que falar muito, a gente quer assim, a gente quer tal coisa, então, teve que falar muito com o repórter. Ah, vamos fazer assim, não treme tanto a câmera, faça vídeo curto, por que demora para mandar. Então, agora, teve essa matéria toxoplasmose, a editora multimídia, mais a editora multimídia principalmente, reúne com o repórter, o fotógrafo e com o editor responsável, a gente fez isso com a KISS, essa matéria tem que ser assim, assado. E às vezes eu participo, dependendo da demanda que eu estou, às vezes eu não participo, mas depois me reportam. Acordamos assim. e aí, troca o projeto.

*Ali com a diagramação, hoje, você tem menos contato.*

Bem menos. Bem menos. Porque, hoje eventualmente, é só quando tem gráficos, eventualmente, como nas eleições por exemplo, toda a parte gráfica das eleições fui quem fiz. E eu já estou montando os modelos para passar isso à diante. Aí sim, tem que ficar ali, tocando, esperando espaço e como, eu tenho experiência em diagramação, eu abri a página toda para o editor, o editor, foi fazer a parte dos textos e eu fiquei com os gráficos para montar.

*Por que eu vi ali que os editores vão ali e negociam com o pessoal da diagramação, já tem esse fluxo que é da rotina. E eu vi que tem um CP Especial...*

CP mobil?

*Não. Não. No desktop. Especial que é naquela plataforma Atavist. Para produção de conteúdo que eu vi que é um conteúdo especial diferente é online, e teve uma premiação há pouco tempo. Como aquilo está integrado?*

Ah sim. São as pautas. Essas pautas especiais que passam pelo multimídia... e que a gente define como são as formas de entrega delas. No caso do Atavist a gente está usando menos, por que, o Atavist não nos entrega taxas de audiências. Então, para a gente não é interessante e como o site novo, está em formatação do software, como vai ter o software novo, é como se o Atavist fosse entregue ao site novo. Essas funcionalidades vão ser inerentes ao site novo. Não vai precisar de um serviço terceirizado. Por enquanto a gente está trabalhando muito com o Atavist e com o PlayBus para as matérias de domingo, principalmente. Aí a gente define por dias, tem matérias que a gente pega a versão do impresso e leva para web, com um outro ajuste de vídeo e tal. E tem umas que a gente faz completamente diferente. A última que a gente fez isso, foi a do leite compensado que a gente fez duas matérias. Uma para o impresso que foi o Correio Rural, está no Correio Rural, quatro páginas e outra para web que é uma outra versão, uma outra temática, também sobre os cinco anos do leite compensado, mas em uma outra de linha raciocínio, porque o editor que nos trouxe a pauta ele queria lançar ela num prêmio. E a gente pensou: a gente não vai conseguir esse prêmio, por que ela tem que ser exclusiva para web. Estou reproduzindo coisa, não vai... e aí ele fez duas matérias, uma só para web e uma só para o impresso. E tem umas outras que aconteceu na greve dos caminhoneiros, teve uma matéria feita na edição impressa, do Mais Domingo, e aí a editora do multimídia, a Fernanda, e com a ajuda de uma auxiliar que estudou jornalismo, fizeram uma versão no Atavist, que era o Diário da Greve. Era todos os dias, como havia ocorrido a greve. Essa foi uma produção do multimídia, que agregou no final de semana.

*E vocês chamam aquela matéria em algum lugar no site?*

Sim... vai para o site, vai para as redes sociais e vai também linkada no impresso, chamando a coisa...

*Porque ele é um conteúdo visualmente diferente...*

Exatamente. A gente tem trabalhado isso, mas estamos em compasso de espera, desta nova ferramenta do site, para incorporar isso no site e fazer isso, com mais. Por que o Play Bus está servindo para a gente colocar esse conteúdo maior, mas ele não tem tanta coisa assim [falas sobrepostas]

*E você falou de estatística. Você tem métricas, vocês acompanham... sobre como está o acesso, como está o fluxo? Ah... tem tantas mil novas pessoas que acessaram o site... ou as pessoas chegam a esse conteúdo, por que a teoria está dizendo, que a entrada do conteúdo, ela se dá muitas vezes, pelas redes sociais ou pelos mecanismos de busca.*

227

Nós, do Correio, temos um diferencial que em certo modo é muito vantajoso. Nós fomos os últimos jornais a entrar no Facebook [silêncio].

*Quando teve a reformulação?*

Quando teve a reformulação, já tinha. Mas... eu estou para lhe dizer que foi em 2012. Ou em 2013. Eu acho que foi em 2012, quando eu não estava no jornal. 2012, para Facebook é tardíssimo. Todo mundo já estava há 500 anos e já tinha meio milhão de pessoas seguindo e confesso aqui, que não por uma decisão de determinação. Mas, por uma questão de simplesmente não se fez. Então, a gente tem um público menor no Facebook, que os nossos concorrentes. Só que com as constantes mudanças no algoritmo do Facebook, cada vez mais, a porta de entrada via redes sociais, começou a aumentar no portal de acesso nos sites. E ganhar uma importância muito grande. Quando o Facebook, começou a cortar os algoritmos, isso impactou todo mundo, muito forte. Impactou também a gente. Só que não impactou na rede social. Mas, no site. Porque o nosso leitor já está acostumado [Patrícia: A entrar pelo portal...] a entrar pelo portal. Por que a gente não entregava pelo Facebook, antes. Então, a gente foi obrigado a ir. É claro que a gente aumentou muito a nossa audiência indo para o Facebook. Só que quando veio agora essa queda nos algoritmos a gente estava um pouco mais blindado, por que a nossa porta de entrada, que ela é relevante, ela não é tão relevante percentualmente, no bolo, como nos nossos outros concorrentes. Então, pelo menos a gente vive em uma situação mais tranquila. Por que, impactou. Mas, não impactou tanto. Porque também a marca do Correio é forte e a questão da credibilidade e tal, isso também ajuda de uma certa forma. E aí questão de métrica que a gente tem no site. Até hoje está estragado, mas ele tem um painel ali em cima da... com o Analytics. Bem na porta que tu entra, em cima. Mas, o pessoal estava aqui, mexendo com esse computador, ele estava fora do ar, eu não sei se voltou. Eu não vi ninguém mexendo, eu acho que não voltou ainda. Enfim... porque o Direto da Redação, eu estou ali preocupado montando as laudas. Na hora de vir para cá e entrar hoje, por exemplo, eu fui lá no Diretor da Web e perguntei: eu tenho dois assuntos fortes. O que você acha que eu chamo. Eu vou chamar no site e ele vai ter noção pelas métricas de audiência qual está mais bombando ou qual tem uma aposta maior. Eu tinha os assaltos aos bancos em Canguçu e Jaquirana, que foram hoje e o site já tinha esse conteúdo e não tinha nenhuma novidade, a não ser as imagens que ia mostrar, e eu tinha o caso daquele gaúcho de Esteio que foi para a África do Sul, para passar férias e está lá internado, precisando de recursos para tratamento. E a gente tinha dado essa campanha, semana passada, nas redes sociais e ele saiu do coma. O que você acha? O cara do coma lá ou os assaltos? Dos assaltos a gente estava dando desde de manhã, o cara do coma entrou agora há pouco no site, e é um assunto bem rede social, para as pessoas compartilharem. E ele disse: vai no cara do coma lá de Esteio que eu acho que vai repercutir mais. E a gente abriu com isso e ele chamou por isso no site também. Faz essa conversa baseado na audiência. Eu dei aqui essa notícia do cara, e ela repercutiu mais que a notícia de Canguçu que estava desde cedo. Então, tenho tido essa preocupação. Ontem, por exemplo, a gente tinha o frio e qual era a outra? Sarampo. São duas coisas fortes. Mas, qual vai bombar mais? Aí eu consegui uma informação um pouquinho antes de entrar que havia sido onze cidades, ah essa informação a gente não tinha tido. Então, vamos chamar por isso. Então, vamos chamar por isso.

*E com é que ele acompanha esse ranking?*

Pelo Analytics. Ele está trabalhando ali, nas coisas, ele está olhando o Analytics ali.

*Eu ia te perguntar, se quando você elabora um título de uma matéria, estão preocupados como vai ter a busca?*

Ali na web eles tem muito essa preocupação. O Márcio, cuida muito disso, cada vez mais agora, eles têm rotina, eles acompanham o ao vivo de jogos, essa matéria do “acompanhe ao vivo, o jogo do Grêmio e do Botafogo”. Isso entrava uma hora antes no site. O Márcio, pode te explicar melhor, mas eles têm publicado na noite anterior essa matéria, com as tags que eles já definiram, para que nas metadados do Google, no ranqueamento essa matéria já esteja bem posicionada, antes de começar o jogo. Na hora em que começa o jogo, eles só posicionam ela. Aí ela está com um ranqueamento melhor e entrega muito mais nas redes sociais também. Então, tem esse trabalho por traz ali, quem tem feito mais esse trabalho é o Márcio, que está mais preocupado com essas questões, por que ele é o coordenador de web e é muito compartilhado entre os três editores da web. O Tiago, o Luiz e o Celente.

*E tem alguém específico para rede social?*

Não. Nós dividimos as redes sociais, o Multimídia está com o gerenciamento do Instagram e YouTube e o site lá, o pessoal da web está com o Facebook e o Twitter. Por questão de conteúdo, mesmo estar contando toda hora. E no Facebook e Instagram é outro tipo de abordagem que a gente faz com o nosso material multimídia. Mas, a gente está sempre trocando ou colocando material mesmo no Face, no Twitter avisa... avisa, porque alguém tem que dar a palavra final. Não coloca nada agora, porque eu estou colocando outra coisa. Se não, cada um iria colocar, a sobrepor um monte de coisa. Então, eles ficaram com isso, e um outro contribui com a gente com YouTube e Instagram... Mas, eles se reportam a nós. Podemos fazer tal coisa. É a mesma coisa com Face e com Twitter.

*Bom, agora, voltando para o meu cronograma inicial, você respondeu várias coisas numa embalagem... mas, assim, agora, eu tenho umas perguntas mais de fundo geral, sobre o setor. Que a prova disso foi toda essa reestruturação da redação. O setor está sendo muito impactado no momento, as mudanças, vamos dizer assim, tem sido mais importantes, cada vez mais rápidas, as tecnologias tem influenciado muito isso, tem integração das redações e tudo isso gera uma série de consequências. Então, eu gostaria de te perguntar como tu percebe isso, o que você identifica como desafios, preocupações, oportunidades? Eu entendi, que na sua função, teve uma série de novas habilidades e competências que você teve que incorporar, eu queria que você me dissesse qual a percepção sua mais geral, para um setor como um todo.*

Realmente, não são tão recentes essas mudanças, essas demandas. Elas vem ocorrendo há algum tempo, eu brinco que o Correio tem um certo delay em algumas questões, a gente não tem... a gente não vai tanto no impulso, e eu não acho isso tão ruim. Claro que quem vai antes, pode se dar bem antes, mas pode quebrar a cara antes. E no nosso caso, a gente se permite olhar e aprender com os erros dos outros. Eu falo isso de uma maneira muito tranquila. A RBS tem essa parte de inovação muito forte, eles testam muita coisa. Isso é muito bacana. Só que eles se metem em muita enrascada. E até mesmo por essa carga dos 120 anos dos Correios, a gente tem muito essa responsabilidade, entende que a gente tem que ter um novo público e tal, aumentar o nosso público, mas entende que o público que nos trouxe até aqui aos 120 anos, que sustenta o jornal, é um publico diferenciado. Não adianta pegar, só por que se está fazendo de tal jeito e fazer, assim, por que é legal. O Correio tem o slogan: “direto ao ponto” e é um jornal de notícias objetivas, e se mantém assim, durante todo esse tempo. Não é assim... se fosse ruim, se fosse errado, não que se trata de certo ou errado. A gente faz certo e os outros fazem errado, ou vice-versa. Mas, como uma questão de nicho de mercado e se mantém assim. então, nessa questão de mudança, o foco no Facebook, mudou foi muito tempo depois. Mas, mostrou de certa forma positiva, por nos mostrar que a gente não pode depender tanto das redes sociais. As redes sociais estão aí para nos ajudar, mas a gente não pode, como lá no Alvorandense, eu dependia muito do Facebook. Para ir para web, a nossa audiência no Facebook era gigantesca, e cada mudança de algoritmo, despencava audiência, despencava receita, despencava um monte de coisa, porque nasceu dentro do Facebook. E o Correio não tem efetivamente isso e é muito bom, por que a gente não tem utilizar essas novas mídias, essas novas formas de fazer jornalismo, mas entender o que a gente fez até aqui, não pode

ser jogado no lixo. Tem o seu sentido, tem o seu valor em existir e que o jornalismo em si, continua a ser o principal negócio da empresa. O jornalismo. A informação. Mas, não dá para ficar parado. Por isso, a gente fez essas últimas mudanças na redação, muito nessa direção de incorporar novas ações, novos fluxos de trabalho, novas rotinas de trabalho na redação, mas com esse cuidado de falar com os nossos repórteres e editores, o que nós estamos fazendo até aqui, não é que esteja errado e a gente vai ensinar como fazer certo. A gente está vindo aqui para dizer o seguinte: “a gente precisa disso”. Por que o mundo mudou e a gente precisa disso. Só que a gente vai ver como fazer isso, junto com o que vocês já fazem. E fazer muito bem feito. De que forma a gente vai conseguir explorar melhor isso? E aí, usar essa experiência deles, com a inovação que a gente traz de fora. Entendeu? Respeitando muito esse diálogo, por entender que só daí vai sair algo que vai dar certo. Sem pirar a cabeça, eu vou fazer quinhentas coisas agora, vai meter os pés pelas mãos, vai gastar dinheiro, nós estamos num período de crise, não pode se dar ao luxo de errar, perder esforço e energia, numa ideia que é bacana, mas é feita de uma maneira errada. Então, a parte lá do Alvoradense me ajuda a pensar muito nesse sentido. Sobre até que ponto a ideia do que eu fiz no Alvoradense foi uma ideia muito boa, de implementar numa hora errada ou num local errado. Não que eu tenha me arrependido do Alvoradense. Mas, enfim, na hora de pensar no Correio ou no Alvoradense, eu pensei muito nisso também. Talvez, o Alvoradense tenha me ensinado a como fazer as coisas, mas posso tentar isso no Correio do Povo. E pode dar um resultado muito melhor do que fazer isso no Alvoradense. Então, essas mudanças no jornalismo em si, e na forma de fazer jornalismo, é o nosso maior desafio, comparada a todos os outros veículos é essa tradição de 120 anos, imagina, tem gente aqui no Correio, de casa, o que eu tenho de idade. E agora dizer, eu preciso que você faça um vídeo, que abra uma conta no twitter, por que eu preciso deste boletim, é complicado. Mas, repito: como a redação dos Correios é uma redação diferente, permite que a gente faça isso, com uma certa tranquilidade, um certo jeito. O editor-chefe coordena a capa ali principalmente, mas é sempre muito aberto, desde da época da diagramação. Eu fiquei um tempo só diagramando a capa. E ele chegava lá, eu quero assim. Aí eu olhava e não falava nada, quando eu chegava para diagramar a capa estava totalmente diferente. Ah Eugênio eu pensei, quem sabe... paralálá... tudo bem. Até, eu nem vou desenhar. Faça aí o que você quer. Aí eu desenhava, ele desenhava só o esqueleto, mas por causa disso, a gente sempre teve isso. Eu acho que a nossa grande vantagem nesse processo de novas mudanças do jornalismo, é que a redação, as pessoas estão sempre abertas a esse tipo de mudança. Apesar de sempre ter um pé atrás com uma coisa ou outra, isso é natural. Assim, como todo mundo, aqui dentro a gente conseguiu fazer essas mudanças, sem que ninguém batesse o pé, não, eu não vou fazer. A gente pegou as dez pessoas do interior, algumas pessoas mais velhas, entregou celulares novos, a partir de agora, você não vai mandar só textos. Tinha gente que mandava um texto, a cada dois ou três dias. Ele manda vídeo todo os dias hoje. Não é só o vídeo. Ele grava o boletim, manda WhatsApp, explica o negócio, sabe que até as 3 horas da tarde, tem que ter enviado, a pauta tem que estar explicada,

*Quantos jornalistas tem no interior?*

*Jonathas Dez.*

*Dez:*

Dez. A pauta tem que estar enviada e explicada, qual a importância dela, a editora de cidades, vai decidir se ela vai usar no expresso, ela vai ligar para ele e pedir o texto dele, vai pedir para fazer esse texto e tirar as dúvidas com ele, um tempo ainda. Ele absorveu essa nova cultura, e não vai dar certo, esse pessoal não vai querer, esse pessoal tem que saber se eles não quiserem, a gente vai ter que demitir. Esse pessoal não vai absorver. Não teve ninguém que não absorveu. Mesmo a pessoa mais antiga na casa, gravou vídeo. Teve uma ação que a gente fez que focou muito mais na redação, que no público externo. Apesar de ter sido vinculado externamente. Que no Instagram, no Stories a gente fez o Direito ao Ponto. Era um videozinho de quinze segundos, todos os dias, três ou quatro pessoas da redação fazia uma chamadinha de um assunto no momento. E a gente gravou pelo menos um, com cada um da redação. Editores, fotógrafos, todo mundo participou. E tinha gente que não falava bem, que não sabia, como olhar para a câmera, quinze segundos e tal, mas isso foi formas da gente mexer com a redação. Nossa área precisa

*E teve um treinamento para esses que não estavam acostumados ou foi na...*

Para os correspondentes, eles tiveram um dia de treinamento aqui, em Porto Alegre, a gente trouxe todos para Porto Alegre, fez fotos novas deles, entregou o equipamento, conversa com os editores, depois teve uma parte só do multimídias, onde eu expliquei, os conceitos, o que eu queria fazer, por que eu estava fazendo isso e como eles podiam contribuir, e depois uma reunião com o pessoal das cidades. Mas, para o resto do pessoal, aqui na redação, foi muito na prática. Pega o celular e faz assim, não está legal esse material, não vamos usar. Isso é legal também, nós nunca destruímos nenhum material. Mesmo que não tivesse da forma que eu achasse mais adequado. Mas, isso é uma questão também que aquilo, era o melhor que ela estava fazendo. Não estava ruim, talvez não estivesse na expectativa que eu tinha. Mas, era o melhor que ele podia fazer naquele momento, e eu tinha que ver, uma forma para que o melhor dele, fosse melhor ainda. E as pessoas entenderam isso, por que o mundo está mudando e todo mundo tem que ter essa consciência, sabe no fundo, no fundo, ou estou junto nessa mudança, ou eu vou ser colocado para fora. Eu não ameaço ninguém de demissão. Mas, o trem vai passar e eu vou ficar. Então, as pessoas vão atrás, principalmente as pessoas mais velhas, que o diferencial delas são esses anos de experiência, essa bagagem jornalística que eles têm, eles querem se envolver nessa. “Capaz... dificilmente, eles vão gravar um vídeo. nunca na vida” E chegavam lá, eles queriam saber como segurar, como gravar o vídeo, como fazer... ontem eu estava brincando que um correspondente seria eleito, o muso dos boletins. Porque estava sempre de terno e não sei o que. Isso mostrou que as pessoas estão abertas, e melhor elas viam todas as redações se movimentando e o Correio fazia coisas muito pontuais. Foi a primeira vez em anos, talvez o Telmo possa dar mais detalhes disso. Mas, eu ousou dizer que foi a primeira vez em anos, em muitos anos, que a redação do Correio, foi mobilizada de uma forma tão ampla e tão rápida, tão forte e tão grande, em tão pouco tempo. Sempre teve notícia, de uma coisa ou outra, por que obviamente, não ficou todo esse tempo parada. Mas, foi a primeira vez, que nós chacoalhamos tanto essa redação. E as pessoas viam isso em outros jornais, estavam esperando de certa forma o momento daqui. Então, quando a gente chegou com a proposta, estavam todos abertos para receber. Por que, elas queriam ser instigadas nesse sentido. Por isso, essa questão das mudanças no jornalismo, ninguém mais que os jornalistas querem participar disso. Querem ser os atores. A gente não sabe para onde está indo, mas sabe que tem ir. Está caminhando. Então, assim, experimentando muita coisa, a gente se permitiu experimentar muita coisa. Testar, fazer alguns modelos, não ficou bom, mas nunca joga material fora. Por que pior do que está não vai ficar. Então, a gente vai fazer e se não ficar bom, a gente parte para outra coisa. Mas, essa coisa assim, de mudança do jornalismo, assim, eu não vejo outra possibilidade que essas inovações, essas testagens, tentar, e mudar aqui, muda ali, e eu percebo isso. A redação está aberta para isso. Os jornalistas querem isso, querem participar desse processo. Porque eles sabem ou eles vão participar disso ou vão sair fora. E outra mudança que a gente fez estruturalmente, foi o planejamento de longo prazo, de diretrizes mesmo. Isso a gente estava carente a um tempo. Depois que a Record assumiu... Falando bem sinceramente, o Correio do Povo teve dois donos, o fundador ficou anos a frente do Correio, depois teve o Renato Ribeiro por um bocado de anos, e agora, teve a Record. E com a Record em 7 anos, mudou três, quatro vezes de presidente e de diretoria. Isso era muito difícil para a empresa entender. Teve gestões muito longas e passou por gestões muito curtas e muito distintas. Cada um que vinha, tocava do zero. Era como prefeitura.

*Mas, vinha diretrizes? Coisas que vinha do grupo assim, vem?*

As diretrizes não vinham do grupo, vinha de quem estava na presidência. Cada um montava de um jeito e vinha o outro, não é assim, e tal. Dessa vez, a diretoria que está na casa há três anos, está há mais tempo inclusive, tem uma diretriz a médio e longo prazo. Sabe por que a gente vai mudar o site e depois vai fazer melhorias no site, depois vai reduzir os anúncios e vai fechar o site. Mas, sabe para fazer isso, tem que se chegar até o final, para ter assinaturas 100% digitais na web, a gente tem que qualificar o site, a gente tem que tirar a quantidade anúncios. Mas, hoje, a gente precisa de dinheiro. Para fazer isso precisa de um software. E para fazer isso, tem que focar tudo num objetivo. E isso estava faltando mesmo. Fazer isso, por que lá na frente, a gente quer focar em outra coisa. Isso que tem ocorrido, e eu acho que isso que nos dá segurança para focar em algumas coisas e tal. Nosso foco no momento, é aumentar a audiência no site e, aumentar a abrangência nas redes sociais. Aumentar o engajamento, compartilhamento de conteúdo, fazer com que a gente alcance novos leitores digitais. E aí na sequência, entregar cada vez melhores conteúdos para fideliza- lós. E assim, começar a cobrar, por que isso também é interessante. Tinha uma ideia:

“vamos fechar o site amanhã”. Como? As pessoas não vão pagar pelo site como está agora. E a quantidade de pessoas, é bastante gente, comparada ao Alvoradense, é trinta vezes mais. Mas, comparada a uma Zero Hora é menos. E hoje o Zero Hora fechou e a gente não fechou. Hoje, o site do Correio, mas aí também tem uma questão de posicionamento de marketing. Vai se posicionando de acordo, com o que o nosso concorrente vai andando. Hoje, o Correio do Povo é o maior site de notícias do Rio Grande do Sul, sendo gratuito, é um posicionamento de marca. E aí qual foi, greve dos caminhoneiros, demorou para cair a ficha, mas quando caiu, já estava no sexto, sétimo dia. A gente se preparou para as próximas. A gente entrou, mas entrou na finaleira falando disso, as próximas a gente vai ter até conteúdo de marketing preparado para isso. Na greve dos caminhoneiros tinha muita coisa acontecendo, com força de conteúdo, dando, dando, dando... E a Zero Hora estava com o site fechado. Eles foram abrir lá no décimo dia, quando estourou a merda e ela ficou muito maior. E a gente deveria ter feito, putz! Por que a gente é o maior jornal do momento com conteúdo 100% gratuito, tem que colocar assim: “cobertura da greve dos caminhoneiros 100% gratuita, só a gente tem”. Tudo checado, verificado, não é fake news, não é boato, de maneira gratuita? Só o Correio tem. Então, a gente começou a usar isso nos últimos dias. E já deu, claro. As pessoas sentem isso também. E aí a gente já falou que a próxima grande cobertura, a gente vai estourar com uma campanha de marketing mesmo. Tal coisa, só o Correio que tem gratuito. Lá na frente a gente vai fechar, por que é um caminho, que por enquanto, se mostra natural. A parte de fechamento de cobrança de conteúdo. Porque esse conteúdo é caro para fazer e precisa ser viabilizado. Só que até lá, a gente tem um caminho a trilhar. Então, por que, então a gente não deve explorar melhor essas coisas?

*Claro...*

Então, a gente está nesse momento...

*Legal. O desafio vai ser interessante.*

Para sua pesquisa, tem mais alguma coisa que precisa?

*Não em princípio era isso.*

## 8.6 Entrevista ED48M

Essa cara do visual...

*Sim*

Porque...

*... é diferente do que vocês fazem...*

.... é porque a gente cria editorial né?

*Isso, exato...*

Claro que as vezes a gente entra em ferramentas também, mas...se eles não conseguem fazer a gente faz. Então tem esse jogo de cintura... Mas tem uma equipe pra isso, a gente tem uma equipe pra isso...

*Claro.*

Eu não sei quantas pessoas são lá, mas é um monte.

*Pois é. É aquele grupo de baixo a esquerda? É aquele grupo ali ou não? Todo*

Tu descer ali a primeira, a segunda... ali era um refeitório...

*Isso mesmo era um espaço de convivência...*

Tu conhece?

*Na verdade assim....*

Trabalhou ali?

*... Quando eu fiz o mestrado eu vim pra redação e acompanhei uma semana....*

Ah, que legal...

*Observei a rotina, entrevistei...*

*...é Patrícia né?*

*É Patrícia... foi em 2011*

Ah mudou bastante...Então Patrícia, no que que eu posso te ajudar?

*Perfeito. Então tá. Eu queria que assim inicialmente tu começasse a falar qual a tua formação e como que tu começou a trabalhar em redação de jornal, qual foram as funções que tu foi passando, essas coisas...*

É... minha formação é publicitário. Comecei publicitário, me formei em 96...

*Na Puc? Aqui em Porto Alegre?*

Aqui em Porto Alegre, aham. E trabalho em jornal desde 84, eu comecei aqui no marketing, fazendo trabalho de assistente, tudo. E em 90... quando eu me formei em 96.

*Tu era estagiário?*

Era estagiário, um assistente, um auxiliar...

*Sim, sim...*

Dentro da redação tinha uma agência de publicidade que fazia todas as campanhas de assinatura e anúncios de peça de teatro e aí eu como tava me formando apareceu essa vaga e eu vim trabalhar nessa redação. Era divulgação que chamava...

*Certo...*

Dois anos depois, a editoria de arte da redação do jornal Zero Hora, que tava ampliando né, tinham seis pessoas e eles iam ampliar pra oito, e abriram uma seleção interna e eu me candidatei e aí fui selecionado pra trabalhar na divulgação como ilustrador, infografista... Fazer todo trabalho de infografia, ilustração, mapa e tudo. E isso até 2000... 2010? Já tem.... Enfim, a data eu não vou saber te dizer, mas eu fui, a partir dos trabalhos que eu tinha no Zero Hora, quando surgiu a ideia de fazer um novo jornal dentro da redação, um jornal popular, eu fui pra montar a editoria de arte no Diário Gaúcho, que era um andar abaixo. Então eu contratei mais duas pessoas, então nós éramos 3 ilustradores pra ilustrar o Diário Gaúcho, e a partir do meu trabalho e tudo voltei... subi de novo pra Zero Hora como editor de arte, isso em 2000 e... não vou saber te dizer não... 2000 e acho que na segunda eleição, 2008, segunda eleição do Lula. 2008, acho que é. Data assim eu não vou saber...enfim...

*Sim, sem problema, é só pra saber sua trajetória...*

E a partir disso eu fui editor de arte e estou sendo editor de arte de lá pra cá. Essa é a minha trajetória...

Tua trajetória aqui dentro...

É...

*E assim, tu podia falar então... quais são suas principais atribuições, responsabilidades assim da tua função...*

Eu sou responsável por toda produção, tanto de ilustração, quanto de infografia, quanto de... isso falando de offline e online... todo material que é produzido visual, tirando fotografias e vídeos do jornal é toda uma equipe que faz. Essa equipe eu sou responsável, são 10 pessoas incluindo eu, o gestor. Então eu tenho que coordenar essa equipe, propor trabalhos, alguns trabalhos vêm da redação outros a gente tem pro atividade e consegue sugerir coisas, pela experiência que a gente tem e pelo tipo de linguagem que muitas vezes online e a redação ainda não é tão segura pra propor coisas... então através de ferramentas, enfim, de pesquisa a gente consegue propor coisas. Então a minha função é propor coisas, mas também absorver coisas da redação, do factual, da notícia do breaking news... Então dando essa linguagem visual pras notícias. Essa é a função, tanto versão papel, mas agora muito mais online...

*Muito mais online?*

Muito mais online.

*Tá. E como es estrutura ali a equipe? Como é que se organiza dentro dessa... são 10 profissionais? Que cada um faz?*

10 profissionais... são 10 profissionais. A gente tem ilustradores tradicionais que ainda usam recursos que se usavam algum tempo atrás, papel, caneta e borracha, e depois é digitalizado, aí sim a partir disso ganha cor e a versão digital também. De seis anos pra trás a gente conseguiu, começou a contratar web designers, isso a seis anos os webdesigners, e junto com eles vieram três programadores também...

*Dentro da equipe também né?*

Dentro da equipe. Eu tenho dois programadores, tenho 4 webdesigners e tenho 3 ilustradores tradicionais, mas também através de treinamento interno a gente consegue que eles tenham também uma visibilidade online, que é importante os trabalhos deles pode aparecer também, então é um mundo né?

*Claro.*

Então é uma equipe integrada em que todos fazem um pouco de tudo entendeu? O perfil que nós temos ali é um perfil muito variado, tu não tens pessoas que tenham o mesmo perfil... um cara entende mais de caricatura, outro mais de ilustração, o outro...

*Infográfico...*

Infográfico, então essa uma mescla que eu quiz da equipe, pessoas de diversos perfis, inclusive programador né? Trabalhar com programador não é fácil...

*Eu ia te perguntar como é que foi pra ti essa transição assim...*

Não é fácil, não é fácil... Eu sempre fui muito do papel, a minha formação é do papel, mas através de curso de treinamento por fora, treinamento de infografia, SND, participação de concurso, tu vai criando também uma visão online que essa é que é importante.

*E essa visão online assim... ah... tu foi desenvolvendo ela por ti porque tu via que era uma necessidade... a empresa te deu um tipo de treinamento nesse sentido? Como foi essa atualização?*

Sim. Treinamento de participação de palestras, de congressos, que eu fui. Fui a Buenos Aires, fui Rio de Janeiro, São Paulo... Mas depende muito da tua iniciativa se tu não te propor a pensar fora da caixa, tu vai ficar, tu não... não tem como tu continuar fazendo as coisas que tu fazia há dez anos atrás, é impossível.

*Claro. Que é um setor que tá... vamos dizer assim... experimentando bem as...mudanças...*

Experimentando e é.... beta também, como a gente chama né? Tá sempre se mudando, sempre em transformação, coisas que a gente fazia há um ano atrás, se não tem visibilidade, se não tem pageviews a gente repensa se vai fazer de novo entendeu? A gente propõe coisas novas e o googleanalytics nos dá essa ferramenta, entendeu?

*Claro, claro...*

O que é que é visto, o que é que é visto, o que que o público gosta...

*Que foi o que o online trouxe né?*

Exatamente. A arte, a infografia e a ilustração ok, tá pronta e tá feita. Se o leitor gostou ou não gostou... raramente tu tens um feedback, tu não tens um feedback. Só se o cara não gostou mesmo. Aí ele liga e diz: oh, não gostei. Mas o online... tá o teu e-mail ali, tu faz um especial e tá o teu e-mail ali, os caras te mandam e-mail dizendo: ah, ficou legal; ah...

*É... tem esse...o... esse tipo de retorno...*

Tem retorno. É, mas é legal. É legal...

*É que a gente ouve tanto o contrário...*

É. Mas é legal....

*Os haters...*

...pô, poderia ter melhorado aqui... no próximo talvez eu melhore ali. E a diretora da redação também recebe, eles dão feedback. "Ah, isso aqui o pessoal gostou"... então eu tenho esse retorno...

*Funciona?!*

Funciona. É bom pro teu crescimento também... eu penso assim...

*Tá aberto a isso né...*

Tá aberto. E o online te trouxe isso, é... isso é muito legal assim. A mudança da visão do jornal que... só quem tá no meio online pode saber, as possibilidades que tu tem, tratar a notícia, se o público que leu e gostou... é muito importante...

*É... então já que estamos falando sobre isso. O que tu identifica então a partir dessas mudanças e de toda essa transição do perfil da equipe, o que tu identifica como os principais desafios...as principais preocupações...as oportunidades? Tanto pro conteúdo como um todo, como pra tua equipe... pra tua função... desse setor... dessa... desse momento de transformação desse setor de mídia? Teve um impacto muito grande da tecnologia, as redações tão se integrando, convergindo...*

É um baita desafio. É um baita desafio. E... é que assim hoje um profissional não pode ficar parado né? Ele não... a tecnologia te traz esse desafio diariamente... eu puxo muito a minha equipe de propor coisas que tá trabalhando e tá navegando ali ao mesmo tempo, tão vendo coisas que tão surgindo novas, ferramentas que tão liberando, que tão aparecendo e eles são estimulados a se desafiarem também né? A propor coisas. E isso é um desafio de carreira. Acho que era muito fácil antes tu ficar sentado ali, vem o pessoal da redação, te trás um trabalho, e tu faz o trabalho e devolve. Mas hoje não é assim mais, hoje...

*Era isso que eu ia te perguntar... que eu ia esclarecer... que antes assim a demanda vinha da redação e agora, talvez em função do digital, vocês também podem propor...*

Sim, quase sempre...

*Quase sempre...*

Na copa agora a gente tava fazendo um monte de coisas... vídeos...

*Que veio dali...*

Que foi sugerido pela arte... a gente ta ilustrando os gols mais bonitos da copa, é um trabalho que demora de 10 a 12 horas, envolve três ilustradores, programadores... são três pessoas envolvidas. E foi proposto pela arte. Aí a partir disso a gente acha que batalha um espaço...

*Era isso que ia te falar... como é que funciona trazer isso pra redação?*

Ok entendeu. É recebido de braços abertos toda iniciativa. E aí tu ganha o espaço, a visibilidade, tu ganha a premiação do concurso que é muito importante pra um portfólio, pra um jornal. Portfólio individual também além do jornal né. Mas a vantagem de trabalhar num meio assim é que tu ganha com a tua iniciativa, com a tua... pró atividade, tu ganha visibilidade e isso é muito importante...

*Certo. Tu diz pro jornal assim...*

Pro jornal...

*Porque isso também internamente pensando na estrutura... isso assim traz um outro lugar pra tua equipe assim...*

Exatamente...

*Pra redação...*

O clima da equipe... O clima interno, o clima de... dos profissionais novos que tão surgindo agora eles querem desafios, eles querem botar a cara, eles querem aprender, eles querem tentar, então de maneira alguma pode bloquear isso... tem que incentivar.

*Claro. E isso tu acha que o jornalista ainda resiste um pouco?*

O tradicional?

*É, o tradicional... que em termos teóricos a gente ouve falar muito disso assim né? Que tem muita resistência pro pessoal da tecnologia...*

Eu acho... é tem jornais que já tem programadores trabalhando junto das editorias.

*Trabalhando... exatamente... porque aqui vocês ainda que tem uma estrutura física separada...*

Separada... Mas eu não sei se é o futuro não... Eu acho assim que tu vai pagar por um produto que vale a pena. Então esse produto tem que ter qualidade... Se um programador trouxer qualidade pra editoria... New York Times faz isso, alguns jornais...

*Eu acho que faz...*

Faz, eles têm uma equipe de 70 ilustradores. E é um produto de qualidade, eles tão sempre ganhando prêmios e... E a publicidade deles não interessa tanto quanto a venda de assinaturas...

*Academicamente eles são muito citados...*

E é isso que a gente busca aqui também né? Então... é uma escola aquilo lá. Então eu acho que o objetivo é esse...

*... o objetivo é chegar lá...*

Quanto ao jornalismo tradicional eu acho que ele continua, não sei se ele muda assim. Porque as pessoas ainda... não sei se... talvez gerações mais novas não vão querer tanto gastar em papel, mas, enfim, ainda sim mantem. Então tem uma estrutura, a gente tem um folego da equipe pra isso, pra manter essa estrutura que tem. Mas enquanto isso a gente tá remando pra online... vamos propor coisas, vamos fazer coisas legais, porque a gente tem um público também gosta disso. Que é um público mais novo talvez.

236

*Sim. Então teu foco ele tem uma propoderância de propor pro online, pro digital... coisas novas no sentido...*

Por online... exatamente. O papel reduziu o espaço também na... tem isso também, é uma briga constante de quando tem uma infografia, uma ilustração... brigar com anúncio, com o texto, com o tamanho do espelho, que a gente chama as páginas né. Então é um jogo, uma negociação diária. Então se vale a pena apostar nisso, se faz só a versão online, então todo dia tem uma negociação a partir da pauta, da produção de pauta de manhã... Mais ou menos tem um norte assim. Essa semana foi bem engraçado que tinha o lançamento da orla do Guaíba e a gente tinha um espaço pequeno pra infografia. Ai... mas queria dar uma coisa legal porque ia ser inaugurado na sexta. E na sexta feira de manhã tinha um baita de uma neblina que não tinha como fazer foto, a gente queria fazer uma foto atual pra mostrar pro leitor como é que seria a orla real né, eu não queria fazer numa 3D ou uma maquete porque não é real, e já tem várias maquetes da orla do guaíba, mas aí a gente voltou a tarde lá e tinha sol, então a gente conseguiu fazer com drone uma foto legal, e a gente fez infografia a partir disso. Então nesse dia a gente teve duas páginas com a infografia, entendeu? Então essa é a briga que eu te digo: as vezes tu ganha pela qualidade, que se tivesse fotos talvez não teria o espaço que a gente teve...

*Mas aí já tem que ter um projeto daquilo concreto, uma ideia...*

Não, uma ideia não. Tu tem que vender com alguma coisa consistente, porque, até porque gente trabalha com o deadline né? O jornal fecha tal hora e tu não pode ter tal hora e não ter a página. Você tem que vender pro editor chefe, o que que tu tem na mão. Ah eu vou ter uma foto... mas aí o drone não... quebra uma hélice do drone e aí não tem a foto... aí já perdeu o espaço. É interessante esse trabalho. Não sei se tu já trabalhou em jornal.

*Não, não trabalhei. Mas é uma área que eu pesquiso sobre ela. Só podia ser né. Então assim já que nós estamos falando... dentro da rotina de produção então, como que tu te inseres nela? Tá tendo uma reunião de pauta?*

Tem uma reunião de manhã as 9:45 e tem uma pessoa da editoria que vai.

*Mas normalmente é tu?*

Não, essa pessoa que vai, a gente tem um coordenador dentro que faz a reunião. Aí quando eu chego a gente faz uma reunião interna e discuti a pauta, quem vai ter. A partir das sugestões da editoria e vendo a pauta a gente vê que que a gente vai fazer. Que que a gente vai apostar...

*Que que vai apostar.. E tem... hoje em dia é uma questão que se discute bastante e que talvez teu cargo...obviamente demande isso é uma função de gestão também... né... gerenciar projeto...*

Também... sem dúvida, são várias coisas...

*São várias coisas que se acumulam...*

Ãh, como é que eu posso te dizer assim? Ela ficou bem mais complexa por causa da integração...então...

Tá...

Muitas coisas a gente já faz em projeto com a RBS TV, entendeu, campanha eleições, campanha GDI, envolve tv, envolve rádio então... a gente faz reuniões com editor de arte da TV, pra saber a marca que a gente vai usar. Se a marca é adequada pro papel, como é que a gente vai fazer a versão online, vinheta, é multimídia... É ramificado. Então é um trabalho gestão, a proposição de pauta é gestão, depois a equipe é gestão, então é bem...

*É bem distribuído...*

Distribuído é...

*É multi...*

É multi. E cada vez mais é integração. Com a Gaúcha aqui, com a TV muitas coisas...

Então o setor de vocês é talvez o que mais dialoga com a TV?

É e com tecno... tecnopuras que a gente chama ali. Mas a tecnologia... é direto também. Então a gente faz muitas coisas ali fora a parte editorial, que essa a gente é responsável, mas a questão... essa questão de marca, identidade, institucional que a gente fala, a gente também auxilia... Copa do mundo, marca, como é que a gente vai fazer? Tem a marca...

Aí vai tudo sendo elaborado ali...

Vai sendo... a gente faz reuniões com o pessoal do marketing também da direção pra saber né? As vezes tem a marca RBS como é que a gente vai gerir isso pra não ficar várias marcas sobre a mesma coisa...

*Porque ali eles entendem que tem o know how pra isso...*

Exatamente. Às vezes um projeto gráfico também a arte entra muito...

*Quando tem que repensar o...*

O logo do jornal foi quase todo feito na editoria de arte, com...

*O projeto de 2014?*

É. Com o... veio um designer de São Paulo a gente trabalhou em conjunto... E aí tinha um outro editor de arte que era o Luís Adolfo, eu trabalhei com ele muito tempo.

*Luís Adolfo... naquela época ele ainda tava né...*

Tava aqui. A gente fez tudo, capa, páginas internas, tudo. Então a arte ela é bem...

*E como que foi então nesse período... porque contrataram alguém de fora e era algo que vocês poderiam... é que queriam um olhar de fora?*

Queriam um olhar de fora. Porque o Luís tinha feito já fez vários projetos pro jornal, então eles queriam pensar diferente, mas não tem problema entendeu? Vamos trabalhar junto, ok. Não tem problema, a gente aprende também né? E ok. Não tem problema nenhum. Foi legal, tivemos várias coisas boas.

*Assim porque foi uma ruptura ali né...*

Total...nossa mudou radical. As páginas, as capas principalmente. Teve vários modelos de capa interessante assim. Só que com o passar do tempo as coisas vão se acomodando, não depende mais. Teve uma ruptura, foi bem interessante. A própria marca né...

*Mudou radicalmente... E tu quando tu acha que então esse pensamento de integrar mais online, de trazer mais o online ele fica forte na editoria ali... quando tu acha que mais ou menos isso ficou presente...*

Até 2014 era interessante porque a gente tinha a versão... fazia a versão digital, Zero Hora, tinha Zero Hora digital, não era Gaúcha ... e na editoria de arte tinha duas editorias, tinha a editoria online com sete pessoas e uma editoria do papel com 12 pessoas. Eram 19 pessoas trabalhando... as vezes fazendo as mesmas coisas, mas diferentes...

*Uma plataforma e outra pra outra...*

Total porque não se fechava e isso foi mantido até 2014. Até quando o Luiz saiu praticamente, quando ele saiu, houve essa ruptura e aí eu assumi as duas editorias. E a gente teve um repensar de equipe e muitas pessoas saíram, muitas chegaram, e aí a gente foi pensar nessa equipe... a gente tinha um programador, aí eu resolvi contratar dois programadores. A gente diminuiu muito a questão do... a pela questão do jornal papel diminuiu o número de páginas a gente resolveu mudar o perfil das pessoas, porque tu tinhas dois webdesigners aí contratei 4 webdesigners então... Então eu tive total liberdade pra montar essa equipe a partir de uma visão que a gente queria que todos fizessem um trabalho integrado, todos fossem desafiados a aprender coisas novas, porque é bem importante pro trabalho de um profissional de ilustração... Saber web, saber como fazer um gráfico, como fazer uma ilustração com interatividade e isso foi feito treinamento interno...

*Eu ia te perguntar isso... sobre as habilidades, domínios que a equipe teve que incorporar...*

Exatamente. Foi feito isso e hoje ok. Todo mundo tem um portfólio bem melhor do que tinha a 10 anos atrás com certeza...

*E há um perfil que parece que eles são ávidos por isso né? Eu tava agora entrevistando o Leonardo, chega uma coisa nova eles querem...*

O Leonardo é inacreditável o trabalho dele entendeu? Ele é um cara que você pede isso ele te faz isso mais aquilo, porque ele acha que aquilo ali não é suficiente. Ele se desafia. É um cara super treinado que trabalha com a gente há bastante tempo. E tudo que a gente trabalha em conjunto rende, rende coisas, rende frutos. Então... eu tenho profissional mais antigo, o profissional de 15 a 20 anos ali, no início era um pouco mais resistente até de mudar de ferramenta, de... a gente tinha a gente trabalhava com uma ferramenta Freehand que hoje não tem mais...

*Tá, que era da Macromedia.*

Que era da Macromedia... e na mudança pro Illustrator foi um stress, foi um stress...

*São muitos anos, imagina...*

Há 10 anos atrás. Foi um stress: “há mais porque a gente vai mudar?”. “Ah, porque é melhor”. Entendeu? É porque a cabeça já tá em função... Mas a partir da conversa e da... Entendeu?

*Porque hoje tem outras ferramentas...*

Tem várias... Hoje os ilustradores com 15 e 20 anos tão fazendo gráfico interativo.

*Tem os conhecimentos de design da informação, interação, arquitetura*

Tudo... exato... E quando tu tem dez pessoas com perfis diferentes, tu tem uma escola dentro entendeu, à tua disposição. Chega em tal pessoa: “bah, legal isso aqui como é que tu fez?” E a pessoa te diz, ela não vai te esconder. Então isso é a questão do treinamento interno. Quando a gente começou a fazer desde 2014 os gráficos online, infografias, todo dia a gente tinha dois, três gráficos, a gente notou que a gente precisava fazer um treinamento com a diagramação. Então eu peguei um cara da minha equipe e propus pra diagramação curso interno com eles pra ensinar uma linguagem digital. Porque a gente queria aproveitar todo material que era produzido pela diagramação que é em design, quando isso viesse pro digital tivessem a mesma identidade dos gráficos feitos pela editoria de arte. Mas pra isso eu tive que fazer um treinamento com eles. Foram

duas semanas de treinamento, eu peguei um profissional meu ali, e disse pro cara tu vai ter que ensinar dez pessoas, vinte pessoas da diagramação pra gente ter essa unidade.

*Pra conversar e entender melhor...*

Pra não fazer coisas diferentes, a mesma coisa só que de maneira diferente. Enquanto tu tem várias pessoas fazendo as mesmas coisas tu tem que ter no mínimo uma identidade visual, porque se não ninguém vai saber de onde é que surgiu aquilo dali.

*Não via parecer nem do mesmo veículo...*

Exatamente. Então a gente quer marcar isso, quando uma pessoa vê, um leitor vê esse negócio aqui...

*Isso foi quando mais ou menos?*

2014. A partir de 2014. “Óh Isso é um especial online Zero Hora, Gaúcha ZH. Como é que a gente vai dizer isso? A gente tem que ter tal coisa, uma barra, Gaúcha ZH, tipo de fonte”. Entendeu, os detalhes. Que a gente se prende muito aos detalhes...

*E como foi o resultado?*

Foi excelente. Tanto que a partir disso com a mudança de equipe eu comecei a chamar pessoas da diagramação pra trabalhar na arte. Que era... isso não existia...

*Era impensado...*

Impensado... porque o diagramador era o... se dizia que era o jornalista frustrado, né? O cara não servia pra fazer... e era assim o perfil antigo. Era o cara que não serviu pro texto e ele vira o desenhador da página. Mas isso mudou. Aí tu já não tens mais diagramador jornalista, tem o diagramador... o designer que fez um curso de design... Então o próprio perfil do diagramador mudou também a partir dessa transformação, desse desafio, que é interessante...

*Interessante, é. E é um movimento difícil de mapear, tu sabe, essa trajetória assim... essas micro transformações não tem registro...*

Exatamente....

*Entendem? Tanto que uma vez eu tentei buscar e não tem... você tem o profissional que passou por isso e consegue uma história oral com ele... porque não tem registro. Essa fala das grandes reformulações gráficas, de quem participou... as vezes tem nome de peso assim que se destaca... mas como que eram os processos internos, quem que era responsável pelo que...*

A gente tem processo interno é bem legal assim, acho que tirando os jornais que eu conheço eu acho que é difícil porque as pessoas não querem dizer... não querem ensinar as outras pessoas, eles querem guardar, segurar porque... pra segurar o emprego. Mas não é mais assim, eu penso que não é mais assim. Aqui a gente tem um processo muito legal. Então nos últimos dois anos eu... são três diagramadores que foram trabalhar na editoria de arte. Esse ano eu chamei duas gurias...

*Tu percebeu alguma coisa ali...*

Uma diagramadora que fazia curso de html, que eu não sabia, foi numa entrevista que eu descobri isso. E total linguagem html, a gurua fez treinamento, fez curso e aí se desafiou como a gente tá falando, e aí vem pra editoria de arte porque ali tu vai poder desenvolver mais teu potencial, é isso que a gente quer também. Então o próprio... as próprias pessoas saírem da zona de conforto. Sair da zona de conforto é exatamente isso: é fazer o treinamento, fazer um curso de linguagem digital, html, Java... Isso lá na frente tu vai ver que é importante. Então na hora de uma seleção quando tem duas pessoas, uma com o perfil tradicional e outra com perfil internet... tu vai tratar diferente né?

*Com certeza, ainda mais diante da perspectiva atual...*

E através desse treinamento também que a gente fez interno, com linguagem digital, tu consegue ver também as pessoas que estão se destacando. Então...

*E pensando a estrutura do jornal hoje de hierarquias, como tu percebe... tu acha que está mais horizontal ou continua a mesma coisa... Porque, por exemplo, a função do Luiz Adolfo hoje pelo que o Rafael me falou não existe mais, que era alguém que era guardião do projeto... E talvez fazia a interface de todas essas áreas, diagramação, arte...*

É mais direto hoje. Hoje tu não precisa de um guardião do projeto gráfico, todos nós somos, entendeu?

*Todos tem essa consciência...*

Consciência do que é importante, o quanto é mais fácil eu fazer um jornal que tem treinamento gráfico, entendeu. Que tu não precisas inventar todo dia. Então vamos inventar a roda quando precisa inventar a roda, a gente inventa uma roda. Mas inventar a roda todos os dias, as pessoas enlouquecem, não tem como. Então hoje é bem mais horizontal, eu já peguei vários tipos de redação, tem liberdade de falar mais ou menos, a gente faz várias reuniões de pauta... editores... e fala o que quiser, o que tu acha que tá errado e acha que pode melhorar. Processa o planejamento, isso é muito falado em jornais. E diminuíram muito o degrau, a gente tem um degrau que é o editor-chefe, tu tem liberdade pra chamar ele pra tomar café e falar as coisas.

*Falar, sugerir...*

Sugerir, tranquilo. (Inaudível 34:12) Não precisa mais dos três estágios pra chegar no editor-chefe. Ficou bem mais simples assim...

*Claro... antigamente tinha umas salinhas...*

Tinha sala. A sala da marca era lá (?), era tudo guardado assim né? Quando chamava pra salinha ... era complicado. Então... são detalhes, mas são importantes, porque acabou. Você pode chegar na mesa dele e conversar na boa. Isso facilitou até pro trabalho do dia a dia, trocar ideia, quanto tu pensa alguma coisa, alguma produção, tu consegue trocar uma ideia antes de fazer pra ter retorno e... “ah, mas não é nada disso que a gente queria”... então isso é bem mais simples hoje. Raramente tu fazes alguma coisa que vai ter que mudar porque é tudo muito conversado, muito pensado, a liberdade de conversar.

*Sim. E um detalhe agora que eu me lembrei que eu não te perguntei... sobre a rotina, se fala muito da questão do digital, do fluxo contínuo de produção, o quanto isso afeta a rotina de vocês, de horários, de fechamento? Enfim. Porque eu me lembro que em 2011, quando eu vim aqui, que uma das características do setor era mais tempo pra elaborar o... vamos dizer... aquilo que vocês trabalham. Comparativamente, por exemplo, a diagramação do papel, vocês tinham um pouco mais de tempo pra pensar a ilustração, pra pensar o infográfico isso se confirma? Como é que funciona esses prazos em relação ao conteúdo digital como que impacta?*

Em relação ao digital...

*É... não, de modo geral, mas também especificamente no digital...*

Assim, essa reunião da manhã ela nos dá um termômetro de como que tá a edição e o que que a gente vai apostar. A partir dela se a gente vai fazer uma ilustração ou infografia a gente já pensa as duas mídias pra ajudar, o digital e... Se envolver online, eu tenho que pensar quantas pessoas vão trabalhar naquilo. Se é um programador eu tenho que saber que ele trabalha aqui 9 horas e meia por dia... É... se a pauta que vai chegar no final da tarde, eu vou ter que conversar com os editores, chegar pro editor que pediu, pra dizer que eu tenho trabalho e não vai ficar pronto aquele dia porque o programador tem horário. E eu tento botar o horário dos web diluído no dia, eu tenho web de manhã e web tarde e noite. Noite que eu digo até 10 horas, depois eu fico com plantão só até meia noite, que é o cara que vai fazer correção de algumas coisas que foram feitas. Mas eu tenho liberdade de dizer que não vai ficar pronto no dia, entendeu? Não vou conseguir, o cara não vai conseguir entregar... O que acontece com eles? Eu tenho um retorno do que a editoria pediu, que ele tem que pedir aquele trabalho com mais antecedência. E é isso que a gente tenta fazer. Tipo um

gráfico, uma infografia especial eu trabalho hoje com 15, 20 dias de antecedência, pra você ter uma ideia. O especial que a gente fez dos 160 anos de São Pedro eu fiquei um mês trabalhando nele. Porque eu tinha que ir em São Pedro, filmar, filmar parede, eu tive que levar fotografo fazer um vídeo. Eu tive que fazer uma infografia animada que demora, entendeu? Então o meu trabalho e a qualidade dele depende do requinte de crueldade que eu vou optar, entendeu? Se você quer alguma coisa muito legal muito ilustrada com vários tipos de efeitos, com vários tipos de interatividade, eu não vou conseguir fazer em uma semana, não tem como...

*Não tem... vale o planejamento...*

Vale o planejamento... isso tá bem, tá bem legal assim, tá funcionando.

*Tá fluindo..*

O que que a gente vai apostar? Qual o material online a gente vai apostar? Se isso vale um material especial online, se isso vale alguma coisa online a gente discute com os editores de hora, eles são os guardiões da pauta online... vamos lá fazer uma mudança de capa? Chama o editor e: olha, o que acha, vamos apostar ou não vamos apostar, porque isso tem com as equipes que a gente tem hoje com o planejamento da equipe porque vai ter que tirar um ou dois caras da pauta diária pra fazer isso.

*Exato. É tudo que tu mobiliza, se vai precisar de fotografo, se vai precisar...*

Exatamente. Envolve as vezes fotografo, um cara que faz um vídeo...

*Pra editar...*

Um editor, um repórter, dois ou três diagramadores... são oito pessoas. Não é fácil. Então... e daí tu não vai fazer uma coisa correndo, que correndo não tem sentido alguma coisa mal feita, já que tu envolve tanta energia, tantas pessoas, porque tem que ter planejamento. Então que que a gente resolveu também? Em 2014, 2015, 2016 a gente fazia muitas coisas online, tudo que tu pode imaginar, a gente fazia especial online toda semana. E partir do Google Analytics, que é uma ferramenta bem legal, tu começou a ver o que que era importante e o que não era. Ah, gastamos 15 dias, cinco pessoas pra fazer uma coisa que 500 pessoas viram. Então isso aqui... na próxima nós vamos pensar. Então isso é uma coisa nova pra gente.

*Claro, claro, aí vai percebendo o que que dá certo.*

O que dá certo e o que não dá. Isso é... tentativas e tentativas. Que é importante.

*É legal. É legal. Bom eu acho que de modo geral a gente já...eu te perguntei aquilo que tinha de previsto e o que não tinha...*

Falei até mais...

*Mas assim a gente poderia pensar assim num futuro... tu vislumbrar um futuro... como que tu imagina a editoria de arte daqui alguns anos assim?*

Como é que eu imagino?

*É, se você consegue vislumbrar assim, como que ela vai tá dentro do jornal?*

É, ela poderia ser maior. Com certeza bem maior porque... como é que eu posso te dizer... o jornalismo hoje ele tá... ele é muito visual, certo? Tem muita oferta, tá todo mundo fazendo várias coisas e as mesmas coisas também. Eu acho que para tu ter uma boa qualidade jornalística, claro que tu tem que ter um bom texto e tudo, mas tem que ter um pensar criativo visual. Acho que é importante isso. E a maioria das redações ainda tem uma estrutura que ainda pensa muito o papel e isso reflete na qualidade do produto.

*E tu acha que a empresa ou a redação tem essa consciência da importância do visual?*

Eu acho que ela tem porque quando se propõe coisas ela abre o espaço. Ela sabe da importância tanto que a gente tem liberdade pra propor coisas, tem o espaço, então ela sabe a importância que tem isso. É claro que é uma briga constante de custo e... custo né?... tem que ter mais pessoas, mais gente envolvida. Você tem que ter banco de dados que a gente não... trabalha muito pouco com banco de dados e hoje o banco de dados é muito importante na redação. E se algumas redações já estão trazendo programador pra dentro das editorias, é porque já sabem dessa importância...

*É, eu ia te perguntar disso... o que tu acha que precisa pra ficar mais integrados...*

É, a gente não tá aqui pela questão do espaço...

*Mas acha que se tivesse seria diferente?*

Com certeza, eu acho que sim... A gente sofreu aqui dentro, mas as mesas aumentou muito, as de desenho, os computadores aumentaram de tamanho, a gente trabalha com telas grandes e aqui não tem espaço. Mais a vinda da Gaúcha pra cá, então... Mas eu acho que refletiria no conte web, trazendo pesquisas pra cá...

*E automaticamente não poder tá... o impresso, o papel tá envelhecendo e tem essa novo perfil...*

O novo perfil né? Porque tinha tudo pro pessoal acostumar. Então se sabe que o leitor... eu tenho um filho de 11 anos que eu assinando no jornal desde 2010 ele não lê o jornal, não lê o papel, é tudo pela internet. Ele não vai ler jornal, ele vai ser um consumidor de outro produto.

*Mas ele lê notícia?*

le lê notícia. Mas...

*Chega de outra maneira.*

Chega de outra maneira, sabe... Youtube. Então ele é um outro consumidor que o jornal provavelmente daqui um tempo vai ter que olhar isso. Não vai ficar só na notícia, no online porque não vai... eu acho que é o futuro, respondendo sua pergunta. Porque o consumidor tá que tá chegando, tem consumidor diferente...

*Outro comportamento né.*

Ele vai ter que contar com a assinatura, ele vai ter que consumir de algum jeito, se não... é o sistema...

Como monetizar...

*Outra grande questão.*

Mas o jornal procurar capacitar seus profissionais, fazer ele sair fora da caixa, se desafiar entendeu. Mas a qualidade do produto ainda... a gente tem que retomar...

*Então tu acha que essa qualidade tá atrelada a preocupação com o visual também?*

Exatamente. Eu penso assim. Porque se tu botar uma notícia, se fizer um texto de... 50 linhas e botar um vídeo o pessoal vai no vídeo. Então é difícil o online. É difícil ser pensado assim, a gente tá no meio de uma revolução. É uma revolução o que tá acontecendo com a internet...

*Exatamente. Então por mim...*

Acabou?

*Me dei por satisfeita.*

Foi bem?

*Foi ótimo.*

É, que bom que pude ajudar.

## 8.7 Entrevista ED26D

*Eu queria que tu começaste falando qual foi tua formação e como tu começou a trabalhar em redação de jornal, assim, se tu passaste por diferentes funções...*

*Sim... [Risos]* Bom, esse é meu primeiro emprego (risos). Eu cheguei no Pioneiro com 18 anos na área de circulação, enviando boletos, né. E aí eu tinha feito um curso de operador de computador, né, na época. E eles precisavam de uma pessoa na digitação para a editoria de arte que era do comercial e eu fui convidado. E eu fui trabalhar com eles ali, tinha uma máquina que não funcionava e ninguém conseguia trabalhar com a máquina porque ela não tinha tela. E eu peguei um catálogo, um livro gigante e comecei a olhar aqueles... e eu aprendi usar aquela máquina sem olhar pra tela, simplesmente com códigos, eu ia digitando os códigos e a paginação ia sendo montada, naquela época a gente montava as páginas ali no computador, tu pegava o desenho da diagramação e conseguia montar aquilo ali. E aí eles disseram: bah, como tu conseguiu isso? Tá, vamos te efetivar. Eu fiquei um ano de *freela* e depois fui efetivado.

243

*E tu era paginador?*

Era serviço de paginador e aí eu sempre fui muito curioso e eu via as coisas que os outros estavam fazendo e eu era muito certinho, nós tínhamos a equipe da diagramação da redação fazia o desenho no diagrama de papel e nós tínhamos que copiar aquilo, sabe, e importar o texto... era um trabalho assim. E depois tirava que aquilo em tiras, depois era colado, era muito difícil tudo. E aí eu disse um dia: gente dá pra fazer diferente algumas coisas aqui. E o pessoal disse: quer fazer coisas diferentes? Então vai pra redação. E eu disse tá. Continuei trabalhando.

*E quanto tempo tu ficou na paginação?*

Eu fiquei quase um ano na função ali. Oito meses pra ser mais exato. Mas aí como o editor-chefe ia lá pro SPA, como a gente chamava, pra acompanhar a montagem da capa, aí um dia ele me viu montando a capa do jornal sem a tela e eu fui digitando os comandos, e os outros com a tela não conseguiam, e ele: como que tu consegue isso? Ah, eu aprendi. Mas aprendeu aonde? Aí eu mostrei o livro para ele. E tu gosta de visual assim? E eu: sim, acho muito legal. Tá. No outro dia ele veio assim: tenho uma proposta pra te fazer, gostaria que tu viesse trabalhar na redação conosco pra ser diagramador, tu tá afim de aprender? Sim eu quero muito, acho super legal. E daí eu tive que treinar pessoas lá e eu vim pra redação e eu tenho muito orgulho de dizer que a primeira foto recortada que saiu no jornal foi uma página que eu diagramei, sabe. E o pessoal disse assim: impossível fazer. Como eu tinha conhecimento técnico da parte de lá...

*Da parte operacional...*

... então eu pude fazer isso. Eu sempre mostro pras pessoas “Ah essa foto foi recortada com uma tesoura” né, não existia Photoshop, e aí pro pessoal montar lá eu tive que lançar um gráfico, era uma foto da Luiza Thomé, você se lembra dela?

*Lembro sim...*

Com aquele cabelo dela... e aí eu tive que lançar um gráfico, tu puxava um ponto do início da página até aqui, que vinha do cabelo, um gráfico gigantesco. O pessoal do industrial queria me matar assim...

*Como que eles iam...*

Foi assim, um trabalho de duas horas pra conseguir recortar. E o mais interessante disso, saiu e tal, todo mundo “ah uma foto recortada”, e eu disse gente se eu consigo recortar uma foto e colocar o texto, então eu também posso traçar gráficos de fora pra dentro e colocar o texto dentro de um formato, vou testar. E aí eu comecei as loucuras de adolescente, e aí eu coloquei um texto do Festival de Cinema de Gramado dentro de um Kikito. E aí veio um recado de Porto Alegre que nós

somos, já éramos da RBS, do diretor de lá dizendo assim: sensacional o que vocês estão fazendo aí em Caxias, e mandou pro nosso diretor geral que na época era o Zé Lima. E o Zé Lima me chamou e disse assim: olha o que tu fez guri! E eu: o que foi, que que eu fiz? Porto Alegre está atento. E eu disse tá. Isso foi um mega incentivo né, eu queria fazer mais e mais coisas diferentes. Aí na época até teve a nossa editora, que era uma pessoa difícil de lidar, e ela me proibiu de fazer coisas diferentes. Daí eu experimentei e ela disse não, tu vai fazer só feijão com arroz. E eu disse tá tudo bem né. Me adaptei. Aí as pessoas... como eu sempre tava propondo coisas diferentes, ele vinham me procurar, eu dizia mas eu não posso fazer coisas diferentes. Foi um momento difícil, mas... E aí eu fiquei quase dois anos como diagramador...

*E nessa época usava algum software?*

Não, era tudo no papel. Eu tinha conhecimento da paginadora, que era o SPA, e vim diagramar tudo no papel. Então todos esses gráficos que eu te falo é tudo medido... eu nunca mais esqueci, porque a gente fazia conversão dos textos de paicas para centímetros, sabe...

*Contando os caracteres*

Contando os caracteres. A nomenclatura de título era CP 60, 18 toques, que eram cinco colunas, sabe. A colunagem tinha os pontos fournières... era uma doidera assim. Hoje tu fala disse as pessoas: oi? O que que é isso? Tu tinha que pegar a paica que era... [Patrícia: Eu não me lembro quanto que é uma paica] 0.84, vezes a colunagem, que ia dar os centímetros, era muita matemática né, e tinha que da certo. Nós tínhamos um horário pra fechar. Como a gente sempre tem né, jornalista sempre tá, naquela... E aí esse contato direto com a redação, tinha muito estudante, era uma outra época, 4 ou 5 pessoas formadas. E aí entramos na faculdade. Vamos para a faculdade e aí eu e a Andreia Fontana...

*E quantas pessoas trabalhavam na diagramação? Se tu lembra.*

A Cristina, eu, o Zé, a Marli, a Melissa, Andreia, a Rafaela, o Hermes. Éramos oito pessoas na diagramação. Só riscando. Só riscando. Aí depois vem um outro período...

*E aí tinha perfis completamente diferentes, tu que veio da parte gráfica e outras pessoas que... A Andreia que era jornalista...*

A Andreia tava fazendo magistério....

*Isso mesmo, ela falou que tava fazendo magistério, exatamente quando começou a trabalhar...*

Tudo gurizada. Tudo um bando de louquinho...

*Mas tinha algum jornalista fazendo porque a história da produção diz...*

Nenhum jornalista na diagramação da época. Tinha o Zé Prates que tinha o registro profissional como diagramador. E nós nem isso tínhamos...

*Certo, isso que ano era?*

93, 94. Não tinha nenhum jornalista.

*Aí lá pelas tantas resolveram fazer faculdade*

Aí nós entramos todos na faculdade, praticamente. Vamos fazer faculdade de jornalismo. Porque o editor chefe nosso, Claudio Tomaz, era professor da UCS. E o convívio com as pessoas começa a despertar aquela coisa assim, vamos lá, vamos fazer. Até engraçado que nós prestamos vestibular e na época, nós fazíamos o listão dos aprovados. A gente imprimia aqui e ia pro centro vender e as pessoas compravam era um caderno de oito páginas, e sempre nós que montávamos isso. E aí...

*E era avulso do jornal...*

Era avulso do jornal. Como na época tinha a Folha de Hoje, que era o jornal concorrente, então a gente sempre corria... era desesperador pra ver quem conseguia chegar antes no centro com... era

adrenalina pura. E nós ali enlouquecidos querendo montar aquele jornal às pressas. Era assim muito rápido porque rádio, todo mundo ficava lendo. E aí quando chegou no jornalismo o Tomas que era o editor-chefe, só olhou para mim e pra mim e pra Andreia: sai da sala agora. Daí outros colegas foram montando. Aí ele veio na porta e disse assim: vocês passaram, voltem pra sala agora. Continuem trabalhando depois a gente comemora. E aí foi né. E a gente fez toda a faculdade juntos, e aí eu ainda era estudante quando eu fui convidado pra ser o editor da diagramação. Daí a Andreia era secretária gráfica do jornal e eu era o editor da diagramação, né? Aí fiquei três anos, eu acho. Depois eu fui pra secretária gráfica também, onde eu aprendi muito...

*E o setor foi mudando.*

Foi mudando. Em 96 eu acho, 97, aí a gente começou...

Trabalhar com softwares, talvez...

É... a gente começou a trabalhar com Quark e montar as páginas direto...

*No computador...*

No computador, e aquela coisa toda “ah meu Deus o Quark, o Quark”. Também eu na minha curiosidade extrema, eu fui a pessoa que pegou e criou os templates do jornal na época com o Quark. Nunca tinha mexido e fui fuçando como que funcionava...

*E a equipe que eu te perguntei...*

Daí aumentou. Porque foi extinta a paginação industrial, manual e eletrônica que a gente chamava. E nós passamos a fazer tudo dentro da redação. Então além dessas oito pessoas da diagramação em papel, vieram mais 4 pessoas da paginação eletrônica e mais duas pessoas da secretária gráfica. Então de 8 nós passamos pra 12... 14 pessoas pra fazer o fechamento do jornal. E aí nós continuávamos né, ainda fazendo no papel. Aí depois de um ano mais ou menos, nós começamos a desenhar direto no computador, aí no Quark. Aí depois as coisas foram mudando né, tu vai fazer secretária gráfica, tu vai fazer... diminuindo, diminuindo, diminuindo e hoje são 4 pessoas na diagramação, né. Fazendo paginação, varrendo, fazendo um monte de coisa. Eu continuo sendo o editor da área gráfica, mas assim consigo dar conta porque tenho equipe boa. Eu confio muito, a Juliana é sensacional ela é uma pessoa que tem muito domínio sobre a área mas tem que ter um editor...

*Tem alguém a quem recorrer...*

Exato. E aí quando eu fiquei de 96 ali até 2000, até o ano 2000 como editor da diagramação. Aí em 2000 eu fui convidado pra ir fazer um jornal popular, da RBS também, em Joinville, ia ser o jornal popular de Joinville, porque eles queriam comprar A Notícia de Joinville e eles não queriam vender, tinha um... então, tá, vamos criar um jornal em Joinville e aí eles criaram um jornal pra Joinville. Aí eu fui convidado, recém tinha me formado, vambora, vambora pra Joinville. Aí a gente tava criando o jornal todo, tudo encaminhado assim, o jornal ia ser lindo, era época do boom, o Diário Gaúcho que era 400 mil exemplares, sabe? Nossa expectativa era essa...

*Claro, era um jornal mais popular de venda avulsa...*

E aí a gente criando esse jornal em Porto Alegre com o Zé Quino e até o Ciro Martins um dia me chamou e disse assim: vamos acalmando porque esse jornal de Joinville tá ficando melhor que o Diário Gaúcho, e não pode. (Risos). Que lá é outro público né. Aí passei um mês trabalhando né. Aí eu vim pra Caxias no lançamento da revista Almanaque que eu tinha criado junto com a Andreia. E aí eu cheguei em Caxias e o editor nosso, que era o Roberto Lins na época, me disse assim: já soube do drama? Eu disse: que drama? O jornal de Joinville não vai mais sair. Eu disse: criatura e agora? Assim né, aquelas coisas... o Zé: Você não sabia? Não... e eu na festa assim, apavorado na festa. No outro dia voltei pra Porto Alegre. E aí gente? E agora? Ah, de fato não vai mais sair mesmo, meu Deus e agora? Eu já tinha saído do Pioneiro, meu salário tinha sido dividido entre os colegas e já tinham contratado uma pessoa, iam contratar uma pessoa de peso pro projeto. Aí o diretor lá me disse assim: olha, ou tu volta pra Caxias ou tu fica na Zero Hora ou no Diário

Gaúcho. Eu disse tá. Pra eu ficar no Zero Hora ou Diário Gaúcho é o salário que eu ganharia em Santa Catarina? Não, o mesmo salário de Caxias. Aí eu não, não tem como. Eu tenho toda uma vida. Então, posso voltar pra Caxias? Sim, pode voltar. Aí volta a pessoa, tira o salário das outras pessoas volta pro antigo. Aí eu digo: as pessoas vão querer me matar. Aí eu chego na redação assim: as pessoas “eh”, todo mundo ficou em pé, aplaudiu, “tu voltou, que coisa boa”, todos vieram me abraçar, seja bem-vindo. Aí eu tive aquele alívio, vou ficar. Aí logo depois a Andreia foi embora pra Santa Maria e aí então eu assumi tudo, fiquei como secretário gráfico, editor da diagramação, e aí o Roberto me deu mais editoria de arte, sem eu saber desenhar. Mas são os conceitos né, o que funciona e o que não funciona: ah, mas eu não sei desenhar direito. E ele: não, mas tu tem noção do que vai dar certo no jornal e do que não vai. E aí comecei a montar também a editoria de arte de acordo com a necessidade do jornal. E eu tenho orgulho disso... um dos menino que eu contratei na época me disse assim não, não vai funcionar... hoje é (nome de um projeto), ganhou prêmio sabe, abandonou a RBS, criou uma empresa... Outro menino, o Charles, recém saiu agora foi prum outro emprego ganhando dobro do que ganhava aqui. E agora eu tô com um novo menino ali que eu gosto muito de juntar áreas, então na área gráfica, com o curso de design a gente tem uma nova opção né, deixou de ser uma função jornalística, e aí me surge esse menino formado em artes e o trabalho principal dele é desenhar mesmo dando uma coisa legal, pra juntar jornalista, editoria, curso de arte com design e por enquanto tá dando certo, ta funcionando. Ta andando legal. E aí como eu tava te falando antes, a Andreia foi embora, eu assumi as três editorias, e Andreia volta de Santa Maria para Caxias como editora-chefe do Pioneiro. E a gente super... somos irmãos assim, sempre juntos. E aí conversa com todo mundo, conversa com todo mundo e aí ela chega pra mim e diz assim: olha, conversando com toda a redação, a principal referencia deles hoje na redação do Pioneiro é tu, então eu preciso da tua ajuda, como eu tô chegando agora eu quero que tu que seja o editor adjunto. E eu disse: criatura de Deus eu tenho formação em jornalismo, mas eu fiz em minha vida umas 4 matérias, minha função é gráfica. E ela: eu também, a minha formação é gráfica e eu virei editora-chefe. E aí então desde que ela voltou tô acumulando a função de editor de capa e contra, editor de opinião, arte, diagramação, juntando tudo. Como conciliar...

*Então dentro ali da tua função tu coordena essa equipe responsável pela diagramação, esse rapaz que trabalha com a arte que seria um assim, para trabalhar desenvolvendo ilustrações basicamente...*

É, infográfico e diagramando também...

*E capa e contra tu ainda diagrama, faz o layout...*

E edito, edito.

*E edita também? Bastante coisa.*

Tanto que eu queria te mostrar [Patrícia: Essa é a capa de amanhã?] essa é a capa de amanhã, que aí mais ou menos a gente vai ter reunião da uma, aonde eu levo, a gente... ah, não trouxe a pauta eu queria te mostrar a pauta... Eu trouxe uma coisa que eu quero te mostrar do layout. Aí a gente faz a reunião da uma, discute as pautas, o que é que é, ali eu tenho mais ou menos definido. Eu saí da reunião hoje eu tinha duas opções de manchete, uma estrada de Bento Gonçalves e uma história do voleibol de surdos, o campeonato mundial que vai ser aqui em Caxias. Então aí com isso eu mais ou menos já começo esquematizar, aí distribuí essa pauta, às três horas, eu tenho que fazer a chamada de TV... que a gente tem um VTzinho que é veiculado na TV todo dia, e aí tu pega as matérias mais fortes, mais ou menos o caminho é isso e tu vai juntando....

*Tá, mas aí tu apresenta esse daí de tv, como é que é?*

Não, eu faço as chamadas, que é um trabalho que a gente criou, os ícones aqui depois eu te mostro o VTzinho, como que é o processo, cria essas chamadas, peço pra alguém da redação, cada dia um diferente gravar, as vozes da redação como eu digo. E isso depois é veiculado no intervalo do Jornal Nacional, da novela. Que a gente tem que aproveitar esse canhão da TV porque o jornal tá cada vez mais...sabe. Diminuindo, diminuindo, diminuindo. E com isso eu já vou sabendo quais são as matérias mais fortes do dia e vamos trabalhando. O que é importante pra mim como diagramador? No momento que eu virei editor de capa é tu ter noção das coisas sabe, é onde eu ganho. Porque que nem aqui eu tenho uma manchete amanhã que é: Bento Gonçalves no primeiro

semestre desse ano abriu 848 novos empreendimentos na cidade. Óbvio que eu vou ter que fazer uma manchete em duas linhas, eu jamais conseguiria... Então eu penso na manchete antes pra depois partir pro layout da página, e aí tu vai buscando...

*E esse texto da capa tu que trabalha também?*

Sim. E aí que nem eu tava lá editando, acabei a manchete e aí a minha primeira manchete foi: 840 novos negócios foram abertos em Bento no primeiro semestre. Tá mas que manchete? Aí, pensa, pensa, pensa... ah, eu vou dividir isso. Minha manchete vai ser: por dia quase cinco novos negócios são abertos em Bento Gonçalves, já chama mais atenção. Aí depois tem a história da professora, a Roneide que é professora de Carlos Barbosa que criou um projeto com os alunos do cultivo de cogumelos e ela, está entre as cinquenta finalistas do Educador Nota 10. Uma notícia boa que eu sempre tento jogar...

247

*E quem define o que vai pra capa também está dentro do espectro das editorias...*

É, o que mais chama atenção, as notícias boas, arte e foto, né? Essa história do voleibol de surdos é sensacional, é linda, mas a foto, a foto não tem aquele carinho, esse brilho que tem nessa foto aqui. Quando tu vê essa foto tu fala: ah tá, tão jogando. Quando tu ve essa outra foto tu tem uma emoção, uma coisa que tem o brilho ali, as crianças encantadas e assim eu acho que é função do jornal valorizar a educação também, nós precisamos disso, é a formação de novos leitores, acho que tem um papel social nosso aí. Então é um projeto maravilhoso, vamos valorizar. E tu imagina vendo a felicidade dessas crianças vendo a tua professora na capa de jornal, é uma coisa que muda completamente tua vida, sabe? Eu acredito nisso. Por isso que eu te disse, eu sou apaixonado por papel, eu amo papel.

*O projeto gráfico do Jornal foste tu que elaborou?*

Aham. O projeto gráfico também é meu, porque desenvolvi com Luiz Adolfo que é...

*Sim, eu entrevistei ele em outra oportunidade...*

O Luiz Adolfo é a pessoa mais inteligente que eu conheço assim, que tem uma visão gráfica fantástica. Às vezes tu fazia uma coisa e ele dizia, não, não, não. Sabe, ele é muito culto graficamente assim. E eu aprendi muito com o Luiz, ele me ajudou muito. Então quando a gente desenvolveu esse projeto foi desenvolvido pelo novo logotipo...

*Que foi elaborado fora...*

Foi elaborado fora. Nosso logo antigo era um chapado, com a letra branca...

*Tinha uns tijolinhos assim né?*

Isso. E aí foi feito todo um projeto pra desenvolvimento da marca, eles entrevistaram muitas pessoas, foi feito um mega trabalho e aí chegaram nesse logo. A gente fez todo um projeto gráfico em cima do projeto que eles tinham nos trazido....

*Mas que podia pensar ele... não tinha assim vem um template lá...*

Não, não. A gente pensou assim com toda liberdade. Aí mandamos, o Roberto Nilce que era o editor na época, foi pra Porto Alegre com esse projeto aí a Marta Gleich que era nossa bam bam bam assim, ela só mandou assim: uau! Mas vocês alinharam com os outros jornais? Falei: como alinharam com os outros jornais? Não, é que tem um projeto de padronização dos jornais do interior. Aí eu disse: não acredito. Fui descobrir o que que era a padronização. Foi um período em que a RBS tinha outros jornais ainda, em Santa Catarina também era do Grupo RBS. Então tinha um projeto gráfico para Zero Hora e pro Diário Catarinense, um projeto gráfico pro Diário Gaúcho e pra Hora de Santa Catarina, e um projeto que seria pro Pioneiro, Diário de Santa Maria, A Hora de Joinville e o Jornal de Santa Catarina...

*Elaborados todos lá em Porto Alegre?*

Não, esses projetos... era uma coisa nova que eu precisava fazer. E aí como o Jornal de Santa Catarina era o último que tinha trocado o projeto gráfico, aí o Luiz me mandou os templates do jornal de Santa Catarina e simplesmente disse assim: pega o conteúdo do jornal de Santa Catarina junta com o teu e cria um projeto novo, que seja para os 4 veículos, considerando cores e tudo mais. E a nossa cor predominante é o vinho, uma das coisas. Como na época não era para todos os jornais, as cartolas antigas era vinho. Aí eu tive que criar um vermelho quase vinho sabe. E aí eu experimentei essa coisa da necessidade de adaptar à realidade do negócio sabe. O produto como negócio, o design com o negócio. O que era preciso fazer. E aí foi muito legal esse desafio assim, foi um baita trabalho, mas que cresceu muito, daí eu implantei lá em Santa Maria, fiquei quase um mês em Santa Maria...

*Isso tu lembra em que época, mais ou menos, que teve essa reformulação?*

2012?? Não, não, não 2007. Não...

*2009 teve uma reformulação da Zero Hora...*

É, foi depois... eu acho que 2007. Quem é que tava aqui? Era o Norton? Humm...

*Tá, mais ou menos isso daí. E vocês já tiveram que pensar alguma coisa pro digital a partir do impresso?*

Sim. Porque o digital do Pioneiro foi criado entre 99, 2000... Porque ele foi criado, tinha uma equipe tudo mais, mas muito da referência do impresso. Tinha o Fábio da Câmara, que era o editor, que dizia assim: aí gente, vocês só conseguem pensar com a cabeça do papel. O online é diferente. O online é diferente. E a gente continua muito cabeça de papel, sabe? O boom do online aconteceu agora na greve dos caminhoneiros, foi quando a gente não conseguiu entregar o jornal e aí online nos salvou. E as pessoas: o online, o online, o online... Mas no dia a dia a gente não... é bem papel mesmo. E isso de ser o criador do projeto gráfico às vezes facilita as coisas? Então esses dias eu fiz uma capa e fiz uma cartola maior assim, e aí eu sempre termino a capa e dou mais uma olhada, imprimo e passo pra umas 3, 4 pessoas darem uma olhada: ah, tu que não tem nada a ver com política, lê isso daqui pra mim. E aí um repórter disse assim: nossa, mas o projeto gráfico permite uma cartola tão grande assim? Olhei pra ele: o projeto gráfico é meu, permite. (Risos). É a coisa da pessoa ter criado seu projeto pra fazer seus desenhos. Então...

*E perceber as possibilidades de alteração...*

Vamos alterar...

*Depois tu incorpora no template?*

Não. Eu tenho... todo dia eu faço a capa e começo do zero. Essa daqui eu trouxe pra te mostrar que ontem foi muito engraçado porque a minha manchete era isso daqui.

*Até que horas?*

Até a hora da reunião. Seis horas da tarde. Nosso fechamento é às 9h. Aí a repórter chegou e disse assim: gente, vai faltar médico nas UBS. Vocês têm noção o que é isso? É... Mas eu: não é que... tem dias que é caótico né, eu não tinha foto de capa, essa foto foi feita cinco e meia da tarde. Então eu tava com essa foto aqui, eu tava com uma chamada assim do lado, parecida com essa, e eu, tentei argumentar com ela, assim, porque graficamente, não, diz ela assim: por favor tenta ver o que tu consegue, porque... e aí que tá a vantagem, de ter noção de diagramação, ter conhecimento gráfico, que daí eu comecei a estruturar uma manchete e quando eu consegui fazer a manchete, eu disse: cara, vai dar certo. Vou fechar aqui e pá, e aí foi. Aí quando chegou, eu pedindo para as pessoas lerem, lá no esporte, eu disse: Maurício dá uma lida e aí ele disse: tu copiou meu título? E eu: nem abri a tua página. E aí assim foi o meu título. Vou ver se o título não está na Zero Hora também. [risos Patrícia: Fazer o que? Acontece] Sinal que o título era bom. E aí é difícil, essas coisas... e sonho de todo diagramador é que todo título seja assim. E muda a palavra, e tenta, e tenta e ajusta, e puxa, vai e volta. É difícil, a gente vai tentando assim quanto mais fechadinho melhor...

*E é um olhar muito técnico pra perceber detalhes como esse...*

Mas é aquela coisa: olha como que ficou mais bonito.

*Claro. Claro. Certo.*

Mais zeradinho assim. Esses dias eu “cometi um título” que tinha... o grupo de investigação da RBS veio até Fazenda Souza que é um distrito nosso aqui, que tinha a história de um padre acusado de armazenar conteúdo pornográfico infantil, condenado, que usa tornozeleira, e que estava em Caxias na escola [incompreendido] e estacava lá na comunidade Fazenda Souza abençoando criancinhas. E eles construíram todo texto e diz assim: e o padre foi flagrado abençoando crianças. Aquilo, me impactou tanto que eu não tive a menor dúvida. Parece uma coisa óbvia né. Aí eu coloquei a foto do padre e coloquei embaixo: padre flagrado abençoando crianças e aí expliquei o que era. Aí Wilson [incompreendido] que agora é nosso diretor de Jornalismo disse assim: gente nós não podemos falar o óbvio. E ali ele explicou porque: é óbvio que um padre abençoa as crianças, isso é a não notícia. E eu disse cara, mas ele é condenado. Então não tinha que ter posto isso no título: condenado por pedofilia. E aí tu abre esse espaço aqui: condenado por pedofilia. E aí tu vive essa angústia né, todo dia essa angústia de como vender a notícia através de um bom título, no espaço reduzido que tu tem, na capa do jornal. É desafiador, muito desafiador. Então ter pulado essa cerca do gráfico e eu tenho um colega que na época ele fazia capa do jornal, sempre que eu faço uma manchete em três linhas ele diz assim: assim é fácil! Eu queria ver quando tu desenhava uma manchete em uma linha e dizia assim: é isso. E sempre teve essas coisas, a ditadura da diagramação que as pessoas dizem. E de fato era: tu pegava um desenho, desenhava, o que ficava mais bonito tu enchia de bla bla bla, e quem ia editar oh... Então eu tenho vantagem que eu mesmo diagramo a minha capa e minha contra.

249

*É um diferencial? A pessoa própria se editar.*

Exato. O próprio Nilson disse assim: o mais difícil tu faz, tu já fazia que era desenhar e seguir adiante... colocar texto e vai embora. E aí nessa coisa de ter uma noção gráfica das coisas, as vezes as pessoas chegam: ai, tu acha que isso funciona, tu acha que isso funciona...

*Muita gente te consulta...*

É o dia inteiro. Ah tu acha que isso vai aparecer? Não, tem que ser branco, preto... E tem que ser tudo muito rápido. Porque nós precisamos fechar a edição e também virar as coisas, “ah eu preciso mais espaço pra economia, o que nós vamos segurar?” É uma tomada de decisão difícil né? Porque todo mundo trabalha para fazer o melhor possível, então todos querem ter as suas matérias publicadas, valorizadas, todos querem capa. É como seu Jair uma vez contou uma historinha pra nós que quanto tu... vamos dizer assim, eu posso falar de judeu porque eu sou judeu, então quando estavam lá fazendo a bíblia, então fizeram, escreveram, escreveram aí foram montar a capa. Aí foram o assessor de imprensa do Moisés, estava do lado de Moisés, aí Moisés reuniu toda judeuzada e pá: abriu o mar vermelho e atravessa a judeuzada toda... o assessor disse assim: gente, eu vou conseguir uma chamada de capa! Quer dizer, não conseguiu. Então nem sempre o que tu acha que é manchete vai ser... às vezes... ontem o repórter da polícia tava indignado, porque “minha matéria é a melhor” e a duas repórteres de geral: não, a minha matéria é melhor. E como a Andreia sempre me disse: a decisão é tua. Se ela for acertada, parabéns, se ela for errada, a cobrança vai ser pra ti. É que nem a história do padre abençoando crianças. Eu cometi aquilo, então a cobrança pra mim... se é um erro. É que nem a minha pior capa até hoje assim, eu sei apontar... O final do campeonato gaúcho, Inter e Juventude foram disputar. O Inter super, o time grande, o Juventude um time pequeno, ele vem aqui meteu 3 a 0 eu acho que foi na época. E aí o repórter construiu todo texto em cima do drama de como um time pequeno, do interior, como é difícil né contra o time da capital, um time grande. E eu olhei pro texto dele, o Juventude ficou em segundo, mas perdeu. E aí o fotografo disse assim: bah, tem uma foto sensacional. E eu: deixa eu ver. Uma foto gigante assim que eu coloquei na capa, um mar vermelho assim, da torcida, enfurecida assim, e os três jogadorinhos do Ju assim bem assim...

Pequeninhos...

Com essa foto e com a informação do texto, o que que a pessoa fez?

*Tava desproporcional.*

Não, a pessoa não teve dúvida: “Juventude não consegue vencer”... pera aí, como é que é: “Juventude fica pequeno diante do gigante internacional”. Casou com a foto, ficou lindo assim, bem certinho. Perfeito lindo... Juntou assim a torcida gigante...

*O gigante do Beira Rio...*

O gigante do Beira Rio e eles pequeninhos. Foi parar até na câmara dos vereadores, queriam nos matar. A Andreia... nós passamos o dia tentando amenizar a situação. Mexer com torcida, religião e política, meu Deus do céu! Mas assim foi tanto, tanto...

*Mas de qualquer forma depois que tu faz a capa, o editor-chefe dá o aval?*

Não, não passa pro editor-chefe, o editor-chefe sou eu (risos).

*Não, mas nessa época da capa também?*

Andreia era a editora-chefe, mas ela tem plena confiança né? Então o que eu vou escrever... é como eu disse que ela me falou: a responsabilidade é tua. A decisão se a manchete vai ser Bento Gonçalves ou Vacaria. Se for certa parabéns. Se for errada a cobrança via vim pra ti, né? Então... e aí foi. A Andreia no outro dia tá assim: vocês tão loucos? E eu entendo tudo que tu fez, mas nós não podemos, nós somos juventude e nós somos Caxias até morrer; nós temos que enaltecer o segundo lugar e não criticar né? Aprendi. E aí tu leva isso pra tua experiência. Tu vai juntando as coisas. Exemplo: agora recentemente a copa do mundo o Brasil foi lá e pá perdeu, “aah Neymar” e o hexa ficou pra trás. Aquelas coisas mais obvias assim, adeus ao hexa, o Brasil volta, terminou, acabou. E aí eu fui pra reunião com essa foto e eu disse vamos usar essa foto assim. E as pessoas não, porque... E eu disse assim: olha se eu for criticado, eu aceito, mas o Tite é nosso, ele tá triste. E aí bati o pé e vamos lá. Aí no outro dia pra minha surpresa eu acho que tu conhece o Mídia Mundo, e eu disse olha ali oh, tá ali. Três acertos. Considerado que a gente acertou. E é isso mesmo. Ninguém mais fazer aquilo dali, isso é uma das coisas só do Pioneiro. E aí, o bom disso é que toda capa foi concebida. Desde a foto, buscar o ícone, tu vai trabalhando e tu consegue. E as pessoas também dizem: ai, que capa linda, que legal, parabéns pelo que vocês fizeram pelo Tite, é isso mesmo, a gente supervaloriza ele. Então te da um “uh, que alegria, que bom”. E nessa coisa de produção de capa, às vezes tu tem... principalmente, nessa coisa do design que a gente sempre trabalha muito... Às vezes eu vou conversar com os alunos da UCS e eu costumo falar muito para eles hoje não se fala mais simplesmente no design gráfico, tu diz assim, o design da notícia né, o que tu quer passar com isso, como que tu vai trabalhar. E as vezes tu é pego numa enrascada assim, que nem a gente teve uma história no início do ano de uma menininha que tava indo pra escola, a Nayara, e daí ela sumiu. E a cidade inteira: a Nayara, a Nayara, só se falava nisso. Até que treze dias depois ela foi encontrada morta, foi estuprada, teve um monte... um horror assim, um horror assim. E aí a redação toda sensibilizada. Aí vira aquela coisa, tu tem o projeto gráfico mas não tem como... esse é um exemplo “ah, vamos fazer o Caso Nayara”.... aquela coisa, o design da notícia. E aí tu leva esse design da notícia pra capa também e estrutura e faz a capa. E aí tava dando uma olhada, pedindo opinião, tava ajeitando umas cartas que tinha no dia, olho pro lado, achados do Iote. Iote nos Estados Unidos. E eu digo, ai meu Deus do céu, e agora? Aí mandei um email pra ele, preciso falar contigo. Ah tá, tá bom. Aí eu disse para tudo, e aí o dia que a capa do jornal foi simplesmente uma charge..

*Ah, que legal...*

E exatamente como a gente tá vendo, só que no jornal. Assim preto, as pessoas olhavam e choravam por causa da história. E aí eu digo, cara é essa nossa função também. Nós podíamos ter explorado mais a notícia da menina, mas não precisava...

*Não precisava, uma coisa gráfica dava conta.*

Exato, tu passa a emoção e o importante da parte gráfica é isso. Mexer também com a emoção das pessoas. E graças a Deus no Pioneiro a gente tem muito isso, tem muita liberdade de experimentar

coisas. Eu vi que tu tá com o gibi alí, sabe. São propostas diferentes, muito trabalho, muita briga... é difícil

*E aqui tu pediu a capa pra ele ou ele pensou aquela capa?*

Ele mandou a charge, só que a charge era assim em preto e isso aqui vasado em branco. Aí eu liguei pra ele e pedi pra ele inverter pra mim e me mandar. E aí eu simplesmente...

*E aí foi tranquilo pro pessoal aceitar? Ninguém quis... ah quero minha matéria na capa...*

Não, não. E as vezes tem que dizer não, vai ser isso. É que nem a história do Tite “ah tem que ser o Neymar, não, vai ser o Tite”. Democracia até certo ponto (risos).

*Claro, tu tá numa função que te confiaram pra isso...*

Tenho que fechar o jornal. Se vai acertar ou não é uma outra questão...

*E tem toda relação com o Iote, com o jornal, com a população...*

Exato, exato. E aí a gente fez essa capa e foi muito legal assim, uma capa que entrou pra história do jornal. [Patrícia: Ela dá o tom] O cuidado todo. Mas também já fiz coisas... que nem, editando fiz essa naba do inter gigante...

*Acontece...*

Na diagramação uma vez a gente fez a história dos crimes que abalaram Caxias do Sul, os 20 crimes que abalaram Caxias do Sul, e aí um dos crimes mais famosos da cidade é o crime da mala, que a história de uma menina do interior que veio trabalhar na cidade e o patrão matou ela, dobrou ela e enfiou dentro de uma mala e jogou no mato. E quando foram fotografar aí tinha só uma perna assim, abriu e saiu uma perna pra fora da mala, uma foto forte. E aí o Roberto disse: temos que pensar numa capa. E eu disse: mas essa foto é tão forte. Foto forte dessa o que que eu vou fazer? E aí eu pego e coloquei uma manchete assim tinha o logo, era quadrado, e aí eu fiz uma manchete aqui assim, coloquei um apoio aqui embaixo, e aqui as páginas. E aí peguei um fio, fio 8, um fio bem grosso preto, aí a foto era uma foto ruim e meti essa foto da mala aqui assim, com a perninha da menina saindo aqui. Mas isso duas colunas. Pensa na quantidade de críticas. As pessoas enlouqueceram. E o Roberto disse assim: mas eu não entendo o que tem demais? E eu: o que que tem demais? Imagina isso todo em branco aqui, como que eu fui fazer essa. Meteu o fio 8 aqui, aquela foto parecia um outdoor, e aquela perna saindo de dentro do jornal.

*A atenção ficou toda ali...*

Toda ali, mas graficamente uma boa solução. Mas, editorialmente péssima, péssima.

*É um equilíbrio...*

É difícil. Mas é a coisa que você vai aprendendo com o tempo. E aí outra coisa que eu trouxe pra te mostrar é que as vezes e assim não só, principalmente na nossa função de jornalista e editor de capa, tu tem que ter plena confiança nas pessoas... E na reunião de pauta com os editores, e as pessoas dizem: ah, que o fulano com texto... Não vai. Editar texto é uma das coisas mais fáceis que existe. Tu pega a pessoa pela mão, senta aqui do meu lado: o teu lead tá lá no pé, a tua matéria mais importante tá aqui no meio, então vamos juntar isso, vamos trazer pro hábito a tua matéria. Dá uma apimentada se necessário, buscar uma declaração, elimina a fonte que não funcionou. Assim tu estrutura um texto. Agora editar graficamente é extremamente difícil. Porque o conhecimento de cada um graficamente, são totalmente diferentes, as pessoas trazem na sua bagagem, sabe? Tem gente que olha Capricho, e tem gente que é apaixonado por jornalão, vai para Folha de São Paulo, buscar referências, vai pra internet, olha os jornalões internacionais, busca coisa da Espanha e outros ficam na Capricho e são diagramadores. E como que tu vai lidar com isso? Eu costumo dizer que pra todos que a pior área de tu ser editor, as piores áreas é: fotografia, diagramação e arte. Porque tu tá lidando com conceitos. O editor de fotos espumava quando ele viu isso aqui, mas pro repórter fotográfico era um momento de genialidade...

*Tinha uma poética ali...*

Tinha uma semiótica. Toda uma explicação semiótica, mas que era necessário. Daí no dia seguinte eu usei uma foto de comércio ilegal de um senegalês parado num sinal de pedestre, com o sinalzinho vermelho lá em cima. Aí tu vai: sinal vermelho para o comércio ilegal. Gente, olha... tu pode usar, é legal casar com a foto, é interessante. Mas tu tem que ser avisado.

*Claro, não fazer uma pegadinha, nem com o jornal nem com o leitor.*

Exato. E aí eu digo pra eles... é difícil tu chegar pra um repórter fotográfico e dizer: cara essa foto não funcionou, vai ter que fazer de novo. Porque pra qualquer pessoa sempre vai fazer o melhor possível. É difícil pra chegar em um diagramador e dizer assim: gente, isso aqui não dá, tu não pode vaziar um texto sobre um fundo azul. Tu não tem noção que tem registro? Que tamanho é essa fonte? Da onde que tu acha que isso é bonito? Eu tenho uma diagramadora que adora “enfeitar” as páginas e aí ela pega coisa da internet. Não, não para, não é isso. Matéria de violência com criança e aí ela coloca uns brinquedinhos; não, qual é a função disso? Tu tem que pensar na função gráfica de cada elemento que tu queira utilizar num projeto especial? Ah por que que ele tá ali? Ah pra enfeitar... Não, isso não é argumento. Não me venha com esse argumento. Porque isso não cola. É que nem a história do gibi, esse gibi aí, a gente tava num projeto com o Tite; Vamos fazer o gibi do Tite. Tá... vocês já conseguiram a autorização do Tite. Ah, vamos falar com o irmão dele... não, tem que ser autorização dele, aí conseguiram um e-mail do Tite dizendo: sim, vocês podem fazer. Ah, ele deixou, ele deixou! Tá, vamos fazer o gibi do Tite. Aí o ilustrador fez uma ilustração, eu disse: para tudo. Para tudo. Vamos lá gente, vamos conversar e aí tu olha pra cara da pessoa e diz assim, o teu traço não funcionou. Ele queria me matar, mas quando terminou o trabalho dele, ele veio e me agradeceu, disse assim: muito obrigado, “é o melhor trabalho da minha vida”, eu disse: parabéns, parabéns por ter sabido ouvir. E encerrou a discussão. Então falar essas coisas gráficas para as pessoas é muito difícil...

*Ainda mais o traço, é uma coisa muito específica, né, tu observa...*

Exato. Então... porque vem tudo da história dele, mas também tu tem um nome de um produto a zelar. Se as pessoas confiam teu trabalho, para que tu entregue o melhor, tu tem que fazer que isso seja o melhor. Para mim por exemplo é muito melhor ter sido enaltecido por uma coisa extremamente boa que tu fez do que tu ser o cara que fez... É o Tite da Fifa, eu não sei se você chegou a ver.

*Eu não cheguei a ver.*

Procura... Tite Fifa [ risos]

*Ficou horrível?*

[Risos]. É uma mistura de Batoré com... é uma coisa terrível. Às vezes falar a verdade pras pessoas às vezes é difícil, né. Mas é necessário.

*Tá certo. Bom, tu respondeu quase tudo já. Aí talvez a pergunta que eu te faria agora, então é assim: o setor do jornalismo ele vem com essas transformações radicais, impactantes, nesses últimos anos e que tu tá há bastante tempo dentro do jornal...*

25.

*É. Então dentro desse teu período o que que tu percebe, quais foram as principais mudanças assim? Principalmente na perspectiva de tua atividade né? O que que tu acha que se mantém? O que tu acha que mudou?*

Na área gráfica mudou praticamente tudo né? Desde da forma que tu desenhava, os conceitos gráficos também. E a própria necessidade de atender o nosso leitor, no caso específico do Pioneiro, sabe? Que quando a gente mudou o projeto gráfico, diante da pesquisa, se percebeu que o nosso leitor, a maioria eram pessoas com mais de cinquenta anos, outro mais de sessenta. Aí tu diz: como que a gente vai atender a essas pessoas? Aí nós aumentamos o corpo da letra, dá uma espaçada, facilitar a leitura. Coisa que a gente não pensava há 10 atrás, certo? Tu criar um conceito, ah isso é bonito, isso vai funcionar, é isso que eu gosto, a ditadura da diagramação, e hoje não. A gente

trabalha para que o leitor tenha o prazer da leitura, e quando a gente busca esse design da notícia, essa coisa diferente, mais formal, ou informal, qual o público que tu quer atingir com isso? Existe muito essa preocupação agora nos últimos tempos. A coisa de experimentar coisas novas, formatos novos, tudo isso também buscando atender a uma área chamada comercial, certo? A gente tem plena noção, sem comercial não existe redação, e vice-versa. Então isso está muito alinhado para mim, sabe?

*E como tu percebe... no teu setor, tu fica mais concentrado no papel ou acaba dirigindo alguma coisa em relação ao digital?*

Papel. Noventa e nove por cento do tempo no papel.

*Tu acha que teve um impacto da tecnologia? No sentido de preocupações, desafios, oportunidades...*

Todos, todos os impactos possíveis da tecnologia a gente sofreu. Há 15 anos eram 15 pessoas praticamente pra fazer o que hoje 4 pessoas fazem. A tecnologia nos ajudou muito, mas ao mesmo tempo deu uma enxugada legal no pessoal, [Patrícia: condensou] condensou, condensou, condensou. E cada vez mais as pessoas precisam fazer coisas novas né? E nós da RBS, hoje o setor da diagramação é responsável por diagramar o jornal, liberar o jornal, enviar o jornal pro online, enviar o jornal pra impressão e depois fazer conferência. Inserir anúncio, coisa que a gente nem cogitava há 10 anos. E eu era um dos que mais esperneava assim, mas espernei, espernei, espernei... uma hora... te dizem: faz e tu tem que achar alternativa. E fazer isso da melhor maneira possível. Então a tecnologia assim ajudou, facilitou muito as coisas, mas ao mesmo tempo nos deu um monte de coisas a mais pra fazer.

*Tá, junto disso todo esse processo de integração. Que vocês estão sofrendo e que é um fenômeno.*

Assim, a gente está muito embrionário. Como vai ser esse processo de integração e também muito das pessoas né... Tinha um editor-chefe nosso que dizia assim: jornalista é muito carente. E eu concordo. A gente aqui dentro o tempo todo e como as pessoas precisam de atenção, as pessoas precisam ter cuidado, como que tu vai lidar com esse processo de... que nem a gente tá largando esse prédio e indo para um novo, você tem que tratar as pessoas com carinho e com cuidado, principalmente em cargos de gestão, então a gestão, ligada ao trabalho mais o cuidado com as pessoas. Tu sai todos os dias esgotados. Mas, vamos lá. Vida que segue. Toca o barco.

*Certo. E assim tu saberia me elencar assim, hoje em dia, pra trabalhar nesse planejamento gráfico do jornal, que que tu acha que tem que ter? Características, perfil.*

Querer trabalhar é fundamental. A boa formação. Na área gráfica nós abrimos um leque legal aí, tem colegas que defendem que só jornalistas façam diagramação de jornal, eu acho que não. Alguém com uma boa formação em publicidade pode atuar, design então... sensacional, que venha mesmo. E o que eu te disse, a formação em artes que são pessoas que podem agregar. Então vai juntando. O conceito da diagramação é possível tu passar pra uma pessoa, principalmente com a tecnologia, hoje tu chega aqui no jornal e isso aqui tudo já tá definido... Tu tem a página, já vem com a cartola, isso aqui tu dá um clique lá, comandinho no InDesign... que é sensacional... tá o estilo lá e só vai aplicando, e nós temos um formato, segundo o Luis Adolfo, que a gente implantou aqui muito parecido com os jornais espanhóis. Onde os editores colocam todos os estilos já no computador deles e quando eles enviam para a diagramação, já reconhece. É tudo é casadinho, é perfeito. E eu que fiz isso. Então esse profissional que nós vamos treinar, seja jornalista, seja designer, seja publicitário, seja formado em arte, ele não vai precisar se preocupar com que fonte é essa no primeiro momento, porque isso tudo vai chegar corretamente. Então ele vai se preocupar com os espaços, coisas pré-estabelecidas. E aí, ele vai aprender a diagramar, então eu sempre tento fazer isso com as pessoas, que elas aprendam a diagramar e que elas conheçam o que estão diagramando. E saiba que essa fonte é x, não é y, que tu vai sempre colocar o título maior em cima e nunca embaixo. Com o design da notícia, o design da página. Então, para mim isso é fácil. Pode ser jornalista. Mas acho que tem que ter formação superior, sim. Essa história de antigamente, tinham as pessoas que conseguiam... só se for um gênio. Mas, eu acho que tem que valorizar. Pô! Você ficou quatro, cinco anos, em uma faculdade. É injusto, você pegar uma pessoa que tem o segundo grau ali e dar um...

*E hoje a equipe a maioria é jornalista? Da diagramação.*

São três jornalistas, uma designer e o rapaz da arte... É esse o grupo ali, hoje.

*E como você vê o futuro dessa atividade para o jornal?*

Acho que pelo menos uns 10, 15 até 20 anos vamos continuar com o papel. Principalmente nos jornais mais segmentados, como é o caso do Pioneiro, que atende uma comunidade específica. Veículos menores. E a área gráfica pra mim é meio que eterna, porque pro papel ou pro online alguém vai ter que juntar esse conteúdo. Porque é muito mais prazeroso você folhear um flip no seu computador, no seu celular, enxergar uma página mais ou menos estruturada, que ver aquela linhazinha de título e o texto, linhazinha de título e o texto... E eu acho que tu podes causar essa emoção que tu causa quando tu tem uma capa em branco, no papel e no online também. Eu acho que a sensação é mais ou menos a mesma assim. O papel nos dá essa coisa boa de tu poder tocar, poder abraçar, escutar esse barulho é bom. Mas que um tablet também vai. Mas a emoção que consegue passar ali também. Só não gosto muito da internet das críticas... (risos)

254

*Porque o retorno é mais direto...*

E geralmente um retorno super negativo né, porque qualquer coisa que tu faça, que emociona alguém, no papel, no online sempre tem alguém do clube do ódio que sempre tem a pessoa que... por exemplo olha isso aqui e diz assim: ah o Pioneiro é sensacionalista. Onde que tu enxerga sensacionalismo aqui?

*Não é, seria o contrário...*

Não tem, não tem. E é isso que a gente diz: o que que é sensacionalismo? Acho que quem adotar a diagramação vai conseguir se aposentar [risos].

*Tá certo, então tá...*

Espero ter ajudado

## 8.8 Entrevista ED15S

*Eu queria que tu me falasse da sua antes da sua formação e quando você começou a trabalhar em redação de jornal.*

Então, eu me formei...eu sou de Santo Angelo. Eu acho que eu sempre quis ser jornalista desde a 8ª série assim, eu penso que eu não tive esse problema de definição de profissão quando chegava nessa fase da vida. E eu sai de Santo Angelo e vim pra cá porque eu fiz um curso de magistério por lá, pra ser professor de educação infantil e ao mesmo tempo fiz a contabilidade a noite, porque minha mãe achava eu eu só estudava então era bom que eu fizesse dois cursos pra aproveitar a vida. Então eu não tinha a formação do ensino médio, que na verdade era química, física e biologia, eu fui aprender isso em cursinho aqui, porque eu não tive nenhum dos dois cursos, eu tive didática da química, didática daquilo.... Eu vim pra Santa Maria e fiz meio ano de cursinho e passei na Federal aqui em Santa Maria. Entrei em 1995 e me formei em 1998. Depois que eu sai daqui eu trabalhava no jornal A Razão, eu trabalhei em toda minha vida acadêmica assim, trabalhei fazendo estágio aqui, dentro da faculdade, fora, nas minhas férias eu inventava, comecei a fazer uma rede, aquela coisa de participar de congresso e aí fazia uma rede, aí eu fui estagiar na casa de um amigo em Brasília, na Rede Globo numas férias, e aí depois eu ia em outras férias pra Floripa, e eu fiquei na época no diário Catarinense que nem era do grupo RBS. Então assim eu fui ficando...apesar de que no período todo de academia eu fiz parte do grupo de pesquisa que é um grupo de formação de professores que é o PET que é um programa do governo federal que teoricamente tinha que me levar dentro da academia, mas eu tinha um pé muito grudado no mercado eu dava essas escapadas nesses projetos de... no ultimo ano de faculdade eu tava trabalhando na Razão aqui em Santa Maria que já fechou, infelizmente, eu trabalhava na área de educação em geral como repórter, não era formada ainda mas o jornal não pedia e tava fazendo o PET, três anos de pesquisa durante todo o processo, e eu passei na primeira etapa de uma seleção da UFRJ que eu pesquisava a análise do discurso, o professor Fausto era de lá e trabalhava com a gente aqui também porque tinha uma relação com meu orientador do PET e eu passei no primeiro processo de seleção e eu tava com o pé quase dentro do mestrado na UFRJ. Só que meu lado aventureiro dizia que se eu fizesse o mestrado eu ia fazer o que eu sempre condenei que era as pessoas se formarem e já grudada no mestrado e não ter prática nenhuma porque eu tinha tido essa realidade. E a minha mãe depois que eu passasse em mestrado não ia me levar pra compadre nenhum e dizer: minha filha você pega o mundo e vai viajar, vai pro mestrado. Então que que eu fiz? Eu não fui fazer a prova de seleção do mestrado e resolvi tentar um estágio em Londres, fui estagiar na BBC em Londres e me mudei pra Londres pra ficar três meses, estudando. Fiquei um ano morando lá, o resultado da ópera foi esse, eu acabei ficando um ano, três meses na BBC, depois eu fiquei na Globo lá fazendo edição de imagem pra outras agências, trabalhei em outras coisas, foi muito legal. Voltei para o Brasil no ano 2000, e aí voltando pra cá não tinha emprego, tive sorte, porque me inscrevi no projeto de trainee da Zero Hora que era pra entrar pelas vias comuns as normais, as tradicionais de seleção, quando eu vim visitar a Fabiana Sparremberger que tu vai conhecer daqui a pouco, que era minha veterana e trabalhava na sucursal da Zero Hora aqui em Santa Maria, e tinha todo essa relação amizade, e eu fui fazer uma visita de cortesia: Oi Fabi, como é que tu tá? Eu estou procurando o emprego, sabe. Cheguei lá dei de cara com a editora de todas as sucursais do interior que estava procurando alguém que falasse muito bem inglês pra trabalhar em Santa Cruz do Sul – que eu não sabia nem pra que lado ficava do mapa. E aí eu disse eu falo e acabei ficando dois anos, e o programa de trainee não foi e eu acabei entrando já como funcionária pela porta, pelo outro lado da história, aí eu fiquei dois anos na sucursal do interior de Santa Cruz. Eu fiz de tudo, esporte, casa e cia, campo e lavoura, todas as matérias que se possa imaginar, porque a sucursal é uma super escola eu acho que eu acertei, não querendo, eu acertei do melhor jeito que eu poderia começar no jornalismo que era me ralando mesmo, aprendendo a fazer de tudo um pouco. Em 2002 eu tava casada, meu marido morava em Santa Maria, e eu queria voltar pra cá, não tinha vaga na sucursal daqui e eu incomodei tanto meu chefe quanto a Fabiana. Quando eu cheguei aqui eu descobri que o Diário de Santa Maria ia ser aberto, não tinha nem o nome na época, o RBS tava abrindo o jornal em Santa Maria. Que era uma coisa super, ultrassecreta na época isso era mais ou menos janeiro a gente viu os computadores chegando, a gente viu uma movimentação, uma coisa muito estranha.

Eu e meu colega que era fotógrafo: que coisa mais estranha isso, tá acontecendo alguma coisa que a gente não sabia o que que era e a gente pressionou, pressionou, até que eles disseram o que que eram. E aí já que tava abrindo jornal e eu quero voltar pra Santa Maria porque minha vida tava aqui, voltei pra Santa Maria, e virei editora de economia. Não sei quem na loucura achou que eu podia fazer edição. Economia pra mim era Economia de Santa Maria, taxa Selic era um negócio assim que eu não sabia nem pra que lado nasce o sol. E aí eu fiquei três meses na editora de economia, e quase morri de tristeza e disse pro meu chefe que era o Nilson Vargas e que hoje é um dos big boss da RBS, que eu disse pra ele: Nilson, assim não dá cara, tu é o editor de economia da Veja, que era de onde ele tinha vindo, eu não entendo nada desse troço. O Maurício que era o meu repórter entende muito mais do que eu, me tira daqui, me bota na polícia que é o que eu gosto de fazer. Ele disse: tá bom, então vamos te botar no lugar certo, o jornal tava começando, era apaixonante, era um projeto maravilhoso do jornal no começo assim, era uma grande família, tudo começou do zero, sabe, muito bacana. E aí eu vim pro Diário de Santa Maria em 2002 e nunca mais sai. Quer dizer, eu sai, em 2005 eu voltei pra Zero Hora, fui pra Zero Hora de Porto Alegre como sub editora de polícia, a área que eu sempre gostei, meu coração brilha lá na segurança, e aí eu fiquei lá até o ano de 2005, Nilson saiu daqui e foi embora pra agência de notícias, na época agência de notícias da RBS, e a Andrea que era a sub dele assumiu e teve uma conversa com o Marcelo Reck e disse: olha, o Marcelo ainda era o diretor de redação e disse pro Marcelo: olha eu preciso da Silvana de volta, você dá um jeito de seduzir essa guria aí, por que eu preciso dela aqui, como editora de produção. Porque eu era bem organizadinha na época, eu tinha agenda, eu gostava de cobrar, sempre fui muito de orientar repórter e a Andrea queria criar a figura de diretor de produção dentro do Diário de Santa Maria, que até então não existia. E aí a Andrea me seduziu mesmo, ela disse: vem porque aqui... porque não sei o que... e aí minha mãe também tava perto, tava morando em Santo Angelo, ela começou a ficar aquela coisa mais velinha, mais doente. Aí eu disse tá bom, vou voltar. E eu voltei e nunca mais sai daqui. Eu tenho filha e tal, e agora não desgrudo o nariz daqui mesmo. Quer dizer, até me dá na veneta porque eu ando muito calma, é muito tranquilo aqui. E aí eu fiquei no Diário, eu já fiz tudo, já fui editora de... eu só não fui em Santa Maria editora de política, uma área que se assim me mandarem fazer uma matéria eu faço, mas é uma desgraça não contem comigo que vai ser alguma coisa que preste. Eu não entendo e daí quando tu não entende tu não gosta. Mas de resto tudo eu já fiz: de capa do jornal a fotografia, a todo resto. Eu já passei por tudo no Diário de Santa Maria. Em 2013, quando a Kiss aconteceu, eu era editora de produção, só que eu fazia edição no jornal de 32 páginas, com editorias fixas a gente não tinha ideia do que que era um evento daquele, entende? Quando eu fui acordada eram sete pessoas que tinham morrido, eu achei que, a minha vida já tinha... eu já sai de casa com uma mochila cheia de comida porque eu disse pra minha mãe, minha filha tinha 3 meses, eu disse eu não volto tão cedo pra casa, cuida da Julia pra mim, e eu voltei dois dias depois. Na época assim foi uma loucura a Kiss. E o jornal foi de 120 páginas naquele dia. Então assim era uma proporção que a gente não tinha e a Kiss aconteceu num domingo as cinco horas da manhã quando eu soube, a gente não tinha jornal impresso, a edição de domingo não tinha, e aí que vem uma parte do que eu sou agora, aquela parte que vai juntando com a outra parte do que eu sou agora por causa da Kiss, porque, porque eu cheguei lá a gente tinha um site que era assim um site que colocava as notícias do jornal impresso, era uma coisa muito ruim, a gente não tinha atualização, não tinha uma equipe, nada, pra te falar bem a verdade, em 2013 ainda não tinha. E eu cheguei lá e falei a gente precisa da essa notícia pra todo mundo em algum lugar e não era só no site da Zero Hora, a gente era filha do mesmo pai e da mesma mãe mas não era a mesma pessoa, a gente precisa ter identidade nesse momento, a cidade precisa conversar com o jornal que é referência dele. Vamos pro site, vamos fazer essa coisa funcionar. E aí eu liguei pro Zero Hora e falei a gente precisa atualizar esse site, que era atualizado só de noite, a gente pegava o material do impresso e jogava lá, alguém, era tipo uma pessoa técnica, com toda edição do impresso, dava um ctrl+c ctrl+v em um PDF e jogava no site e deixava ele lá, o dia inteiro ele ficava do mesmo jeito, a mesma matéria, o mesmo jeito, não tinha uma atualização no site... não tinha novas matérias....

*Isso em 2012...*

13! Janeiro de 2013, o jornal era estritamente impresso, ponto final. A gente tinha uma pessoa que puxava, o Chagas eu não sei se ele vai conversar contigo, o Chagas ele ficou por um tempo assim que cuidava, tentava, mas o Chagas ele é jornalista, mas não é jornalista na área de texto, então pra

ele fazer um texto era muito mais dificultoso. Então o Chagas era um cara que tinha, sabe aquele cara que tem o celular mais moderno? Ah, ele entende de tecnologia, ele gosta dessas coisas aí, então tá, joga pro Chagas, porque ele era o chefe da diagramação. Então o Chagas por osmose, ganhou aquela função, mas que não pertencia a ele. Então eu falei não, vamos montar uma equipe de online, rapidamente, porque eu contratei muita gente sem saber quem era, repórter, fotógrafo, por telefone de manhã eu só perguntava: você não bebeu na festa, porque se tava bêbado não dava pra trabalhar. Mas se não fosse assim, tava contratado, a gente precisava de gente. Eu montei a equipe de online com algumas pessoas que eu tinha, que era os mais novos da redação, os estagiários e os assistentes depois, que era quem? Quem entendia de internet, porque o resto não sabia nem para onde nascia o sol. E aí a gente saiu pra fazer uma coisa muito legal, que é assim a primeira coisa que se descobre no mundo digital, nós não somos mais seres que precisa somente de um bloco de notas, a gente precisa de muito mais, hoje. E aí minha vida mudou de ponta a cabeça, eu sou analógica, tenho 42 anos, eu relutei bastante em entrar no Facebook, eu relutei bastante... eu reluto com a tecnologia, porque não é da minha natureza, é da natureza da minha filha assistir YouTube. Não é da minha. Mas assim, eu entrei no mundo digital e claro, eu tenho uma equipe super jovem que trabalha comigo, eles entendem mais, eles que buscam, não sou eu. Eu tenho que me colocar na parte que me cabe nessa história. E foi assim a minha trajetória no jornalismo.

*E você pode me falar hoje da tua função, no que que ela consiste, quais são as tuas atribuições...*

Que que aconteceu? 2013, a gente passou aqueles três primeiros dias assim que era uma loucura fazer produção do jornal e ao mesmo tempo tava preocupada como site, daí a gente começou a se dar conta de que tinha que atualizar, tinha que dá matéria toda hora e a gente teve, eu não vou lembrar do número aqui de cabeça, mas assim nossa audiência no site era algo como 200 mil visualizações no mês, no mês inteiro. Isso é uma coisa ridícula. Hoje tem 100 mil no dia. E a gente... eu vou te dizer assim eu me apaixonei pelo jornalismo digital quando eu olhei e descobri que tinha uma coisa chamada google analytics. Quando eu olhei praquela troço eu falei: caraca, isso é tudo que a gente não tem no impresso. Eu sei que que o leitor tá lendo, de quando tá lendo, de que jeito ele tá lendo, sabe se ele lê o primeiro parágrafo, o segundo parágrafo. Aí eu disse que eu queria trabalhar naquele negócio. E daí rede social é muito apaixonante, é uma cachaca maluca, porque às vezes eu tenho vontade de tacar fogo, mas eu não sei se eu sei viver sem o feedback do leitor, entende? E no impresso tu carece muito disso, a gente faz muito com a cabeça de que a gente tá pensando que é isso que o leitor quer, mas a gente não tem essa resposta. O cara não pega o telefone pra te dizer o que ele achou, ele vai lá na rede social. Então eu sempre digo pro pessoal do impresso: olha a taxa de ressonância de vocês não é na carta do leitor, meus amores, é aqui na minha rede social então vocês vem olhar o que estão dizendo das matérias de vocês. Porque vocês não podem viver livres disso daqui. Então o que aconteceu? a gente viveu aquela loucura da Kiss por três quatro meses, eu continuava no impresso, era a diretora de produção do impresso, a coisa da Kiss foi acalmado, a gente já tinha uma rotina, já não trabalhava mais 12 horas por dia, a coisa começou a dar uma acalmada. Mas eu não me desgrudei daquele grupo que eu juntei, que eu constitui ali, eles viraram meus filhos assim, que eu chegava de manhã e eles me perguntavam: o que a gente vai fazer hoje? Então eu virei uma editora de site, sem ser de fato, uma editora de site. Por ser na prática uma editora de site. Porque eles estavam todas ali, a Andrea Fontana tava de licença maternidade, a Fabiana era editora chefe e ela disse fica com esses estagiários aí contigo e fazem eles irem mantendo as coisas, e eu disse tá bom. E era um grupo de quatro, ótimos, maravilhosos. E eu peguei eles pra mim. Eram dois estagiários, um assistente e um de conteúdo. E eram eles que me ajudavam, eles que faziam o site. E a gente conseguia fazer conteúdo durante o dia, e daí a gente começou a furar os colegas, eles começaram achar muito legal que as matérias deles iam sair antes no site. Tinha tudo isso ainda dentro do jornal, era um processo que os outros já tinham vivido, aí eu falei bom, a Andrea já tava voltando de férias, a Kiss já tava dando acalmada. Aí eu falei a gente não pode mais manter o site. Só que a gente precisava fazer esse troço funcionar direito e não da pra eu ser editora de produção e tá pensando na produção do site e do impresso tudo ao mesmo tempo. E aí eu montei um plano, criei métricas, porque a nossa audiência, no mês do Kiss, em dois dias da Kiss foi um milhão e pouco de visualizações, foi uma coisa absurda, de cem a gente pulou pra um milhão. E aí eu montei um plano que a gente teria uma equipe, claro que daí com repórter, com editora e apresentei pra Andreia, ela chegou de licença maternidade, porque eu sabia que eu ia conseguir conquistar o coração de uma pessoa, era a dela. Eu falei oh, tá aqui. Aí

eu veio uma direttriz da empresa, vamos montar uma equipe digital dos jornais menores. Eu fiquei sabendo de um terceiro, quarto, quinto elemento lá de dentro que ia vim essa direttriz e pensei é a hora de eu chegar com meu projeto antes, quando a direttriz chegar o projeto já tá pronto e foi assim que a gente criou o núcleo de digital. Foi assim que a gente comprou computadores decentes, conheceu ferramentas, teve um *première* na redação que era só pra diagramação. E aí, minha cara, tem uma coisa nesse trabalho que foi muito legal. Eu não tinha nenhum web designer, eu tinha jornalistas formados, recém porque minha equipe era muito nova, tinha um só mais velhinho que nem eu, que era um pouquinho mais dinossauro do impresso, e eu precisava de alguém muito astuto para fazer matéria mais porrada. Deixava as do dia a dia pra equipe mais jovem, só que a gente queria fazer coisas mais... a gente queria fazer um quiz, não tinha quem fazia. A gente queria fazer aquilo... ninguém entendia *lhufas* de design. E tinha um colega nosso, que é o Rafa, tu vai conhecer, que o Rafa tava lá na diagramação e eu tinha participado do processo de seleção quando o Rafa entrou, eu sabia que o Rafa era um cara que curti cinema, eu conhecia o Rafa autodidata, eu gostava das coisas que ele fazia, mas diagramação não era pra ele, ele tava meio infeliz na diagramação, a parte boa é que eu sempre me relacionei muito bem com os outros grupos como eu era editora de produção eu acabava me relacionando com todo mundo, e eu falei Deia: eu queria uma vaga, eu queria uma vaga. Um guri da arte. Eu não sei nem o nome dessa vaga que a gente vai criar, nem sei se tem essa arte, eu queria alguém que fizesse arte, não da pra eu viver mais dependendo eu tendo que pedir pra zero hora pra demorar uma semana, pra chegar com um trem que não funciona. Daí Deia: eu concordo, mas quem? Pega o Chagas. Aí eu falei não: eu quero o Rafa. Ela: o Rafa? E eu: é, o Rafa gosta de vídeo, o Rafa já fez pós em cinema, então o Rafa é autodidata. Eu falei: eu quero o Rafa. E ela: tu tem certeza? O Rafa eu acho que não escreve uma linha, e tu vai precisar que esse cara te ajude em redes sociais. Aí eu falei: tu me dá ele com três meses de experiência e eu te digo se isso vai funcionar ou não funcionar. E ela: olha que tu pode tá demitindo esse cara, que depois não tem como ele voltar, eu vou contratar outra pessoa no lugar dele. Me dá que eu quero. E a primeira conversa que eu tive com Rafa foi assim: Rafa, eu te quero na minha equipe, eu tenho muitas coisas, que eu preciso de ti, mas eu preciso achar um jeito de preencher o teu dia com funções que não te levem a ter que te demitir por causa do que fazer.

#### *Franca e direta.*

Foi essa conversa que eu tive com Rafa, direta. Ele me olhou e me disse, tudo bem Silvana, o que eu vou fazer? Eu falei: não sei. A gente em uma semana vai ter que descobrir como vai ser tua rotina. Só que assim menos de um mês, já não tinha mais espaço pro Rafa, como hoje, as pessoas fazem fila pra pedir as coisas pra ele, porque ele é muito detalhista, ele é perfeccionista, ele é minucioso, e ele é o cara que faz tudo pra gente: da arte animada, o vídeo, a produção, ele produz o vídeo, ele capta as imagens, ele edita, ele faz todas as artes fixas pro site, ele faz tudo que a gente precisa, ele é o cara que vai preparar a ferramenta pra fazer o quiz, ele administra as redes sociais quando a gente pede pra ele, ele até faz matéria quando a gente pede. Então assim, virou e mexeu... o Rafa tá em casa agora home office há uma semana, porque ele tá aprendendo programação, porque eu disse pra ele: não dá pra ser webdesigner só com html porque eu não posso entender só o sistema pronto... porque me deixa tolhida em um monte de coisa que eu quero fazer.

#### *É isso que eu ia te perguntar agora... a estrutura do site ela é pronta?*

Ela tá pronta. A gente tem o cms próprio. Mas assim, por exemplo, eu quero criar uma página... a gente quer, a nossa ideia é crescer pra região, que a gente tem o projeto de Pay Wall que só precisa da assinatura. Então a gente quer crescer pra região, a gente vai tentar fazer um teste com algumas cidades piloto assim, pra ter a cobertura que a gente tem em Santa Maria pra ter na região. Só que eu preciso criar uma página pra região, eu não posso dar pra região um cantinho lá no meio da Santa Maria que eles se sintam nela, eu preciso dar importância pra eles. Daí eu pedi pra entrar numa fila que talvez ano que vem... daí eu disse, não vai dar certo. Falei Rafa vamos pedir pra Suíta te treinar. Só que o Rafa é publicitário, ele não tem nada de programação. Aí eu disse: tá bom, fica uma semana em casa, depois tu me diz se tu acha que vai dar. Só que o Rafa assim: tarefa dada é quase que executada. Eu sabia que ele ia me dizer sim, eu conheço a pessoa com quem eu trabalho, eu não sou loca suficiente. E daí ele me disse é um monte de coisa, mas pra gente se ver livre da

Suíta eu vou topar. Então eu sabia que ele ia topar e ele topou. E agora ele vai ficar o resto do mês treinando... ele já está aprendendo o script.

*Toda essa parte de programação...*

Na verdade assim, ele tem o CMS próprio, ele não vai precisar criar...

*O código fonte...*

O código fonte. Mas ele vai precisar mudar um tanto de coisa. Então assim, é um drama. Eu vou deixar ele com o drama dele lá na casa dele, eu não quero ele aqui na redação. Se não é um cutucando, Rafa faz não sei o que pra mim, então não. Então o Rafa é hoje o cara que cuida de todas as lives pra mim, ele faz todos os nossos docs, tudo que eu pensar em imagem eu tenho hoje na minha equipe o Rafa. Outra menina que é a Vic, que tem uma veia bem grudada em vídeo, ajuda bastante e tal. E tem as outras que nem eu que tapeia, que faz o improviso, no infograma, a gente improvisa, a gente pega coisas prontas e quando não tem o Rafa a gente dá uma... Então assim a gente não consegue pensar muito longe. E o que que eu quero dizer assim com isso, além do bloquinho, da caneta e do cérebro de antigamente, a gente bota a tecnologia junto, eu não consigo imaginar nada que seja feita pra internet que a gente não tenha uma imagenzinha assim mexendo, que a gente não tenha um tratamento, um bom layout pensado por trás, não da pra gente imaginar, porque não atrai. Então assim desde o “leia mais no Diário”, desde o plantão do Diário, que é a Celine, que vai na matéria quando a gente tem uma matéria de última hora, tudo tem que ser pensado e trabalhado graficamente. E a gente não tem essa formação na faculdade, eu não tenho. Não ria de mim, por favor, mas se eu preciso eu recorro ao paint, as pessoas olham pra mim e não acreditam. Deixa ele, enquanto ele existir eu to mexendo. Porque não é da minha formação isso, eu tenho uma raiz mais jornalismo. Agora a gente vai fazer um super treinamento de captação e edição de vídeo em mobile e tal, e live em 360, que a gente vai trazer um profissional de fora pra dar oficina pra gente. Porque a gente carece muito disso, é nessa levada. Então a trajetória da gente tem um pouco disso tá? Claro que no meio disso tudo o que aconteceu? A gente foi por um período de apogeu, 2013 e 2014 super bem, eu cheguei a ter seis pessoas na equipe com web design, a gente ganhou o investimento do ano, essa grana vai ser pra vocês, o orçamento pro investimento era 80mil na época, daí a Andrea disse assim: 60 mil é teu, tu compra os equipamentos que precisar. O computador do Rafa é tão bom que às vezes ele funciona do jeito que ainda da conta do recado, isso faz 4 anos já. Então assim a gente comprou tudo naquela época né? Aí a gente começou a ver que... 2015 já foi um ano mais difícil financeiramente, 2016 começou a enxugar bem, 2016 a gente teve uma redução na redação como um todo que é uma redação pequena, 29 pessoas, Fabi vai ter esses números melhor do que eu, de 29 foi pra 23, chegamos a 21, muitas demissões. A equipe do online de 6 virou uma pessoa. Então assim, eu que era só do online voltei a fazer capa e contra. Porque a figura da Andreia, a Andreia foi pra primeira e não existiu mais... eram três editoras, eu, Andrea, e a Fabi. A Fabi no impresso, eu no digital. Essa figura acabou. A Fabi virou editora chefe e eu fiquei aqui. Então ficou assim o organograma, entendeu? E daí eu fazia online e papel e daí era uma grande confusão. E eu já tava mais infeliz do que feliz. E assim se a empresa não tivesse tomado o rumo que tomou, que foi vendido, foi um momento bem difícil em 2016, final de 2016 pra 2017, a gente não sabia o que ia acontecer, a gente nem sabia que tava certa a venda, pra depois a gente entender e chegar ao que tá aqui hoje, tá? Tudo isso era muito nebuloso naquela época, eu tava assim: to saindo fora, to procurando um outro rumo pra mim sabe. Tava... e não era no jornalismo, ia abrir uma empresa, já tava mais ou menos pensado... todo mundo já tava pensando em fazer alguma coisa...

*Claro, um plano b...*

Um plano b, eu tinha 17 anos de impresso, tinha muita coisa. Então assim, eu tinha o plano b já estruturado e quando veio a proposta dessa empresa, a gente conversou e tal, eu fui assim, eu não queria largar... Quando a gente conversou pela primeira vez com os novos diretores da empresa, que vai vender, confirmou a venda, venha conhecer os novos chefes, aquela coisa toda, que foi minha primeira conversa com Fausto que é o diretor da empresa hoje, eu fui bem clara com ele assim, ele me disse: eu tenho uma proposta pra te fazer. E eu disse: antes da tua proposta, eu tenho um pra te dizer: eu não trabalho mais em impresso, eu não consigo mais ser feliz no impresso.

Então assim se você quiser me fazer qualquer proposta parta da ideia que eu sou digital. Se a gente partir dessa proposta tu me pede o mundo que eu te dou, eu vou ser tua parceira pra tudo, mas não me bota pra fazer as duas coisas ao mesmo tempo – eu tinha passado o ano inteiro fazendo as duas coisas, tinha sido muito ruim. Então eu não queria mais aquilo, eu só tava... eu tava decidida que só fosse pra eu trabalhar no impresso e no digital ao mesmo tempo do jeito que a coisa... porque eu tinha vivido uma coisa diferente, eu não queria mais. Ele falou não, a minha ideia é que a gente tenha as duas coisas separadas. Monta teu projeto, me traz o projeto de que digital tu quer, minha ideia é que a gente tenha dois editores separadas, a do online e a do papel, dois produtos bem separados. Depois em um segundo momento que a gente evolua pra uma redação integrada, que é o que a gente tá agora, nesse momento. Uma redação integrada, no começo é bem difícil, monta tua equipe vamos ver aonde a gente vai. E aí foi aí que eu fiquei. Eu vim de novo pra um projeto de montar uma equipe, que começava com seis pessoas, que começou com 4 e agora tá com 6, que devagarinho a gente vai indo. Que daí eu sou a editora...

*Seis contigo ou...*

Seis comigo. Eu sou a editora, não sou aquela editora de... como que eu vou te dizer... eu não sou editora decorativa (risos). Eu boto a a mão na massa. De manhã eu apuro matéria, eu entro em rede social, eu ligo e faço contato, das 8 da manhã ao meio dia eu sou uma jornalista repórter, eu reservo as minhas tardes pra trabalhar estratégias, pra projetos, hoje eu to com 4 projetos que eu to fazendo junto, então assim de tarde eu sou aquela editora que é muito mais focada em estratégia, de manhã eu sou editora, editora mesmo. Então assim eu tenho que contar comigo, se não minha equipe não funciona. A gente funciona das seis e meia da manhã as 22 horas com seis pessoas. Sendo que eu tenho o Rafa que não é de texto. Sendo que eu tenho dois assistentes, então é bem puxado. E eu não tenho oito horas, eu tenho seis horas. Então se eu não funcionar de manhã, eu vou deixar toda a manhã na mão de um estagiário...

*E agora tá começando a ser integrado com o restante da redação.*

Então, a gente trabalhou todo esse primeiro ano com a ideia bem marcada de que existe uma equipe de digital, existe uma equipe de papel, até porque o papel passou por um momento difícil. A gente saiu de 16 páginas e voou para 40 páginas. Então assim existem editorias bem marcadas, é claro que a gente aproveita o conteúdo que vem, mas o que eu quero te dizer, trabalhar com a ideia de agendamento, entende? Que é aquela ideia deque a matéria que tá no site, que o repórter do impresso tá fazendo vai ser agendada pra amanhã ela ir por site... isso é um retrocesso, um retrocesso planejado pra que fosse assim. Então agora a gente abriu essa coisa: matéria feita é matéria publicada na hora, entendeu. Então assim, não tem mais de guardar. Claro, tem matéria especial, que tem coisas que a gente não clica entendeu, mas aí é uma questão estratégica da gente, se eu achar que é exclusiva eu vou guardar, ou se a gente acha que tem que publicar publica, mas assim o factual é obrigatório e é obrigatório está no site, a gente não pode perder. Então aí teve todas essas questões. E agora a gente tá num processo de... desde o começo, mas muito mais agora, de pensar no digital num segundo momento assim, a gente pensa o digital é como é que a gente vai estar daqui cinco anos? A gente já apagou um incêndio inicial que era partir de uma pessoa, a gente teve seis voltou pra uma, de um site que não funcionava, a gente renasceu, consolidou, eu treinei uma equipe toda zerada, duas repórteres recém formadas e duas assistentes de conteúdo ainda estudantes, então assim eu tive que ensinar o b-a-ba do jornalismo, hoje elas estão voando, a equipe tá consolidada e o Rafa tá sempre comigo nessa história. Tinha momentos que o Rafa sabia muito mais e editava a matéria do que elas. Aí agora a gente não tinha essas duas assistentes de conteúdo, tinha uma, eu consegui a outra agora, agora a gente vai pro projeto plantão 24 horas, eu to implantando o plantão 24 horas no site, depois a gente vai pro projeto da região, entende, então é desse jeito. Só que no meio disso tudo eu tenho uma palavra que me tira o sono todas as noites que é sustentabilidade. Eu preciso começar a pagar minha equipe, porque se não eu sei que um dia a empresa vai olhar pra mim e vai dizer muito legal o trabalho de vocês, a gente adora... aquela história. Mas e aí cara pálida, cadê o dinheiro? Então assim, tem todo o processo também, é a gente trabalhou todo o processo de reformulação, a gente saiu de dentro do guarda-chuva da RBS, a gente perdeu todo o sistema, a gente perdeu todo computador de texto, a gente perdeu todo o histórico daí a gente migrou pra uma empresa nova, daí a gente construiu um site novo, o Rafa fez

toda construção do site, quando ele decidiu onde ia ficar cada uma das coisas, quem criou a logotipagem, foi o Rafa. EU e o Rafa ficamos fora 15 dias, e juntos a gente foi criando coisas adaptadas a nossa realidade. Eu queria ter o logo do The Guardian, eu amo. Meu chefe olhou pra mim e falou assim: em caixa baixa, não estamos prontos pra isso ainda. Que eu quero em caixa baixa? Daí eu consegui azul, porque o diário é vermelho, só tem vermelho no diário. Só que o vermelho na internet, não... entendeu? Eu queria azul...

*Foram vocês que trabalharam em toda essa identidade nova?*

Isso. Quer dizer o Rafa. Eu não trabalhei nada eu só ficava ali, achei legal, eu costume de dizer que assim de design e música eu não entendo nada, mas eu consigo dizer do que eu acho que as coisas combinam, eu consigo dar pitaco, porque entender o que ele faz quando bota a mão na massa, isso é o Rafa, não eu. Mas assim eu fui olhando junto com ele, o Rafa falou: vou te apresentar um projeto lindo, com ele vazado, em branco, todo de caixa baixa... e daí meu chefe olhou e disse: as cartolas eu até entendo, mas o que que vocês vão fazer ali na frente, colocar uma logo todo em caixa baixa, azul, do lado do vermelho? Eu disse pra ele: tá bom, um passo de cada vez. Então a gente construiu um logo vazado em branco, já foi uma grande coisa pra gente, então a gente foi construindo, tudo que a gente queria, que fosse uma coisa fácil de mexer, que tivesse espaços fixos dentro do site que fosse limpo, por exemplo, a gente era a cara do pioneiro antes, se você fosse olhar o pioneiro... eu odeio aquele modo de fio, aquele monte de repartição? Parece que a gente tá dentro de uma repartição pública, caixinha, caixinha, caixinha. Até os leitores entenderem, aí quando ele migrou o sistema ele migrou sem o POA, a gente tinha POA só que eram 20 acessos por mês, ou seja, era melhor não ter. Aí a gente criou uma ideia, a gente ficou um ano sem paywall, daí a gente foi criando uma ideia de paywall, 20 acessos, eu disse 20 acessos não dá. Aí meu chefe: três acessos. Três acessos é loucura, nós vamos perder todos os leitores, e aí gente foi construindo projetos dentro do comercial, com coisas que fossem assim, que tenham a veia jornalística dentro do entretenimento. Por exemplo a gente fez ano passado o top pizza, se não me engano, top hambúrguer, que é a escolha da melhor hamburgueria da cidade, que foi um concurso legal, com patrocínio, então a gente foi trabalhando com patrocínio comercial dentro de concursos pro prae, que era uma coisa que eu fazia antes, a gente foi fazendo pra ganhar grana; a gente foi fazendo concurso cultural pro Meu Pai é o Cara, deu um terno pro pai que ganhou o concurso e também deu uma grana pro jornal. Então assim a gente foi achando os espaços dentro do comercial, porque o comercial não sabia nem como vender o site, hoje o comercial vende 4 ou cinco editoriais, a gente tem um legado maravilhoso que são 390mil curtidas no facebook, que é bastante coisa pra um jornal local.

*Essa é a grande mina de ouro de vocês, vocês precisam explorar isso...*

Então assim, é uma grande construção.

*Claro.*

Muita coisa que eu não sei, que eu fui aprendendo, então eu fui cursar uma pós fora na área digital, porque eu ainda tenho um pé no analógico, então assim tem um monte de coisa que eu ainda preciso muito de ajuda. Quando eu entrei na parte de equipamentos assim, que um câmera contrata, é sempre um caos, porque não é da minha natureza. Então eu costume dizer: Rafa, eu quero que isso faça isso, eu quero que essa coisa que a gente vai comprar faça isso, temos que olhar o melhor custo benefício, se a gente compra uma câmera ou um iphone, mas eu quero que ela faça live, que ela não pode só depender do 3g e do wi-fi, ela tem que ter seu 3g, porque a gente quer começar a transmitir lives de jogos pros nossos seguidores, só que daí a gente ainda não pode transmitir porque meu chefe ainda tem a ideia do jogo de futebol, daquela imagem quadrada. Eu disse pra ele: não é assim, não é aquela qualidade, não vai ter zoom, nada. Mas a gente tá trabalhando, é meio formiguinha. E que que acontece também? Dentro da RBS eu não precisava preocupar com nada disso. A RBS me mandava um pacote pronto, trabalhando numa sucursal, o site tá pronto, é isso que tu tem. Eu só ligava pro 6399 e dizia: meu sistema não tá funcionando. E eles resolviam. Hoje não. Hoje eu tenho que detectar qual o problema, eu que interajo com a Suíta, o site a gente teve que construir, daí eu tive que descobrir como que certificava o site, então são mil coisas que foram aprendizados pra mim também, pro Rafa eu tenho certeza que muito... que a gente meio que foi

tomado por uma ideia que a gente saiu de um jornal que era dentro de um grupo, e passou pra um jornal sozinho, e que esse jornal sozinho depende das pessoas fazerem as coisas com as próprias pernas. Chegou a copa do mundo, chegou a copa do mundo e a gente pensou e agora José? Porque copa do mundo a gente sempre teve coisa da Royeters, que era tudo pacote da Zero Hora. E agora? Que que a gente faz? Porque a gente tem o pacote da folha press, mas é do impresso, eu não posso roubar do impresso as fotos deles entendeu? Falei gente a gente precisa ter alguma coisa em rede social, lembrando que nós estamos em Santa Maria, que a gente não tem nem jogador daqui, a única coisa que nós temos daqui é o Daronco que é um arbitro que vai ficar na reserva, da reserva, da reserva, não vai chegar nem perto do jogo. Então assim, inventem! Então eles criaram o de olho na copa, que é os estágios no Instagram, ontem eu finalizei, durante um mês a gente teve um 1 milhão e 600 mil acessos. Então assim a gente criou, é tosco se for olhar, que ele é muito tosquinho assim, mas que é engraçado até pela falta, até pelas não piadas engraçadas ele se tornou divertido. As meninas bombaram, começou com as pessoas do esporte, e a minha assistente de conteúdo que veio agora, ela é narradora do s.o.j.a. que é um time de futebol americano... americano não, como que chama... Aí a Jana ela é narradora de futebol americano, então eu ganhei uma veia esportiva dentro da minha equipe que eu não tinha. No dia que eu fui fazer uma matéria de jogo do Brasil o Pedro Coelho, diretor de esporte, disse: pelo amor de Deus, passa esse texto pra alguém porque isso pode dar problema. Eu nunca encarei a seleção brasileira. Então a gente vai construindo assim o caminhão de coisa pra fazer, mas a ideia é essa a gente vai indo. Agora com o Rafa se tornando meio programador assim, entendendo mais, eu acho que a gente vai crescer muito, a gente vai conseguir fazer um monte de coisas que a gente não consegue.

*Claro. E tem alguma perspectiva de ter um aplicativo? Como é que..*

Não me fala dessa dor de cabeça. Tem não, ele já existe, tá pronto. Ele existe...

*Porque foi o único jornal do qual eu não tinha...*

Tá. Então assim, na RBS a gente não era responsivo tá? A gente tinha um site mas não era responsivo. Meu sonho na época era gente ser responsivo. Aí quando a gente migrou pro sistema da Suíta, automaticamente virou responsivo. Ai que lindo, então agora.... Aí a gente tinha o segundo momento de construir todo site e ver se ele funcionava e deixar o app de lado. Porque eu queria pensar no app. Eu queria ter um aplicativo que não só entrasse... eu queria um aplicativo que não é um aplicativo pra você ler a notícia. Entende? Pra você ler a notícia você não precisa do aplicativo, você entra na página. Eu quero um aplicativo que o assinante consiga ir lá e reclamar que o jornal não chegou, que ele não conseguiu fazer uma assinatura, entendeu? Eu quero um aplicativo aberto que o assinante faça as coisas do jeito dele. Eu quero um aplicativo que entregue push... eu quero um monte de coisa nesse aplicativo. Só que a Suíta eu peço 6 e eles me entregam 2. Então o que eles me entregam hoje é exatamente o site que você vai ler em algum momento... porque a Suíta não funciona no aplicativo. Como é que vai entrar se eles não funcionam no aplicativo? Daí eles me dizem que tecnologicamente não adequa. “Amigo, te vira, o da zero hora funciona, eu baixei o da Folha e funciona”. O do The Guardian funciona. Eu não sei que jeito que tu vai dar, mas eu quero que funcione. Porque se o cara tá acostumado a ler no celular ele tem um atalhozinho ele vai ler as notícias, ele vai ter o mesmo layout, nada de novo, e ele ainda vai ter uma coisa a menos, que é o que não funciona, então não me serve. Então nós estamos nesse impasse. Eu quero convencer a empresa que a gente espere mais um pouco com o app, mas que a gente tenha um app que seja útil pro cara que vai ser nosso assinante. Porque se não ele vai baixar, vai ficar dois dias ali na mesma coisa, uma hora vai dar problema, ele vai ficar com a memória do telefone cheia, ele vai dispensar isso aqui que não me traz nada. Então é isso que vai acontecer. Eu quero uma coisa útil, eu to nesse processo de convencimento que a gente tem que pagar por um aplicativo decente. A gente tem que ter um call center que não funcione somente até as duas horas de sábado, porque se o cara trabalha até as três horas de sábado e o jornal dele não chegou ele não tem com quem reclamar mais, tem que esperar até segunda feira, e por meio do aplicativo ele vai chegar. Só que aí tem um monte de outros serviços que não estão atrelados a mim, eu sei que é difícil ter um aplicativo com todas essas particularidades, mas eu preciso de pelo menos uma base pra me dizer que no futuro eu vou ter aquilo que eu quero. Que a gente tem projeto de lançar a Tv diário, e eu quero botar a Tv diário dentro do aplicativo. Então assim, eu tô nesse impasse. Meu chefe anda dizendo pra botar o app e

eu dizendo pra que eu vou ter um app que não funciona? Se eu tenho um aplicativo que não funciona qual é a utilidade desse troço? Agora que a gente descobriu que o flip também não funciona, ele tá 'p' da vida porque ele lê muito o flip. Você lembra quando tu reclamava, lá no começo quando tu me conheceu, porque que isso daqui não funciona? Por causa da RBS que não dava pra ter o flip dentro, que ele não conseguia abrir a página, ficava sempre... O nosso vai ser bem igual, bem assim, bem desse jeito, as pessoas não vão ler, você não vai ler mais. Então assim, tecnologicamente a gente tem problemas, porque é uma mesma empresa que atende os mesmos setores, do comercial, financeiro, a circulação e a redação. A redação impressa vai muito bem, obrigada. Já tinha... essa empresa veio pra gente porque já eram donos dos softwares que o impresso usa. No site eles são limitados. A circulação eles ainda tem problema de ponto. Então assim eu não posso dizer que o app é prioridade sendo que a gente não consegue entregar o roteiro dos impressos, entende? Eu tenho que meio que entrar numa fila assim. A minha reunião é sobre essas prioridades. Eu sei, eu não gosto da ideia da gente não ter, mas eu também não quero ter uma coisa que não funciona. Então é por isso que a gente não tem o aplicativo.

*Aí eu ia te perguntar assim, a Nathale estava me dizendo que vocês tem uma reunião de pauta, e nessa reunião de pauta tanto impresso quanto online participam, ou são separados?*

Tudo junto.

*Tudo junto. E como que se dá então hoje o gerenciamento da produção, o que que vai pro online e o que que vai pro impresso?*

Nessa reunião integrada que a gente faz agora, porque agora é integrada, antes cada uma fazia sua pauta. Por exemplo, se eu queria o boletim de toxoplasmose, se eu queria... você sabe que em Santa Maria agora a gente vive um surto de tóxo ne? Se eu queria um boletim de tóxo, antes da gente determinar com a Fabi e sacramentar junto com os repórteres, que que acontecia? Saia o boletim da lá pela três da tarde, o repórter do impresso ia lá, pegava o boletim da tóxo e fazia a reportagem. E eu na minha equipe pegava o boletim da tóxo e fazia a reportagem. Isso não existe, é uma bobagem. Perda de tempo e de esforço. Não faz sentido. Então assim, a partir do momento que a gente unificou o discurso, bom gente, agora a gente é um veículo integrado, o repórter do impresso que na verdade que eu que criei lá na época ainda, naquela única pessoa que restou no site é essa pessoa, ela já sabe que primeiro ela tem que fazer uma matéria básica pros dois, aí ela larga o texto pra gente, eu tenho uma equipe que faz suporte lá, pra botar hiperlink, botar foto, pra passar no infográfico que vai mostrar a subida e descida dos casos, etc etc. Eu tenho uma equipe de suporte pra isso. Na reunião de pauta, teve uma etapa dessa integração que ainda não tá funcionando que é uma pauta integrada. Como é que vai funcionar a pauta integrada? Os editores da noite, que é uma conversa né, tudo isso vai acontecer junto com o plantão 24 horas, porque o 24 horas vai funcionar no site porque é a plataforma que vai ter pra comunicar, mas ele é pro jornal inteiro, então assim, o plantão da noite, os editores que saíram 8 horas da noite vão deixar a previsão de pauta pro dia seguinte, lá no arquivo. O cara que é o plantonista do madrugada ele vai chegar e vai juntar aquela... que ele vai ficar debaixo da minha asinha online, ele vai cehgar e juntar todos os recados que a gente deixou pra ele, coisas pra ele fazer, atualizar e tal, vai olhar a pauta dos editores e vai pensar: não, mas só um pouquinho, se vão anunciar... por exemplo, ontem de noite já era umas 21:30 mais ou menos saiu a antecipação do 13º pros pensionistas e aposentados. O impresso deu uma notinha desse tamanho, até esqueceu que existia o site. O site não viu, hoje de manhã eu vejo que foi a notícia mais lida da minha manhã. Tu entende que a cultura das pessoas precisam mudar e que isso é uma coisa que demanda tempo. Tu não gira a cabeça do ser humano da noite pro dia, aí eu cobreí do editor de economia que é uma das pessoas mais colaborativas nesse sentido e ele: bah, desculpa eu me esqueci. Eu falei não, eu cobraria mesmo que vocês não tivessem esquecido. Quer dizer eu sou uma chata, martelo na cabeça. Então assim, o que que vai ser? O cara vai pegar essa pauta e vai juntar essa pauta do online e do papel. Então eu chego aqui as sete horas da manhã, as oito horas da manhã e olho pra essa pauta, eu já tenho uma segunda pessoa aqui que o plantão sai as seis da manhã, seis e meia entra outra menina, ela já vai ter a ronda da polícia, e eu vou chegar e vou olhar pra pauta do impresso com o recado da noite, e vou dizer: não, espera aí um pouquinho, isso é coisa pra gente resolver agora de manhã, não posso esperar. Eu organizo um segundo momento de pauta e levo ela pra reunião de pauta. Isso não tá funcionando ainda, mas é assim que

vai ser. Hoje eu chego aqui de manhã e não sei o que o impresso tá tocando, não faço nem ideia de qual a pauta da editoria deles. Por isso lá na reunião de pauta quando eles começam eu digo não, espera um pouco, eu fiz essa pauta aqui. Porque? Porque de manhã, antes de sair daqui meio dia, eu mando pra todos os editores inclusive os do impresso, que a gente já fez de manhã. Então o que a gente já fez de manhã, eles tem que tocar. Eles podem aprofundar, enfim, cada um tem que fazer o básico. Mas a ideia é que tem essa engrenagem quando a pauta integrada tiver funcionando com o plantão 24 horas. Hoje a gente vai pra reunião e daí eu chamo reunião porque ainda tem que entrar, ainda tem que criar a cultura e daí eu digo oh: essa e essa, essa, pauta pro dia, ok? Ok, beleza. Então eles sabem que assim que eles pegarem na mão eles vão dar prioridade pro repórter. E aquelas que a gente diz assim: essa a gente pode esperar, essa a gente pode publicar amanhã. E tem aquela coisa da live, por exemplo, tem aqueles repórteres mais ligados, tem os menos ligados: eu trouxe um vídeo da pauta que eu fiz. Tem aqueles que você precisa dizer: criatura, mas a delegada vai falar da história da morte da criança, mas pelo amor de Deus me abre uma live aí do teu telefone mesmo, agora nesse exato momento, que a pessoa tá lá e tá comendo mosca que ainda não entendeu que a delegada tá dando uma coletiva que não é... é uma raridade em Santa Maria uma delegada convocar uma coletiva sobre a morte de uma criança. Era uma das mortes mais misteriosas, como é que o repórter não se dá conta, meu Deus, que tem que gravar aquilo. Daí tu tem que criar cultura.

*E essa live que ele cria vai direto pra onde?*

Ele já entra com a live dentro do perfil. Como demorou pra pessoa entender que precisava da live... quando chegou a informação pra mim que a delegada... não era só uma entrevista com a delegada, que ela ia dar uma coletiva, eu falei agora abre a live só que daí até a pessoa entender qual era os botões que ela tinha apertar pra abrir a live, que ela não sabia que tinha live, demorou. Então a coletiva começou quando a delegada já tinha dito que o menininho, que o amiguinho, tinha confessado a morte, do coleguinha. A gente pegou da metade pro fim da coletiva. Que que eu fiz? Eu fui e peguei meu fone da rádio, que eu sabia que a rádio ia falar, abri uma matéria no site e fui e usei a matéria como uma desculpa. Então a gente não tinha a live ainda, mas tinha uma manchete no site. Que não é essa a veia que tem que acontecer. A veia é assim: tu abre a live, e vai dando os principais pontos. Mas como naquele momento ali foi daquele jeito vai assim, eu quero dar a notícia, não interessa de que jeito. Então assim essa lógica a gente tem que ainda tem que acostumar. Live da toxoplasmose: ui, coisa chata, quem é que vai ver isso? Trinta mil pessoas na última que disseram que a água tá com problema. A gente teve simultaneamente assim ao vivo naquele momento atingir um pico de 1200 pessoas. Como assim quem vai ver isso? As pessoas estão interessadas se vão beber ou não água da torneira. Tu entende? Então assim muita gente vai ver isso. É uma cultura. É difícil. As vezes a live faz falta, daí daqui a pouco teu telefone tá assim e você faz assim, vira esse negócio de novo. Sabe as vezes o áudio não funciona. E porque que a gente não ta buscando esse profissional de fora? Por que a gente tem o mínimo de equipamentos, microfones decentes. Porque a tv e a rádio sempre ficam na frente e a gente fica atrás, então a gente tem que ter o microfone pro áudio não ficar assim. O que eu acho que denomina assim, a grosso modo o digital, é que a gente sempre faz os experimentos meia boca que depois a gente vai aprimorando os experimentos. Porque não dá tempo da gente criar um projeto pra que ele saia todo perfeitinho e daí a gente bota. A gente manda ele caminhar, vai tropeçar, vai cair e depois a gente vai fazendo direito. É mais ou menos essa ideia, entende? Eu sou muito perfeccionista com as coisas, eu não gosto de coisa torta, não gosto de coisa errada. Eu fui editora de impresso muito tempo, então víuva em título, aquela coisa que começa o título na linha inteira e outro começa com mais duas palavras... Isso me irrita esteticamente entende? Mas assim no *site* não da pra se irritar tanto, eu tenho que engolir minha irritação as vezes. As vezes tem uma matéria que tá do lado da outra, mas tem duas linhas entre o título. Esteticamente é péssimo, mas eu deixo passar porque o volume de coisas é muito grande. Então é mais ou menos isso, a gente vai Tateando assim. Tudo que é digital primeiro a gente vai testando, o comercial ontem na reunião de diretoria me disse: porque que vocês não venderam de olho na copa? Eu não tinha ideia do jeito que ia ser e nem da audiência que ia ter. Agora a gente já tem a ideia. Ótimo, então agora vocês pegam esse projeto e vocês entenderam que com um mês a gente ganhou 6 mil seguidores no Instragram e que a gente conseguiu uma audiência de 1 milhão e 600. Vamos ter copa só daqui a quatro anos, beleza, mas assim a gente pode pensar em alguma outra ocasião, que pode nos dar metade dessa audiência. Agora como que você vende um negócio que nunca foi feito? Que nunca teve audiência nenhuma?

Que números que eu vou trazer? Então não da pra fazer as coisas do nada, a gente testa primeiro, funcionou deu legal, agora aqui a gente tem potencial. É mais ou menos essa ideia que a gente trabalha aqui. Porque o mercado de Santa Maria também é meio tosco, sabe? Você chegar com uma proposta é difícil, a loja, o comercio, instituição que compre o projeto de uma ideia digital. Eles acham que tudo é muito na base do faz de qualquer jeito, entende? O Sicred que é uma grande empresa tiveram uma baita ideia, se expandiram na cidade, eles deram pra Santa Maria no aniversário de Santa Maria uma parada de ônibus nova, que era um grande problema da cidade, uma parada de ônibus nova pra cada área de emergência, eles pintaram muro, grafitaram o muro, fizeram todo um projeto de de mídia 3d, criaram uma mini série de docs no instagram deles, e conseguiram o que? Não conseguiram seguidores. Aí eu disse pra agência do Sicred, que eu conheço por outros canais, não pelo jornal: porque que você não nos procurou pra fazer uma parceria, eu tenho o que tu não tem e eu quero o que você pode me dar, que é dinheiro, e tu pode ter em mim 390mil seguidores. Ah é verdade a gente poderia ter feito por lá. Claro que poderia ter feito. O pacote comercial com SICred ia ser tudo... e a gente poderia ter feito essa parceria. Mas tu entende que lógica....

*É uma mudança de cultura...*

É uma mudança de cultura, então é difícil tu conseguir assim ainda alguém que tope, sabe? O Garupa é um super parceiro da gente, que precisa muito entrar no mercado e bem assim com os gaúchos, eles compram qualquer coisa, qualquer coisa do digital eles compram, se eu vender pra ele uma promoção da mais bela cliente eles vão fazer desconto e botam na camisa deles. Só que não tem uma marca mágica, estática, entendeu? Eu quero um bife, um bife em promoção, daí não tem agência que faz. É o mercado que não tá preparado, a gente que tem muita carência técnica, uma dependência de sistema que eu espero que esse treinamento do Rafa nos liberte um pouco, e o desconhecimento mesmo. Eu não tenho nenhuma vergonha de dizer: eu acho que o digital se eu parasse pra estudar três horas do meu dia, me atualizando as coisas, eu ainda assim estaria atrás, e eu não paro três horas por dia, o dia me engole. Eu tenho um grupo de amigas, tem uma amiga que é dona da, a agência de cultura lá de Porto Alegre, a Ali. A Ali é uma menina super plugada, sabe, as vezes eu digo Ali eu preciso conversar contigo pra você me atualizar, porque ela é meu parâmetro de atualização. Eu fiz uma pós tem dois anos e se eu for fazer hoje tem um monte de coisa que eu não sei, que foi muito legal a pós, muito bacana, os meus colegas estavam todos lá pra aprender jornalismo, eles estavam na pós errada. Eles queriam aprender jornalismo, porque eles sabiam de todas as mídias. E eu tava lá pra aprender digital, e sabia jornalismo. Ninguém tinha trabalhado em redação, era todo mundo um bando de recém-formados, que sabiam todas as ferramentas, sabia achar e criar um app. Nos trabalhos eu tinha que criar um app, de onde eu ia tirar um app? Eu não sabia usar as ferramentas pra isso. Mas a base da ideia do projeto do jornalismo é antigo e eles não tinham quem tinha era eu. Então eu fui lá pra pós pra aprender coisas novas e acabei contribuindo com que eu já sabia...

*É uma troca né?*

Então tem um monte de carência, a gente faz as coisas as vezes no papo, na osmose, a gente perdeu a RBS que se fale mal, fale-se bem, tem muita pesquisa antes de lançar um produto, tem muito profissionalismo do jeito que as coisas são feitas, tem muita inovação e as vezes ainda sai atrás, lança umas ideias de tablet achando que é novidade, quando já não é. Mas assim a gente perdeu essa referência, quando tu fica sozinho tu como dono do negócio tem que correr um pouco mais atrás. Então é isso.

*Claro. Acho que já passou da sua hora né?*

É, já passou.

*Tá. Então eu vou te fazer uma última...*

Eu falei que eu falava demais..

*Não, mas é que passou rápido né? Assim, como tu trabalha na área tem bastante tempo, tu vem acompanhando essas transformações que o setor vem sofrendo ultimamente. Você conseguiria destacar assim quais foram as principais mudanças...*

Do jornalismo como um todo?

*É. Desse trabalho do jornal, da redação, da tua atividade. Numa perspectiva meio geral dessas transformações, com base na tua experiência, o que tu acompanhou e o que tu destaca...*

Assim... eu acho que eu falei de uma das... tem duas coisas assim que vem na cabeça agora, não parei muito pra pensar... Uma delas a gente já falou bastante que é essa questão do digital... a gente... eu comecei a trabalhar, o grande orgulho da minha vida era ter um bloco com o nomezinho zero hora, e eu tinha uma caneta personalizada e tinha um cérebro e isso funcionava. E a gente pensava no dia seguinte, hoje pensa pro dia de hoje, pro dia de ontem na verdade. Então assim, tem muito disso eu me lembro quando eu comecei eu já comecei no momento em que a fotografia era muito importante, a gente rasgava imagem no jornal. Mas se olhar os primeiros jornais que eu fiz lá no zero hora, as primeiras matérias que a gente tinha ali na sucursal, além da zero hora. A gente tinha durante todo mês a gente fazia um jornal local pra manhã, e essa era feito pela gente, não era diagramado. As fotinhas eram assim, duas coladas, não dava essa importância pra imagem que se tem. Eu acho que isso foi a primeira coisa que tu sai daquele texto... Eu me lembro quando começou aquela ideia: não pode escrever noventa centímetros... meu Deus, como é que não vou escrever noventa centímetros? Hoje eu digo pros meus: não escrevam mais de 20. E da pra botar em 20. E da pra botar um ponto. E da pra gente puxar um flecha, e da pra gente pensar em fazer um desenho ali – o Chagas odeia quando falo isso: não fala em desenho, que parece que o inho é pejorativo. Mas a ideia de que tu pode contar uma história, a gente contou história em quadrinhos já no jornal. No diário de Santa Maria a gente fez uma reportagem que era uma história em quadrinhos sobre a casa de saúde. Era um hospital que abre e fecha, fecha e abre, a gente fez uma novela em quadrinhos. Então eu acho que essa que foi a primeira coisa, da gente sair daquele mundo que era só texto e a gente cai no mundo que a imagem é importante, isso foi lá no meu começo de profissão tá. Depois o digital entrando com tudo já muito atrasado na minha vivência, porque outros jornais já tinham, já existiam, a gente vivendo essa questão de que o mundo digital tá e ele vai... precisa dele no banco, eu fui menor estagiária da Caixa Econômica Estadual do Rio Grande do Sul, foi extinta já. E não existia caixa eletrônico quando eu comecei a trabalhar, que loucura. Pensa bem. Agora você consegue imaginar sua vida sem caixa eletrônico? Não é só uma questão de tecnologia, você entra no internet banking e resolve toda sua vida. Minha mãe não tem aplicativo, como que você transferiu o dinheiro pra minha conta? É bem fácil. Então assim a tecnologia entra dentro de ti em todos os setores da sua vida e ela fez isso com o jornalismo só que jornalismo não estava preparado pra isso. E a gente é muito reticente, a gente é muito mal visto nessas posições, eu não sei se é o medo de perder emprego, se é o medo de lhe dá com a coisa que já tá institucionalizada, se é o medo da mudança, se é o medo de pagar conta. Porque essa geração... eu não sei que idade que tu tem...

35.

Essa geração dos 30 pra 40, um pouco mais velhos, é difícil pra gente muitas coisas que pra essa geração mais jovem é tão simples, e a gente fica com medo de fazer as coisas. É que nem criança estudar, ela tem medo de errar. Bota um sessenta na frente de um computador que ele não mete a mão no teclado que ele tem medo de estragar e pegar fogo né? Então assim eu acho que isso vem um pouco dentro do jornalismo aconteceu isso. O jornalismo como um todo dentro do Brasil demorou pra acordar que precisava e agora tá correndo atrás de um jeito. E tem um desafio gigante que é conseguir fazer essa transposição de como isso vai sustentar as redações financeiramente. A gente criou uma peste que é a internet de graça. Os leitores odeiam quando cobra deles. A diferença do bolo publicitário também... eu acho que hoje as agências não conseguem atender seus clientes, não conseguiram junto com o jornalismo fazer a transposição pro mundo digital. A gente ainda tá num momento de transição que eu não sei te dizer assim quando é que esse momento vai acabar, mas ele é longo porque tem um caminho muito longo pra ser feito ainda. De a gente conseguir pensar o jornalismo digital a gente ainda é muito engessado. A gente ainda faz coisas dentro do jornalismo que eu fazia lá no começo. Vou citar um: ronda policial. Consegue conceber na sua

cabeça que todos os dias um jornalista liga pra 39 brigadas militares, umas 10 policias rodoviárias, 39 delegacias de polícia pra saber o que aconteceu de fato no dia anterior. Eu fazia isso na sucursal da zero hora, eu fazia isso quando eu trabalhei na Razão, em 1997. Nós estamos em 2018! A gente tá fazendo isso agora do mesmo jeito. Já tem twitter, já tem app, mas a gente não confia, parece que se não ligar pra eles perdeu alguma coisa. Será que não tá na hora de ligar pra esses caras passar o número pra eles e dizer assim: amigo, você me avisa quando tiver... conquistar a fonte ao invés de perder tempo todo dia ligando. Mas quando eu falo de acabar com a ronda, o pessoal da redação quase tem um ataque, elas dizem: não, acabar com a ronda não pode, tem fazer mais de uma por dia. Não tem que fazer mais de uma por dia, agente vai ficar sabendo. O leitor nos avisa. O acidente de ciclista de ontem a gente teria pego na ronda das 21 horas, porque a gente faz duas, uma de 6 da manhã e outra das 21, mas quem nos avisou foi o leitor lá da Faxinal. Então não dá mais, a gente tem que achar um outro jeito de virar. Isso é só um exemplo do quanto é antigo. Então tem a transformação digital que ela ainda é um processo, que ainda não tá concluída nem finalizada, não sei se um dia a gente vai parar, a outra coisa é que assim as certezas acabaram, a gente já não tem mais certeza de nada, isso não é do jornalismo, é da vida, tudo que era a linha do tempo, regradinha, então acabou, a gente vive numa gangorra que não sabe se o dia de amanhã vai ser assim, que aquilo que tu aprendeu ontem vale pra hoje, dentro do jornalismo isso existe muito, e daí isso te meche com teu chão, você fica sem saber se tá fazendo a coisa certa, tu se acha uma atrasada ao mesmo tempo que tu vai conversar com as pessoas, e não tá tão atrasado assim. Então tem essa coisa de que você precisa saber exatamente em que que vai dar. A experimentação era uma coisa que não existia fora do mundo digital. Você não tinha experimentação, quando que tu imagina experimentar alguma coisa? A gente encebava num projeto seis meses, né? Gestava, mamava, ia lá alimentar a criancinha, agora tu taca a pobre da criança no nascimento, põe ela pra caminhar e depois tu vê como alimenta ela. E tem outra coisa que eu percebo e é muito de gestão de pessoas. Como editora dentro da RBS, isso a RBS me deu assim, porque isso é pra minha formação pra vida, eles me cobraram mas me cobraram profissionalmente mas eu ganhei isso, eu aprendi a gerir pessoas. Eu trabalhei com gestão de pessoas, eu trabalhei com gestão de equipes. A gente buscava um profissional totalmente técnico. Não interessa se o cara é um grosso mal-educado, um cavalo vestido de gente, que tem muito, o que interessava é que ele entendia de jornalismo. Eu ainda fico assim meio termo, eu não fico totalmente... o Carlos Wagner, grande amigo, repórter da Zero Hora já aposentado das antigas, ele me disse: Silvana, agora na redação da Zero Hora o que vale é o seguinte da os braços todo mundo e vai pra lá, vai pra cá, vai pra lá, vai pra cá. O Wagner, totalmente gago, demorou uns 10 minutos pra falar isso. Assim nem tanto o céu nem tanto a terra. Mas a gente precisa também olhar para as pessoas de um outro jeito, valorizar outras habilidades nas pessoas que não é só o saber da experiência, sabe? Se não a gente não lhe dá com ninguém novo na redação, se não a gente acha que os antigos são os melhores. E não é verdade. Idade não dá posto pra nada. Então eu acho que essa questão da meritocracia, dessa mudança de visão na gestão de pessoas, a gente tem que valorizar. Também não vamos entrar muito naquela coisa de leitura do monge e executivo, que já não é muito a minha praia. Tudo é da área da psicologia... não, tá? Eu fico no meio do caminho assim, mas eu acho que a gente não pode achar que aquele cara tem 25 anos de profissão que ele é o cara mais esperto do mundo. Não! Ele tem que ter humildade de aprender. No dia que eu vi o Carlos Wagner dizer pra redação da Zero Hora que ele queria sair da reportagem do impresso e queria trabalhar na equipe do digital, eu disse Wagner me dê um abraço. Porque foi o único cara que entendeu nos seus quase 70 e poucos anos, que ele precisava aprender com aquela galera jovem. O Wagner nunca tinha pego num telefone, o telefone dele ainda era analógico, e ele teve que aprender a fazer um vídeo e ele trouxe... é claro que ele é um puta dum repórter, macaco velho. Então ele saiu muito na frente dos outros. Não ter medo de experimentar, não ter medo de mexer, de botar o teu dedinho pra fazer as coisas. Se eu tivesse medo jamais teria entrado nessa de digital, jamais na vida teria feito isso. Eu acho que mudou um pouco isso também...

*Eu ia te perguntar isso também, qual o perfil do jornalista...*

De quem é, qual o perfil que a empresa tá buscando. Eu poderia tá buscando numa seleção, eu converso na seleção com ela... claro que eu pergunto qual a ferramenta que ela sabe usar, se ela já ouviu falar... Mas assim eu quero entender um pouquinho quem é você, de onde é que você veio, ajudou a tirar leite da vaca quando era pequeno, mora na casa de estudante, qual a vida que tu mora.

Porque aquilo dali é importante, a menina que tá comigo hoje quando eu olhei pra ela na entrevista eu pensei: Jesus, essa menina sabe alguma coisa? Ela era muito maluca, toda desconexa e daí ela me disse: mas eu faço assessoria da Apecam, e eu trabalho com as crianças de não sei que lá, e eu faço teatro, e eu comecei a olhar essa menina e falei assim: gente, eu acho que essa menina tem algum caldo. E ela não era a mais forte, nem a mais certinha, nem a mais burocrática. E eu falei, beleza, alguém que o perfil cabe aqui, entendeu? Era uma menina que não tinha medo. Ela não teve medo de vim com o cabelo de três cores na entrevista. Não teve. O cabelo dela tinha três cores no mínimo. Então ela não teve receio de falar comigo daquele jeito, ela falou comigo de igual pra igual. Ela não veio classicamente prostrada pra uma entrevista. E pro digital eu preciso de gente assim, claro que eu tenho a base do jornalismo, eu tenho uma repórter que é muito jornalista, mas eu tenho que ter algumas pessoas que entendem das coisas que as outras não entendem. Então assim o segredo de uma equipe é tu conseguir fazer com as pecinhas que são diferentes se combinar, não é fácil as vezes a gente tem que repor, a gente sempre erra, monte de coisa. AS vezes as pessoas que você não dá nada te surpreendem, eu acho que o perfil do jornalista mudou. Mudou também aquela ideia que assim ou eu sou acadêmico ou eu sou jornalista. Não. O acadêmico também é jornalista, também se formou, fez graduação, ele não é somente um acadêmico aquela pessoa também tem um jornalista dentro dele. A gente ficou brigando muito tempo, ainda tem um abismo entre as coisas. Mas a gente conseguir valorizar uma pessoa que tem mestrado é muito importante. Eu me lembro do Gilmar quando eu vim trabalhar aqui, ele tava saindo, ele saiu em 1999 por aí, Gilmar Penteadado foi o primeiro repórter de Santa Maria que conseguiu ir pra Folha de São Paulo, porque a Folha exigia mestrado. 1999. Eu pensava assim: eu fazer mestrado pra que? Que eu quero com isso? Hoje, pessoalmente, o grande desafio da minha vida é voltar pra academia, eu não quis fazer mestrado lá porque achava que era muito nova, criticava isso. Hoje eu não consigo achar um jeito de me inserir na academia de novo, porque eu tenho um perfil muito prático entende? Eu já fiz duas pós no meio do caminho pra tentar vê se eu me encaixo, mas minhas pós todas são práticas. E eu vou tentar achar um jeito de fazer um mestrado. Eu acho que é importante. Então eu acho que é isso: houve essa mudança do perfil do profissional que não é só o cara que sabe escrever um bom texto, que tem sensibilidade. E o digital, a principal mudança. Acho que a gente foi meio que soterrado pelo mundo digital, Steve Jobs soterrou a gente, e nem perguntou se a gente queria. Toma que o filho é teu, te vira com essa bagunça agora.

*Então dá pra dizer que esse é o futuro da...*

Eu quero que o jornalismo impresso exista por muito tempo. Quando eu digo que eu não quero trabalhar mais em impresso é porque eu acho que as rotinas produtivas do impresso pra mim já ficaram desaceleradas demais. Mas eu só acho que a gente ainda não encontrou a forma de coexistir. Eu acho que a questão não é somente da produção ou da empresa, acho que é o público também que ainda não consegue absorver todas as mídias, vai chegar o momento que eu acho que é o ponto de equilíbrio que é aquele leitor fiel do impresso que não é o velho, mas que é o cara que gosta de ler análise, que gosta... só que o jornal impresso precisa entregar isso pra ele. E hoje o impresso entrega um pouco factual, uma análise bem malfeita... eu não sei se o jornal vai ser diário, talvez o jornal tenha que ser a cada dois dias... eu não sei exatamente como essa coisa vai se dá. Mas eu não consigo acreditar que vai acabar o jornal impresso. Talvez acabe por uma questão financeira, papel é caro demais e as empresas não vão se sustentar. As empresas hoje estão abandonando por causa disso, porque o papel é caríssimo, porque entregar jornal é caro, rodar é caro... eu não sei exatamente, mas acho que 70% do custo do jornal tá aí, impressão, rodagem, circulação. Eu acho que tem público pras duas coisas também. Porque o cara que tá lá na faculdade hoje não tem maturidade, mas daqui a pouco ele vai ter, ele vai precisar do jornal impresso. É como o livro... Tu tem e-book? Substitui o livro?

*Pro meu doutorado ajuda bastante...*

Pra certas coisas ajuda bastante. Agora se tu for pensar que tu quer ler um livro de literatura, tu consegue imaginar ler 100 anos de escravidão. Jesus Cristo! Primeiro que você tem que ter o papel, porque pra acompanhar a árvore genealógica daquela família tu se perde. Então assim, a gente tem que dar um jeito disso coexistir. Olha, o NYT ultrapassou um milhão de assinantes, eu não sei se o jornal impresso, e olha que o NYT é de ponta, muito acesso, copiado pelo mundo inteiro, tem um

plano de ação, eu não sei se eles sabem a forma de coexistir com as coisas. Mas assim não sei se tá no ponto de saber isso.. Mas existe uma possibilidade de coexistência sabe. O que o papel tem, de linha de tempo, de te da uma visão ampla, principalmente em reportagens especiais, no digital você pode ter mil hiperlinks que tu não consegue que o leitor enxergue o todo, não dá. Ainda é uma parte da parte da parte, partezinhas fragmentadas. E não pode perder isso no digital. Ele é o fragmento. E o que o papel me traz não é o fragmento. Eu leio o papel pra entender, pra enxergar o todo ali dentro. E as vezes fica difícil pras pessoas ter a produção de sentido se você pega pedaços. Hospital regional, exemplo, a gente por dois anos o hospital esteve de portas fechadas. Todos os dias tinha uma matéria do hospital no jornal. Um dia o jornal impresso fez uma grande reportagem colocando os principais pontos. Se eu fizesse isso no site, ia dar um monte de matéria que ninguém ia ler. Eu não enxergo que isso seja do digital....

## 8.9 Entrevista ED48O

*Bom, Rafael eu vou começar com umas perguntas mais específicas, qual a tua formação e quando você começou a trabalhar em redação...*

De jornal?

*Isso.*

Tá. Eu sou designer gráfico formado pela UFPel, eu entrei em 2000 e sai em 2003, 2004... e depois eu fiz uma especialização em Design estratégico pela UniSinus. 2011, mais ou menos. Se você quiser eu posso precisar as datas depois...

*Não, as datas não têm importância. É só uma trajetória.*

Daí, eu entrei no Diário Popular em... nós estamos em 2018. Então, 2006 eu estava no Diário Popular, então... eu tenho alguma experiência, eu trabalhei por lá por quase quatro anos, três anos e nove meses mais ou menos... depois eu vim para Porto Alegre, eu tive outras experiências eu trabalhei na Editora Artmed, depois virou Grupo A Educação, já trabalhava com design e depois trabalhava com o núcleo de marketing, ainda fui analista de marketing e não fazia só diagramação, nós fizemos um monte de peças de comunicação, daí eu vim para cá em 2014. Pra Zero Hora. Isso resumidamente, as experiências mais recentes. Daí em 2014, eu vim direto na época da reformulação. Eu vim em março, o jornal foi reformulado. [Patrícia: Estavam reformulando o projeto gráfico] isso. Então, foi feito um redesign que entrou em vigor em maio, mais ou menos. De março a maio, fazendo design para o projeto gráfico. Depois eu vim para a redação. E na redação eu era diagramador...

*Mas era fora? Esse projeto foi encomendado?*

Ele foi encomendando, tinha um designer contratado que criou a identidade visual da Zero, ele criou algumas diretrizes básicas, como a escolha da tipografia, algumas coisas... mas, aqui dentro da Zero, tinha um núcleo de apoio a esse projeto. Esse núcleo era comando pelo Luiz Adolfo. Luiz Adolfo Lino de Souza, que é professor da PUC até, ele era editor-executivo de arte e diagramação. E abaixo dele havia o Márcio Câmara, que era editor da diagramação, e eu era um diagramador. Quando eu entrei, eu estava abaixo do Márcio Câmara, e tinha um sub-editor de diagramação que era o Rui, o Rui Silva e mais umas três pessoas envolvidas aqui. Então, a gente pegava o que ele criou e derivava, colocava algumas ideias nossas ali e claro, que a pessoa que foi contratada, ela não conseguia dar conta de todo o projeto e negociar com os editores e vai e vem... é muito orgânico, negociado. Então, aqui dentro a gente desenvolvia o projeto em si. Daí eu participei mais da parte dos cadernos. Na época, eu estava recém chegando também, e criação de modelos, por que o time de diagramação tinha que ter uma base para trabalhar. Enfim... Daí a gente otimizou e criou maneiras de fazer, organizou as pastas também e tratou de passar para a equipe. Então, até o último momento, a gente estava fazendo correção. A gente fez pilotos de jornal. A gente fazia um jornal inteiro, um projeto novo, os cadernos a gente chegou a imprimir um ou outro, para fazer teste de cor, fazer teste de layout mesmo.

*E nisso diagramava o jornal junto... [Rafael: Não] a redação era...*

Não. Quem ficava no núcleo, ficava no núcleo. A redação era assim... Na direita, era sempre onde era feito o jornal do dia, sempre nunca parou. Aí tinha um núcleo separado ali ao lado da arte, que a gente ficava em umas ilhas assim e tudo – como eu posso te dizer – tinha que ser tudo escondido. Não podia ser vazado o conteúdo do que estava sendo feito, internamente, é claro que passava entre as pessoas, mas a gente não podia levar para casa, mostrar para as pessoas que não estavam envolvidas. Cada pessoa seria envolvida no momento certo. Então, a gente ficava lá e fazia só aquilo. Aí nós chamamos a equipe e mostrou, por que foi uma mudança muito brusca, né? Muito diferente do que era antes. E implementou fontes, tem todo um trabalho por traz de estrutura,

mudou as editorias... a forma como as fotos são baixadas para para tratamento. Então são muitos processos, muitos detalhes, isso aqui, tem muitos detalhes específicos nossos, né? Que a gente teve que integrar a equipe de TI, misturar...

*Eu iria até lhe perguntar, porque tinha o projeto do que iria para o online...*

O online não foi feito por esse mesmo grupo. Foi um outro núcleo que fez. Eu não sei se você conhece o histórico da TecnoPUC e depois TecnoPuras. Era o núcleo de desenvolvimento digital, quando veio para aqui para a Zero, tem até hoje o núcleo ali, são eles quem desenvolvem o produto digital. Então, a gente conversa, mas é um núcleo independente, eles têm autonomia para criarem as coisas, assim...

*E a parte visual assim?*

Eu não participei dessa parte, passagem do projeto gráfico para o digital. Mas, com certeza teve conversas e troca de informações para a eles pudessem desenvolver alguma coisa. O site quando ele foi lançado, ele era muito diferente do que ele é hoje. Ele sofreu um redesign agora há pouco quando ele migrou para GaúchaZH, ele não era responsivo 100% também. Tinha várias coisas que ele não funcionava da melhor maneira. Não tinha tags. Enfim...

*E quem hoje fica responsável?*

Hoje, a Camila Leans que é chefe dessa parte de produto digital. Então, ela desenvolve o produto, e tem a parte de fazer o produto funcionar, que são os editores online. Eles vão lá, criam tags, ajudam a administrar conteúdos, põe na capa o que tem que estar em destaque, fazer toda a organização do layout dentro do que o site proporciona. E a gente alimenta de alguns conteúdos hoje o site. Porque antes a diagramação era simplesmente papel. Como foi entrando o online muito forte, a gente acabou se envolvendo pouco com isso, por que a gente acha que o setor tem que ir junto com a evolução. Então, hoje em dia a gente faz gráficos online também para alimentar o site. Faz algumas páginas especiais, às vezes surge do nosso setor uma ideia de um projeto online, a gente cria. Então o nosso foco principal é o papel ainda, todo dia tem um jornal a ser entregue, mas tem um pouco disso assim. Eu não sei... eu vou falando assim...

*Vai, vai... Eu vou vendo o que você vai abarcando das minhas perguntas... perfeito, perfeito, é entender como funciona...*

Como é que funciona hoje, a diagramação? O foco da pesquisa é como funciona o designer dentro da redação. Então, a gente tem a diagramação e a arte. A gente vai falar da arte ainda, né?

*Vai ser na sequência.*

Nós somos aqui, 15. E a arte tem dez pessoas. São núcleos diferentes que foram criados no momento em que a arte era separada da diagramação. Então o que acontecia, a arte fazia ilustrações, fazia gráficos para o impresso, fazia gráfico para o online e a diagramação fazia o layout basicamente. Historicamente, a diagramação na Zero ela era feita no papel, depois ela foi feita no computador, no Quark, depois no InDesign, eu já não peguei essa fase, mas teve gente que pegou, e eu sei de relatos de como eram feitos. Então, era muito restrito e separado. A arte recebia um tamanho de uma arte e fazia naquele espaço, ou era o contrário, vinha uma arte e o layout era feito em cima daquilo, mas eram núcleos muito distintos, hoje está mais misturado. Por exemplo, hoje tem gráficos que são feitos totalmente na diagramação. Só para te explicar como funciona: as páginas, elas veem, é sempre feito um espelho do jornal, de como ele vai ficar no todo, “ó página dois vai ser tal coisa, a três tal coisa, temos um anúncio, entra um anúncio novo aqui, será que dá para entrar na tua página... aí tem uma negociação com os editores que o editor-chefe sempre participa. E determina com os editores de cada área, o espaço qual espaço cada editoria vai ter. Bom aí o editor sabe qual espaço ele vai ter, aí ela vai lá, ele sabe os conteúdos, que eles estão apurando, ele vai determinar onde ele quer cada coisa, então ele vai abrir pedidos no nosso sistema de diagramação. A gente tem pedidos aqui, que é para a gente organizar o fluxo de trabalho. Quando caiu ali no pedido, tem uma prioridade. Tem uma priorização de datas de publicação e de fechamento de impressão. Então, se é para o jornal de amanhã, esse pedido tem prioridade. Mas, se esse caderno fecha ao meio-dia, tem cadernos que são rodados com antecedência ele tem mais

prioridade do que vai para o dia seguinte. Então, a equipe de diagramação vai pegando o que vai surgindo, pegando as páginas e produzindo. Ali o cara, põe em produção, põe o nome dele, ele vê os dados da página, chama o editor às vezes, às vezes não precisa por que está descrito ali no pedido, e aí tem essa negociação e ele finaliza a página. Aí ele baixa as fotos para tratamento, que não é na própria diagramação, tem setor que trata as imagens, ele puxa os anúncios da reserva comercial, se não cabe o que o editor pediu, ele fala para o editor, se ele acha que a melhor solução não foi a que o editor pediu, ele vai lá e propõe. Então, tem uma negociação, que é a principal parte do nosso trabalho é essa negociação. É claro, que tem umas páginas que são praticamente modelo pronto. Trabalha com muitos modelos prontos. Então, a partir daí ele dá o ok, o editor vai lá, corta texto, aumenta texto, edita um título, aí ele passa para o editor dele e tem uma revisão, [eu vou dar um exemplo hipotético, tá] “eu acho, que essa foto pode ser maior” e aí volta para o diagramador, e aí o diagramador organiza e aí o diagramador faz uma ou outra sugestão, e assim vai até a página estar pronta para uma revisão final, quando ela passa no “meião” que a gente chama, que é aquela mesa do centro lá, ela passa sempre pela editora de capa e na sexta, em específico, muitas passam pelo editor-chefe, por outros editores por que é um fluxo muito intenso. Então, daí ela dá um ok ou ela pede correções, passa para o editor, o editor faz as correções, e larga novamente para diagramação para que a diagramação envie para impressão esse arquivo. Daí tem puxar as fotos tratadas, de novo na página, que aí já está em CMYK, que aí já está pronta para o fluxo certinho, e aí ele manda essa página de impressão. Além disso, ele tem que fazer uma varredura da página. Varredura é um processo que a gente faz para tirar o texto da página para colocar no online de novo. Então, o que acontece? Muita gente que é assinante da Zero, tem deficiência visual, por exemplo, elas gostam de ler exatamente como saiu no jornal impresso. Então, saiu no impresso e publica no online. Mesmo, que a matéria já esteja no online da Zero, ela vai igual do papel para o site. É o que a gente chama de varredura. Então, tem tudo isso aí e sempre tem uma pessoa que vai acompanhando, que é geralmente a editora de capa, que acompanha essas capas para ver se elas estão todas baixadas e tal. E aí às 9h30min é o deadline, assim. 9h aqui é [*uma loucura*] geralmente. Mas, é claro que às vezes dá um atraso assim, o industrial, o parque gráfico eles têm prazos muito apertados porque existe uma logística muito grande da distribuição da Zero. Apesar que hoje, o jornal não vai mais para certos lugares distantes e tal, por uma questão de avaliação do custo, no Uruguai não chega mais a Zero Hora. Um tempo atrás, ela chegava no Uruguai todo dia. Então, tem toda uma distribuição por ônibus, por carro, por caminhão, enfim, uma loucura. Nós temos um deadline, muito apertado e que nós temos que seguir à risca.

*E que é muito diferente da Zero Hora que circula aqui na região metropolitana. Tem dois horários, né?*

Isso. Então, o que acontece é que às 9h30min tem a primeira edição que a gente chama. É o básico de tudo e é o foco de horário de todo mundo. Isso é porque às 10 horas, a maioria das pessoas vão embora, que produz o jornal impresso. Então, depois disso sempre fica o plantonista, tem alguém de notícias, alguém de esportes, alguém da diagramação para fazer as correções necessárias e no caso, se não deu tempo para ler uma matéria, se detectou um erro que saiu, ainda dá para fazer a correção. Então, às 9:30 e depois às 11:30 tem um segundo fechamento que é a segunda edição. A primeira é que vai mais longe na distribuição. A segunda edição é que vai mais para a região de Porto Alegre mesmo. Essa segunda, vai mais completa, se tem um jogo que acabou às 10 horas, ou a gente negocia esse horário de fechamento da primeira ou sai na segunda edição e fica contemplado na capital. Até às 11h30 é feita uma edição, um ajuste nas páginas, geralmente é a parte do que já saiu, geralmente não se faz uma capa 100% na segunda edição. A não ser que tenha um novo fato, por que geralmente tem menos equipe, e hoje o online cobre muito melhor essa parte de breaking news muito melhor que o papel, né? Então, o conteúdo vai mais para o papel. Sei lá, se teve um jogo que acabou ali no limite e tem os bastidores do jogo, se inclui nessa segunda edição, os bastidores do jogo. O vestiário que eles chamam. Os caras vão lá e conversam com os jogadores, se é política e tem uma votação importante e ela acabou após o fechamento da primeira edição, se inclui na segunda edição. Então, a gente tem que sempre avaliar, quantos diagramadores são importantes de acordo com os fatos do dia. Tem jogo importante, eu trago mais alguém para ajudar. Porque é geralmente é uma plantonista só que fica no fim do processo. Então, essa negociação de horário, ela sempre acontece e tal. Mas, o fluxo é geralmente esse e como eu te falei, muita coisa de arte hoje em dia é feita da diagramação, ou a gente não consegue fazer, ou a arte tem uma expertise muito maior para fazer uma ilustração, uma coisa mais elaborada, e aí é feito pela arte

também. E a arte tem a sua própria pauta assim. Hoje em dia, eles produzem muita coisa. Seria até interessante o Leandro te explicar melhor isso, mas eles produzem muito especial, eles estão com um foco online, muito forte, além do conteúdo que eles têm empregado sempre, que é tem ilustração de editorial, tem ilustração para cadernos, o Vida por exemplo, é um caderno diferenciado que envolve diagramação e arte, mas mudou muito o papel dos dois times de diagramação e de arte. Eu não sei se tem mais algo sobre produção do fluxo assim... A capa é uma coisa particular.

*Por que a posição que ela ocupa é diferente...*

Não é feita no mesmo fluxo. Porque se entende que a capa tem que ter um tratamento especial. Então, a capa ela é feita, ela é mais trabalhosa. Geralmente se define quais são os assuntos que vão ter no dia, o que tem imagem e o que não tem. Qual a imagem mais interessante do dia, geralmente a Zero aposta em assunto mais locais que internacionais, se teve uma inauguração na orla e um atentado na Turquia, a gente vai dar a orla. A Turquia é secundária. Então, tem um critério jornalístico que é muito trabalhado na capa: o que é assunto e o que não é. E a contracapa, tem essa característica de ser um ensaio. A não ser quando a capa domina o assunto. Um assunto só, a contracapa acaba abrangendo mais assuntos. Por que, a gente tem que mostrar para o leitor o que tem dentro do jornal. E aí a contra assume esse papel e tem mais chamadas na contracapa. Então, a capa ela acaba sendo feita no decorrer do dia. Aí umas 5 horas chega a editora de contracapa, a gente conversa, a gente entra num consenso do que serão os assuntos e aí eu faço a diagramação ou quem estiver ali, isso eu estou falando da capa da Zero. Depois eu posso falar do DG um pouquinho. E aí depois disso, vai sendo desenhada e afinada, precisa ser ajustada, essa capa vai ser para a contracapa, negociar com o editor qual é a melhor foto para a capa e a melhor foto para dentro do jornal. A melhor vai para a capa. Muitas vezes a gente pega foto que os caras estão usando e coloca na capa do jornal. Aí eles têm que achar uma outra capa.

273

*E quem define o que vai para a capa?*

Quem define é a editora de capa, que é a Rosane, e acima dela ela passa por uma aprovação do editor-chefe, do diretor de jornalismo que é o Nilson, e da nossa diretora de redação, que agora o cargo dela é diretora executiva... eu não me lembro agora, mudou muito recente. Mas, passam pela aprovação deles e eles opinam, muitas vezes a gente refaz todo o desenho...

*E muda muito?*

Muda bastante. Mas, ultimamente, não tem mudado tanto. Mas, tem época que é um fato político muito importante, ou por que aconteceu algo que o editor de jornalismo acha que é mais importante que aquilo que está na capa, se muda. Na contracapa, a gente aposta em uma coisa que vai ser mais imagens, mas nem sempre todos concordam com aquela opinião e você vai e volta. Enfim... é uma coisa que você está sempre sujeito a refazer. Apesar do trabalho ter muito fluxo e muita velocidade, tem muita refação e muito desenho em cima. Muitas vezes o editor chega para o diagramador e pede uma coisa que na cabeça dele funcionou e tem toda uma negociação também e muitas vezes vai ser redesenhado. Mas, a capa é mais ou menos assim: eu faço a capa, a contracapa, a compacta que é uma edição sem os cadernos da Zero Hora e aí ela tem que ser mais pop, ela tem que ter assuntos mais atraentes: futebol, polícia, o entretenimento até não entra muito, por que o segundo caderno não está no compacto. Então, a gente não pode por. Mas, na contracapa, a gente sempre coloca uma matéria, ao invés de colocar um ensaio, por exemplo. Porque é uma chance, se você colocar ali a programação de novelas, TV o eleitor que se interessa por isso. e ele paga menos pelo jornal. Isso Zero Hora. Agora, o Diário Gaúcho, é feito junto pela mesma equipe de diagramação. Isso é uma das dificuldades que o pessoal tem. Porque são dois projetos gráficos diferentes.

*E qualquer pessoa vai desenvolver para os dois.*

Qualquer pessoa faz Zero, parou. O próximo pedido pode ser um Diário Gaúcho. E cada um tem as suas particularidades, por exemplo. O Diário Gaúcho, tem páginas que tu muda a fonte. Na Zero, você não faz isso. No Diário Gaúcho, tu usa cores, muito mais cores que na Zero. No futebol da Zero, você não pode colocar azul na página do Grêmio e vermelho no Inter. No DG

você pode. Quando veio para cá, o Diário, a gente até estranhou um pouco. Hoje em dia, a gente está mais acostumado e tal. Então, além da diagramação de fazer essas páginas todas misturadas, também tem a capa e por isso que a capa fica uma pessoa ali negociando, com o editor de capa que é o Felipe, que vai dizer o que é assunto no Diário Gaúcho. Muitas vezes tem essa negociação entre os dois jornais para as capas serem diferentes. São produtos concorrentes entre aspas, mas o público é um pouco distinto. Tem que ter bem essa distinção. O Diário aposta num assunto de violência, toda a capa. Enquanto, a Zero vai dar uma chamadinha, ou nem dá. Então, tem muito esse critério jornalístico influenciando o desenho sempre. O DG sempre teve uma mulher recortada na capa, isso está mudando bastante até. Atualmente, até se colocou o Pablo Vittar na capa. Tirou aquela parte do velho que tinha dentro do jornal, muito machista até... [Patrícia: É sim...] acaba que cada jornal tem o seu critério de capa. E tem o diagramador que, não sou eu quem estou fazendo a capa da Zero ou o diagramador que está fazendo a capa do DG que vai ficar fazendo aquilo. A gente não consegue mais fazer isso. Porque o fluxo é maior e a equipe diminui um pouco de uns tempos para cá.

*Eu ia te perguntar, quais são as tuas atribuições se você se concentra nas suas funções que são da tua responsabilidade.*

Qual é a minha responsabilidade. Como eu sou editor de diagramação, eu cuido do projeto gráfico do jornal, quando tem redesenho é a gente que faz também, eu gerencio a escala da equipe, férias, feedback, a parte de gestão, toda a gestão da equipe, eu faço. Demissão, contratação, se tem alguém de atestado, eu tenho que resolver, por alguém no lugar. Então, no dia a dia, a gente vai gerenciando a escala também... A gente tem o programa de gerenciamento de pessoas que se chama: Superação... esse programa, tem um gerenciamento muito intenso que a gente tem que pegar a pessoa, com os seus objetivos e ela tem que tentar alcançar, tem uma avaliação, tudo isso influencia na avaliação da carreira da pessoa, tudo isso com o gestor de cada área. Além disso, tenho que cuidar do design do jornal como um todo assim... se eu vejo que está saindo alguma coisa muito estranha aí tem que ir lá e falar com as pessoas, conversar, fazer uma avaliação da edição, isso eu faço também...

*Antigamente, tinha a figura do Luiz Adolfo, hoje você faz mais ou menos...*

Mais ou menos, por que o Luiz Adolfo, está num nível mais alto de negociação com a diretoria. Eu fico um pouco abaixo do editor chefe que ele ficaria antes, ne?

*Você acha que tem alguém na função dele, hoje?*

Não. Não tem. Essa função foi abolida. Eu faço um pouquinho do que ele fazia. De certa forma, por que ele era o cara que dava os feedbacks da edição, coordenava para que lado o caderno ia, havia uma mudança de projeto gráfico era ele quem fazia e agora, sou eu quem faço. Então, de certa forma, sou quem faço as coisas. Mas, eu não tenho a mesma autonomia que ele tinha para propor coisas ou para gerenciar todas as equipes. Ele era acima da arte também. Eu gerencio apenas a diagramação. Aí quando tinha um projeto gráfico, geralmente era ele quem fazia. Agora, eu tenho que gerenciar isso na minha equipe ou terceirizar. A maioria das mudanças de design estão sendo feitas internamente. E está funcionando bem, por que as pessoas gostam de fazer isso e elas se sentem estimuladas. É sempre legal quando você pode redesenhar... afinal é um produto da RBS. Uma coisa que vai ter uma tiragem xis, todos dias, com a sua marca. Daí eu sempre tento dividir entre as pessoas, primeiro para que tenha uma variedade assim... e segundo para que as pessoas se sintam desafiadas a fazer aquilo ali. Então, tem projetos que a Melina fez, tem trabalhos que o Carlos está fazendo e tem um outro redesign de um caderno mais específico. Então, eu vou distribuindo e gerenciando o fluxo de projetos, que eu chamo, da equipe. Então, além do dia, tem esses projetos.

*É uma gestão de projetos.*

É claro que eu não fico em cima de muitos. Por que é muita coisa. Eu até agora, falando, eu estou um pouco assustado. Mas, é muito projeto simultâneo, agora, por exemplo, eu acho que tem umas oito coisas acontecendo ao mesmo tempo e dois jornais acontecendo. Então, um dos desafios é gerenciar essas horas das pessoas e, o fluxo para que essas pessoas consigam fazer essas coisas

fluírem. Às vezes, eu tenho que tirar alguém da produção para fazer alguma coisa específica, outras vezes eu não consigo. Eu tenho um número de pessoas limitado, como todo mundo nas equipes. Para o número de tarefas que eu recebo, eu tenho um número de pessoas e tenho que tentar administrar...

*Que hoje, é o mesmo número de pessoas que diagrama dois jornais e que antes diagramava um.*

É em 2016, o Diário Gaúcho era separado. Então, tinha a Ana, Pi, Débora, Rafael... Tinha quatro diagramadores que faziam o Diário Gaúcho. Eu acho que eram quatro. Só quatro. Que fazia a diagramação todo dia e aqui na Zero tinha umas dezesseis pessoas.

*Eu acho que era a mesma coisa...*

É claro, tinha outros produtos também... tinha mais trabalho também... só a Zero. E o DG tinha mais páginas. Então, mais fácil de gerenciar e até os editores do Diário Gaúcho tinham mais intimidade com os diagramadores, eles não usavam o sistema de pedidos, por exemplo. Em 2016 veio para cá todo mundo. Aí foi um desafio de integrar todo mundo e as pessoas aprenderem. [Patrícia: entrarem na rotina] é... não poderia deixar aqueles quatro ali só fazendo aquilo, pensando no futuro e simplesmente... e simplesmente, vocês fazem só Zero Hora. Um tempo atrás, era tudo segmentado, havia um diagramador em cada editoria, era bem.... Mas, era assim, tudo separado. Não é a tendência. A tendência é todo mundo estar mais próximo. Então, o desafio era todo mundo aprender sem ter uma pausa assim. Então, eu fui desafiando as pessoas, colocando-as em local específico, a capa geralmente era feita por uma só pessoa. No Diário principalmente, mas na Zero também. Na verdade, só duas pessoas faziam a capa da Zero e eu comecei a revezar. Para que as pessoas saibam fazer e para ter recursos. Então, o Diário ganhou muito com mais pessoas fazendo a capa. Muito mais legal, você ver que a capa evoluiu assim... e esse é o desafio. Fazer tudo misturado. Ao mesmo tempo em que cada coisa tem a sua especificidade. Aí tem algumas coisas como administrar o fluxo de página que é uma coisa bem difícil. Porque os editores têm uma agenda própria, né? Às vezes você tem que ter um conteúdo nas mãos para fazer uma página. Você não pode fazer uma página sem ter um conteúdo muitas vezes. Às vezes consegue. Então, eles só conseguem num horário xis e aí o fluxo de páginas versus o número de pessoas é um gerenciamento que a gente tem que estar fazendo sempre. Ir negociando, pedindo atenção em alguns pontos e tal. Então, é mais ou menos por aí, isso aí.

*Já que estamos falando dessa função da gestão, qual o perfil da equipe assim... porque a gente vem de um histórico, que se for analisar o jornalismo, tinha o jornalista que trabalhava com diagramação. E hoje em dia, tu percebes um movimento em que há contratação de designer? E o perfil da tua equipe aqui de diagramação?*

É bem misto. Tem jornalistas e tem designers e todos eu coloco no mesmo pacote. Eu entendo que tem especificidades que uma pessoa vai fazer melhor e outra, mas a ideia é que todos se nivelem, um aprenda com os outros. Tem pessoas que historicamente... o Pi era um diagramador que era do Diário Gaúcho, ele já foi gestor lá inclusive, ele tem uma baita experiência em projeto gráfico. Ele já tem... ele trabalha há quatorze anos na empresa.

*Ele é jornalista?*

Ele é do jornalismo. Eu não sei essas informações, quando eu cheguei ele já estava ali, e estava dominado. Ele sabe muito do projeto. Aí tem os jornalistas que se formaram há pouco tempo. Por exemplo, eu contratarei em 2015, acho, dois jornalistas. Não identifico tanto como um movimento que se contrate mais designers, quer dizer, talvez não que se contrate só designers, mas se contrata um pouquinho mais de designers, talvez. Por que antes, se contratava mais jornalistas. Mas, é mais pelo perfil da pessoa. Tem agora, um jornalista que está fazendo o redesign de um caderno. Então, não tem essa segregação entre um perfil e outro. Eu gosto de misturar. E acho que todo mundo ganha com isso assim. Então, tem designer que tem um perfil um pouco diferente. A Paola: ela é uma designer que veio de uma agencia e aqui ela fez uma mudança no caderno Vida, na forma de pensar o caderno. E aí ela conseguiu integrar a diagramação com a arte de uma maneira que não acontecia. Então, toda a semana ela puxava uma reunião para conversar sobre a ideia do caderno e tal. Então, ela conseguiu mudar um caderno com o jeito de pensar dela que ela trouxe para o... marcou... ela colocou a marca dela ali.

*Mas ela trabalhava junto desta editoria antes? Não, ela era da diagramação e fez essa sugestão.*

É... Exatamente. Ela fazia bastante o caderno, por afinidade com o editor da arte, ela acabou puxando, mesmo porque a capa do Vida era feito externamente antes, então, isso era uma coisa que se estranhava um pouco. Às vezes a capa vinha pronta do Gonça que fazia a ilustração e a gente tinha que derivar alguma coisa dali e às vezes ficava nada a ver. Então, mudou muito. Hoje em dia é tudo feito internamente, com arte. E ela que mobilizou. E o perfil que ela trouxe, talvez no pensamento de design thinking assim, que ajudou a moldar um jeito de como a coisa é feita. Mas, tem as pessoas que são hiper jornalistas que opinam até em título de matéria. E elas ajudam ao editor a definir o que é mais importante na página. Então, tem os dois lados da coisa. Por exemplo, tem outros que fazem gráficos muito bem e vem do jornalismo, que tem uma interpretação melhor de números e transformar aqueles números em uma coisa legal da matéria ou pressionar o editor, por que os números estão saindo daquela forma. Não que o designer não tenha isso, mas às vezes o jornalista tem o faro mais apurado para isso. Então, sempre tem isso. uma pessoa de um perfil e de outro perfil. Algumas com outro perfil, sempre tem que ter um carregador de piano, como diz o Luiz Antônio. Ele me falou isso uma vez: que sempre tinha que ter um carregador de piano. Um, não. Mais que um às vezes. Então, aqui eu tenho vários. Por que senão, o jornal não sai. Tem que sair. Então, tem que ter aquele cara que vai fazer, fazer e fazer. Tem que ter aquele cara mais de pensar...

*E você percebe todos esses perfis aqui.*

Agora, por exemplo, eu vou perder uma pessoa que era mix perfeito dos dois porque ela vai ser editora, sabe? Pô! Que legal! Mas, você perde e tem um certo abalo. Então, eu estou tendo que procurar alguém com um perfil mais assim. A Paola, que eu mencionei que fez a movimentação pro Vida, ela foi para o setor de arte. Então, eu vou desenvolvendo talentos e perdendo eles. Isso é a parte que eu estou aprendendo. Eu sou gestor há pouco tempo. Eu sou gestor há dois anos aqui. Então, eu vou aprendendo as coisas, quando me passaram a gestão, eu estava pegando muita coisa com o gestor anterior que era o Márcio, eu fui me aproximando dele e ele foi me passando algumas coisas, ele meio que queria que isso acontecesse. Então, ele foi me preparando e tal. Aí em 2016, aconteceu e ele foi aposentado e eu fiquei meio que sozinho e estou aprendendo. Mas, enfim, e hoje, só tem um gestor de diagramação. Já teve dois um tempo atrás. Sempre teve um gestor que fazia a parte da tarde e outro da manhã. Isso ajudava a ter uma noção maior do fluxo. Mas, a empresa ela está em movimento de limpeza de cargos. Tem muito menos níveis. Esse nível do Luiz Adolfo, por exemplo...

*Tu acha que está mais horizontal? Tem uma hierarquia, lógico mas [Rafael: Sim, tem muito menos níveis assim] degraus. [Rafael: Total]. Em função dessa estrutura mais horizontalizada. Como tu acha então, como esse movimento da Paola, movimento que digamos que contrário, que ela acabou interferindo no modo de produzir, na rotina. Como tu percebe essas pessoas que trabalham com o design, elas influenciando nas decisões e mudando algumas práticas, tu percebe esse movimento?*

Eu percebo, mas é uma exceção dentro da diagramação. Assim no nível macro que eu estou dizendo, por que no nível micro, a gente influencia muito. [pessoas vibram em razão de um jogo] E todo mundo influencia em tudo aqui é muito horizontal. Como a capa é feita? Ela vai se rolando e se moldando, ela sendo polida por todo mundo, assim. Se eu venho aqui e comento uma coisa sobre o assunto xis, a editora de capa vai repensar e vai mudar, por que, não existe uma determinação de cima que vem e diz: o Lula tem que ser manchete. Não existe isso, uma coisa que uma pessoa que trabalha fora da redação acha que aqui é a Teoria da Conspiração, não tem isso. É lógico que tem diretrizes que estão bem claras, na parte da opinião das ideias da RBS, do editorial. Se você lê ali, você tem uma leitura perfeita. Porque ali tem influência, mas no dia a dia do jornal, isso não acontece, é muito horizontal. Então, eu vejo que a gente tem essa participação.

*Nunca teve uma capa que a diretoria disse: isso não pode sair.*

No tempo que eu estou aqui, diretoria claro, um editor-chefe...

*Sim, um editor de jornalismo.*

Mas, o editor de jornalismo opina normal. Agora, sim... não me lembro de chegar...

*Uma diretoria executiva chegar...*

É muito horizontal tudo. Tem também a minha formação em designer estratégico que me ajuda a pensar fora da casinha, para sistema e tal, a gente acaba influenciando muito em produto. Se tem um redesign no produto, a gente acaba participando diretamente, eu acho isso legal, a gente consegue influenciar esse produto. Como ele vai ser feito, como ele vai ser divulgado, qual vai ser a estratégia dele de comunicação, qual vai ser a estratégia dele de posicionamento. Isso a gente influencia. Mas, para criar um projeto é difícil nesse fluxo intenso que a gente tem... Não que não seja permitido. É permitido. Mas, é difícil pelo fluxo que a gente tem de produção. Mas, eu acho que hoje em dia é bem aberto assim, está tendo muita renovação na redação. Então, as “autoridades do jornalismo intocáveis” não existem mais. Então, hoje a gente consegue ter uma proximidade com os editores, com quem está fazendo as coisas acontecerem e mudando. Então, tem alguns setores em que o design é mais decisivo que na diagramação. Eu vejo isso, por exemplo, tem o setor de desenvolvimento de produto digital. Eu nunca participei, mas eles planejam e fazem o produto digital da Zero Hora. E tem uma lista de backlog, de coisas que eles vão fazendo enfim... que vão aperfeiçoando o produto. Isso é natural e é assim que o setor deles funciona.

277

*E essa equipe eles não estão juntos na redação?*

Não. Eles estão lá num lugar... separado [risos]. Eu estava pensando esses dias, tem muitos designers aqui dentro. E a integração acontece em alguns pontos. Mas, poderia ser melhor explorado. Talvez, eu pense em algo para um futuro próximo. Mas, melhorou muito o que era. Antes, era totalmente segregado arte diagramação, mundos à parte. Hoje em dia, a gente faz coisas juntos, a gente treina junto, a gente faz... eles nos ensinaram a fazer um monte de coisas aqui. A gente fez cursos com a arte sobre software de HTML, web... Tanto que duas pessoas da diagramação foram recentemente para a arte e não foi a primeira vez... então... está crescendo esse movimento. Agora, essa parte de desenvolvimento de software ela é separada ainda, mas ela tem uma ponte que são os editores da Hora, que ficam aqui...

*Eles são basicamente mais programadores, pessoal da engenharia ou tem designer também...*

Tu diz os editores da Hora? Lá?

*Eu falo esse pessoal que elabora o digital.*

Jornalistas eu acho que não tem lá. São mais designers mesmo e engenheiros de software... enfim... Então, tem essa ponte e tem os gerenciadores de produtos digital também, que não é o editor da Hora, eles fazem campanha. Eles trabalham com campanhas. Então, eles fazem meio essa ponte e eles agora estão dentro da redação também. Eu acho que eles vieram há duas semanas para cá. Então, é muito novo e eu não sei o que eles vão conseguir mudar. Mas é bem desconectado um setor do outro e aqui, é uma empresa bem setORIZADA. Apesar de ter esse movimento de integração, tem coisas [Patrícia: que funcionam à parte] por que se o cara de desenvolvimento de produto digital se sentar aqui, ele vai se perder. Não vai conseguir fazer o que ele tem que fazer: que é aperfeiçoar o produto. Então, tem coisas que – voltando a sua pergunta inicial – a gente consegue pensar no detalhe e no macro eu não vejo tanto assim. Mas, quando há um projeto de redesign, quando há uma coisa nova, por exemplo, um tempo atrás o ZHNoite, não existia. Eu criei com a Sabrina, que é a gerente de projetos... Sabrina, eu, o pessoal do desenvolvimento do produto digital e os editores da Zero. E a gente criou em um formato e depois foi lá e aperfeiçoou, a gente determinou todo o fluxo de como as coisas iriam funcionar e eu acho que foi uma das vezes que funcionou bem o design. A gente conseguiu fazer a coisa toda assim.

*E quem percebeu a demanda assim, de propor?*

Foi um... eu acho que foi a Sabrina, quem percebeu a demanda. Por que, ela percebeu um gap de horário. Eu acho que ela é gerente de projetos, eu não sei qual o nome do cargo dela hoje. Ela era gerente de projetos especiais. Quando ela criou esse produto. Então, ela percebeu um gap, eu não sei se foi ela exatamente, mas veio de alguém ali próximo dela. De um gap de horário entre um e outro, e que outros jornais já tinham tido essa iniciativa, eu acho que foi o Globo, um jornal

vespertino desses, que percebeu isso, e resolveu atacar esse gap. Além disso, virou uma campanha bastante interessante, do ZHTablet. Então, se percebeu esse gap e decidiu atacar ele, por que, já existia o flip. Sempre existiu. Desde 2000 existe flip. Então, decidiu aperfeiçoar esse flip. Primeiro, se identificou que existe perfil de diferentes de usuários de internet.

Por que o ZHNoite remete para o site...

E o que acontece? O leitor da Zero tem uma idade mais avançada. Pelo que se identifica em pesquisas são pessoas mais velhas. E essas pessoas gostam de ler de maneira estruturada. Então, se percebeu isso, mais a necessidade de um horário chave ali e se viu a possibilidade de fazer isso com uma equipe. Aí se criou o produto. Por que, primeiro, ele era muito igual a Zero, ele era sutilmente diferente. Ele tinha páginas simples, mas ele era muito... ele era feito todo na diagramação. Ele era todo desenhado. Era um trabalhão. E era o primeiro movimento, por que você que estuda comunicação deve saber... que quando uma tecnologia nova surge, ela copia a anterior. Quando surgiu a internet, sei lá. [Patrícia: Os primeiros jornais, eles copiam os livros] a linguagem era a mesma. Então, o que acontece é que a gente começou a fazer esse movimento. Primeiro, o produto era muito parecido. O segundo, nem tanto. E hoje, ele quase que não é um flip. Por que ele é uma pagininha com pouco texto, uma foto em cima, uma foto embaixo, e ele é totalmente feito pelos editores. Isso foi uma mudança que a gente conseguiu fazer. Na minha gestão. [risos!] Eu estou me vendendo agora. Mas, tipo assim, não tinha por que ele ser feito daquela forma, o único motivo é que o leitor tem que ter familiaridade com a leitura. Para ele ir se acostumando com uma coisa nova, ir migrando para o digital, tem que ter uma transição assim. Como ir tirando o açúcar. [risos!] Até a pessoa começa a tomar café sem açúcar. Aí a ideia é migrar um para o outro. Então é bem interessante esse case, inclusive a gente ganhou prêmios do IMA. Prêmio Mundial. E depois veio o Domingo Digital que foi no momento que se aboliu a Super Edição e veio para cobrir esse gap do Domingo de Manhã e aí o horário ficou definido por pesquisa. É um horário que a pessoa ainda não está fazendo o almoço e ela quer se atualizar para o domingo. É um horário que ela leria o jornal do domingo. Então, é muito estratégico, você pensar na hora em que as coisas são feitas. Tem todo um background por trás. E isso é design estratégico. E isso é design não feito necessariamente por designers também. Essa estratégia de design thinking, por exemplo, os pushes tem horários chaves para serem enviados e um marketing de novidades (como é o nome?), tem um marketing que é feito todo dia, tem campanhas. E essas campanhas, são pensadas sempre de forma estratégica, sistêmica e com base no comportamento do usuário. Então, dessa forma eu acho que tem muito design, não feito necessariamente por designer. Designer no sentido de design de sistema. [Patrícia: De pensamento] enfim...

278

*Então, assim, teve todas essas mudanças onde a tecnologia teve um papel muito importante. Nesse projeto de integração de redação, como tu percebe o impacto disso? Se tu quiser falar de modo geral, especificamente para o teu setor assim, para tua área, você acha que hoje isso exige deste corpo de profissionais novas habilidades, novas novos tipos de domínios e de competências? Com essas últimas transformações, com essas recentes assim, a preponderância da tecnologia, acaba por ser um eixo bastante importante. Você percebe que hoje em dia, os profissionais da diagramação têm novas coisas a darem conta?*

Sim, sim, com certeza. Porque até esse movimento da gente fazer produtos digitais, não existia. E a gente começou a ver essa necessidade. E às vezes, o produto que a gente faz, não faz só por papel. A gente faz por site também. Às vezes, uma matéria empobrece muito no online se ela não tiver um gráfico, então, a gente acaba adaptando. E claro que a gente não tem essa dedicação toda para o digital que a gente poderia, mas alguma coisa, a gente colabora. Até por que a estratégia da empresa está nesse sentido [Patrícia: de ser convergente] é a gente não quer ficar parado. A gente quer estar junto nessa mudança. Por que, vamos supor que daqui há dez anos, acabou jornal impresso. E aí? Você era um profissional do papel e ficou no papel. Então, para o futuro, eu acho que a tendência, é a gente ir cada vez mais migrando assim para o produto online...

*Até tu comentou que teve um treinamento de HTML... Por que eles basicamente usam InDesign...*

Sim. InDesign... Pacote Adobe: InDesign, PhotoShop, Illustrator são os mais usados. E agora, a gente usa o Muse também. Para fazer páginas especiais. Então, a gente fez um treinamento de pegar tudo que arte sabia sobre isso, eu acho que era o Léo, que começou a fazer coisas no Muse aqui.

*O Léo é Leonardo Azevedo.*

Isso. eu acho que foi ele que começou e gerou todo um knowhow de desenvolvimento. De desenvolverem a maneira deles passarem e a gente foi lá e várias pessoas de diagramação sabe fazer. Hoje, a gente não tem feito tanto, por que, na época da Copa está mais difícil ainda. Mais focado no jornal da Copa mesmo, mas a ideia é que a gente faça alguma coisa assim, até mesmo para não enferrujar. Mas, assim, a estratégia da Zero mudou muito dos assinantes de papel para os assinantes online. Aquele monitor da direita mostram os acessos agora, o da esquerda, mostra até as metas de assinantes do mês. Ali, na do meio, são todos os assuntos que estão bombando agora. Os portais de notícia.

*E é uma plataforma que é pública? Ou ela é paga...*

279

Eu acho que ela é paga. Eu não sei, mas, eu acho que eles usavam o ChartBeats um tempo atrás, usava o analytics. Mas, depois se identificou que o ChartBeats era mais completo. Então, a gente tem que estar ligado nesse monitor. E é tudo novo isso agora eu quero trazer um pouco isso para a equipe, por que a gente faz páginas especiais online. Está no momento de dar o segundo passo que é saber quando uma página tem mais engajamento. Que tamanho tem que ter uma página. Quantas subpáginas eu faço para... assim, como a gente faz no papel. No papel, a gente sabe perfeitamente, que uma matéria assim, ela vai ter leitura até o fim por que ela é muito instigante. E a natureza do papel é xis, o formato... a gente tem... Mas, no online a gente não tem esse know how... então eu acho que próximo passo é esse, eu acho que tem que aperfeiçoar isso para que a gente domine isso também.

*Eu acho que é uma coisa mais voltada para a experiência do usuário, arquitetura de informação, interfaces, interação...*

É tento sempre estar mentalizando assim. E muito se investiu em vídeo e webdesign ultimamente. Vídeo ele está crescendo bastante, ele tem um bom público específico, mas aí é um mundo muito diferente, que não conseguiríamos fazer em nosso fluxo. Agora, uma diagramação e um webdesign elas têm suas similaridades. Agora, tem que desenvolver isso. Então...

*Que envolve um outro domínio de conhecimento que envolve entender um pouco de programação, uma coisa mínima...*

Assim, o Muse não exige que tu tenha. Mas, algumas pessoas acabam investindo nisso, até mesmo por uma questão de entenderem que isso é uma coisa muito interessante para ela. E como tem programadores de backend e frontend ali na arte, a gente usa muito suporte deles também. Não é tão obrigatório que o cara entenda disso, como fazer tecnicamente uma página, da forma sem códigos assim... então, eu não acho que seja a parte técnica do webdesigner. É a parte da experiência e como agora, a gente está mesclando com a rádio, eu não sei o que vai acontecer, mas talvez esteja na hora da gente ver como mesclar tudo. Porque a gente tem a – vou citar um exemplo – torcedoras do Grêmio que são diagramadoras e torcedoras do Inter, tem duas meninas que são a Melina e a Amanda que elas são super gremistas e quando ia ter a final da Libertadores, elas investiram em um projeto que elas criaram de fazer uma página sobre o Tri – eu não sei se era o Tri da Libertadores – para o Grêmio. Se o Grêmio perdesse iria tudo para o lixo. E elas fizeram. Elas envolveram o editor, elas envolveram um monte de gente. Os editores trabalharam para elas assim, eles fizeram a matéria.

*E virou um especial?*

E virou um especial online. E tem uma audiência bem legal até. E dentro tinha narrações de campeonato anteriores por exemplo, ali na voz do Pedro Ernesto, sei lá. Eles fizeram lá. Eu não me lembro de cabeça de muita coisa.

*Elas conseguiram integrar muitos recursos.*

Isso foi um projeto legal e tem vários outros. Que surgiu assim e surgiu delas. Foi uma época em que a gente conseguiu fazer e tinha fôlego para isso também. Agora, com a Copa acontecendo, a gente não tem fôlego. E nem com as eleições futuramente. Mas, enfim... Tem isso assim. de criar

uma coisa e mesclar com o que está acontecendo na empresa. Como a rádio estar aqui agora, abre uma série de possibilidades para o online também. Eu acho que isso vai acabar aparecendo assim.

*Então, para finalizar eu te perguntaria sobre o futuro dessa prática profissional, o que você identifica como principais desafios ou preocupações, ou até oportunidades, como tu acabou de falar, de como se fazia e como se faz hoje, até reflexos negativos, como uma carga grande de trabalho, se tem menos gente, enfim...*

A gente está com um número bom de pessoas. Então, eu vejo como estamos bem. E acho que dependendo da pauta do dia a gente consegue fazer coisas... isso é legal. Como futuro assim em uma redação, você diz numa redação assim, no geral, como designer...

Uma redação assim, num contexto de jornal.

280

Então, se tu é um diagramador de papel tem que pensar de novo [risos]. Não é por que o jornal vai acabar agora, mas com certeza ele está diminuindo e isso é um fato. Está provado. Se você pegar o Zero Hora de 2014, era um calhamaço. Os classificados também. Era uma cacetada de coisas. Os anúncios diminuíram. O cara não vai anunciar no papel que é 500 mil, se ele pode gastar um mil no Facebook e atingir o público. Claro, que tem vantagens em você anunciar no papel e tem todo o ecossistema da RBS que ela proporciona ao anunciante. Pensando nisso, eu acho que a pessoa deveria pensar no futuro, né? E se reposicionar de alguma forma e incluir no rol de coisas que ela faz, alguma coisa de digital assim. Isso aqui, o que todo mundo tem feito, também. Não é que vão sair correndo da diagramação. Porque a diagramação existe e vai existir por um bom tempo. Mas, o exemplo do mundo está aí. Existe isso. Existe designer de informação, que é super legal, jornalismo de dados, que você pode pegar teu conhecimento de jornalista e transformar em alguma coisa super legal. Com tudo isso na mão, você pode te reposicionar. Mas, eu não sei o que vai acontecer quando o papel acabar. Agora, eu acho que vai levar bastante tempo, eu acho que 10 anos é pouco tempo ainda. Mas, profissionalmente, tem que se buscar alternativas assim. Porque eu não sou das pessoas que acha que vai acabar o jornal. Vai mudar. Talvez, vai ser menor, vai ser menos dias, não sei. Mas, nada bate a experiência de tu ler um jornal. Agora, o público vai mudando e vai te pedindo coisas novas, coisas diferentes. Eu acho que o desafio é o pessoal achar esse reposicionamento assim. E não ficar parada no tempo. [Patrícia: tentar se adaptar às mudanças] agora, sempre vai haver espaço para o diagramador de papel. Eu não vejo como isso vai acabar. E eu acho que o profissional de papel vai virar uma espécie rara assim... O cara que tem experiência em redação, o cara que diagrama há dez anos, sabe muito de jornalismo. O cara que está há vinte anos, pode ser editor –chefe se ele quiser. Mas, às vezes, a pessoa não tem a postura, a disposição, a vontade, mas eu acho que a gente aprende muito trabalhando em uma redação assim... Tem pessoas aqui experientes, nossa! Você descobre que tem aqui, pessoas superespecialistas em um negócio. Então, vamos aproveitar isso, buscar uma maneira legal de crescer. Eu não sei para onde, mas buscar alguma coisa também. E eu acho que mesmo aqueles que não saírem do papel, vai existir um espaço para essas pessoas, por que papel vai existir para sempre. Eu não vejo como pode acabar, assim. Bem, eu não quero ser nenhum Cavaleiro do Apocalipse, eu não acho isso. Eu acho que as pessoas têm que pensar em si e nas suas carreiras. O que elas querem, então... então, a empresa está crescendo por um lado, eu quero estar nesse lado, ou quero ficar aqui, ou fazendo o que eu já faço sempre. Então, enfim, eu acho que vai de cada um. Mas, eu acho que o futuro tende a ser bem mais digital. E essas pessoas que ficarem no papel vão serem super-hiper-especialistas. Vai haver espaço para elas, mas não sabemos como e onde. Mas, eu acho que as editoras vão existir, vai existir um monte de coisa ainda. E acho, que essa experiência de redação é um troço que vale muito assim...

*Feito. É isso.*

Passou um pouco do tempo, né?

## 8.10 Entrevista DIA37D

*Então, Pedro, eu queria saber de ti, um pouco da sua formação e quando você começou a trabalhar em redação. De jornal.*

Eu comecei a trabalhar em redação de jornal em 1979. E eu não concluí a faculdade de jornalismo. Eu sou de uma época que eu comecei a trabalhar em Santa Cruz do Sul, que não tinha os jornalistas formados. E por incrível que pareça, as pessoas que compunham a redação eram ex-seminaristas. Eles estudavam p'ra padre...

281

*Qual era o jornal?*

Jornal Rio Vale de Santa Cruz do Sul. Mas, tanto o jornal Rio Vale, quanto o jornal A Gazeta do Sul... tinham ex-seminaristas compondo a redação, por que eram pessoas que tinham uma ótima formação, mas, que haviam desistido de serem padres. Então, eles tinham uma ótima cultura... então, esse era o quadro que compunham a redação naquela época. E eu saí do segundo grau e fui trabalhar direto no jornal, já fui para as funções mais gráficas na época, montagem de página... e logo em seguida...

*Era paginador na época?*

Era paginador. Isso mesmo. E logo em seguida, vagou a vaga de diagramador, e eu passei a exercer a função de diagramador e depois eu acabei vindo para Porto Alegre, eu fiz um teste no Sindicato e eu acabei atualizando esse teste no Ministério do Trabalho.

*Tem que ter o registro para trabalhar com diagramação.*

Isso. Tem que ter o registro. Tem que ter o registro especial de jornalista-diagramador para o exercício especial de diagramação.

*Que interessante, depois a gente poderia conversar mais sobre isso. Por que essa transição de diagramador para paginador, como é que foi?*

Na época, o paginador já trabalhava com os recursos por serem escassos, o paginador, o montador de páginas, já tinha que ter pensamentos de como fazer caber aquela matéria, que às vezes estourava ou faltava. Então, o montador de páginas já tinha que ter algum conhecimento de diagramação, algum conhecimento de design para poder encaixar. As matérias já vinham de um computador arcaico que tinha poucos recursos para fazer caber a matéria. Então, recebia uma tripona de matéria gigante, tinha que recortar com a tesoura, e montava e às vezes tinha que diminuir a foto, uma foto maior, tinha que colocar menor, ou diminuir a matéria debaixo, a gente já tinha alguns conhecimentos de hierarquia, de conhecimentos técnicos de diagramação, então, quando foi passado para diagramação, mas já observava como funcionava.

*Mais de ferramentas técnicas.*

Isso.

*Alguns conhecimentos a mais, por que passou do analógico...*

Por que eu passei... o montador de página, ele trabalhava com uma régua de plástico, uma régua de metal e canetas nanquim para fazer os fios das páginas dos classificados, tudo desenhado. Então, você tinha várias canetas para várias dimensões de fios, né? E o estilete, e tesoura e cola. O montador de páginas trabalhava com isso essencialmente. E usava um esqueleto de página, onde seriam colocados as páginas e desenhados os fios.

*E passou para o computador. Como é que era o software. A diagramação?*

Quando foi para a diagramação, ainda era uma diagramação totalmente manual. Então, o que foi agregado na época foi lápis, borracha e uma calculadora, por que a gente tinha que calcular a

centimentagem... quantos toques tinha a matéria, quantas linhas e ver o tamanho que a matéria ia ter depois, composta na fonte do jornal. E o bom diagramador era aquele que fazia o cálculo exato.

*Trabalhão. E quando passou para o computador?*

Foi passado para o computador em 86. 87... Deixa eu pensar direito...

*É... Começa a surgir computador mesmo, softwares na década de 90, no início dos anos 90.*

Então, eu acho que foi na... nessa época eu trabalhava em Canoas. Em um jornal em Canoas. Em um semanário e nessa época em 86, 87... eu adquiri um computador que não operava no ambiente Windows ainda...

*Era MS-DOS...*

Era MS-DOS e ele era um computador específico para digitar as matérias. Depois em 90, 92... é que vieram os primeiros computadores com Windows. Então o programa que a gente usava na época era o PageMaker, o ambiente era o Windows o meu primeiro computador era um 386 DX2 40 com 4 mega de ram e 4 gigas de capacidade do HD. E era assim para tu instalar um programa, tinha que ter 16, 20 disquetes e aí a gente instalava e na época, eu me lembro que a gente tinha uma impressora a laser... eu me lembro que eu comprei o meu primeiro computador por 3000 dólares e a impressora a laser por 3000 dólares também.

*Para usar na redação?*

Para usar na redação.

*Era um investimento pessoal?*

Não. O jornal era de minha propriedade. Então, esse foi um investimento da empresa para comprar esse computador.

*Na época de paginador. Qual eram os profissionais com que você mais interagia? Com quem você tinha que negociar?*

Na época de paginador, a gente negociava direto com o diagramador e com o secretário gráfico. Que era o responsável por saber, como tinha ficado as páginas. Responsável por colocar alguma matéria ou fazer caber aquela matéria...

*E depois na diagramação...*

E depois na diagramação era direto com os editores e a gente passava para os paginadores fazerem aquilo que a gente propunha. Quando se passou para o processo do computador, na primeira etapa, ainda se usava o processo do montador, por que o computador só imprimia folha A4. Então, depois a gente precisava de levar para o montador para ele juntar as duas meias-páginas, para diagramar em uma página só. Ainda se fazia fotolitos, o montador de páginas tinha que abrir os buracos aonde iam as fotos e tudo, então, tinha o montador de página. Mas, logo em seguida, esse profissional deixou de existir.

*Foi CtPress, né? Quando mudou o processo de impressão. Eu abri esses parênteses só de curiosa, por que eu tenho pouco registro dessas trajetórias.*

A gente começava a fazer o jornal de manhã toda a redação e alguns profissionais só saíam da redação na manhã do dia seguinte.

*E quantos no jornal, assim trabalhando?*

Na época, fase da manhã e à noite, o meu jornal semanário, eu diagramava o jornal e editava, eu tinha entre três e quatro jornalistas e mais dois montadores de páginas e eram essas pessoas e mais fotógrafos. Mas, na época, os jornalistas também faziam fotos, algumas vezes e tinham o pessoal do jornal, secretário, gerente, um povo assim. E os jornalistas ficavam... era um processo em determinado horário, até tarde da noite. E o pessoal de gráfica, esse povo sim, virava a noite.

*E depois do jornal em Santa Cruz, o senhor teve o jornal [incompreendido] e depois?*

Depois... eu fui trabalhar na Zero Hora... não! Primeiro, eu fui gerente da sucursal do jornal Da Plateia. Eu vou fazer um resumo: Santa Cruz do Sul, onde eu trabalhei no jornal Rio Vale, um jornal bi semanário, aí eu fui para Canoas, onde eu implementei um jornal semanário chamado jornal Radar, esse jornal depois virou bi semanário e depois esse jornal fez uma fusão com a Folha de Canoas e nós passamos a circular diariamente. Sob o nome Folha de Canoas, por que era um nome mais vinculado à cidade, o nome Radar, não tinha tanta ligação com o nome da cidade. Depois eu fui trabalhar como uma espécie de gerente do jornal Da Plateia, de Livramento, nessa sucursal que existia aqui em Porto Alegre. Quando o governador Britto, perdeu a eleição para o Olívio, a Plateia desativou a sucursal e desativou vários outros jornais que compunham a rede e eu fiquei sem emprego. Aí eu fui trabalhar na Zero Hora, trabalhei como diagramador da Zero Hora, por cerca de quatro anos, depois eu fiquei cerca de um ano, fazendo freelancer e depois eu entrei no Correio do Povo.

*Isso mais ou menos em que ano?*

Correio do Povo são 12 anos de Correio do Povo. Então, são... 2006!

*E sempre aqui, como diagramador.*

Sempre. Comecei como diagramador e em 2010 eu passei para editor de arte. Me tornei responsável pelo projeto gráfico do jornal.

*E falando hoje das suas atribuições, das suas responsabilidades, quais são as principais atribuições?*

Na minha função como diagramador, eu sou o diagramador que chega mais cedo, então eu sou responsável pelos cadernos que fecham mais cedo do jornal. Que é o caderno Arte e Agenda, que aborda cultura, lazer e entretenimento, então eu venho mais cedo e faço esse caderno, e passo a diante, o material desse caderno que é para a semana seguinte e também eu faço a diagramação dos outros cadernos do jornal. Que é o caderno Rural que circula aos domingos, caderno de sábado, que é um caderno de cultura que circula aos sábados e outros cadernos atemporais. E a partir das 17h, eu começo a preparação do boneco, para diagramação do jornal Correio do Povo. Eu faço geralmente, as páginas de esporte, as páginas de Geral e fico até as 9 horas, olhando o andamento dessas páginas. Aí a equipe de diagramação que chega mais tarde, fica responsável pelo baixamento dessas partes.

*E quantos mais ou menos, são?*

Hoje a diagramação está composta de quatro pessoas.

*E como é o perfil das pessoas que trabalham? São jornalistas... [São jornalistas...] todos os três?*

Todas as pessoas são jornalistas e são duas pessoas um pouco mais velhas e uma pessoa é um pouco mais jovem, na faixa dos trinta e poucos anos. E nós três somos da faixa acima dos quarenta anos.

*Nunca, teve nenhum designer? Você nunca contratou designers para atuar nessa área?*

Não. Sempre que surgiram vagas, buscavam profissionais com essa habilitação. Mas, nunca se encontrou ou nunca se encontrou naquela época de contratação.

*E, você tem ali algum parâmetro específico que você tem que seguir... embora, tenha algo do projeto gráfico, mas que seja da estrutura de vocês?*

O projeto gráfico nosso, ele é muito rígido. Determinados padrões eles não podem ser alterados, né? Então, a gente tem poucos recursos. As fotos observam a colunagem... nunca se tem colunagem falsa nas fotos, os textos observam as cinco colunas por página e eles não usam medidas falsas, são sempre colunas, então nesse momento é assim. O diagramador usa a criatividade nesses parâmetros.

*Títulos também...*

Os títulos são padronizados num determinado tamanho. 19, 21, 24, 28, 42... então, não tem.... Na capa se usa um pouco maior, inclui uma página a mais. Às vezes, inclui a diagramação de uma página especial, algum evento, algum assunto que se está exigindo uma atenção especial, aí sim... a gente tem o recurso de ampliar um pouco os títulos, mas são casos raros. No dia a dia, eles são bem restritos ao projeto gráfico.

*E quando tem a necessidade de produzir ilustração ou algum tipo de infográfico, vocês também elaboraram... solicitam?*

Nós usamos os infográficos que são produzidos pelo setor de multimídia, eu como diagramador, também produzo alguns infográficos, mas em menor volume de informação, e algumas vezes se compra alguns infográficos de agências que tem essa função.

*Alguém da diagramação participa da reunião de pauta?*

Nós não participamos diariamente, mas participamos seguidamente da reunião de pauta. Normalmente, eu e a colega que divide a chefia do setor.

*E vocês participam por que?*

Participamos quando tem algum material especial para ser elaborado, ou quando temos instrução para seguir com relação à especificação de horário, especificação de assuntos e aí a gente é chamado para participar.

*E aí vocês podem sugerir coisas, como é que funciona?*

A gente sugere, a gente ajuda na escolha de material, ajuda na escolha de fotografias, na própria diagramação a gente faz isso, mas nessa reunião a gente faz isso.

*Então, tem um processo que a diagramação, ela influência de alguma maneira no resultado final, sugerindo...*

E a gente dá sugestão de como seria melhor, publicar determinado assunto, determinada matéria, de como seria melhor dar determinada página é o que se debate nessas reuniões.

*E esses cadernos é quando tem um especial, quando tem um determinado assunto que foge do rotineiro. [Do dia a dia do jornal]. Sim. Sim. Dentro da tua rotina, quem são os profissionais com quem você mais interage? Com os quais, você precisa mais negociar?*

Eu interajo diretamente com editores.

*De todas as áreas.*

De todas as áreas. Dentro das minhas funções. Eu interajo com todos. Tem alguns que eu interajo mais. Que é o editor-chefe, que é o editor-criação, os editores de área de rural, de cultura e entretenimento e de esporte e de geral. Esses são os que eu mais tenho contato.

*E você consegue algo para mudar na página?*

Sim, frequentemente. Dentro das minhas atribuições e dentro do meu próprio perfil profissional. Eu sempre estou procurando a melhor forma de publicar aquela notícia, de publicar aquelas páginas. Então, eu negocio tamanho de matéria, negocio tamanho de foto, na escolha da foto, eu sugiro uma outra foto, que se adequa melhor àquela publicação, àquela notícia. É uma negociação diária, constante.

*Vocês ali, não planejam nada para o online, né?*

Não.

*Só o papel. E dentro desse planejamento do papel, tem algum diálogo com quem elabora on-line, algumas diretrizes do projeto gráfico do on-line?*

Atualmente, pouca. Nós já mantivemos mais contato quando algumas pessoas do on-line, faziam alguns gráficos específicos para on-line e a gente passava algumas diretrizes específicas, para o on-

line ficar mais próximo da nossa realidade do papel. Mas, atualmente, o setor de multimídia, faz essa intermediação. Mas, acaba que não tem muito contato com o on-line.

*Em termos de ferramentas vocês usam o InDesign?*

Não. O Correio do Povo usa um sistema próprio de edição e de diagramação, que é chamado Hermes. Então, esse sistema é um sistema multiusuário, sendo que a página é diagramada por apenas um profissional, mas ela pode ser editada por vários profissionais. Vários profissionais podem pegar aquela página e abrir ao mesmo tempo.

*Jornalistas podem mexer no texto...*

Sim, um jornalista pode mexer na legenda, um pode fazer um título, outro pode fazer uma ficha, pode fazer a matéria.... Esse foi um dos motivos da escolha desse desse software. Temos InDesign, temos PhotoShop e outros programas deste Pacote Adobe. Mas, eles são mais utilizados em projetos especiais. O dia a dia do jornal, ele está editado dentro do Hermes. E quando eu faço alguma coisa dentro desses outros programas, eu tenho que utilizar esses resultados, no fim do processo para ele ser adequado ao Hermes. E ele é incluído dentro do Hermes para ser repaginado.

*E quando você precisa editar alguma fotografia, você mesmo edita ou passa para outro. Como é que você faz?*

Geralmente a gente edita, mas algumas vezes, a gente chama o editor de fotografia, para nos ajudar, às vezes precisa de um corte especial, às vezes a gente altera o formato da fotografia. Chama o editor para nos auxiliar, para não adulterar tanto o trabalho deles, né? Mas, por exemplo, editar a fotografia no caso da diagramação, ela está restrita ao formato. Não mexe no conteúdo da foto. Não mexe no conteúdo. No formato, sim. Altera o corte, faz o corte mais vertical, mais horizontal, mas a gente não mexe no conteúdo.

Agora, perguntando uma coisa mais ampla. Como você percebe no setor jornalístico, de mídia em geral, ele vem sofrendo transformações bem constantes e impactantes com o surgimento de novas tecnologias, as redações estão se integrando, como você percebe isso, sob a sua função, desafios, preocupações, oportunidades, tu identifica que para o exercício da sua função, num futuro breve, novas competências, habilidades, coisas que vão ter que ser incorporadas, como você percebe esse cenário recente?

Por exemplo, o perfil do diagramador, do diagramador tradicional, como a gente conhece, ele está adequado ao uso das ferramentas de diagramação e de paginação específicas. Fazendo uma correlação com o pacote Adobe, né? O diagramador poderia saber usar o InDesign. Se ele soubesse utilizar o InDesign, ele poderia ser um bom diagramador, bom na profissão. Porém, hoje em dia, o diagramador precisa de outros recursos, e falando do pacote, InDesign, ele precisa ter conhecimento de PhotoShop, ele precisa ter conhecimento hoje em dia, da saída final lá na rotativa. Lá na gráfica, ele precisa ter conhecimento que o material pode ser utilizado também no on-line, então, cada vez mais o diagramador tradicional ele tem que buscar conhecimentos, tem que buscar ferramentas, por que senão, ele vai se tornar um profissional obsoleto. Como o paginador se tornou uma profissão que não existe mais, o fotolítografo que é uma profissão que não existe mais... então, se o diagramador não se adequar às novas realidades ou buscar ferramentas ou mesmo habilidades de negociação, habilidades interpessoais com outros colegas, ele vai se tornando um profissional obsoleto. Por que em seguida, vai haver programas em que haverá páginas pré-formatadas. E o editor vai conseguir montar a página. Porém um bom editor, com conhecimentos de design. Com conhecimentos de edição, com conhecimento de jornalismo, vai auxiliar o editor. Vai facilitar a tarefa do editor. Então, eu penso que esse é o futuro. O diagramador buscando novas competências, novas habilidades.

*E o diagramador esse específico do papel. Qual o futuro que você vê para ele?*

Ele vai ser condenado cada vez mais ao esquecimento. Por que, quando o editor chega com uma página para o diagramador fazer, ele já sabe que aquela página tem que ficar bonita. Ela precisa ter um layout adequado. Atrativo. A página que o diagramador respeite e valorize a hierarquia da informação. Então, se chegar lá um diagramador que vai empacotar tudo e deixar uma página pronta, não é isso que o editor espera. Ele quer mais. Ele espera mais. Ele precisa de uma página

que esteja muito bem-feita. Tem que estar bonito, o editor tem que ver a página, tem que chamar a atenção, depois ela vai para o flip do jornal, então a página tem que estar no on-line, é mais uma preocupação nossa em tornar a página visualmente agradável, então, quando o editor procura um profissional, ele procura um profissional que vai dar mais do que ele já sabe. Que o diagramador venha com mais informação daquilo que o editor precisa. Então, se o editor tiver dois profissionais pra procurar, um com mais competência, com mais habilidades interpessoais e um diagramador bitolado no seu pensamento antigo, que o seu trabalho é só produzir uma página e que está pronto o trabalho, o profissional vai buscar o diagramador com mais disponibilidade de conhecer, de aprender e de realizar.

*E falando do flip também. Vocês preparam o software...*

O Hermes é um software muito interessante, por que ele absorve desde da matéria que o repórter, o redator está fazendo e o próprio software ele inclui as fotografias que o fotografo está fazendo, vai para o mesmo sistema, disponibiliza para o diagramador...

*Mas, tem horas que tem que puxar...*

Eu que tenho que puxar. Mas, é tudo no mesmo ambiente. No mesmo ambiente do Hermes. Eu tenho programas específicos, que puxam as fotos e com um, dois, três toques já tá na página que a gente escolhe. Eu já pego a matéria do repórter e coloco na página, de maneira muito integrada. E essa mesma matéria, vai estar disponível para o on-line usar de uma outra forma, além da forma papel, que estão usando.

*Os jornalistas digitam o texto no...*

No Hermes também... É um outro programa dentro do Hermes. E depois, quando finaliza a página, finaliza um PDF tanto para impressão, quanto um PDF para visualização no flip.

*Então, tá... Por mim... seria isso.*

Era isso? Eu espero ter te ajudado... ter sido legal.

*Depois, eu gostaria se você pudesse me mostrar. Esse software ali...*

Vamos ali. Por que eu fiquei curiosa agora... eu cheguei a usar o PageMaker.

## 8.11 Entrevista DIA26R

*Então, tá... eu vou começar te perguntando o seguinte: qual a tua formação e quando começou a trabalhar em redação de jornal, começou a trabalhar em tal área e foi, ou não...*

Eu sou formada em jornalismo. Eu tenho especialização, fiz MBA em gestão de pessoas, e gestão de marcas, depois da especialização. Comecei na redação em abril de 98, fiz cinco meses de estágio no arquivo de fotos, em setembro eu fui contratada, em setembro de 98 a 2000, a setembro de 2000 eu fiquei no arquivo e depois, eu fui para a diagramação. Aí na diagramação de dois mil e... três a dois e mil e seis eu fiquei como diagramador e depois como editor assistente. Mas, diagramadora normal e todo mundo faz, capa, contra e tudo mais.

287

*Entendi. Então, desde de então, você está no cargo de editor assistente. E você poderia falar um pouco das suas principais atribuições, então, nessa função. Você falou de diagramar e tal, mas tem alguma função de gestão...*

A gestão é mais ali, com a equipe no dia a dia. De falar um pouco com eles, de tentar orientar eles e tudo mais. Gestão, mesmo, gestão! É o Zé que faz. Mas, ali é mais ver com eles, organizar, ver com a redação...

*Quantos tem na equipe?*

Nós somos em três diagramadoras, comigo quatro e mais o ilustrador, cinco. E aí a gente faz, quem faz, quem organiza o dia, organiza boneco, o que cada um vai fazer... é bem...

*Vocês mesmos, dentro da demanda, se organizam....*

Sim.... E junto com os outros, o que dá para fazer, o que na página fica melhor, olha, na página dá para fazer isso, às vezes, a gente consegue planejar, outras, não... então, é mais ali...

*E diagrama qualquer...*

Qualquer coisa...

*Pra qualquer área...*

Sim. Tanto que a gente faz é por meio de e-mail. Manda recado que precisa diagramar e tudo mais... e aí é por email, e vai chamando conforme vai indo a fila. A gente chama as pessoas: ah... Tem um projeto especial, tu já sabe que fulano tem perfil mais para isso e tu vai lá e ver com eles e conversa, faz tudo.

*Não tem um sistema integrado, com essa demanda no caso... da diagramação que vocês vão pegando os trabalhos. Funciona por email... como é que é?*

Funciona por email. Por que mais uma ferramenta, às vezes é mais uma, por dia que....

*Funciona bem por email.*

Funciona.

*Então, tá. Tu estás falando um pouco do setor que tu trabalhas, tem ali alguns parâmetros específicos para produção do conteúdo? Qual o perfil da equipe, são jornalistas, os outros são também...*

Eu, a Márcia e a Cintia, somos jornalistas, a Andressa em design gráfico e o Rodolfo é formado em artes. Então, cada um em uma...

*É bem diversificado.*

Já foi só jornalista.

*Eu ia te perguntar, por que você está há vinte anos. No total. Você viu uma mudança nesse perfil?*

Nossa.... Quando eu comecei nós éramos em seis diagramadores e dois na secretaria gráfica. E com o tempo foi diminuindo, foi diminuindo, hoje nós somos em quatro, que trabalham direto ali. Então, de oito pessoas, cinquenta por cento. Vamos colocar isso lá em 2000. Em 2000 era assim. Até em 2002, estava nesse mesmo... com seis – agora, quando que diminui? – é que veio gradualmente, com o passar do tempo, foi [foi diminuindo] mas, sempre foram jornalistas, tinham uns que tinham registro, na época pedia o registro [como jornalista diagramador] isso! Mas, agora, depois que a Cinthia entrou faz uns três anos... que é só jornalista, e mais a Andressa que foi o ano passado em design. O Rodolfo faz um mês que está aqui. Tinha o Charles antes, que era também designer e agora, entrou ele na arte.

*É mais na ilustração que ele...*

É mais na ilustração e em estar ali ajudando nós e... ilustração, fazendo infográfico, mas ele está agora, aprendendo a fazer algumas coisas que a gente faz que é varredura de página para publicação no *on-line*...

*Eu ia lhe perguntar se vocês diagramam só para o papel ou se também tem que fazer...*

A gente faz basicamente mais para o papel. Mas, tem gráficos que a gente faz para o papel, mas também vão para o *on-line*... então, a gente só salva ele para a versão *on-line*. A gente faz especial para o *on-line*... agora diminui um pouco por que estava uma enxurrada. Tinha muita coisa, vamos reduzir, senão [dá muito volume] e banaliza também. Quando faz todas as vezes a mesma coisa, do mesmo jeito, aquilo não é mais, nossa, que surpreendente. Eu penso desta forma que tem coisas que tem que surpreender. E aí entra online. Mas além disso, as gurias elas fazem... a Cintia já fez vídeo, tudo o mais para o *on-line*, edição de vídeos e o que mais para o *on-line*... a varredura que é a edição imprensa... que vai para...[que vai para o digital] para o digital. E a gente tem que fazer a varredura da edição toda. Sete dias, Pioneiro, Almanaque, Casa e cia, os cadernos do jornal.

*Vai para o flip?*

Vai para o flip. Ele tem o flip e clicando nele, ele abre as matérias em lista. Aí elas ficam lá. Essa parte que a gente faz. E, agora, a gente tem que subir para impressão também. Por que, a gente liberara lá para a parte gráfica. Para a parte gráfica do jornal.

*A Andreia, estava me falando, mais ou menos às nove horas?*

Às nove horas é o fechamento, tem que estar tudo lá.

*Tem que estar tudo certinho.*

Das oito e meia é... corrida, mas já foi pior, pior eu digo em questão de tempo, lá no começo, fechava meia-noite... o Zé é do tempo que se tinha que esperar até o final da rodagem... o começo da rodagem a gente olhava todo o jornal, tinha plantão que cuidava o título, para ver se estava tudo ok com o jornal e depois a gente ia embora. Meia-noite, uma... agora, dez horas está todo mundo liberado.

*E as ferramentas que vocês mais utilizam hoje....*

InDesign... e a gente trabalha com outros programas ligados a isso. Illustrator a gente usa, Photoshop... Mas, a ferramenta principal de se trabalhar é InDesign.

*E nessa época em que você tinha que acompanhar a produção, não era ainda...*

A gente teve... O InDesign foi implantado em 17 de julho.... que é aniversário de casamento dos meus pais e caiu o avião da TAM lá em Guarulhos. A gente estava implantando o InDesign aqui. Eu só não sei o ano certo o ano é fácil de rastrear. Eu acho que foi em 2003, mas eu não tenho certeza. Foi dia 17/07 de 2007 dia que caiu o avião da TAM. A gente trabalhava com Quaker e aí passou para o InDesign.

*Tu não chegou a trabalhar com PageMaker?*

Não, só na faculdade.

*A Redação chegou a usar?*

Eu acho que não. Eu acho que foi Quaker mesmo. Depois foi InDesign a versão 2, depois mudaram para 6.

*Que legal, você falou que recebe as demandas por email, e mais ou menos assim, como é que funciona a rotina de produção do jornal e como tu te insere nela?*

Vamos começar assim, eu não sei se tu queres que eu comece lá do começo do dia.

*Pode ser, que a Andreia me falou, mais ou menos, mas ela me falou da função dela.*

Tá. Porque no início da tarde tem a reunião de pauta, aí já vem com o boneco nele...

*Tu chega de tarde?*

Sim.

Chego a 1h30, a gente começa. Aí eu venho com o boneco e a gente vê...

*Tu participas desta reunião de pauta?*

Sim. Participo dela.

Mais para ver essa questão gráfica, se deu alguma coisa errada no jornal que tem que melhorar.... Também, o que você acha disso... O que acha de produzir desta forma...

*O pessoal te consulta...*

Consulta... aí a gente já chama as gurias... óh vamos fazer com calma... de repente, isso funciona, não funciona, tudo mais.... Foi hoje, teve uma tabela e a gente pensou em fazer de um jeito, eu trouxe para reunião, vai funcionar, não vai funcionar, não! Não funciona. Então, tira e vamos fazer do jeito normal. Para discutir essas coisas. E ver questão de espaço. Hoje, tinha uma edição de 32 páginas. Mas, o boneco estava aberto demais... não, eu não preciso de uma página, eu preciso de uma página... então, nós vamos discutindo nas editorias e vamos moldando conforme o boneco, anúncio e editorias o que precisa. Faço alteração do boneco com Porto Alegre, e às vezes tem que ajustar... entra no meio da tarde...

*Boneco vem de lá...*

Vem de lá... Boneco ou espelho. Eles chamam destas duas formas. Aí eu ajusto com eles lá... E vejo normalmente com a Redação se está ok e vejo se vai entrar anúncios eu vou ajustando. Ginástica. Aí é o boneco do Pioneiro, Sete Dias, Almanaque, hoje é quinta-feira são todos os bonecos que se resolvem. Aí a partir daí já tem recados de coisas para se fazer. De páginas e aí tu chamas a pessoa, ou alguns mandam no email o que querem, então não precisa nem chamar...

*Um exemplo assim...*

Página 2 do Sete Dias. Eles colocam a matéria tal: “foto baixada”. Aí a gente já puxa esse material na página e nesse material importa o texto, e nesse material já está o Nica ID ou o nome da foto para buscar a foto já para colocar. Então, algumas vezes, o repórter nem vem. Outras sim, ele vem e a gente conversa ou a gente chama e eles veem como fica...

*Alguns dizem mais ou menos o que pensou, a página...*

Uns dizem outros, não. Outros te deixam... ah! Eu pensei em abrir com esta foto, mas quando é matéria mais produzida, outras são mais burocráticas, feijão com arroz que é o texto-foto, e outros, mesmo que tenha essa coisa feijão com arroz, eles têm mais elementos, pensei em abrir com uma foto, tem que colocar o texto aqui, aplicar aqui, não o texto já abre... então, alguns vem com ideias e tudo mais. Depois disso, diagrama a edição [risos] – eu estou falando da rotina de todo o dia – então, ali, até umas seis horas, fecha o Sete Dias. Coluna. A coluna do João, já vem pronta e ele manda já diagramada e a gente só coloca na página. Depois começa o Pioneiro, o Pioneiro vai vindo durante a tarde, desenvolvendo e tudo, mas ali às seis horas, sete horas é que começa a pegar

tudo. Mas, eu vou falar do Sete Dias, por que aí eu consigo fechar uma rotina dele, porque depois essa rotina se espelha no Pioneiro, mas com um outro horário depois. Eu libero o Sete Dias ali, umas seis horas, sete horas, onde eu faço a liberação, a conferência, não tem como eu ler tudo. Eu vejo data, título, apoio, destaque, legenda e se está fechando material. Crédito, quando eu lembro de olhar se tem o crédito. E importo o anúncio na página. Eu faço essa liberação, gero um PDF, é feito um PDF da página para depois carregar no portal e nesse meio tempo de gerar o PDF, alguém, uma das gurias, mas eu prefiro que alguém que não seja eu, que faça isso daí. Porque eu já estou acostumada com a minha página. É a mesma coisa de diagramar a minha página e liberar. Eu não vou ver coisas que elas vão ver. E aí elas abrem o PDF, conferem ele, veem se tem algum problema e tudo mais... e aí elas me acionam e tudo mais, dá uma olhada na foto que está maior... está desalinhado e tudo mais. Aí a gente volta a página, faz o processo de novo, confere, carrega no portal, confere no portal se está tudo ok, que é ver se está nas cores, nos cortes e aí libera. Se tem algum problema nessa página, a gente pede, depois de liberar a gente pede para liberar. Se for antes, e não tiver sido liberada, precisa ser ajustado isso daqui. Aí a gente volta todo o processo lá na frente, abre a página, arruma, PDF, confere, sobe, confere e libera. Se já foi liberado e tem que fazer uma alteração, errei ou tem que alterar o horário, não é mais das 8 às 7, é das 5 às 9. Aí volta a página, a gente liga para Porto Alegre, oh... nós vamos alterar tal página. Feito isso, tem a varredura para o impresso. E aí a gente desmonta toda a página e vai ordenando e publica para a impressão. E aí confere, tanto quanto a gráfica, como o pessoal do off se chegaram todas as páginas se está tudo certo.

*É bastante coisa. E nessa reunião de pauta, participa quem?*

Os editores – você quer saber de nós ou todos os envolvidos?

*Todos os envolvidos. Quem participa da reunião de pauta?*

Participa o Zé que editor-adjunto, a Trícia que é editora adjunta, Cido de economia e política, editor; Carolina que é de variedade que é Sete Dias e Almanaque; Maurício que é de esporte; Eliane ou a Maristela que é adjunta de geral; eu da diagramação; o Portus da foto. Ah, tem uma coisa mais tarde por causa dos jogos, tem algo mais tarde e todas as gurias podem vir. Podem participar. Ou também o Portus está de férias [ou está cobrindo alguma coisa] vem alguém de lá. Não é uma regra. Você diz assim, no começo vinha só eu, vinha só eu e tudo mais e depois eu disse: não! Vocês têm que aprender a fazer toda a rotina [porque quando alguém entra de férias e alguma coisa] exato. Ou tu chega mais tarde, até para não ficar aquela coisa de... tu tens que fazer, tu és a responsável, tem que fazer. Não! Todo mundo tem que saber fazer. Não é uma coisa de eu vou abraçar e sobrecarregar a pessoa. E assim todo mundo tem...

*Tu distribuis a responsabilidade.*

Sim.

*E tu comentou que às vezes um repórter te procurar para negociar algum elemento da página, então, tu interage com toda a redação, tanto com editor, quanto com repórter...*

Com toda redação. Foto... Qual é o corte aqui? Qual é o corte que tu prefere? Alguns, são assim. Outras é no automático. Às vezes o fotógrafo chega em nós e nós chegamos neles também. Repórter vem e conversa com a gente... a gente troca ideia, eu tenho uma matéria sobre... hoje segue o mapa da criminalidade e como vamos fazer esse marco e tudo. Aí, eu vou desenhar todo ele no InDesign, eu vou ver como ele ficou e ele chega para nós com uma matéria e nós vamos negociando e tudo mais. Às vezes, escreve demais.

*Bastante. E quando vocês precisam, como tu falou, um especial. Vai produzir um infográfico, uma ilustração, como é que isso? A demanda vem do editor, vocês vão propor... como é que isso...*

Não, normalmente eles já vêm com... eu preciso de um infográfico, eu preciso de um mapa... eles já veem com isso. Algumas outras vezes... foi na matéria do Tega, ela chegou e disse assim: eu tenho um mapa e desse mapa, eu quero puxar, colocar ali as informações, e tudo mais. E aí, como fazer isso daí para que ficasse claro. Aí a gente chamou o Guilherme, que está saindo, aí o Guilherme: “como a gente vai apresentar on-line?”. Então, a gente vai chamando pessoas, para fazer. Mas, eles

já veem alguns da equipe. Tem o mapa e o que nós vamos fazer com o mapa. O esporte, eu gosto muito de trabalhar com esporte, não pode ter preferencias... Mas...

*Acaba tendo uma afinidade.*

A gente já propõe coisas para eles e vamos fazer, vamos fazer, tá! Ontem o Marcelo chegou para mim com umas tabelas com uns números. Olha aí: tá. Vou fazer uns gráficos aqui. E a gente fez. Ele chegou com uns números para jogar na página. Tem um espaço aqui, vamos fazer bonitinho, de uma outra forma.

*Diferente.*

Então, eles são bem abertos, a gente consegue negociar, a gente fez o Gibi do Tite. Isso começou a ideia, começou o ano passado. O que nós vamos fazer para a Copa, o que nós vamos fazer? Eu enchendo o saco... Maurício do esporte: o que vamos fazer? O que vamos fazer? Vamos fazer um gibi? Vamos. Começou isso em fevereiro. Aí começou a negociação e aí eles embarcaram na ideia, vamos fazer isso, vamos fazer aquilo e foi entregue no final de maio, início de junho, foi entregue ele todo desenhado, todo pronto...

*Aí vinha ele encartado?*

Encartado no jornal. Foi encartado no dia 16 ou 17 de junho.

*Sem venda avulsa?*

Sem venda avulsa. E foi legal, porque girou tudo ali, mais ou menos na diagramação,

*Partiu a ideia...*

Partiu a ideia, da iniciativa de um, aí outro, Charles ficou fora desenhando todo ele, foi todo desenhado ali. O Renan, veio com o texto, eles planejaram quais seriam os capítulos que eles iriam fazer. Por que é a vida dele. Que é diferente de uma história, que uma história você tem um personagem e esse personagem vai indo. E ali foi a vida dele que tinha que contar. E foi feito tudo ali em três meses: fevereiro, março, abril, maio e entre em junho. É... três ou quatro meses de trabalho e ficou bem legal.

*Tem um tempo diferente para elaborar... da rotina...*

Sim. É a primeira vez, a gente já planejou outras coisas. Mas, é a primeira vez, que um planejamento a longo prazo deu certo. Porque às vezes é: vamos fazer? Vamos. É para semana que vem. É para aqui dois dias. Então, esse foi o primeiro planejamento a longo prazo. Copa, tudo, está aí... o que nós vamos usar? Veio a ideia de vamos dar os 100 dias. A contagem regressiva os 100 dias, os 100 craques e contando até o dia da Copa. Então, 100 dias antes. Começou em março, foi até um dia antes.

*E esse gibi teve alguma coisa especial para o digital ou ele...*

Ele foi... como flip para o digital. O Guilherme, pode te explicar melhor, por que foi ele quem fez essa parte aí. Ele foi como flip... todo... todo... tu clicavas e ele vinha folhando e tudo mais. *Pergunta para ele...*

*Eu vou perguntar... bem, como tu percebes esse processo assim, que tu participas ativamente das decisões editoriais de uma forma, como tu avalias isso de influenciar em propor uma pauta ou mexer em alguma coisa, na criação de um especial como tu falou, de uma possível alteração, como tu percebes esse processo de participar das decisões. Foi sempre assim? Tu sempre participou da reunião de pauta? O diagramador sempre participou?*

Sim, sempre teve alguém que vinha da diagramação. Era sempre o editor, antes era o Zé, agora, ele acumula uma outra função, aí veio eu. Eu participava mais quando ele estava de férias. Mas, com a saída dele da frente da diagramação, veio eu e outras gurias. E a gente tem liberdade. Tem liberdade. E claro, que você não pode dar uma ideia tão... você tem que avaliar qual é o peso daquilo lá. É relevante, não é, vamos embarcar nessa ideia e tudo, mas a gente tem total liberdade com todo mundo.

*E qual é o parâmetro para essa avaliação, assim, no teu caso, tu és jornalista. Então, tu tem todo um conhecimento que é da área. Mas, vamos ali, tu tens ali, hoje, uma designer. E se ela tiver que participar dessa reunião como tu achas que vai ser?*

Ela participa e é bem tranquilo. Ela... Quando ela começou, ela tinha uma visão... ela saiu da faculdade e trabalhou aqui no comercial e no gráfico. E depois ela veio para Redação. E ela disse, que isso aqui é um mundo à parte em que as pessoas acham que é um mundo fechado, mas, não é que é um mundo fechado, mas é por que a gente está concentrado fazendo as coisas aqui, então não é um mundo a parte e tudo mais. É uma outra realidade que as pessoas veem de uma outra forma. E ela teve que se adaptar bastante. Ela teve que entender, como é que era o processo para aí começar a deslanchar. E ela começou em abril e ela começou a ir para frente em agosto. Foram quatro meses de “doutrinação”? O que que é, qual é essa realidade que a gente tem. Hoje, ela consegue, nossa, trazer muita coisa que ela tem feito, uma realidade do design, para dentro do jornalismo. É fazer... ela também tem a bagagem dela. Assim... ela tem um ano. É a mais nova de todas. Por que o Zé tem 25. Eu tenho 20. A Márcia, 15. A Cintia já trabalhou, já saiu... bota que ela tem uns oito anos. E ela tem um ano de estar ali mesmo. Então, o gás dela é diferente. Mas, ela interfere, ela opina, influencia... O que é relevante é que benefício eu vou trazer para o leitor, mostrando daquela forma. Se eu mostrasse aquele gráfico de ontem, todo pintadinho e tudo mais ia ficar colorido. Mas, o leitor iria entender? Qual a importância dele, mostrar que na UBS, do dia 02 ao dia 15, o tal médico ia estar de férias e o médico pediatra ia estar de férias, ia estar atendendo o clínico ou ia me influenciar mais dizendo que o clínico ia atender. Então, qualquer informação, que pareça mais relevante. É mais ou menos isso que penso. O gibi é como contar o mesmo, que nós contamos em outras várias oportunidades de forma diferente, que o leitor vai ler e dizer: uhum! É muito simples. A leitura simples, direta, e tudo mais... então, qual é o benefício. Agora...

*E foi impresso no papel jornal?*

Papel jornal, foi papel couche a capa e papel jornal dentro. Só o formato foi diferente. Foi formato tablete a gente pensou assim: a gente não sabe, se o comercial vai vender, a gente não sabe o que vai ter vão... vamos fazer do nosso jeito que vai sair... do que ficar esperando. Só desta parte aí que não saiu de pezinho. Saiu deitado. Mas, não perdeu em nada. Muito pelo contrário.

*Talvez, por que seja um material que as pessoas queiram guardar. Diferentemente da característica do jornal impresso.*

Porque o impresso você está acostumado a ele e de repente, você pega um produto, que tá... o que é isso daqui... é diferente. Não é informe comercial. A capa é diferente da história do título. E a gente fez durante a semana, a gente chamou na capa, fez chamadinhas que iria sair no sábado.

*E teve algum retorno?*

Teve. O pessoal do esporte foi lá entregar para a mãe do Tite. Nossa... Chorava e tudo mais... o irmão dele também... A parte deles lá foi positivo, foi muito legal, e os leitores também... meu jornal não veio com... eu fui correndo na banca para buscar... Nossa! Ficou muito legal... Ideal genial. Por que foi do mesmo... Então, o retorno foi bem positivo.

Dá um orgulho...

Agora, vamos fazer uma edição dois. Vá que ele fique para 2022 [risos]

*E pensando o setor jornalístico ele vem passando por uma série de transformações esse processo de integração e o que nesses teus 20 anos, o que tu percebe que foram as principais mudanças na tua atividade. O que se mantém, o que mudou. Com essas transformações...*

Nossa! Deixa eu resgatar lá do baú... sim a redação era muito maior do que é hoje. E acho que a gente vem conquistando, a gente vem conquistando e conquistou uma maior afinidade com as pessoas. Não é que não teve, mas era... eu tenho esse material e eu quero esse material na página. E hoje a gente consegue discutir mais e mostrar para as pessoas que também é o visual que também vai conquistar e não só o texto. Não que tivesse isso lá, mas hoje tem mais de mostrar o porquê, vamos por esse lado, vamos por aquele outro lado. E também teve planejamento. Eu sempre brigo

muito que a gente não tem essa parte de planejar. A gente sempre teve a parte de executar. Vamos fazer isso, mas vamos fazer, mas eu preciso para amanhã. Para amanhã, a gente saía no laço e vamos fazer. Hoje a gente consegue ter essa... não consegue para amanhã. A matéria do Tega a gente discutiu isso, foi antes de eu sair de férias, início de junho. Aí vieram me perguntar se havia um jeito de fazer e tudo mais e eu disse: olha, eu não consigo tirar alguém para fazer isso. Porque a gente está sem uma pessoa, tem início da Copa, a gente está enlouquecida, não dá. Tem como segurar a matéria? Tem. Tá, voltou ela e a gente diz: vamos fazer. Quando vocês querem colocar para a semana que vem, veio hoje, quinta, quinta da semana que vem... eu acho que vai sair na quinta da outra semana. Então, a gente tem o poder de negociar e de trabalhar com calma, de rever os pontos, não dá para fazer assim, vamos fazer de um outro jeito, então, o planejamento está engatinhando, mas a gente consegue mais do que era. Então, isso melhorou um monte. Um monte mesmo.

*Que interfere muito na qualidade do produto.*

Sim.

*Vocês conseguem propor, digamos assim...*

Sim, consegue ver. O próprio mapa que saiu na edição de hoje, foi nesse domingo que eu trabalhei... sim, foi nesse domingo ele falou: a gente precisa fazer o mapa e tudo mais.... Não. Não, foi nesse domingo. Foi domingo retrasado. Vai fazer quinze dias. Aí eu preciso fazer o mapa da criminalidade e tudo mais... aí eu vou precisar de desenhar e tudo... para quando que é? É para durante essa semana, que foi semana passada. Aí não deu, não ficou pronto e ficou pronto para essa semana. A gente consegue jogar ainda. Tem coisas que aconteceu e que tem que fazer. Mas, matérias planejadas, isso foi um grande ganho. Antes, isso era o mais difícil. Antes, a gente tinha o contato industrial, Opec, comercial, era mais duro, mais rígido, hoje a gente consegue, conversar mais... “porque o anúncio tem que ser na contra e não pode ser em uma interna? . Ele não pagou determinação, ele pode vir aqui...” Parece que o diálogo, a comunicação está fluindo muito mais... até com Porto Alegre, sabe... com coisas de resolver problemas que a gente está com um problema de travamento de edição, ontem fizeram, hoje de manhã, fizeram a troca de sistema. Parece que a comunicação mesmo, está fluindo muito melhor, muito, muito mais. Eu não sei se fui...

*Perfeito. Perfeito. O que tu achas assim, pensando nisso... Porque uma das coisas que a teoria está apontando, é que tem o impacto das tecnologias, e nesse aspecto assim, quais seriam os principais desafios, preocupações, ou oportunidades, como tu vê assim? Se teve uma mudança no perfil do profissional que trabalha hoje na diagramação? Enfim... em função do impacto da tecnologia tu percebe alguma coisa?*

Uma vez, a gente estava discutindo: o jogo foi no sábado, o que eu quero ler na segunda-feira? Se eu já vi todas as respostas, já sei de tudo que ocorreu lá, já vi tudo mais. O que eu quero ler na segunda-feira? Eu quero ler a crônica que está ali no papel, escrito no papel que o meu time ganhou. Então, como é que a gente vai apresentar isso? Tu vais apresentar um tijolo de texto? As pessoas não vão ler. Não vão ler, porque vai ter aquela coisa de ter o não linear. De ter várias entradas, mas tá! Eu já vi que o time ganhou, mas quem foram os jogadores, qual foi o tempo e tudo mais. Eu vou recorrer ali. Mas, eu tinha aquilo ali na internet. Eu fui buscar a classificação na internet, mas eu sei que o meu time está em quinto. Mas, quantos pontos será... então, aqui, pelo menos aqui em Caxias o papel é muito visado. É nobre. Talvez, pelas pessoas de mais idade que é quem lê e consome o jornal, mas, nossa, está no papel. É o documento que está ali e tudo mais. Claro que internet tem outra bagagem. Mas, tu vai apresentar ele, de que forma? Eu vou apresentar ele, em uma especial. Na internet é diferente do especial do jornal. Lá vai estar de forma linear. Vou ter todo conteúdo vindo aqui com uma foto no meio... mas exatamente na mesma... sempre o mesmo template, vamos dizer assim.... Aí no jornal eu tenho uma entrada, eu quero primeiro ler a retranca, depois ver o Almanaque e depois eu vou ler o texto. Mas, o texto eu posso ver depois, então... Eu acho assim, o papel é mais de como tu apresentar. Qual vai ser a forma de apresentar. Esse é o grande desafio. É enorme. Porque você compete com agilidade, com o imediatismo do online. Mas, você está contando histórias dentro do jornal, que você não vai encontrar de repente num... porque ali na internet, penso eu... é uma coisa mais... vou ler cinco linhas. Quantos vão lá no Face e só leem o título? Casa caiu sobre mulher grávida. Só viu isso aquilo e começa a comentar...

mas, foi a casa do cachorro que caiu sobre o pé dela. Aí você vai contar toda a história do jornal. Aí muitas vezes as pessoas não abrem e pegam esse imediatismo que está aqui, aquela coisa rápida que tu não vai conseguir aprofundar... aí você vai para o jornal que está aprofundado. O desafio é de jornalista, de quem escreve, de repórter, é da diagramação, é no geral. É enorme isso daí... Mas, a gente tenta, né?

*E tem alguém da equipe... vocês fazem algum monitoramento dos títulos... para ver como é que ele vai ser buscado na internet, de repente...*

A Carolina, se eu não me engano, ela fez isso daí. Ela fez essa... o Guilherme sabe melhor isso daí. O Guilherme é todo técnico. [risos].

*Então, assim para finalizar... Mas, antes da última pergunta, o que você acha que um designer tem que ter, ou melhor, um diagramador tem que ter para trabalhar na redação?*

Paciência. Paciência não por causa do conteúdo, mas paciência para entender o que tu vai colocar na página. Se eu não entender, se eu não for lá e ler, o que é o material, eu vou jogar na página e vou executar. Tem coisas que a gente faz isso? Tem. Mas outras que tu vai precisar parar cinco minutos, ler, olhar e dizer, como é que eu vou entregar isso para o leitor, que fique claro. Então, isso é um exercício de paciência contigo mesmo. Tá ali eu vou entregar, mas eu vou demorar mais cinco minutos e vou entregar de uma outra forma. Vou ler isso daqui e vou montar o quebra-cabeça que se encaixa, que eles vão entender, nesse quebra-cabeça, qual é a forma, o que eles estão querendo dizer. É paciência. É paciência. É uma virtude. É. Porque a gente lida com pressão, é pressão de horário, é pressão de conteúdo que vem e eles querem colocar na página, e aí... como é que eu vou colocar? Tem que parar, respirar e não, vamos fazer desta forma.

*E vocês só começam a diagramar depois que o texto está todo pronto, redigido...*

Depende. Depende. Uns veem e pedem para diagramar uma página, outros já vem com material, eu já tenho todo, vamos fazer e tudo.

*E depois que vocês diagramam pode ser que o editor, edite com a página já diagramada...*

Sim. Eles já diagramam, com a página já feita. Sim. Alguns repórteres sabem diagramar, vão lá, riscam, fazem... depois chamam, tá certo e tudo mais... então, todo mundo tem liberdade. Se ele tem liberdade para diagramar... eu também tenho liberdade para questionar ele, para perguntar e tudo mais... enfim...

*Então, como você vislumbra o futuro desta prática profissional? Como tu enxerga no futuro isso que tu faz hoje?*

Nossa... A gente não sabe o que vai ser de toda essa... porque, quando eu fiz a minha monografia lá em 2002, 2001 ou 2002? Tá... Mas, lá no início dos anos 2000, a TV digital... nossa, quando que vai ter isso? Era uma coisa de outro mundo. 2002, quinze anos depois, nós já estamos em um processo totalmente diferente. Há cinco anos atrás, nós não trabalhávamos com a nuvem, hoje a gente está tudo que a gente faz é com a nuvem. O Google! Quando eu comecei no jornal, internet discada caía a conexão, banda larga que demora um pouquinho para ir. Não está indo, não está funcionando e tudo mais. E o desafio é como o leitor, como fazer ele... como prender ele lá, como fazer com que a mesma página, dá o mesmo conteúdo, mas como ele vai ver aquilo lá. Como daqui há quatro anos, eu vou apresentar Copa de novo, se eu apresentei há quatro anos atrás e como vai ser agora. como será daqui há quatro anos. Eu estava fazendo as contas e é a sexta Copa que eu faço. E cada uma foi diferente da outra. E você conseguiu ver o leitor, essa última que estava encantado com as coisas que tem. Fugiu da pergunta. Totalmente. Porque além de ter o impresso, por que eu não vejo o jornal impresso, ele parar de existir. Você terá que se adaptar a uma outra forma, porque até então, como eu falei antes, isso é documento. Eles não vão lá na internet, questionar o por que não tem o crédito. Porque em cinco minutos lá, eu vou poder corrigir. E ali eu não tenho como corrigir. Já saiu e está ali. Ontem, eu comecei a ouvir o caso de um guri novo que começou a fazer a varredura. A gente ensinou a varredura. E saiu como Ciro só que ao invés dele colocar Ciro Fabris ele colocou Ciro Gomes. E foi de manhã... contrataram Ciro Gomes?... época de campanha, só que no jornal estava certo. Mas, estava na internet. E aí a gente ligou para Porto Alegre, tem como trocar? Trocaram. Pronto resolvido. Se fosse no jornal não teria resolvido nada. Não teria e todo mundo

começa a falar e tudo. E lá não. No jornal não tem como. Então, como colocar isso daí. A gente tem... pensar em uma forma... infográficos, é aquela leitura rápida, que todo mundo vai parar, olhar.... Mas que tu não pode colocar em tudo. Eu acho que o grande desafio nosso, na diagramação, é como fazer isso daí, sabe... é como colocar infográficos, é como introduzir eles ali. Então, é explicar ali tudo que o leitor vai ter em uma página inteira. No jogo ilustrado a gente teve... eu estou citando Copa, porque...a gente teve o jogo ilustrado. Que eles fizeram uma crônica do jogo, uma página com texto, matéria e na outra página eles contaram a história do jogo. Em dez quadrinhos, foi contado a história dele. Então, esse foi o nosso desafio. Entregou pro leitor um outro jogo, que se eu pegar isso aqui, e vou ler, e não preciso ler tudo isso daí. Aí o desafio do pessoal da redação, do repórter, é escrever uma coisa diferente para o texto que não vai bater com isso daí. E eles tiveram que ter um jogo de cintura dos dois lados.

*Mas, é algo bem legal. Muito interessante. Mas, a princípio era isso que eu tinha para te perguntar. Sobre a tu rotina, como é que tu trabalhas, como tu pensas esse seu papel na redação...*

É um vício, se você perguntar se eu troco esse meu lugar da diagramação, por outro, eu não troco. Troco os problemas...

*Como jornalista tu acabou indo para diagramação... Surgiu a vaga?*

Surgiu a vaga quem me convidou foi a Andreia. Porque abriu uma ali, ele estava no treinamento, ele estava na experiência e aí eles me chamaram para essa vaga. Pronto, né? Eu não sabia nada...

*É porque normalmente é muito sucinto na faculdade, né?*

Eu entrei em 97, quando comecei no jornal, em 98, era cadeira teórica. E planejamento gráfico vi quando eu comecei na diagramação, uma cadeira de planejamento gráfico. Mas, assim, era PageMaker. E assim, eu não via nada, nada. E aprendi tudo ali, prática mesmo. Quem me ensinou foi a Marli, o Adriano, hoje ele é repórter especial do Geral, trabalhou na diagramação também, mas eu aprendi aqui dentro a fazer. Faculdade... e quando eu entrei na faculdade, eu nem sonhava o que era diagramação. E quando falaram... se tu for por aí e lhe perguntarem o que você faz, diagramação. Mas, o que que é? É desenho das páginas, é layout, é organizar, então tu tem que explicar tudo. Então, tá... Agora, eu entendi o que é. Faz dezoito anos que eu explico para as pessoas, ainda.

*É a mesma coisa quando tu falas que é designer. O que tu fazes? É a mesma coisa.*

É bem isso. E aí, eu caí de paraquedas, aí e estou aqui, até hoje... dos antigos que estava ali: a Andreia, trabalhou um tempo, e depois com o Zé, trabalhei uns quinze anos com ele do lado, e o resto a Márcia chegou depois.

*E a equipe de diagramação sempre foi um núcleo? Porque eu me lembro que em 2011, quando eu fui na Redação da Zero Hora, o diagramador trabalhava na editoria.*

A gente teve isso... quando eu comecei era assim. Era um diagramador pra geral, um pra polícia, era na realidade, eram três. Eram mesões de editoria e na ponta de cada um, tinha um diagramador, mas eles tomavam conta daquela área ali. Eu comecei com geral, polícia, economia e política e tinha a parte de cima, que tinha os três que era Sete Dias, esporte, geral, geral englobava mundo, opinião, notícias do Brasil e tudo mais e a secretaria gráfica. Depois eles viram que não funcionava, porque tu estava de um lado e tinha que correr para o outro, um lado tinha maior volume de páginas num horário e outro tinha no outro e aí você acabava não fazendo. Porque aí era só diagramação mesmo. E não tinha todo o resto que a gente faz hoje. E viram que não, e nós fomos agregando mais coisas, a gente foi para um mesão...

*Onde vocês reuniram os profissionais...*

E tinham um, dois, três, quatro, cinco... tinham oito pessoas. Aí essas oito pessoas em uma mesa, conseguiam circular mais e aí foram diminuindo, mas a gente sempre procurou estar sempre junto. Tanto que é? Vamos mudar? Só deixa a gente tudo junto, em linha que eu consigo olhar para o lado e ver o que ela consegue fazer, e eu consigo olhar para ela e dar uma ajuda, eu consigo... circular

entre elas é mais fácil, assim como vem o pessoal da redação falar conosco, estamos ouvindo e já consegue, não precisa repetir e tudo mais a não ser que seja alguma coisa específica, a gente chama a parte e tudo mais.... mas, é muito melhor fazer essa estratégia de linha, ter uma visão e uma comunicação. Otimiza tempo, a Cintia está na ponta e diz: eu peguei a página treze, aí já está sabendo e tudo mais... eu preciso de uma ajuda aqui, dá uma olhada... tu já vai ali é tanta coisa que a gente faz... que perder esse tempo de ir lá do outro lado da redação, voltar e tudo mais...

*Não tem como você só ficar responsável pela capa, pela contra...*

Não. Quando o Zé está ele faz capa e contra, mas quando ele está de férias ou domingo, qualquer um faz, mas pela questão de você não estar fazendo todo dia, tu perde esse... então, vai mais devagar que uma página que tu resolve... Mas, todo mundo resolve... Não tem mistério. E eu digo para as gurias não tenha medo, peguem o jornal e folheem ele. E vocês verão quais são os elementos, tudo tem uma lógica, um é igual ao outro, então é bem simples, nada de coisa de outro mundo.

296

*Perfeito. Eu não vou mais te ocupar, por que eu sei que tu estás de saída...*

## 8.12 Entrevista DIA15C

*Então Paulo, já falaram em ti nas entrevistas, todo mundo mencionou o teu nome. Eu já estava curiosa. Queria que tu falasse um pouco da tua formação e como e quando tu começou a trabalhar com redação de jornal, se tu passou por outros setores, outras funções.*

Eu sou formado em jornalismo pela UniSinos, que foi em 94. Vai fazer então 25 anos que eu comecei a trabalhar em redação de jornal. A primeira redação de eu participei foi Correio do Povo, no final do ano em que me formei em dezembro. De lá pra cá tirando um ano que eu parei quando a RBS, estava encerrando os trabalhos com o Diário, aí tomaram uma série de atitudes e uma delas é que eu fui demitido. Então eu fiquei um ano afastado de jornalismo nesse meio tempo. Tirando isso, nesses 25 anos eu tenho trabalhado dentro de redação. Então foi Correio do Povo, Zero Hora e Diário de Santa Maria... basicamente foram essas aí...

*E quais as funções que tu atuaste?*

Na Zero Hora trabalhei de diagramador e fiz alguma coisa de ilustração, mas por uma iniciativa minha porque eu era diagramador mesmo, alguma coisa que fiz de ilustrador foi mais por iniciativa minha. No Correio do Povo fui ilustrador e diagramador. No Diário de Santa Maria eu fui editor de arte e fui editor de online, quando fui editor de arte eu fazia diagramação, fazia projeto gráfico, fazia edição, fiz reportagem também, enfim, não teve o que eu não tivesse feito ali. E no Online fiz muita infografia edição de vídeo, edição de áudio, até trilha musical de áudio eu fiz. E agora voltando com essa empresa nova no Diário eu voltei exclusivamente como diagramador e ilustrador.

*E ali no setor, vocês são quatro?*

Somos quatro. O Ricardo está praticamente desde o começo, a Nata...

*O Ricardo também é jornalista?*

O Ricardo é formado na escola da vida, ele é diagramador de muito tempo, ele não tem a formação, mas tem muita experiência. O Flávio é formado em editoração, em edição de conteúdo, algo assim. A Nata é jornalista e eu sou jornalista.

*E tu poderia me falar um pouco da tua rotina, das tuas atribuições, como que chega a demanda pra ti, como que funciona a rotina do jornal e como que tu te insere nela?*

Tem a rotina semanal, algumas coisas que eu já tenho assim, engatilhadas, por exemplo, toda quarta feira sai a página da crônica, a crônica sempre leva uma ilustração minha. Então normalmente quando eu chego na segunda-feira eu já corro atrás de quem recebeu o e-mail da crônica pra eu poder dentro da segunda feira fazer a ilustração da crônica e matar ela na segunda feira mesmo e depois logo em seguida pegar as páginas do dia. Outra rotina quase que fixa são as páginas especiais de final de semana, que aí eu fico na dependência do repórter, fico trabalhando junto com ele pra saber o que vai ser a pauta, o que eu posso ajudar ele, se existe demanda de arte, se existe algum projeto diferenciado, se existe fotografia pra ser feita, trocar ideia pra gente conseguir alguma coisa diferente pra edição de final de semana. Isso seria o que existe de fixo durante a semana. O que existe de demanda durante a semana.... Alguém precisar de uma arte. Eu já consegui uma certa consciência dentro da redação de que não existe apertar botão pra fazer uma arte em cinco minutos, nem em quinze minutos. A arte feita em quinze minutos vai sair o que um trabalho de cinco, dez minutos vai precisar ser feito. Uma porcaria, não tem como, não tem condições de ter qualidade com tão pouco tempo. Assim como precisam de tempo pra escrever, pra fazer, conferir fonte, buscar recursos pra conferir dados, enfim, eu também preciso pra fazer uma pesquisa sobre o que é o assunto, pra ver qual estética apropriada sobre o assunto. Então eu consegui já uma outra cultura, uma outra cultura que não existia a um tempo atrás. Essa redação ela tem uma cabeça parceira nesse sentido assim de que realmente não tem como conseguir. As vezes alguém aparece com uma proposta indecente, “ah eu tô precisando de tal coisa”, aí eu as vezes tenho na manga algum recurso

que dá pra fazer, mas de praxe a resposta é não, não tem como fazer, e vai ser isso aí porque não se planejou...

*E tem muita demanda de ilustração equivalente ao trabalho de diagramação?*

Hoje por exemplo me encomendaram uma pro final de semana, da política, a política sempre encomenda com antecedência. Quando um repórter está fazendo uma pauta e ele vê que precisa de uma arte, ele já sabe que eu peço pra me avisar antes. Não tem saído muita matéria, saiu agora esse final de semana, mas foi assim, a semana passada inteirinha eu passei ilustrando a especial do fim de semana. Então foi terça, quarta, quinta

*Aí dedicado só a isso ou ...*

Eu tento fazer em paralelo uma outra página, uma aqui outra ali, porque não dá pra ficar exclusivamente só fazendo arte. Não dá, tenho na cabeça de que eu preciso também desenhar página pra ajudar a galera. Se não eu fico no bem-bom e eles ficam passando trabalho por mim, aí não é justo.

*Certo. Então não tem mais a figura do chefe da diagramação no setor*

Não, isso não existe mais

*E tu sente falta disso?*

Eu não sinto falta porque eu não sou mais o chefe né

*Sim, mas como que era quando tu era chefe*

Era puxado, ser chefe é uma coisa desagradável né, tem que ser responsável pelo trabalho dos outros, tem que ser responsável por uma equipe. E falando francamente, agora, sou responsável pelo meu trabalho. Eu tenho uma parceria com os meus colegas, mas não sou responsável pelo trabalho deles. Todo mundo sabe o que tem que fazer né.

*E como que fica a responsabilidade do projeto gráfico do jornal?*

É conjunto, é uma responsabilidade conjunta. Não é por não ter mais o chefe que eu vou relaxar. Então eu tenho a ciência de que eu tenho que tá atento do projeto gráfico, tenho que fazer um trabalho legal com qualidade pra honrar o projeto gráfico... né, não é porque não tem mais o cargo do chefe que a gente né

*Porque antes tinha essa figura né*

É, o chefe tava ali pra cobrar né, “ah se não tá bom o chefe vai me dizer”, coisas assim.

*É, eu fiz uma entrevista com a Zero Hora, a figura do Luis Adolfo não existe mais, hoje não tem mais aquela pessoa que era responsável pelo projeto gráfico*

É, mas a gente se polícia muito, quando um editor quer resolver um problema pra ele, normalmente um problema editorial dele e pra isso ele quer dar uma burladinha no projeto gráfico, pra resolver um problema dele. Então a gente...

*Como assim?*

Ah sei lá, “eu preciso colocar algo um pouco maior aqui, ou um pouco menor porque não cabe...” Sabe isso não existe. *Isso non eziste*. Você vai fazer o que tem que ser feito. Ou vai cortar texto, ou vai botar mais alguma coisa... Tem que fazer de algum outro jeito, mas burlar o projeto, não.

*E existia antes?*

Sempre existiu. Pouquíssimas vezes se burlou um projeto gráfico pra resolver um problema que era editorial. “Ah não sei mais o que vou fazer aqui”. Ah, vamos resolver.

*Claro.*

Não vamos inventar né? Quem inventa é inventor né. E a gente não tá aqui pra inventar.

*E como chefe de diagramação tu participava das reuniões de pauta?*

Sim, participava da reunião de pauta. Era um inferno de reunião [risos]. Era de pauta, reunião de capa, depois tinha reunião de pauta de finde. Eu praticamente só vivia em reunião. Não tenho a menor saudade disso. Era muita reunião, tinha reunião de online, reunião de equipe, reunião de feedback, era muita reunião.

*Mas para diagramação isso não era bom de alguma maneira?*

Se eu estou com um problema pontual, pontualmente eu resolvo ele. Por experiência eu sei que muita reunião não resolve nada. Procuro trocar ideia com quem diretamente tenho problema, então as vezes eu troco ideia com o Ricardo que é um cara mais experiente da editoria, pra não ter que ser taxado de que eu resolvo problema sozinho. Então como não tem mais o chefe, tem que resolver sempre com alguém. Então eu puxo um colega da diagramação pra tentar resolver comigo. Assim como eu penso assim, eles também pensam assim. Então é assim que a gente tem feito.

*Aí tem negociações que são feitas com os editores ou com os repórteres. Quais são as pessoas que tu mais interage?*

Depende do tipo da negociação. Se estamos falando de como é que uma página vai ficar já trabalhando na diagramação da página, normalmente você vai falar com o editor. Se é pra uma pauta futura e tu ainda tá trocando ideia sobre a pauta, tu normalmente troca ideia com o repórter. É o caso que tem acontecido com as especiais, é a Pâmela que está fazendo as pautas de fim de semana, as especiais. Antes era a Tati, então na largada a gente trocava ideia, as vezes até de uma conversa ela tirava alguma coisa. A Pam usou uma frase minha pra botar em um lead, na matéria, porque eu comecei a elucubrar, falar sobre a história dos assédios, que é engraçado como um lugar como a UFSM, onde se busca o conhecimento tem essas coisas medievais, que teve casos aí, e ela usou isso como gancho pra fazer o lead dela. Isso é uma troca. As vezes ela fala uma coisa que eu uso pra ilustração, ou toma um rumo diferente, influência de certa maneira. É uma conversa de parceria.

*Então surge um espaço pra propor alguma coisa pra pauta, alguma coisa que está no nível da diagramação.*

Às vezes eu falo, você poderia colocar isso na sua pauta. Eu me sinto à vontade pra dizer.

*E é bem aceito?*

É escutado, se é pertinente ou não cabe a ela dizer.

*Sim, mas tem esse espaço né. Então na rotina acaba que tu interage mais com os editores e repórteres.*

Normalmente sim, porque a gente não participa da pauta, nem da especial. Normalmente a especial já é escolhida a pauta. A gente só recebe o que vai ser a pauta. Mas a pauta é dada largada e no que é dada a largada pode ser que venham conversar contigo ou não. Eu não participo da criação da pauta, na parte da diagramação não tem. A gente é uma linha de produção, então a gente trabalha basicamente é com o final da linha, que é a parte da produção gráfica da página. Então quando já chega ali é porque já teve todo um trabalho de pesquisa e investigação antes que tu não participou. Poderia até ter participado. Já disse que faz falta é uma pauta da semana, uma ferramenta que não existe mais, que é a pauta do dia. Eles acharam que tomava muito tempo, mas eu acho que perde muito. Eu chego na redação e não sei o que é a pauta de amanhã, então eu só chego pra executar, eu poderia muito bem ter uma ideia de como vai ser usado. Aqui caberia usar um recurso assim. Mas não, quando tu vê tu já está em cima do laço então... é assim que as coisas são.

*Como tu avalia o papel da tua atividade pro jornal?*

Como eu avalio? O diagramador é um cara estratégico na linha de produção, cabe a ele o poder de destruir uma página ou de transformar a página em uma página legal. Um péssimo diagramador pode destruir uma boa página, uma boa pauta. Se ele não tiver sensibilidade, se ele não tiver recurso pra conseguir fazer de espaço... Uma diagramação ruim pode acabar com uma pauta boa e uma pauta ruim pode virar uma coisa interessante se o cara conseguir uma bela sacada gráfica numa

página. E uma pauta bem meia boca pode ser uma página interessante. E uma pauta interessante pode ficar uma página ruim também por culpa do diagramador. O diagramador pode ser o Deus e o diabo de uma página.

*Tu chegas a fazer alguma coisa pro online?*

Não, não faço mais. Na gestão anterior a gente até fazia alguns infográficos, algumas matérias pro online, mas agora com esse novo quadro, nesse sistema, não mais. Até porque o online tem uma equipe bem boa, a melhor equipe de online que existe hoje em dia está aí. Não sei se a Silvana te falou do tempo de online, era eu.

*Sim, das transições.*

Era eu sempre responsável também pela diagramação, então foi um inferno, foi um período bem ruim na minha vida, foi o tempo em que eu fui editor de online.

*E o setor como um todo, o jornalismo vem passando por uma série de transformações, já faz um certo tempo...*

É verdade.

*E isso está impactando em vários níveis. Eu queria saber, como tu já tem bastante tempo de experiência, como que tu enxergas essas transformações, quais são os principais desafios, os impactos, como que tu percebe as principais transformações.*

Tu diz com relação ao jornal impresso?

*Em relação ao jornalismo.*

Acho que o jornalismo tem o campo aberto pela frente, cabe ao jornalista saber qual vai ser, que ninguém sabe até hoje. No que diz respeito ao jornal impresso eu sou super pessimista, acho que o jornal impresso vai virar um nicho, por exemplo Santa Maria é um nicho. Nós o Diário de Santa Maria é um nicho. Existe isso aqui, acho em Caxias existe uma certa resistência com o Pioneiro, Cruz Alta tem a Gazeta e começou a falhar já... Em Pelotas não sei se existe jornal.

*Tem o Diário Popular.*

Tem o Diário Popular?

*Tem.*

Ta aí, estamos acabando, não chegamos a cinco jornais num estado como o Rio Grande do Sul, um estado que se diz leitor de jornal. As pessoas não leem mais jornal. Minha filha não lê mais jornal e tem 23 anos. Essa gurizada quer notícia de três linhas que não ocupe mais tempo que isso. Querem manchete de Facebook, a verdade é essa. Eles querem coisas rasas.

*E no ambiente da redação, o que tu percebe das principais transformações?*

No ambiente da redação?

*Sim, nas rotinas, nas práticas...*

Tem a rotina do on-line, uma rotina totalmente nova, onde a gurizada tem que publicar sua matéria, quem faz a reportagem publica seu conteúdo online, cabe a ele publicar isso. Isso é uma mudança de rotina. Não tem mais aquela coisa de precisar de um fotografo. Não tem fotografo. Pega o telefone celular e volta com o que tu conseguir, é assim que as coisas funcionam. Eu acho isso legal, tá certo que o fotografo faz falta, uma lente legal... Mas vai dizer que não é legal tu mesmo resolver um buraco de rua, não precisa mobilizar um fotografo pra isso. Pra fazer a cobertura de um buraco de rua. Tem coisas que não carece mais. Eu acho que nesse sentido esse jogo de cintura é sadio. O que não serve mais é tu querer que o repórter faça barba, cabelo e bigode, ou seja, vai pra rua, faça a investigação, faça a edição do seu material, publique suas fotos, publique no online... faça tudo isso sozinho, isso já não é mais sadio. A não ser que você dê muito tempo pro cara, o que não existe hoje em dia. O jornalismo hoje em dia não tem mais tempo. A internet deu uma sacaneada nesse

sentido, é tudo muito pra ontem. E em função do ontem rola muito fake, inverdade, pós-verdade, a coisa manipulada.... Isso tudo é a minha opinião, tá? Eu não tenho estudo com relação a isso, mas é o que eu vejo.

*Não... é a sua percepção.*

A grande chance do jornalismo pra se manter como uma fonte de credibilidade é essa, justamente pra combater esse tipo de coisa. Desculpe a contundência, mas eu acho que existe uma falta de coragem de querer trazer coisas à tona. Por exemplo, essa nova direita, essa onda fascista, é um verdadeiro atraso que a gente tá vivendo hoje em dia, e eu tô vendo pouquíssima gente falar a respeito. Tá todo mundo muito conivente. O dia em que começarem a lutar dentro de redação de novo, talvez as pessoas comecem a botar receita de bolo outra vez na página, comecem a lembrar porque que tá acontecendo isso. E tá todo mundo calado em nome de tolerância política. E Tolerância política tem limite. Eu acho que estou falando demais, né?

*Não te preocupas... E nessa onda, quais as características de um profissional para trabalhar na diagramação?*

Tem que ser criativo, um cara que queira ajudar a redação e não esteja ali só pra fazer o trabalho dele, tem que ajudar a diagramação, tem que ser proativo, colega, tem que ter muita cultura gráfica, mas não entenda que ter cultura gráfica é ele fazer milhões de coisas diferentes, tem que saber de projeto gráfico, porque o projeto gráfico faz parte do DNA do jornal, tem que ser criativo dentro da linguagem do projeto gráfico, tem que ser um cara curioso, tem que ter cultura pop, cultura gráfica... Tem que saber o que acontece em artes, o que acontece em publicação, tem que saber o que acontece em outras mídias pra saber se ele consegue trazer alguma linguagem de fora pra dentro, tem que saber trabalhar com narrativa e arte sequencial pra poder construir uma sequência lógica de narrativa gráfica pra poder botar no impresso. Pode parecer fácil, mas pra fritar pastel tem que ter talento, pra tudo tem que ter talento, não é chegar ali e achar que tem que apertar meia dúzia de botões, que o mouse vai fazer tudo sozinho porque não vai.

*E pessoalmente tu busca referências, influências, inspirações em determinadas coisas?*

Enquanto ilustrador eu busco muita coisa em história em quadrinhos, Instagram, Tumblr, isso é uma fonte riquíssima pra te inspirar, pra saber o que está acontecendo... Eu tô sempre com o Instagram aberto no computador, o pessoal acha que eu tô navegando em rede, mas na verdade eu tô fazendo pesquisa. Eu sigo tanta gente relacionada a desenho, charge, pintura, história em quadrinho, ilustração, design, até mesmo música me inspira. Site de museu... Eu tô sempre procurando coisas assim. Esses sites que publicam flips.... Eu tô sempre fuçando, não paga nada pra receber... então eu sempre dou uma foleada pra ver o que as revistas gringas estão fazendo de diferente. Tem muita coisa ruim lá fora também, talvez tu nem consiga usar no seu trabalho, mas talvez te dê um start pra usar alguma coisa dentro de uma pauta, pra alguma que depois possa cair no seu colo.

*Vai alimentar.*

É, vai alimentando, eu sou meio esponja, então eu tô sempre sugando as coisas de fora. Acho muito difícil aplicar umas coisas modernas que eu vejo, mas eu tenho um certo espaço onde eu posso extrapolar isso, a crônica é uma delas. Eu estou sempre ousando na crônica, eu busco não repetir uma fórmula da semana passada, ou uma abordagem, do jeito que eu resolvi uma ilustração na semana passada eu com certeza não vou resolver ela do mesmo jeito na semana que vem. Seria muito confortável fazer sempre a mesma coisa. Mas é um espaço tão nobre que me deram de poder ilustrar crônica, é uma vitrine tão sagrada pra mim. Ter o espaço da crônica uma vez por semana na quarta-feira. Eu posso até achar a crônica horrível, mas o desenho não vai sair horrível. Até a próxima crônica eu achei uó, mas aí eu busquei uma frase, uma coisa que me desse... Aí eu li de novo, reli e achei um momento em que ela falava de uma criança em que... era uma menina em que os pais não tinha emprego fixo e pra essa menina no dia em que não tinha sol... a crônica não era sobre isso... no dia em que não tinha sol o pai não podia cortar grama e a mãe não podia lavar roupa e era um dia sem dinheiro, um dia sem sol era um dia sem dinheiro. Eu fiz uma ilustração bonita sobre essa desgraça, eu poderia ter feito uma ilustração pesada, dark, pra baixo, mas fiz uma coisa pra cima, algo que transformasse aquilo numa página positiva. As vezes tu tá de mal humor e

faz uma coisa meio pesada. Essa última foi bem pesada, não sei se tu chegou a ver a reportagem especial de domingo.

*Não, não cheguei a ver.*

É sobre assédio, é uma ilustração pesada, uma ilustração um pouco mais agressiva, mas a página ficou bonita. Mas tu tem que pesar também, não dá pra transformar a página toda em um peso, então tu dá um tom pesado na ilustração e da uma amenizada no resto pra buscar um certo equilíbrio.

*E por último, como tu vislumbra o futuro da profissão?*

Do diagramador ou do jornalista?

*Pode falar dos dois se quiser.*

O jornalista eu acho que tem futuro, o diagramador, eu sinceramente questiono. Porque depende muito de como os jornais vão conseguir resolver essa equação, da problemática do curso do jornal impresso, porque é notório que as pessoas estão parando de comprar jornal em papel. O jornal em papel é custoso pra ser produzido, é um papel importado, tem o custo de impressão, mas o diagramador eu acho que ainda vai ter uma certa vida, porque por mais que a gente tenha o modo online, tu ainda consegue foliar o jornal dentro do modo online, tem os flips, né? Pra fazer um flip tu precisa de páginas diagramadas, pra fazer uma página diagramada tu precisa de um diagramador. Eu não sei até quando as redações vão querer ter diagramadores. Eu tenho relatos da ex-RBS que foi comprada por aquele cara que bateu na Luiza Brunet

*O Eike?*

Não, não é o Eike, um outro canastrão. Enfim, ele comprou todo grupo online de Santa Catarina e ele comprou também os jornais. Então tinha o DC, tinha a Notícia, tem o JSC e mais um em Joinville. Eles fecharam quatro jornais. Eles fecharam todas as diagramações de jornais pequenos do interior, centralizaram todas essas diagramações para serem feitas em Florianópolis, aí a equipe de Florianópolis recebe o material, faz e devolve as páginas diagramadas. Acabou com a diagramação? Não acabou com a diagramação, mas acabou com três equipes de diagramação.

*Concentrou tudo em uma.*

Concentrou tudo em uma. A Zero Hora usou esse modelo em vários níveis de produção jornal impresso. Há um tempo atrás eles acabaram com as centrais, cada jornal tinha uma central de tratamento de foto. Um cara que era responsável por fazer o tratamento das fotos. Eles acabaram com isso, centralizaram tudo em Porto Alegre, a gente mandava as fotos pra Porto Alegre e aí eles devolviam as fotos pra cá e isso funcionou até deixar de pertencer a RBS. São os modelos novos que podem ter coisas boas e ruins. Depende muito do processo. Do jornalista eu sou otimista, acho que cabe ao jornalista achar o seu papel, ver o que ele vai fazer. Tem uns jornalistas que com certeza não sabem pra que lado estão indo. Tá todo mundo experimentando e eu acho que tem mais é que experimentar mesmo. Como o jornal é diário, tudo que tu pode fazer hoje e se deu errado amanhã tu desfaz e tenta de um outro jeito. E vai tentando, se não tentar pra frente não vai dar certo. Eu acho que o diagramador tem que se adaptar, trabalhar em parceria com o online, é uma coisa que não existe aqui, mas uma coisa que existiu na antiga RBS enquanto eu era editor de arte, eu trabalhei muito o online, fiz muito trabalho com parceria com eles, pra editar vídeo, até mesmo pra fazer trilha de áudio. Eu me envolvi com esse tipo de coisa, foi bem legal. Aprendi a editar vídeo na marra sendo editor de online. Era coisa que eu fazia, se eu tiver que voltar a fazer amanhã pra mim não tem problema nenhum. É um trabalho maravilhoso. Só que do jeito que as coisas são estruturadas aqui no Diário hoje em dia é pra fazer só como tá determinado que seja feito. Então eu tô só no papel.

*Tá bem, a minha parte era isso.*

Era isso?

*Era isso, muito obrigada.*

### 8.13 Entrevista DIA48G

*Eu vou começar a te fazendo umas perguntas mais específicas, assim, em relação a tua formação e isso que tu acabou de falar, quando que tu começou a trabalhar em redação.*

Eu sou péssima de memória guria, eu não lembro nem o ano que eu me formei.

*Foste da primeira turma?*

Da segunda turma do design.

*O curso já deve ter quase 20 anos. Então se tu foi da segunda turma, deve ter sido 2000 e pouquinho.*

Comecei a trabalhar aqui em... 2001, mais ou menos, 2002 no máximo. Sempre tinha greve, aí tinha uns problemas lá.

*Então deve ter sido 2002, por aí. Tu ter formou em design? Design Gráfico...*

Artes Visuais habilitação em Design Gráfico, na Federal de Pelotas...

*E o primeiro jornal que tu trabalhou?*

Foi aqui.

*Não foi em Caxias?*

Não, lá não era jornal, era um escritório de design gráfico. Lá eu fazia de tudo, fazia logotipos, fazia de tudo. E aí eu comecei a gostar de diagramação. E aí tinha aqueles informativos das empresas, aí eu comecei a diagramar, a ficar meio que a especialista em diagramação lá dentro, então tudo que era informativo eu que fazia, catálogo.

*E aí começou aqui na Zero Hora e começou já como diagramadora, fazendo freela?*

Abriu uma vaga de freelancer para revista de verão que começava em dezembro, aí eu saí lá de Caxias e vim direto para cá, fiquei uns três meses de freela, depois renovaram para fazer um caderno do aniversário de Porto Alegre, só que aí eu queria ser contratada. Não tinha vaga, aí eu voltei para Pelotas fiquei esperando, aí me chamaram no meio do ano, só que aí foi aquela crise da bolsa imobiliária em 2007, aí congelaram vagas, aí eu fiquei mais um ano de freela, 2008. Aí fiquei de freela aqui, ficava assim no meio que chamava, fazia de tudo, ia aprendendo como funcionava a diagramação e aí 2009 efetivaram, aí me colocaram no Donna, que estava mudando o projeto, para aquele novo projeto das coluninhas bem fininhas e tal, até tenho uma apresentação do Donna que se tu quiser eu te mostro que eu fiz. Aí eu entrei efetivada, aí entrei pro Donna. Desde então...

*E sempre foi diagramação para o papel?*

Aham. Porque até então nem se pensava em online, o online estava recém começando na empresa, o G1 estava começando também, mas assim até hoje a gente faz cards, coisas visuais que são aproveitadas também para o on-line, mas não coisas de programação, né, coisas mais estáticas.

*Claro. Tá. Bom então já falou mais ou menos se deu a tua contratação, ãh... e tu sempre trabalhou com diagramação até hoje, só transitou de caderno, foi isso não é, tu não trocou de função aqui dentro?*

Não. Até hoje o meu contrato é de diagramador. Eles agora até... e até conseguir o registro de jornalista diagramador, eu sou jornalista profissional por exercício de profissão, eu tenho o registro por ser... porque tem vários tipos, de fotógrafo, de jornalista... e eu sou diagramador, porque eles exigiam o registro, agora não precisa mais, mas quando eu fui efetivada eles pediram. Aí eu juntei portfólio, entrei com o pedido e consegui o registro.

*Hoje em dia eles ainda exigem o registro de quem trabalha ali?*

Acho que não exigem mais, agora é contratado como designer. Antes dessa época não contratavam, acho que praticamente todos, só a Vanessa que era a minha chefe na época, não era, era designer. Mas todo mundo era jornalista que exercia a função de diagramador e aí que eles começaram a implantar os designers mesmo.

*Tu lembra mais ou menos quando começaram a contratar os designers?*

Em 2007, 2008 eu lembro que a Vanessa que era designer também, minha colega que trabalhava aqui, era uma das únicas designers, aí eles começaram a ver que dava certo, né, que funcionava, e aí começou a abrir esse leque, já não contratar só jornalista.

*E hoje ali o setor de diagramação é basicamente designers?*

Tem designers, tem...

*Ou tem algum jornalista que trabalha com diagramação?*

Ainda tem jornalista. É mais variado, tem gente que não tem registro também, porque agora não precisa mais que seja jornalista, o registro profissional é de jornalista.

*E aí eu te perguntaria assim dentro dessa tua função, quais são as principais atribuições, as tuas responsabilidades, como que funciona?*

É hoje estou há um ano que voltei para o setor de diagramação, que antes estava no Donna, antes as minhas funções eram maiores assim, mas agora ali a equipe tem umas 16 pessoas mais ou menos, e gente de divide assim para tocar todas as páginas do jornal, de todos os jornais, só do papel, antes o pessoal até fazia algumas páginas do jornal digital, mas agora é basicamente o papel, só que agora tem o Diário Gaúcho e a Zero Hora juntos, se diagrama os dois. Aí temos um sistema de planilha on-line, que os editores eles cadastram quando eles têm o conteúdo, então vai entrando numa planilha, e agente se distribui, né, tem uma equipe que chega de manhã...

*Qualquer editoria?*

Qualquer editoria, qualquer caderno, tudo entra ali, então basicamente nós temos que estar preparados para fazer, saber fazer tudo, então é meio que desafio, assim, quando eu cheguei tinha que aprender como diagramar cada caderno, cada jornal, cada página, cada coluna. Então tu chega ali pega a página e aí tem os templates e começa a fazer, baixa foto, puxa imagem, se é um projeto especial que tem que fazer, um adiantamento que a gente chama para outra semana, várias páginas tem que fazer, mas basicamente eu chego às duas tenho que tocar o jornal que baixa hoje, né, o jornal do dia 4, de amanhã, eu estou aqui para fazer ele. E tem o jornal da Copa, os especiais, então a gente tem que fechar as páginas do dia de hoje, eventualmente tem projetos especiais também. Quando eu entrei a gente tava mudando o projeto gráfico do DOC, do Finde, e aí quando eu entrei me passaram essa função, daí eu fiz o novo projeto do DOC, que a gente até ganhou o prêmio Ary de melhor projeto gráfico, fiquei bem feliz porque eu estava mudando de setor e tudo. E o Finde também porque eles fizeram pesquisa com público e agente adaptou para o público, aí gente também faz esse tipo de coisa, adaptação de projeto gráfico e tal, além da execução mesmo das páginas, e também a função dos brands que a empresa faz, que tem tipo uma miniagência aqui de

conteúdo, como eu executei no Donna, aquelas páginas do conteúdo feito aqui dentro, eu que diagramava no Donna. A gente fez assim um layout básico, com anúncio, mas com a arte feita por aqui, só que a arte tem um template padrão, tem um título seco, cores neutras, então é um conteúdo chancelado pelo Donna, no caso, e agora está sendo chancelado também pelo grupo RBS, acho que é o ClickStudio a marca. Estava ajudando o Rafa também desenvolver isso para dentro de todos os jornais, Diário Gaúcho, todas as editorias e cadernos também, para padronizar isso aí. Estavam entrando anúncios muito diferentes e às vezes parecidos, por exemplo nos Destemperados estava entrando anúncio que pareciam matérias, a ideia é não, é mostrar para as pessoas que aquilo é um anúncio, apesar de ser chancelado pelos Destemperados, é um anúncio. Então eu estava ajudando o Rafa a desenvolver esses templates para o grupo do ClickStúdios poder aplicar depois né.

*E as diretrizes assim, mais gerais do projeto gráfico são vocês que elaboram? Ou elas vieram... porque teve toda aquela reformulação da Zero Hora que mudou a identidade visual de tudo.*

É nesse caso... antes a gente tinha o Luís Adolfo que era o responsável pelo jornal, pelo projeto. O grupo RBS, e aí essa última mudança foi uma agência né, foi contratada, então veio de fora. E então varia né, nesse caso veio de fora, mas o que a gente desenvolve aqui dentro é meio que a gente decide e debate, e vai a aprovação do Nilson, da Marta, a gente coloca, mostra para eles, argumenta, defende aí eles aprovam ou não, a gente vai discutindo assim, então geralmente era feito tudo aqui dentro, só esse da Zero que foi feito fora porque o Luís Adolfo não está mais aqui também.

*E vocês fizeram muitas adaptações em função da rotina?*

É a com o tempo vai se perdendo, aí “ah o editor não gosta”. Até esses tempos eu comecei a fazer a capa, a gente faz capa também, e aí eu estava na capa e tinha no template um triangulão gigante, aí eu “ah a gente podia usar esse triangulão”, aí a Rosane que é editora de capa, “não, é proibido usar o triangulão”, não se usa mais, então tem coisas que são originais do projeto, mas que com o tempo os editores enjoaram e aboliram, mas está ali ainda, mas não se usa, então ele vai adaptando com o tempo mas pelas próprias pessoas. Quem chega lá e quer usar, não pode usar, mas tá ali, sofreu adaptações, mas com o tempo tudo vai mudando, tentando manter o projeto, mas tudo vai mudando, daqui a pouco cansa e muda o projeto de novo. Mas isso é do jogo.

*Faz parte. Tá e aí, então, tu já falou um pouco, no setor que tu trabalha, que é esse setor de diagramação tem parâmetros que são específicos para produção do conteúdo, tem alguma coisa que é mais uma especificidade desse setor que tu pudesse falar? Alguma norma?*

A gente trabalha muito dentro de parâmetros, segundo a gente trabalha com impressão, tem detalhes importantes, tamanho da página, marcações de corte, que às vezes assim, tu diagrama uma página, tem o template, principalmente para marcação assim, o limite de onde vai o texto. Às vezes o editor pega puxa, quando tu vai ver a palavra está fora, então a gente tem umas regras que tem que seguir, a gente está sempre em contato com o tratamento de imagem, para ver cores, às vezes o editor quer uma cor que tu sabe que não vai dar certo, então a gente tem umas normas técnicas que têm que respeitar e tem que puxar às vezes os repórteres para realidade, então nós somos meio que os “guardiões” do projeto gráfico, e desses normas técnicas.

*E quais as principais ferramentas que tu utiliza no teu dia-a-dia?*

Nossa ferramenta é o InDesign, que é onde a gente produz as páginas, a gente usa eventualmente Photoshop, mas assim, é recente, até porque antigamente o diagramador não podia nem recortar a foto, não podia mexer em nada, só que até com isso, com a entrada de designer e tal, porque antes como o diagramador era jornalista não tinha habilidades artísticas, digamos assim, né. E aí esse leque foi se abrindo e se espera que o diagramador faça uma página maravilhosa, com infográficos, tanto que agora mesmo duas meninas da diagramação foram contratadas para arte, então assim, os setores são muito, estão muito mais unidos, tem coisas que não dá tempo para arte fazer a diagramação faz. Então está muito mais capacitada agora a diagramação, então antes era só o

jornalista colocando os textos ali e tal, então eles foram capacitando nesse sentido assim, com um cunho mais artístico.

*E o que o pessoal da arte fica responsável que vocês não fariam?*

Ah, o que a gente... a gente fazia, eu não cheguei a fazer, mas especiais on-line, saiu agora um do teatro São Pedro que o pessoal da arte faz e... o pessoal da diagramação fazia algo parecido, especial com fotos, um aplicativo especial, mais uma coisa mais fechadinha, com vídeos, coisas, mas infográficos, ilustrações, principalmente ilustrações, capa do caderno Vida, tem que ter umas ilustrações diferentes, porque é um pessoal mais assim, são mais artistas, plásticos, então ainda tem, eles são bem mais capacitados nesse sentido, mas a diagramação consegue acompanhar.

306

*E tu começa a diagramar quando o texto já está fechado, como é que começa o teu processo?*

Aí varia, é uma loucura, tem editor bota na planilha lá só a página para ele ter a tua ajuda para começar, porque ele não sabe nem por onde começar. Então ele só diz assim “eu vou ter uma foto, vou ter 30cm de texto e um gráfico”, aí tu diagrama, tu bota um quadrado cinza representando a foto, “nonono” no texto e gente pode ter isso, isso e isso, aí ele segue mais ou menos o que tu desenhou. Às vezes já tem tudo pronto e é gigante, então tu mostra o que tem que cortar, o editor vai lá e corta. E às vezes já vem certinho, então muda muito. Tem editores e editores, tem uns que já vem com tudo certinho, “duas colunas é isso, três colunas é aquilo”, tem outro que não vem com nada, que aí dá um desespero.

*E tendo a página diagramada, esse processo de edição ele vai acontecer direto no InDesign? Por parte do editor? Ele edita direto.*

Isso que eu reclamo às vezes assim, que hoje em dia como o programa é bem acessível e vários tem, às vezes o teu tempo de InDesign é muito curto. Eles largam para ti...

*Onde eles fazem o texto e disponibilizam para ti?*

Num programa chamado *News* e tem um plugin no InDesign que a gente puxa os textos e fotos, né. Então às vezes eles te pressionam, “oh coloquei o texto lá”, aí tu está diagramando e eles “ah larga lá, eu preciso editar”, porque já está perto das 9h, que às 9h30 é o limite do baixamento aqui, o industrial já está ligando, e... às vezes tu está lá querendo arrumar uma foto, um negocinho, tem que largar, porque aí fica no InDesign mexendo, ao invés dele já ter largado tudo no tamanho certo, para tu ficar no InDesign mexendo, tu que tem que colocar no InDesign e largar para ele ficar lá no mexendo no InDesign, isso aí eu acho que tá trocado, né, mas pegaram o hábito de mexer, cortar, editar no InDesign. Que é errado, deveria escrever no *News*, que aí fica tudo certinho e só puxa quando for usar, só que é muito prático usar o InDesign né, e... horário de pico, terror é às sete da noite, tem também o horário da janta, é o horário que muitos diagramadores saem, entram às 11h e saem às 7h, então a planilha lota de página, assim, tem muitos editores que colocam a página e vão jantar. Então um horário meio tenso, aí começam a chegar as páginas impressas com o Ok da Rosane Tremea, que é quem revisa e manda baixar as páginas, aí a gente tem que botar no dia, que é o diretório que vai cair para o pessoal da... paginação, eles exportam o PDF e vai lá para impressão, então aí já valendo, já vai para imprimir a chapa, só não pode ter erro, né.

*E para o ZH jornal Digital, do aplicativo, vocês mesmo que lançam o arquivo para aquele...*

É esse arquivo que a gente... é esse PDF que a gente salva. Que a gente trabalha num diretório chamado, por exemplo, amanhã é quarta né, quartaTMP e quarta, a gente trabalha o tempo todo com quartaTMP e quando chega a página, “Ok, pode baixar”, a gente pega a página, abre, revisa, puxa foto valendo, porque foto fica em baixa, olha a data, olha vê se não tem estouro, olha vê se não tem texto cortando, se tem algum erro, é meio tenso, tem que revisar tudo, aí tu salva no quarta, salvo lá aí tem um boneco eletrônico, aí vai riscando automático, assim, e aí a equipe da

paginação também está acompanhando, caiu a página lá, eles abrem, dão uma revisava, geram o PDF e esse PDF também já sobe para o jornal, pro Flip. Então é esse arquivo de InDesign que é responsável por tudo. Então tu tem que puxar a reserva de anúncio que a gente chama, que também é o que diz qual é a página, qual é o caderno certinho, a gente tem o relatório, assim uma lista do espelho, do boneco eletrônico, então tu tem que puxar do dia certo, “ZH quarta-feira dia tal”, não pode pegar “ZH segunda-feira”, senão o *Flip* vai entrar página de segunda na quarta, é tudo interligado.

*Então fica tudo ali na diagramação...*

É meio tenso, assim sabe, tu tá meio... não puxou o anúncio, aí o cara te liga “oh só está sem anúncio a página”, aí tu... tu puxa de novo e o tempo correndo.

*E chega acontecer?*

Siiim. Às vezes tu baixou a página e não conferiu se... porque às vezes o editor preenche à mão a data. Mas sempre tem uma cartilha para revisar.

*Entendi. Aí outra pergunta que ia te fazer, até mais geral, tem a rotina de produção do jornal, dentro dessa rotina, como a tua atividade ela se insere nessa grande rotina, tu conseguiria explicar. Sei lá, ainda tem reunião de pauta pela manhã? Nilson comentou que estão fazendo uma reunião só.*

É só segunda parece que fazem né. É porque agora assim, eu acho que está tudo mais solto tudo, mais flexível, porque eles juntaram os dois jornais, Diário Gaúcho e Zero Hora, muito menos gente, agora juntou a Gaúcha também, tem muito menos gente, muito mais coisa para fazer, então...

*Mas vocês não se envolvem nada da parte de aplicativos?*

Não, agora não, no Donna eu me envolvia muito mais em tudo, assim, então a agora mais chega, começa a trabalhar, começa a fazer página, começa a baixar, então é sempre nesse ritmo.

*Então assim, tu ali como diagramadora, como é que tu vê o teu poder de decisão, assim, no grande planejamento do jornal...*

Não tenho muita influência. No Donna eu tinha mais ali não que a gente é mais uma equipe de finalização, até “ah, vai ter um jornal da Copa e tal”, mas aí a gente fica sabendo lá depois, aí a gente desenvolveu projeto gráfico...

*Já foi decidido em um outro plano e para vocês chega para...*

Nós somos a equipe de botar a mão na massa. Claro que a gente pode dar pitaco, mas quando... a ideia já foi feita lá. Claro que se a gente tiver alguma ideia de um projeto a gente pode também propor, mas a correria é bem grande.

*Então basicamente na tua rotina tu chega e já começa a trabalhar nas páginas, tu começa e termina o dia...*

É, o dia-a-dia, porque a gente tem sempre que dar conta de todas as páginas dos dois jornais e os cadernos extras.

*A equipe de diagramação ela cresceu ela diminuiu também?*

Acho que está do mesmo tamanho.

*Ah... e assim, como se dá o gerenciamento dessa produção? Como que ela é organizada? É o diretor de diagramação que vai coordenando, ou são vocês mesmo que vão vendo qual é a demanda e aí pegando o que tem para fazer?*

É um misto. O Rafael que é o chefe da diagramação, ele tem, mas a gente tem esse... os cadernos que baixam segunda, outros terça, quarta, mais ou menos, os dias de pico, sexta-feira que o jornal é maior, do final de semana, então ele meio que organiza a equipe para virem algumas pessoas no horário da manhã, todo dia de manhã baixa o Segundo Caderno, então tem uma pessoa específica para o Segundo Caderno, mais outra pro outros cadernos, mais outra que chega às 11h para começar os adiantos do dia, mais outra... Então vai escalonando, sendo que o grosso do jornal mesmo nunca é muito adiantado, então não adianta ter muita gente de manhã porque, como eu te falei o horário crítico é seis/sete. Então como nós somos uma equipe só para atender todo o jornal, ah tem uma editoria lá que as pessoas vão ter que chegar mais cedo porque amanhã não vem, não sei o quê, então a gente fica meio tendo que atender todo mundo.

*E tem uma prioridade?*

A prioridade é sempre o dia, o que baixa antes. Quem chegou primeiro na planilha e quem baixa antes, né, não vou fazer o Caderno DOC que é de quinta se já tem a página do horóscopo de hoje, é horóscopo mas é de hoje, vai ter que fazer o de hoje e a gente vai deixando, aí quem está mais... aí por exemplo tem o diagramador que terminou a página que está sem nada, aí ele vai pegar o adiantado, então é sempre assim, a prioridade é o que vem antes. Claro vai ter um editor que vai chorar “ah amanhã eu não venho adianta para mim essa página”. “Ah eu não tenho culpa que tu não vem amanhã, quando der aqui a gente vai fazer”, sempre tem um choro ou outro, porque somos uma equipe só para atender a todo mundo. Mas é mais ou menos, a regra é essa, o que baixa hoje, o que baixa antes.

*Claro. E nessa tua rotina, então, quem são os profissionais que tu mais interage? Com quem tu precisa negociar mais as tuas decisões?*

São os editores mesmo, assim. Que eles que pegam o conteúdo que o repórter produziu e aí, por exemplo, de Polícia ele tem lá duas páginas no DG, por exemplo, e aí tem um monte de conteúdo e aí ele planeja, nessa página... ele planilha, aí ele vai mandar, aí ele vê que eu peguei a página dele, aí ele vem no computador, “bah, tu entendeu? É isso aqui, essa foto, se tu não gostar dessa foto pode pegar essa”, “tá, eu pensei em fazer assim, recortar aqui”. A gente pode negociar, tem editores muito abertos, legais que tu pode dar uma ideia. Teve um roubo de carro, que acharam um baita de um carro assim, a gente puxou uma setinha “esse carro é potente, não ei o que”. Então tu faz uma pagininha um pouco diferente de uma página de Polícia. Aí “tu escolhe uma foto legal, a foto que tu mais legal desse carro, não sei o que, aí tu deixa uma coluninha para outra coisa”, então tu negocia com editor mesmo que é quem pensa página toda, porque o repórter, cada repórter vai fazer uma matéria e tal, é o editor que tem que juntar tudo e pensar a página dele, né, é o editor que né, o editor tal tem três páginas, o editor tal tem duas, a gente negocia a página inteira, né, e às vezes ele pensou que dava para página inteira, aí tu bota lá e não dá, sobrou aqui, aí ele “ah tá, então bota uma marcação, então eu vou tirar isso aqui, vou botar aquilo dali”, então a gente vai negociando com editor mesmo, que pensa tudo que ele tem conteúdo e a gente pensa o espaço, né, a gente pensa o espaço e eles pensam o conteúdo e a gente adapta com eles.

*Bom, então assim, a gente até já vinha conversando que o setor jornalístico, esse meio ele tem mudado muito nos últimos anos, tem passado por transformações bem radicais, vamos dizer assim, teve a introdução de novas tecnologias, sem dúvida esse processo de convergência vem afetando as consequências, vem gerando consequências e afetando toda produção do jornal. Como que tu percebe isso para tua atividade, o que tu acha que mudou? Quais são os principais desafios, as preocupações, as oportunidades, como tu percebe toda essa mudança, sobretudo pela tua perspectiva de trabalho, de atuação?*

É né, a impressão que eu tenho que tem... parece assim que... que tem menos tempo, menos dedicação, menos cuidado com essa parte gráfica, até a parte de conteúdo. Porque está tudo

reduzido, eu lembro que lá no início a gente a apresentação no final do ano de tudo que fizemos no ano, e tudo era feito com muito cuidado, com muita atenção, hoje em dia está muito na correria, assim, “ah eu só tenho isso para fechar a página, a gente vai ter que fechar”. E antigamente não, “só tem isso?”, não volta e refaz. E tinha muito mais cobrança, né, tinha muito mais tempo e a concorrência também não era tão grande, né. E hoje em dia, assim, meio que estão correndo cada um para um lado, meio que não sabem para onde.

[Risos]

Então, assim, parece que a excelência caiu um pouco, não se busca excelência, se busca “não vou fazer o que é possível”, até porque se tu pensar uma redação inteira do Diário Gaúcho, que ocupava um andar, a redação inteira da rádio Gaúcha estão todos agora onde era só a Zero Hora, onde trabalhavam 3 turnos de profissionais. Então, assim, tudo caiu pela metade, condensou, inclusive o tempo de fazer as coisas, a exigência, então parece assim, agora a gente também bate ponto, trabalha durante menos tempo, tem menos gente, a gente tinha pessoas que entravam de manhã, de tarde e de noite e aí agora o nosso turno é um só, fica aqui no meio da tarde e tu faz o que consegue fazer, não conseguir fazer não vai ter. Antes não, a gente fazia ter. E agora é o que o dinheiro consegue pagar. Então é um futuro incerto para o jornalismo. Só que eu não sou jornalista, mas adorei esse lado assim, acho que, sinto muita pena disso tudo que está acontecendo, que eu vi uma época, assim, muito boa, se apostava na excelência do conteúdo, a parte gráfica. E aí é meio triste tu ver essa situação, falam do papel que vai acabar o papel, não sei o que. Aí a gente está esperando, eu acho que não vai acabar, mas não é a mesma coisa que era antes, né. Estou pagando para ver até onde vai.

*E aí, assim, hoje tu trabalhas diagramando o papel, digamos que acabe o papel e aí? Como tu enxerga o futuro da tua atividade?*

Não sei, talvez eu volte para um escritório de design gráfico.

[Risos]

Mas eu gosto dessa parte de visual.

*Mas tu não ti vê trabalhando com a parte digital?*

Ah eu gosto da parte visual, depende...

*Aplicativos, para o site, alguma coisa assim...*

O site é muito programação, né...

*Mas tem alguém que pensa ele visualmente ou ele tem ali uma estrutura?*

Ele tem uma estrutura que foi comprada e se usa o template, não tem muita assim. Eu prefiro essa parte de design mesmo, eu iria voltar para o meio de design, sairia do meio jornal.

*Mas tu te sentes bem trabalhando nesse ambiente?*

Sim, escolhi a parte de diagramação de jornal, assim, né, mas como eu sou do design gráfico que abrange... tá eu fico preocupada, mas não fico tanto. Eu fico triste, nossa eu vi como era legal, me apaixonei por essa parte, mas infelizmente, são apostas. Por exemplo no Donna eu fazia não só a diagramação, fazia embalagens, logotipos, fazia outros produtos do Donna que era possível fazer. Mas agora na diagramação, como é equipe só de diagramação, eu faço isso.

*E como era a tua atividade no Donna?*

No Donna eu era a única designer, assim, diagramadora, eu ficava meio atendendo nossa equipe comercial e da redação. Diagramava o caderno e atendia a equipe comercial, tinha eventos, tinha que fazer totens, tinha que fazer banners, tinha um evento de moda, aí eu desenhava umas bonecas lá, fazia o logo, fazia tudo, convite, tinha produto fazia uma embalagem, tinha anúncio, fazia os anúncios, fazia tudo, aí eu fazia toda essa parte, era muito legal, mas aí não tinha um retorno financeiro, nem profissional, porque eu continuava sendo... meu contrato era o mesmo, diagramação. Então também não tinha esse investimento na carreira do designer, digamos assim né.

*E voltando para a redação que tu teve um incentivo por esse lado também?*

310

Não. Só continuei o mesmo, só que tive... tiraram esse peso de muito trabalho. E aí eu pedi para voltar para redação, porque lá não tinha muito futuro, só tinha muito trabalho. Sem ter nenhum tipo de retorno.

E hoje tem outra pessoa desempenhando essa função no Donna?

Sim. Mas aí retiraram esse peso de fazer todas as coisas comerciais.

*Eu me lembro que em 2011 quando eu vim para cá, quando terminava de diagramar o Donna, tu ficava disponível para redação, e tinha uma disputa, assim, para ver quem é que...*

[Risos]

*Como é que isso hoje, tu percebes alguma diferença? Ainda os editores te buscam, tu acha que tem mais confiança porque tu já está a bastante tempo? Gostam do teu trabalho?*

Acho que sim, as pessoas gostam bastante, até a gente tem a nota a nota do Superação aqui.

*Como assim?*

O Superação é um programa de avaliação que eles tem para ter como avaliar o trabalho de humanas, assim, né. E aí eu estava até com medo, porque eu pedi para sair do Donna e vir para redação e aí minha nota estava estagnada no 3,9, que era ótimo...

*O máximo era 5?*

É. Eu fui para redação e fui para 4, pulei para excelente de novo, na redação era excelente, aí eu fiquei super feliz, né. Aí em seguida que eu fui para redação, o Rafa queria me botar para fazer a capa, né, mas aí sempre que tinha um projeto novo, os editores pediam para ser eu a fazer. Aí o Rafa vinha “Melina, pediram para tu fazer tal coisa”. Então as pessoas acho que elas tem confiança no meu trabalho, eu fico muito feliz com isso assim, até hoje os editores me mandam e-mail assim, “ah tem um pagininha, pode fazer para mim, posso botar teu nome?”, “Poode”. Eu gosto assim, gosto de fazer trabalhos assim.

*Daqui a pouco vem alguma coisa até mais diferente.*

Isso. Eu gosto de propor coisas, e não só... me manda que eu faço e me livro! Eu gosto poder inventar umas coisinhas diferentes.

*É eu me lembro que tinha essa característica enquanto tu estavas diagramando que tu tinha essa preocupação...*

Ainda tenho esse perfil, posso botar...

[Risos]

*Que legal.*

Até os colegas xingam, “oh colocaram teu nome na planilha Melina, não sei o que”, eu “Ai deixa que eu pego”.

*Sim. E assim tu percebe, em virtude de toda essa transformação que teve, tu acha que mudou assim, se tu fosse pensar nas habilidades e competências que são exigidas hoje de um profissional diagrama o jornal, tu acha que mudou de um tempo atrás em termos de habilidades e competências? Tem que dominar coisas que tu não dominava antes?*

Eu ou um profissional?

*Para desempenhar a tua atividade, assim, como diagramadora do jornal, tu percebe hoje que tem que dominar determinadas coisas que antes não era necessário?*

Eu acho não, mas eu acho que o perfil aquele que eu te falei que era só um jornalista que sabia usar a ferramenta InDesign, hoje me dá tem que ser um profissional que sabe fazer infográficos, recortar e eu acho que sim, a exigência deles que tu seja quase um profissional da arte, que antes só a arte podia recortar. Era proibido o diagramador recortar, porque ia fazer m\*\*\*\*. E aí eu lembro que começava a recortar, algumas pessoas podiam recortar, eu era uma delas, porque eu sabia recortar. Eu trabalhava em escritório de design lá, de pegar os sapatos da Grendene e tinha que recortar cor por cor para dar tratamento de imagem, isolar, fazer o branco bem branco, amarelo... Então a gente tinha a técnica. E hoje em dia como a gente não tem tempo, tu não vai pedir pro cara da arte recortar foto para ti. Não tu baixou a foto, pega o preview da foto, já vai recortando, em cópia porque o editor está com a tua página em InDesign mexendo. Então é uma loucura e a foto não está pronta, tu está com um preview. Então tu fica cuidando, quando ele largar a página, tu cola a foto lá e tu fica cuidando, quando a foto for tratada, tu puxa ela, tudo numa correria, entendeu. Então tem que ter muita habilidade, muito mais sagacidade, malandragem, para fazer as coisas, senão tu vai fazer sempre a mesma página, foto quadrada, texto aqui, não sei o que. Então se tu quer fazer uma coisa diferente, tu tem que conquistar o editor, também para ele acreditar em ti, confiar em ti, propor coisas para ele, que aí ele vai te buscar, “ah essa página está sem graça, vou falar com a Melina, ela pode ter alguma ideia”. E a gente pode fazer algo muito mais diferente. Até esses dias uma editora nova do Sua Vida falou, “ah Melina estão falando que eu tenho que me soltar mais, fazer umas coisas diferentes, eu gosto das coisas que tu faz, tu pode me ajudar?” e eu “Vamos lá, vamos fazer!”. Então é legal, poder fazer coisas diferentes.

*E tu busca algumas referências? Inspiração?*

Ah sim, casa a caso. Meio que isso eu aprendi quando trabalhei em escritório de design mesmo. Chegava a menina do briefing chegava lá que tinha que fazer esse logo em duas horas, depois eu te passar um banner, era aquela correria, porque tinham pago, aí tinha logos que não, tinha duas semanas, um mês, mas era tudo com prazo, com tempo. Então eu sou meio que tocadora nesse sentido.

*E aonde tu busca referências? Tu busca em projetos de jornal mesmo?*

Não, projetos de jornal eu nem olho muito, até para não... às vezes tu olha muito e sai copiando. E como eu vim dessa parte de artes eu tento, eu adoro arquitetura, então eu meio que busco... da vida! Das coisas e claro hoje em dia como a gente fica presa, a internet. Então, eu adoro ficar vendo coisas de arquitetura, decoração, cores, então é muito mais, assim, mais inspiração mental mesmo, de arrumar um jeito para tu sair daquela situação, que no dia-a-dia tu não consegue, tem que bater o olho e pensar na situação, numa resolução que tu já tenha aquilo no teu banco de dados.

*Entendi. Bom então, assim, será que tu conseguiria me dizer, em resumo, que já rumando para o fim, eu já vou te liberar, como tu vê o papel da tua atividade hoje no contexto da produção? Como tu percebe qual a importância, qual a relevância dessa atividade? Como tu enxerga isso?*

Eu acho que é muito importante, assim, porque a gente também faz essa transposição do meio das ideias, digamos, para o papel, que é esse veículo e que mal ou bem as pessoas gostam de ver. Porque... eles tentam empurrar as pessoas para internet, pro site, mas é meio difícil, assim, não conseguiram ainda e... Eu acho que o ser humano, assim, ele tem, ele precisa tocar, ele precisa ver, precisa se ver ali e... O designer consegue traduzir aquela página, por exemplo, tem um texto que fala, tu tem que ler o texto e saber “bah mas esse texto está falando isso, isso e isso” e eu preciso explicar para as pessoas o que o texto está falando. Então muitas vezes tu tem que traduzir, tu separa os textos, tu muda... o pensamento, o jeito que o texto foi estruturado para pessoa bater o olho na página e entender o que o que o editor, o repórter quiseram falar, fazer, né, é legal quanto consegue traduzir isso. Cara tem que ter se não consegue né eu acho que é muito importante porque eu acho que a gente consegue fazer isso reorganizar ideias muitas vezes. E tu vai na cabeça a gente já conversou sobre isso meu correio hoje desempenham a função muitas vezes sim isso por um motivo a razão mas aí o historicismo e gosta de vermelho e quer voltar vermelho e fica enchendo o saco então por favor me ajuda não tenho que falar no momento de crise que vão cortando o que eles acham quer dizer quanto tá em Cristo chamar atenção eles acham que eles vão ficar pagando de TV para de Oliveira bota o caranguejo da praia lá trabalho de dia de um novo tempo.

## 8.14 Entrevista DIA15K

*Eu queria assim que tu começasse falando um pouco da tua formação, quando e como tu começou a trabalhar em redação de jornal, porque muitas vezes uma pessoa começa em uma função e acaba indo pra outra, não sei como foi contigo.*

Então, eu sou jornalista e me formei em 2012. Logo que eu me formei eu comecei numa produtora de vídeo...

*Tu te formou aqui em Santa Maria?*

Me formei em Santa Maria, antiga Unifra, que agora é UFN. E eu trabalhei numa campanha eleitoral, antes de me formar ali. No final da minha graduação eu tava trabalhando numa campanha eleitoral e eu conheci um diretor e um cinegrafista e nós nos demos bem assim, tínhamos ideias afins, e a gente decidiu empreender. Então nós montamos uma produtora de vídeo com o intuito de fazer cinema, produções cinematográficas, séries e tal e comerciais, né? Então eu fiquei nessa produtora até o início de 2014, e nesse tempo a gente fez alguns comerciais, a gente fez um curta metragem, a gente fez uma série pra internet, pra uma TV fechada aqui de Santa Maria, foi uma experiência bem legal, sabe? Só que eu senti naquele momento que eu tava me distanciando um pouco do jornalismo e isso começou a me incomodar um pouco e também financeiramente não estava me dando retorno e daí aquela coisa de trabalhar por amor uma hora não paga conta né? Aí eu comecei a me dedicar pra outras coisas, comecei a estudar pra concurso, fiz alguns concursos, bati na trave em alguns, até que surgiu a oportunidade no jornal A Razão, tá? Aí a primeira oportunidade que surgiu foi para a área de diagramação e eu não tinha experiência nenhuma nessa área. Só que como eu estava precisando muito, muito trabalhar eu agarrei, né? E foi uma coisa que eu fui fazendo e aprendendo, eu tinha aquela noção que a gente tem na faculdade, tem a cadeira de diagramação né, mas a prática assim do dia a dia é bem diferente, o ritmo... é correria, diário você tem que fazer ali 10, 11 páginas num dia. No caso lá na Razão a nossa equipe era eu e mais um diagramador. Então a gente fechava um jornal que as vezes tinha 32 páginas, às vezes tinha 40, as vezes tinha 16, depois era variável sabe?

*E tu lembra mais ou menos quantas pessoas compunham a redação?*

Naquela época que eu comecei eram... não chegava a 20 pessoas. Era menos de 20 pessoas. A Razão era um jornal bem tradicional, você já deve ter ouvido falar né? Mas eles tinham, estavam meio em crise.

*Em que época isso?*

Em 2014. Eu comecei lá em junho de 2014. Aí em outubro daquele ano, a dona do Jornal, a dona Zaira, morreu. E aí os filhos dela assumiram o jornal. E aí deu até um up, sabe, o jornal deu uma melhorada, ele passou a ser todo colorido, teve um novo projeto gráfico, a gente começou a trabalhar com InDesign (por incrível que pareça em 2014 a gente trabalhava com PageMaker). Mas ainda no final daquele ano a gente começou a trabalhar com InDesign, aí a gente tinha um jornal todo colorido. Mudou o projeto gráfico. Enfim, deu uma melhorada nesse ano, deu um up no jornal. Vieram mais anunciantes para o jornal. Deu uma reagida, só que em fevereiro de 2017, o jornal fechou. E aí com o fechamento do jornal eu fiquei um tempo, um mês e meio desempregada até a Fabi me chamar aqui no Diário. Aí também pra diagramação, eu já tinha enviado meu currículo para ela, quando tava na Razão ainda, só que daí naquela época não tinha vaga, e tal... Ela até me respondeu e tal, agradeceu. E aí quando surgiu a vaga ela me chamou, fiz a entrevista, e depois quando eu fui contratada assim que ela mandou o email pra redação ela até falou que uma das questões dela para ter me contratado era por eu ser jornalista e por ter trabalhado na parte de diagramação que é uma coisa que não é tão comum assim no mercado né, quando tu forma pra jornalista tu não vê, é difícil de um jornalista trabalhar nessa parte. Todos os meus outros colegas ou é assessoria de imprensa, ou é reportagem, ou é TV, rádio. Mas quem veio pra parte de diagramação foi só eu. De uma turma de...

*E tu pensava na época da faculdade em de repente trabalhar com isso?*

Na faculdade não. Mas antes da faculdade eu sempre gostei muito dessa parte... tanto que o primeiro vestibular que eu fiz foi pra desenho industrial, sabe? Eu sempre gostei dessa coisa de mexer com programa de editoração, de artes, então era uma coisa que acabou ficando um pouco de lado e daí foi despertado de novo quando surgiu essa chance no jornal A Razão e aí acabei descobrindo que era a área certa pra mim, pra eu me realizar profissionalmente. E aí eu tô aqui no Diário desde abril do ano passado e pra mim é uma experiência maravilhosa, diariamente é maravilhoso assim, tanto pela equipe, que é uma equipe ótima de trabalhar junto, quanto pela oportunidade que eu tenho às vezes de assim diariamente me desafiado assim, toda semana tem uma pauta diferente, uma pauta que da pra fazer uma coisa diferente sabe, fazer uma coisa legal. Então isso é profissionalmente muito bom. Eu sinto que eu cresço, que eu consigo me desenvolver assim, desenvolver a minha criatividade, colocar as coisas que eu sei em prática, e aprender mais. cada vez mais. O jornal me proporciona isso.

*Certo. E ali no seu setor quantas pessoas trabalham?*

Quatro. Na diagramação são quatro. É o Paulo Ricardo, que ele é o que tá mais tempo aqui, ele e o Chagas ele tá a 16 anos já no jornal, desde o início. O Chagas, ele também tá esse tempo, só que ele saiu um tempo, acho que ele ficou um ano ou dois afastado, ele foi editor da arte do jornal, ele desenha e também é jornalista. E agora tem o Flávio que entrou um pouquinho depois de mim, ele entrou em junho do ano passado.

*Certo. E ali vocês têm alguém... o coordenador é o Paulo?*

Então, a gente se reporta diretamente a Fabi. A nossa gestora é a Fabi, mas eu me reporto ao Ricardinho, ao Ricardo, porque ele é...o mais experiente... é uma questão de experiência também quando eu preciso de uma mentoria, de alguma coisa, é ele ou o Charles. Que são mais experientes, mas é uma gestão mais moral do que prática.

*Entendi. E assim, tem a rotina do jornal e como que tu se insere nela, como que é a tua rotina, assim... como chegam as demandas pra ti? Tu trabalha pra qualquer editoria, tem alguma específica? Como que é a tua rotina?*

Então, ali todo mundo faz tudo. A gente trabalha por e-mail. Os editores vão chegando e vão mandando por e-mail: oh, eu quero a página sete de economia, que vai ter uma matéria... um abre de 30 centímetros, uma sequência de 20, tantas fotos, precisa disso, disso e daquilo, um quadro. E a partir disso a gente vai fazendo pelas filas da demanda né? Só que a gente trabalha com adiantos das temáticas. Que a gente tem temática segunda, quarta e sexta, e a gente trabalha também com adiantos do Memória, que é uma página diária que a gente tem, que é com a Luíza, então assim como é uma página diferente assim, que obviamente não é factual, é memória né, então a gente sempre trabalha com bastante adiantos. Então pra falar assim de um jeito bem prático sabe, diariamente a gente vai pegando, por exemplo... tem um acordo meio informal assim, eu e Ricardinho, como nós somos um pouquinho mais ágeis nas páginas do dia a dia, a gente fica na fila do dia, o Flávio e o Charles quando tem muito adiantos eles vão pegando os adiantos e eu e o Ricardinho a gente vai pegando o dia a dia. Mas a gente vai se combinando sabe, e assim a gente consegue atender todo mundo sem travancar a fila do dia, porque assim as vezes tem muito adiantos na fila, então daí tem que ficar tem que deixar um pouco de lado pra fazer o dia.

*E é nesse email mesmo que tu sabe o que é de cada um...*

Exato. Por que daí... Por exemplo o Flávio lá pegou um memória e ele manda um desenhando daí vai pra todo grupo, a gente tem o grupo de email da diagramação, que onde mandam os pedidos e onde cada um responde todo mundo...

*Recebe e responde, ali entendi. E quantas reuniões de pauta você tem em um dia?*

A reunião de pauta ela é diária, uma reunião de pauta por dia. Mas os diagramadores não participam...

*É, eu ia te perguntar se vocês participam...*

Não. Assim, oh, as vezes o Ricardinho participa de alguma parte da reunião quando tem alguma demanda específica...

*Por exemplo...?*

Por exemplo se vai ter uma especial muito mais elaborada por que assim... todo final de semana tem uma página especial, daí ela já... eu acho que eles definem a especial já com uma ou duas semanas de antecedência, mas agora a nossa repórter de especial é Pâmela, é sempre com ela. Ela geralmente nos manda o panorama do especial já na segunda feira, no máximo na Terça. E daí a gente já sabe. E agora quem tá fazendo o especial normalmente é o Chagas porque ele é o ilustrador então como ele faz as ilustrações então ele já pega e já faz aí todo o projeto da especial do próximo número, sabe? Mas pra chamarem Ricardinho sempre pra reunião é porque sempre tem... geralmente tem uns problemas lá... alguma coisa que não saiu bem, ou alguma coisa que não acharam bom, de produção, alguma coisa assim. Mas é bem raro. Bem raro...

*Então basicamente quem participa das reuniões de pauta são basicamente os editores.*

Isso, são os editores.

*E tu acha que seria interessante de alguém da diagramação participar? Como tu ve isso... Ou alguém que tenha passagem pelo projeto gráfico?*

Aham... eu honestamente não sinto falta. Eu acho que como as coisas estão andando assim dentro dessa forma no jornal eu acho que tá dando certo, acho que tá funcionando sabe? Porque as vezes... agora a gente tem uma avaliação semanal, toda semana um editor nos manda uma avaliação completa assim geral do jornal, semana lá assim de todas as editorias, de todas as... enfim, tudo que foi bom, tudo que foi ruim. Então ali a gente já tem panorama. Daí eles falam da diagramação também, tal coisa, foi legal, tal coisa da diagramação tava legal, tal projeto não funcionou bem, e também a gente já tem o feedback... então...

*Como é feita essa avaliação assim?*

Cada semana tem um editor responsável por fazer a avaliação. Aí ele leu os jornais, todos os jornais da semana e vai avaliando, por exemplo, matéria por matéria...

*Ele procura dados, por exemplo, online...*

im.

*Ele faz um apanhado geral.*

Isso, um apanhado geral sabe... Por exemplo no feedback dessa semana a gente recebeu o feedback positivo da diagramação, que foi o projeto da Copa, que eles curtiram bastante a ideia do projeto, não sei se você chegou a vê...

*Não porque eu não sou assinante...*

Pois é...

*Eu acompanho no site...*

Foi assim... o projeto da copa a gente faz bem antes de começar a copa... aí caiu pra mim essa parte do projeto da copa. Aí eu fiz umas matrioskas com as camisas das seleções, porque é um elemento da cultura russa né? Aí eu tive a ideia e o Chagas executou pra mim porque tem algumas coisas que eu não sei graficamente criar muito bem ainda... aí o Chagas fez a execução pra mim... eu achei que ficou bem legal a ideia. E aí a gente usou muitas matrioskas por exemplo, quando falava da seleção brasileira agente usou as matrioskas pras seleções todas, com as camisetinhas e tal. E na capa agora da final aí foi ideia da Carol, foi uma ideia muito legal, que a matrioska ela abre tem outra matrioskinha dentro né? Aí a ideia da Carol foi a matrioska aberta da França só que com a taça da Copa do Mundo dentro...

*Ab que legal...*

E aí a gente colocou isso na capa e esse foi o feedback positivo e aí teve o feedback negativo também que foi da edição do fim de semana que era da capa da cultura dos cafés coloniais, que eu fiz, sabe aquelas plaquinhas de restaurante que escrevem com giz e tal, eu fiz aquilo como sendo ponto, sabe? Nome do café, preço, serviço, pra isso ser visto eu coloquei naquilo. Só que eu utilizei uma fonte que era tipo um risco de giz mesmo, só que não funcionou na impressão, ficou ruim na impressão, aí esse foi o feedback negativo: tem que cuidar e tal que as vezes a impressão não foi boa. Então daí já tem os dois lados sabe? O que foi bom e o que foi ruim. Então voltando essa questão de participar ou não da reunião de pauta, na minha opinião nesse momento não é necessário que a diagramação participe da reunião de pauta. Até porque pelo fluxo de trabalho que a gente tem talvez é um tempo que a gente não disponha pra parar e ficar lá uma hora todo dia e ficar sem alguém da equipe por conta de trabalho.

*Claro, tá certo. E ali vocês diagramam só pro papel ou vocês tem algumas demanda online também?*

Assim a gente diagrama pro papel. Quando o pessoal do online precisa de alguma coisa que saiu pro papel aí a gente exporta, faz a transforma a imagem da maneira como eles precisam e manda pra eles.

*E quando vocês têm alguma demanda por exemplo, ilustração você falou que é o Paulo que trabalha...*

É o Chagas.

*E se vocês têm um infográfico, alguma coisa é resolvida ali, é tudo ali resolvido na diagramação?*

Assim, infográfico a gente tem os da FolhaPress que a gente tem o pacote da FolhaPress. Então normalmente os editores mesmo se resolvem, eles vão lá e eles veem o que eles precisam, mas sim a gente faz quando eles têm uma demanda bem especifica, por exemplo teve o plano diretor agora. Que foi aprovado, foi o Chagas que fez também. Que era a questão da altura dos prédios, então daí o pessoal da política, a Jaque, que editora da política, mas ela já avisou com bastante antecedência pra ele poder e trabalhando né. E aí ele fez o mapinha da cidade, os prédios, a altura, como era antes, como vai ficar, porque tipo antes era só 4 andares, agora vai ser mais, enfim. Aí essa demanda veio com antecedência e ele trabalhou nisso né. Então a gente também faz. Quando são demandas bem especificas, bem locais, ela não ia achar isso na FolhaPress né? Então sim, a gente também faz. Mas é uma coisa que tem que ser trabalhada com mais antecedência e os editores já sabem disso então eles já nos pautam com antecedência para a gente ir pensando.

*Sim. E por exemplo esse gráfico ele já foi pro online, esse infográfico dos prédios, do plano diretor?*

Sim, foi. Mas aí ele vai como imagem. Porque assim quem faz isso, quando o online precisa de algo mais elaborado normalmente quem faz é o Rafa, porque ele faz as edições, as edições de vídeo e tal.

Legal. E na tua rotina, quais são os profissionais que tu mais interages assim, que precisa talvez mais negociar alguma decisão, enfim, com quem tu acha que mais interage...

Aham.... Eu interajo muito com a editoria da cultura, porque eu faço bastante as páginas da cultura, bastante as do esporte também, e ali mais o Ricardinho e a Fabi...

*E é tranquilo a negociação assim... tu falou que tem liberdade, parece que tem liberdade pra propor e negociar com os editores...*

Sim, sim.

*Pode ser que algum repórter diretamente procure é tranquilo...*

Sim, sim. Assim oh, é aquela coisa de relação de trabalho, as coisas vão surgindo por afinidade, né? Quando eu entrei no jornal tinha um outro diagramador que era o Guga, que também tava aqui desde o início. E as paginas do esporte eram sempre com ele. Só ele fazia. Porque ele e o Pedro, eram bem amigos já eu acho que o Guga foi padrinho do casamento do Pedro, então era...

*Tinham afinidade...*

Então era uma coisa de antes sabe. Claro que não era tipo regra, quando o Guga não tava outra pessoa fazia. Mas geralmente era ele quem atendia as demandas do Pedro. Só que daí o Guga saiu, entrou o Flávio, aí primeiro era com o Ricardinho e daí depois eu fui entrando porque eu sempre gostei bastante da parte do esporte, sabe? Então eu acabei conquistando a confiança do Pedro, até que agora ele chega direto pra mim e me pede as coisas. Tanto que esse da copa ele chegou pra mim e pediu, sabe? A gente conversou trocou ideia, e tal, e vai acontecendo assim. Mas assim não existe nenhum editor que vai chegar lá pra mim e vai pedir alguma coisa exclusiva, não. Qualquer editor tem liberdade pra chegar para falar comigo e falar comigo, com Ricardo, com o Chagas, não existe barreira assim. Mas tu me perguntando diretamente com quem eu mias trabalho é esporte, cultura, e algumas demandas da Fabi.

*Bom das pautas eu já te perguntei. E assim como que tu avalia o papel da tua atividade no contexto de produção?*

Da minha atividade ali diretamente?

*É, assim como diagramadora, como que tu achas o papel da tua atividade pro jornal assim, como que acha que tuas colegas também vão ser...*

Bom, eu acho ali que nossa área é bem importante pro jornal porque hoje se tu for pensar, elas quase não leem o jornal, vamos falar sério né? As pessoas usam a internet, é difícil alguém pegar o papel ali e ter vontade de ficar folheando aquela coisa ali. Então o nosso papel é tornar o texto o mais atrativo possível, sabe? Colocar elementos que atraiam a atenção da pessoa pra ela entrar no texto e daí tem o papel do repórter que obviamente é indispensável, se o texto não for interessante pode ser a diagramação mais linda que for, se o texto não for bom não vai pegar o leitor. Mas enfim tem que ter essa conversa, tem que ter o texto e a parte gráfica para que o leitor pare e olhe e leia. Então por isso que eu acredito que é um trabalho bem importante e falando em rotina assim é um dos motorzinhos né, porque se a gente não funciona não sai jornal, não vai pra gráfica não tem impressão, então a gente não pode parar. Então digamos se um repórter sei lá, não acontece, não tem a matéria, ok, a gente coloca um calhau, outra notícia, coloca alguma coisa, preenche a página de algum jeito. Mas aí se não tá ninguém da diagramação, o jornal não vai pra gráfica. Então é uma das engrenagens importantes.

*Certo. Agora que você falou do calhau, do anúncio, vocês recebem boneco aqui, do espelho, daquele boneco do comercial direitinho...*

Sim, a gente recebe.

*E é o comercial que passa pra vocês?*

O comercial nos passa as reservas ali dos anúncios, então tem alguns que são pra determinadas editorias e tem os anúncios que podem, digamos, ir em qualquer lugar, qualquer lugar pra encaixar. Então daí a gente vai encaixando, vai negociando com as editorias, porque as vezes, ah, por exemplo um anúncio da página 14 e daí na página 14 vai uma matéria do regional e tem muita coisa não da pra colocar, então vamos realocar o anúncio pra uma página que não esteja tão lotada, daí a gente tem que ter esse jogo também.

*Sim, sim. E bom, vocês usam o e-mail pra essa organização das pautas, usam o InDesign pra diagramar e tem alguma outra ferramenta que vocês usam?*

A gente usa Photoshop pra edição de foto e na diagramação a gente também usa Photoshop porque tem coisas que nós mesmos fazemos... que não passa diretamente pelo Gui e aham... do programa interno da redação é só isso mesmo.

*Anham. E não tem outro programa interno da redação assim não tem?*

Ah, a gente tem o News.

*Eles escrevem no News...*

Eles escrevem no News e a gente puxa no InDesign, a gente puxa do News também.

*Tá. E as fotos ficam em algum banco de fotos?*

Sim. A gente tem o Mirim. É um banco de fotos, ele fica na nuvem, tem o servidor, mas ele é, se eu tiver na minha casa eu consigo acessar ele. Daí os fotógrafos chegam e aí eles alimentam o Mirim, dentro daquela pauta dentro do Mirim. Aí os editores vão lá e escolhem aquelas fotos e passam elas pra corte que a gente chama, passam elas e mandam pra fila de tratamento. E aí, mas, quando a gente tá trabalhando no InDesign pra gente puxar elas a gente puxa do nosso servidor local, que é onde o Gui, que é quem trata foto, é onde ele salva elas prontas já, ele salva em imagens, daí tem os dias, todos os dias da semana, em cada dia semana tem todas as editorias.

*Aí ele vai salvando e vocês pegam as fotos prontas já para incluir na diagramação?*

Isso.

*Então, há quanto tempo tu tá trabalhando em redação contando desde a Razão?*

4 anos.

*São 4 anos né? É um período que as mídias vêm passando por transformações, impactos de diversas naturezas. O que tu percebe, quais foram as principais mudanças que aconteceram nesse tempo? Tu consegue destacar alguma coisa nesse período?*

Eu consigo pelo seguinte, principalmente eu acho que o Diário ele vem no movimento de contra-mão com o que vem acontecendo com outros jornais. Porque eu trabalhei em um jornal que fechou as portas. É uma coisa muito triste né. Tu imagina um jornal que tinha 82 anos de história fechou as portas. E daí eu vim pro Diário que era um jornal de um mega grupo de mídia, que foi comprado por um grupo de empresários locais, e aí ao invés de diminuir ele aumentou, aumentou o número de páginas, aumentou o número de editorias e não parece assim que olhando para o que tá acontecendo no mundo, quando a gente vê que aqui tem jornais que tão fechando, redações só pra ficar no on-line, aí eu tô dentro de um jornal que tá investindo no papel sabe, investindo nessa mídia tradicional e também investindo no online né que como eu dei o exemplo dos drops da copa eu tiveram mais de um milhão de acessos, sabe? Então eu percebo que pra nossa região, pra nossa cidade, não que a gente seja atrasado mas, o jornal, a mídia tradicional ainda é muito forte e me parece que o grupo de empresários que comprou o jornal que eles tão certos em investir e obviamente eles não são burros né, eles perceberam o movimento e tão vendo que tá dando certo senão, não iam continuar. Então eu percebo que o mais importante é que haja cada vez mais a integração do tradicional com o virtual que um enriqueça o outro, que um fortaleça o outro pra que os dois cresçam juntos. Porque existe público pro papel e existe público que vai crescer e se tornar cada vez maior pro online, sabe? Mas eu acredito que sejam dois movimentos complementares, eles não precisam ser excludentes. Na minha opinião eles podem se fortalecer, pelo menos enquanto ainda existe (como eu posso te dizer) essa sociedade mais tradicional que gosta do papel como aqui nós, nossa região. Então que um fortaleça o outro.

*E obviamente eles fizeram uma pesquisa com os leitores e ela chega pra vocês de alguma maneira?*

Assim, pra nós chega alguns números de leitores, de assinantes, aumentou o número de assinantes, não aumentou... tão fazendo campanha pra aumentar, não tão... Mas pra te dizer assim: a gente tem tanto, aumentou o número de leitor, de tanto a tanto... a gente não tem exatamente. Não é um dado que a gente receba como feedback.

*Claro, claro. Mas eu digo assim, quem é o leitor do papel, quem é o leitor do online, se tem diferença, a maneira como eles estão acessando o conteúdo...*

Eu acredito que a Fabi tenha dados nesse sentido.

*Sim. E assim uma das coisas que a teoria vem falando é que tem surgido vamos dizer, novas habilidades desse profissional que vem trabalhando com a parte gráfica, se tu percebes isso? Se tu percebes se houve algum tipo de necessidade na tua função, nova em função dessas transformações e quais as características que tu achas que um profissional tem que ter pra trabalhar tua função?*

Bom, pra trabalhar como diagramador tem que ser rápido. Porque a redação ela não te dá muito tempo assim pra patinar, sabe? Porque daí pode até da uma patinada mas aí tu vai deixar seus colegas na mão. E isso não é legal pro teu trabalho. Então as vezes por mais que tu recebas os projetos com tempo, tem que ter uma resposta rápida. Tu tens que ter um... porque digamos eu recebo uma pauta pra semana que vem, ok, eu posso ir pensando nela, mas ao mesmo tempo tem coisas que são pra amanhã, tem coisas que são pra depois de amanhã, então não dá pra focar só numa coisa, sabe? EU acho que uma das características é essa, ser meio multitarefas e conseguir fazer coisa e já ir pensando na próxima e já ir pensando que daqui uns meses tem eleições e já tem que criar alguma coisa diferente pras eleições, que daqui a pouco já vão começar as eleições, que já via começar as eliminatórias e já tem que ter alguma coisa assim, sabe? Então são algumas coisas assim que não dá muito tempo pra assim ficar focado inteiramente em um único projeto. Tu pode focar ali num único projeto digamos por uma hora, no máximo e aí a gente já tem que partir. E as vezes é aquela coisa, a ideia não vem. As vezes não vem. As vezes não ta no dia. Aí tu tem que pedir ajuda. Aí tu senta com teu colega assim, as vezes eu paro e digo olha eu não consigo. E daí eu peço ajuda, viro pro Chagas e digo: olha o que tu acha de tal coisa, tal coisa. E daí a gente vai construindo juntos sabe, vai pensando juntos. Então as características do profissional: tem que ser rápido e tem que ser humilde. Hoje não é meu dia. Sabe tem que pedir ajuda, tem que ter trabalhar junto, tem que ter essa coisa da equipe, também até pra não deixar os outros colegas na mão, porque se não vai vindo trabalho e vai aumentando, aumentando, porque é um funil né. Então se um parou já vai começando a trancar e vai começando a moer os outros.

*E tu busca essa inspiração em alguma coisa?*

Sim, quando surge, por exemplo essa questão da copa, quando surgiu esse projeto pra copa, ok vamos. Aí eu fui procurar referências na cultura russa, essas coisas assim. Eu pego e jogo assim: Rússia, no Google. Daí vai aparecer aquele monte de coisa assim oh, e daí tu começa a ver assim oh, característica de fonte. E característica de arte, arte do país. Características das roupas que as pessoas usam e tudo isso vai acrescentando da influência. Semana passada teve uma pauta da cultura que era sobre um desfile de moda, que agora a UFN ela tem o curso de moda e todo final de semestre tem o desfile. E daí era uma pauta que tinha umas fotos ótimas assim, oh, de modelos e tal. E aí que eu coloquei, eu coloquei no Google assim oh: Vanity Fair. E daí eu olhei várias capas da Vanity Fair e procurei algumas referências até de fonte mesmo, achei uma fonte legal, peguei, assim vai. Cara, as vezes você joga no Google uma palavra e daí aparece um monte de referências.

*É, legal. E assim, tendo base na tua experiência, claro, como tu assim imagina, como tu vislumbra o futuro dessa profissão?*

(Risos nervosos). Às vezes dá um pouquinho de medo vislumbrar um futuro muito pra frente. Mas assim eu penso ficando aqui em Santa Maria eu acredito ter trabalho por muitos anos, porque eu acho que aqui, não só aqui, eu acho que o jornal não vai morrer. Honestamente o jornal não vai morrer. Eu acredito que vai ter que capacitar cada vez mais, pra trabalhar cada vez mais numa questão do online. Fazer formatos específicos pro online, fazer revista pro online, fazer e-book. Fazer enfim outros formatos que talvez ainda nem existam, mas que o online vai exigir. Então eu acredito que vai ter que me capacitar cada vez mais pra trabalhar em outras plataformas. Mas eu acredito ainda que vai ter espaço no papel, na mídia tradicional.

*Anham. Aqui no jornal já tem surgido alguma demanda nesse sentido que você observa?*

Projetos especiais, sabe? Projetos especiais. Por exemplo teve.... daí é tudo parceria com o comercial sabe, a gente faz tenta vender; que era pra turma de formandos, daí era fazer um encarte especial no jornal, fazer uma revista, fazer um e-book, e fazer o álbum digital, essas coisas. Mas assim oh, ainda é projeto sabe, são coisas que tem que ser vendidas, essas coisas mas... Mas sim existe esse movimento pra anteder várias plataformas.

*Então a princípio era isso.*

É isso? Espero que tenha sido produtivo.

*Foi ótimo. Foi ótimo.*

## 8.15 Entrevista WEB26F

Eu sou o único não jornalista dentro da redação.

*Na diagramação tem uma designer... Mais nova na equipe...*

Sim, mas no mundo do jornalismo eu sou um perdido. Um estranho no ninho.

*Um estranho no ninho. Eu vou só te pedir aqui pra tu assinar, pra eu não esquecer na verdade, eu preciso do consentimento da entrevista. Parece uma...*

Uma coisa policial...

*Exato, mas não é. O comitê de ética da UFRGS ele exige que a gente tenha esse cuidado.*

Pode assinar letra de máquina aqui?

*Pode, tranquilo, normal.*

Porque a minha letra cursiva, é ilegível.

*Eu escrevo com letra de forma também. Quer dizer, o meu normal é escrever com letra de forma.*

É, eu só escrevo assim. Porque uma vez, uma professora no colégio disse assim. Eu não estou entendendo nada. A professora disse assim: eu não entendo que está escrito aqui. Aí eu mudei. Esse ano, completou uns vinte e poucos anos, já... 2018... que dia é hoje?

*Isso, hoje é 12, é Caxias do Sul, 12.*

Eu não uso mais papel que dia é mesmo? Doze. Doze... ?

*Doze.*

Julho?

*Julho.*

Qualquer coisa, olha o celular...

*No celular olha a resposta. E a tua assinatura, no caso.*

Eu sou o participante, né?

*Exato.*

Ah bom. Aqui, tem que ir de devagarzinho... feito.

*Feito. Perfeito. Obrigada. Então, eu queria saber da tua formação e como que tu começou a trabalhar em redação de jornal, se tu trabalhou em mais de um setor, se foi aqui, se foi em outro jornal...*

Eu sou formado em Sistema de Informação pela UCS que tem aqui, mas eu nasci em Bento, eu morei minha vida inteira lá, fiz minha faculdade lá, eu tava trabalhando lá e fiz uma entrevista no jornal. Eu tava trabalhando lá em Bento, num sábado de manhã, aí um número não identificado, eu não ia atender e atendi, porque eu tava no meu intervalo e falei vou atender só pra ver o que é. E era Porto Alegre que eles tinham olhado meu currículo no LinkedIn e aí tá foi o processo da entrevista, passou algum tempo, me chamaram pra trabalhar e eu comecei... Eu sai de Bento e fui para Caxias. E isso tem...

*E foi aqui, o pessoal daqui?*

É, no começo foi Porto Alegre, com algumas pessoas em Porto Alegre e depois vim pra Caxias, fazer a entrevista, aí me contrataram e eu vim trabalhar e fiquei direto aqui. Já tem cinco anos e três meses. E vim direto pra fazer o que eu faço hoje, direto na redação...

*E qual a função que tu exerce?*

Eu fui contratado pra ser webdesigner, mas hoje eu faço tanto coisa que não tem um nome. Eu inventei na minha cabeça, sei lá um solucionista. É porque assim, exemplo, tem o impresso e o digital, me ajuda a fazer tal coisa, me ajuda a fazer isso. É basicamente o que muita galera me pede, que nem o Léo que é da polícia, ele tinha que tabular um monte de dados no Excel, e tinha que pegar dados de algumas cidades específicas, durante um tempo específico, numa tabela gigante do Excel. Eu uso bastante Excel mesmo não tendo feito curso, a gente vai atrás, para aprender, então ele me chamou pra eu ajudar, ah como que eu faço isso? Aí eu peguei os seis meses que era o intervalo, aí eu fiz uma formula genérica, que ele poderia usar pra qualquer cidade e digitando o número da cidade ele ia buscar nas outras abas. Então é basicamente isso. Eles me pedem alguma coisa eu construo uma ferramenta, ou eu pego os dados de algum lugar, que é o Olhômetro que é pra investigar isso daí. Tudo que os vereadores fazem... a Júlia que cuida disso: ah eu queria fazer alguma coisa assim. Aí ela me passou a ferramenta do Estadão que é o Basômetro, eu fiquei uns dias praticamente assim, olhando p'raquilo e tentando como é que é que nós vamos transformar numa ferramenta mais simples? Aí eu ficava aqui, ali, ia pra casa, ficava olhando pro teto, desenhando no papel pra tentar achar uma coisa bem simples pra construir uma ferramenta que a pessoa possa olhar e ver, o que foi votado, quem votou sim, quem votou não, pode ver a fotinha dos vereadores, porque muita gente não conhece os vereadores, sabe o nome mas não sabe o rosto. Então eu fui rabiscando no papel pra chegar num layout mais ou menos do que eu queria, comecei a construir, mostrei pra ela e ela disse é isso aí mesmo. Ponto final. Agora eu to fazendo a parte 2, que a gente está fazendo agora e vai melhorar o processo, fazer mais rápido e detalhar vereador por vereador o que que ele votou...

*Observando...*

É. Aí fica bom, as vezes eu olho do lado, do outro, levanto e vou caminhar. Eu tenho essa rotina que é diferente deles, as vezes eu vou pro sofá, as vezes eu vou ali fora e fico pensando, aí dou aquela travada, porque o programa não funciona, o código não funciona, aí fico pensando, às vezes funciona assim. Basicamente o que eu faço é isso. Editar vídeo, editar áudio, fazer ao vivo, quando eles querem fazer ao vivo lá nos cafundó do Zé do Brejo, ah nós queremos fazer ao vivo assim, aí eu vejo o equipamento que a gente tem, o que dá pra fazer, como fazer... às vezes eu vou junto ou mostro pra eles como fazer. Eles queriam fazer ao vivo usando o celular e aí eu mostrei como fazer. Sei lá, quero fazer ao vivo usando um computador pro multicâmera, aí eu pensei, reuni o equipamento e mostrei como é que faz. É basicamente isso, eles pedem uma coisa e eu tento descobrir como fazer e mostro pra eles.

*E antes de tu trabalhar aqui já tinha alguém que fazia isso...ou tu que inaugurou a função...*

Não... É que eu sou meio enxerido vejo que tá acontecendo alguma coisa e já enfio meu dedão no meio, é automático. E eles pedem um monte de coisa assim, as vezes nem é da minha área ou até... como que eu poderia fazer tal coisa no computador, coisa do básico assim. É da minha área, no caso eu ia fazer fácil, mas o pessoal que não tá acostumado fica mais complicado. Então eu entro na rotina deles também, se for ver né. Não teria que fazer isso, se for ver. Eu acho que é até antiético até não ajudar um colega, já que tá todo mundo trabalhando todo mundo ajuda.

*Certo. E tu trabalha sozinho nessa função?*

É, eu sou o chefe de eu mesmo. Eu cobro de mim mesmo.

*Mas nessa tua rotina como que chega demanda de trabalho para ti?*

Chega de todo mundo. Algumas vezes eu crio porque eu sinto a necessidade. Tipo o Olhômetro, que que aconteceu... resumindo, no início eram poucas informações só que começou muita informação e o sistema começou a ficar lento pela quantidade absurda de informações né, já passou dos 1500 e poucas informações dos vereadores.... Vai acumulando, tem um monte de coisa lá. Aí eu vi que tá ficando lento, aí eu pensei vou construir do zero tudo de novo, algumas coisas eu reaproveitei do código de fonte, só que eu tinha que fazer a conexão com o banco que armazena tudo isso aí melhor, mais rápido. Aí eu fui pra internet pesquisar, vamos ver qual que é melhor. Achei uma ferramenta e fui fazer o teste, então uma semaninha só pra testar pra ver se ia conseguir funcionar, funcionou. Beleza. Aí tu põe em prática num layout bem simples sem nada pra funcionar, funcionou. Aí tu descobre que a ferramenta tem um bug porque nosso banco é imenso com um monte de colunas. Aí tu vai descobrir como corrige e mais uma semana perdida, assim vai. Aí eu queria melhorar por conta própria, mostrei pra Juli ela adorou, aprovou e gostou, ficou bem melhor, mais rápido, pesquisas mais rápidas e eu queria sempre fazer isso aí, mostrar vereador a vereador, se ele faltou muito, se faltou pouco...

*Sim, uma estatística por vereador...*

Isso, se eles faltam tanto podem até ser exonerado do cargo. Eles não gostaram muito quando a gente fez essa ferramenta, ficaram putações...

*Com certeza...*

E eu vi que precisava demais, fui lá e melhorei. O Contador da Violência quando a gente lançou em 2006, logo que a gente lançou eu falei ah tem que melhorar isso, melhorar aquilo... então visualmente pras pessoas que acessavam tava igual, mas por baixo eu tava o tempo inteiro mexendo, melhorando, inserido coisas, fui botando um monte de condições diferentes pra ficar mais rápido e melhor. Porque essas às vezes quando tu lança tu não nota, você esqueceu de fazer determinado teste, porque as vezes não deu tempo enfim né. Então é aquilo ou chega alguém: vamos fazer um especial pra uma determinada coisa. Aí tu para e pensa: o que dá pra fazer? Quanto tempo tu tem? Se tu tem um mês você vai ao limite. Quando é mídia pronta tu não tem muito aonde ir, então tu tem que fazer aquilo que nunca vai dá problema, tanto em tablet, celular e computador, e que funcione legal. Então, sempre conversando com a pessoa: ah, tu me pediu isso daqui, que que tu acha desse layout, tu acha que fica bacana, fica bom? Aí a pessoa: não, é ótimo, pode tocar isso, faz isso... vai conversando junto e algumas coisas é meio que automático sabe? A pessoa, ah eu queria fazer tal coisa, aí tu faz uma pesquisa dentro do cérebro: eu já fiz isso, com aquilo, da pra juntar com aquilo outro, então eu sei onde estão todas as pastas, pego e monto uma estrutura simples e mostro pra pessoa. E pessoa: não, tá ótimo perfeito. Aí eu coloco os dados e a gente sobe pro site e posta na matéria.

*E dentro da rotina tem aqueles que tu mais interage, que tu mais precisa negociar ou tem?*

Depende muito, como é muito factual eu não sei se todo mundo sabe o que vai acontecer amanhã. Não teve aquela a menina que desapareceu e foi estuprada, morta... que que a gente fez? A gente começou a juntar todo material da pesquisa que a polícia vinha fazendo, tal data, tal horário, o que que vai acontecendo... a gente já foi montando o material. Aí quando começou os rumores que tinham encontrado o cara e a menina, eu já comecei a deixar pronto, isso no servidor. Aí começaram a dizer: é hoje, é hoje. No que disseram é hoje, com a informação que tinham encontrado, já foi disparado. Isso foi uma condição... como na boate Kiss não dá pra esperar. Mas normalmente já tem o material estabelecido, toda sexta-feira, toda segunda que é o caderno de economia, então eu faço o padrão e quando exige alguma coisa maior o Fernando chega: e ah, que tu achas de fazer alguma coisa mais interativa. Aí chega na outra segunda e apresento o que fazer. Tanto que a gente ganhou um prêmio por isso. Era um mapa interativo de comunidades, que ele me deu um tempo, fui preparando, montando, qual era a melhor forma de interagir, quando clicasse no mapa, era um mapa interativo pra ver onde ficava digamos comunidade... esqueci a palavra, desculpa. Então ele me deu uma semana ali pra montar direitinho e é legal quando dá, bate um prêmio e ganha.

*Claro. Claro. E tu consegue ter mais tempo pras coisas... pras coisas que tu planeja acaba demandando mais tempo pra tu pensar, como tu falou e tem esse tempo...*

Às vezes, que nem quando tem algum fã, muito punk, as vezes trocava em outras coisas. Mas que nem essa semana tá mais leve, então eu tô me dedicando a esse novo passo do Olhómetro pra tocar ficha. Porque eu não sei o que vai acontecer semana que vem. Vai que neva, essas coisas...

*Claro. E o produto do teu trabalho acabam sendo especiais? Como que isso entra: entra no site? Entra no aplicativo?*

Funciona assim: feito ele, eu tenho levar pra qualquer dispositivo. Aí feito isso a gente só precisa do servidor, aí eu tive que conversar com Porto Alegre, que teve que trocar se servidor... aí todo...

*O servidor fica lá?*

É. Só que agora os servidores, se eu não me engano eles foram pra Amazon. Então tem que ter um software que faça a comunicação, antes tava em Porto Alegre, veio pra cá, foi uma confusão, aí tipo ninguém ficou responsável por isso. Não precisa ser eu. Mas eu falei: vamos resolver logo esse assunto né? Montar o programa no computador, fazer a comunicação, fazer teste, ver qual era o problema, aí foi trocado o problema lá, então sabe, são planos que tu achava que não ia ter. Então esse tempo tu acaba perdendo porque tu fica horas pra resolver. Aí tu consegue resolver, aí tu tinha uma outra coisa pra fazer, aquele tempo reduz. Tipo, chega um outro material muito grande pra fazer, aí eu chego pra pessoa: oh, aconteceu determinado problema, não tem como a gente dá uma melhorada, diminuir, não deixar muito grande. As vezes a gente consegue conversar ou até dentro do software assim eu consigo tocar pra frente. Já teve uma vez que eu não sabia como fazer e fiquei horas pesquisando porque eu não sabia como fazer. Então hoje eu já não faço mais isso não. Hoje eu chego em casa e desligo. Tipo aperto a chavinha e desligo. Porque eu sou hiper, mega ativo assim. Eu tenho insônia, então. Antes eu morava com colegas, agora eu moro com minha namorada então...

*Tu conseguiu ter uma rotina mais...*

É, eu consegui desligar assim... Até o José que é meu chefe falou: vai pra casa e desliga, desliga. Porque antes eu não conseguia.... Agora não, agora eu consigo desligar. Mas é difícil assim, porque... não conseguir desligar...

*Tu tem uma demanda muito ampla então tem que ficar mais...*

É, porque eu não sei como funciona os outros mais eu quando encalho com alguma coisa fico com aquilo enchendo o saco. Aí eu levo para casa, aí eu mando uns e-mails e fico procurando, fico fazendo testes em casa. Aí mando o e-mail de volta, resolvo o problema, chego aqui e só uso o código fonte. Só que hoje eu parei de fazer isso, não dá mais. Preciso ter uma rotina em casa, desligar e descansar. Porque a única coisa que é estranha é não ter ninguém na tua área, porque antes eu trabalhava em Bento na Promob Softwares Solutions, tu já deve ter ouvido falar na Promob. [Sim...] eles se juntaram com a... lá de Bento que fazia software pra indústria de móveis, então a gente trabalhava com cinquenta pessoas e com programadores, tu tá acostumado. Eu vim pra cá e ninguém é da minha área, eu fico meio perdido assim. Porque as vezes tu tá com duas telas, uma bem simples e um código fonte gigante e as pessoas ficam: que que é isso que tu faz? Não tô entendendo o que tu faz. Às vezes não tem ninguém pra conversar, às vezes eu consigo fazer uma coisa complicada e não tem ninguém pra tu comemorar, aí tu comemora sozinho.

*Sim. Mas tu não achas que num... tem perspectiva num futuro próximo... que agora com essa integração da redação, tu não vai ter mais...*

Eu creio que agora vai ter mais coisa pra fazer assim. Mas é legal.

*Mas mais gente pra trabalhar junto?*

Eu acho que não. Mas eu acho que juntar rádio e TV eu estou bem animado...

*Empolgado com a ideia.*

É, eu fico pensando no que dá pra fazer, TV uma coisa juntando.... Eu posso não aparecer na... teoricamente, pelas regras, na frente da câmera, e até não tenho esse problema, mas seria legal fazer alguma coisa junta assim. Aí fico pensando um monte de coisas e a insônia vem, piora tudo. Mas é bacana, eu gosto bastante, eu tou bem empolgado...

*E pelo visto então tu também acabas resolvendo alguma coisa de layout...*

No impresso eu dou algumas ideias pra gente poder conversar com os layouts. Tipo, eu não adaptei quase nada do que a Juli começou, porque o maior problema eram fontes né, subir as fontes pro nosso servidor por algum problema ele ficava bloqueando. Então quando alguém acessava as fontes que ela usava, ficava travando e demorava pra carregar. Então ficava tudo bugado e de repente catava as fontes e tentava se ajustar. Eu abandonei as fontes, fui pras fontes padrões que eu tenho, mas eu segui as fontes mais parecidas, eu peguei padrões de cores, sigo a mesma ideia, muito parecido, mas algumas coisas não dá pra seguir...

*Com o projeto gráfico do impresso no caso?*

Isso. Mas não tem como por causa de quando a pessoa vai acessar no celular vai ficar uma coisa diferente e o impresso eles pensam em blocos, um bloco do tamanho do iPad, um bloco do tamanho do controle e do tamanho da folha. E o digital tu não pensa assim, não sei se tu conhece alguma coisa...

*Alguma coisa de layout... Mas, nada de programação.*

Quando tu pensa em responsivo, tu pensa... imagina em 12 colunas, então sempre quando eu vou olhar eu olho em 12 colunas, porque ele vai se ajustando, jogando as coisas pra baixo, e no impresso...

*Tem mais de uma maneira de ser responsivo né?*

É.

*Ajuste de largura coluna... ou redistribui*

Eu uso o [expressão técnica] que usa essa ideia muito simples e mais fácil de entender. Dividindo em colunas, por que isso daqui, quando vai pro celular, vai pra baixo, então quando tu usa tem que pensar que a leitura é sempre de cima pra baixo e da esquerda pra direita. Tem que ficar pensando, que às vezes o impresso numa central, não precisa ter uma certa continuidade, mas no digital tem, então tem que ficar analisando como distribuir melhor aquilo que eles fizeram e as vezes os gráficos eu reaproveito exatamente igual, números reaproveito exatamente igual e é bobagem né, dá retrabalho, então eu vou aproveitando. Agora algumas coisas, do jeito que tá no impresso, eu faço 100% diferente do digital pra facilitar até a navegação do usuário. Então tem que ficar pensando nisso aí e em alguns casos, no Mais Serra no caso, a gente pensa alguma coisa totalmente diferente do impresso. Exemplo: uma entrevista, não coube muito material, coube cinco perguntas que as respostas eram grandes, no digital a gente põe... se foi feito trinta a gente põe tudo, corrido. A gente tá pensando em botar áudio no caso da pessoa que fez uma entrevista de longe, no caso, aí eu já resolvi como

podem fazer a entrevista pelo Skype, como gravar, como capturar o áudio, já edito o áudio pra mim, eu tenho um Podcast, essa parte eu me viro sem problema nenhum, enfim. Então a gente pensa de outras formas como melhorar a experiência do impresso para o digital pra não ficar exatamente igual. Se não é um ctrl+c e ctrl+v, então a gente sempre tá tentando pensar nisso: que que o impresso tem que o digital pode ter a mais, simplesmente, pode botar um vídeo que no impresso não tem, a interatividade que é o que eu faço... então às vezes surge uma ideia de última hora assim, que eu odeio. Porque tu tá em cima da hora e tu pensa: Bah, podia ter feito aquilo. Bom, agora paciência. Na minha cabeça eu não controlo, as ideias vêm bagunçada, mas essa interatividade gostaria que fosse melhor, mas não tem o que fazer. Eu me sinto meio mal, porque a Juli fez um projeto gráfico bom, eu acho bacana, do jornal é o melhor, o que eu mais gosto, eu queria deixar o mais parecido possível e às vezes não dá, não tem como, é impossível. Que nem tem o Almanaque e no Almanaque eu só uso cor, replico a cor. O resto é tudo diferente. Às vezes é uma coisa maior, às vezes é um texto pequeno, o resto é tudo interativo, no impresso é texto corrido. Então eu não gosto de muito texto assim, corrido, porque cansa. Eu não sei se é problema de visão, alguma coisa. Então tem que ficar pensando nisso. Exemplo quando tu vai acessar no iPad a fonte tem que ser um pouco maior, no celular tem que ser maior ainda, então tem que ficar fazendo teste. Uma coisa que eu perco horas da minha vida pra tentar ajustar o tamanho da fonte em cada celular que faça um cálculo automático. Será que minha mãe vai ler? Será que vai dar para ler? Qual que é a cor do fundo, será que vai ficar cansativo pra ler? Às vezes tu perde tempo com determinadas coisinhas que são poucas, mas precisam ser feitas. Aí tem que ficar testando um monte de resoluções diferentes, aí tu diz tá pronto, vamos pra próxima etapa. Infelizmente precisa perder tempo pra ficar bacana e às vezes tu não consegue porque não dá tempo mesmo.

*Sim. E como que funciona a alimentação do conteúdo tem alguma coisa que é automática?*

Tem, tem algumas que são, outras não. Exemplo: saiu o Almanaque, como eu tiro férias, só tem eu que faz o que eu faço, eu tinha que pegar uma ferramenta que fosse free e que fosse simples pra outra pessoa fazer – que nem tem a Andressa que tá de licença maternidade, acho que ela volta mês que vem. Então quando eu ia sair de férias eu pensei: eu tenho que arrumar uma ferramenta que ela possa usar que fosse bem simples. Arrasta e solta. Aí eu catei na internet uma ferramenta free, aí eu comecei a fazer os especiais nela, pra deixar no padrão, e mostrei pra Andressa: puxa aqui, arrasta aqui, tu pega o bloco de texto ctrl+c, ctrl+v, tu põe e pronto. Mostrei para ela como subir no servidor né, a gente subiu várias vezes e é incrível que só deu problema nas minhas férias. Sério, o servidor caía, eu tava nas minhas férias. Quando eu tava, não dava nada. Coitada... E hoje tem esses especiais que é feito no manual, porque às vezes precisa de alguma coisa diferente, às vezes tem vídeo, às vezes tem áudio, mas que nem o Olhómetro, é uma planilha, a Juli coloca um registro lá, exemplo, uma votação de um projeto, e quando essa pessoa acessar o Olhómetro ele carrega automático. O Computador da Violência é assim. Vítimas do Trânsito é assim. Entrevistas da Segunda é assim. Eu criei um feed de todas as matérias, que eles colocam as entrevistas da segunda, aí esse material lê esse feed e pega todas as informações das matérias, exemplo, o título, a cartola, a linha de apoio, a imagem e o link constrói visualmente pro usuário, então se você colocar mais uma, dá um F5, cai mais uma pessoa ali, mais uma entrevista ali. Então não valia a pena fazer alimentação manual, então eu pensei numa coisa automática. Vai colocando os registros e vai ali... essa nova ferramenta do Olhómetro que eu tô construindo, cada novo registro tu já tem a votação do vereador, então tem outro canto que ele vai calcular tudo, vai criar as porcentagens, quanto que ele votou sim, quanto que ele votou não, então vai caindo automaticamente, as coisas já estão prontas. Perde muito tempo pra fazer mas não mexe nunca mais. Dá uma formulas do tamanho dessa mesa, mas funciona sem problema nenhum. Então, muita coisa é automática, eu tô tentando automatizar pra o pessoal simplesmente alimenta e faz tudo automático.

*Em relação ali, por exemplo, ao layout do site, aquela é uma estrutura que já vem empacotada do Grupo ou não ela pode ser elaborada...*

O site de hoje do Pioneiro é uma versão mudada do antigo, antigo da Zero...

*Do Click?*

Não. Era da Zero, eu acho que o Click também era igual. Eu acho que também era igual, mas há muito tempo... O Click mudou de novo agora, mas eles eram iguais na época. Aí o Pio criou o site 2008, 2010, não lembro, me fugiu. Aí eles pegaram o site da Zero, trocaram as cores e fizeram algumas adaptações. Só que infelizmente não é responsivo. E eu que sou dessa área é tipo uma tortura.

*Era isso que eu queria te perguntar depois, eu tenho poder de influência ali...*

É pequeno. Aqui é legal assim, a Andreia ela confia bastante nas minhas ideias, mas em Porto Alegre não é a mesma coisa.

*Pela busca do Google ele vem como Click. Cara, aqui tá pela tela do celular...*

É. Pioneiro.clickrbs

*E aí essa estrutura tem como alterar ela ou... ela vem esses blocos...*

São blocos. São várias formas: o bloco automático, tudo que tu publicar vai caindo ali, você tem que botar uma notícia que é pra cair pra cá, pode cair pra cá. Tu não precisa colocar ali... a receita e vai cair como principal aqui, né. Mas tem essa capa manual automática e tem esse bloco aqui, tá vendo aqui, fui eu que construí ele. Porque ali são alguns especiais de algumas coisas uma revista que era pra ter saído na época, na época da greve dos caminhoneiros. Então a gente coloca algum material ali, por exemplo tem noivas que tinha que tirar dali, tem os personagens da copa que eu vou tirar quando acabar a copa, que daí já é tudo automático. Eram cem dias até começar a copa, era só botar lá numa planilha o número do jogador que começava com 100 e já ia automático pegava numa pasta as imagens e os dados e jogava pra tela. Aí eu posso construir blocos, e eles vão colocando esses blocos em determinadas áreas e esse bloco vai pegar de algum lugar, às vezes... teoricamente faz tudo automático, que nem esse slide, esse carrossel, eu fiz uma planilha e coloco vários links lá dentro. A planilha vai lá pega todos os links, constrói html e joga pro usuário. Acho que um só é automático, já cai dentro do código fonte. Mas se eu quero tirar um, eu apago a linha lá da planilha e simplesmente não vai mais para tela. Eu fiz algumas condições que um carrega na segunda, outros carregam na terça, outros na quarta... cada dia da semana há um especial que fica ali rodando. A gente teve algumas reuniões pra tentar mudar o layout, mas é difícil, chegar em Porto Alegre, porque não é barato, tem que parar uma equipe “xis”, pra construir tudo do zero, tem que integrar todos os sistemas e demanda bastante tempo e teste, teste, teste... E como eles deram uma enxugada na equipe em Porto Alegre... Eu fiz um teste local, mas tem que esperar Porto Alegre, eu baixei o site, clonei ele, e alterei o CSS que são as folhas de estilo, cor, alinhamento, tamanho da fonte. Então eu alterei o local, mostrei pra Andreia, Andreia gostou bastante, só que a gente teria que ter permissão e autorização pra substituir esses arquivos lá em Porto Alegre. Aí é difícil, porque eles teriam que fazer muitos testes pra ver se não vai estragar em outro lugar, piorar aqui e lá. E teoricamente as alterações que eu fiz todo mundo gostou...

326

*Aqui no local.*

É, eu fiz local, dentro da minha máquina. Ficou bom. Fontes de graças, não precisa pagar, porque fonte é caríssima, coisas bem simples, alterações muito básicas, algumas funcionalidades novas teriam... na hora de postar uma notícia ia ficar mais bonito. Só não seria responsivo, porque eu levaria seis meses, sei lá, porque só uma pessoa é complicado, fora as coisas que eu já tenho. Fora o ao vivo, fora pensar nisso, fazer aquilo, ajudar os outros... então...

*E em Porto Alegre quem te atende, quem te responde?*

Geralmente eu falo com o chefão direto, tanto que na época a gente conversava pelo Skype, o Skype interno, o dia inteiro, porque dava muito problema, nisso, naquilo, quando tava tendo troca de servidor. Quando teve troca a gente conversava umas 20 vezes por dia...

*Mas quem era responsável...*

É o chefão, o chefão da TI lá é o Perin, é isso. Porque ele que cuidou de tudo isso lá, eu dizia não tá respondendo isso. Então ele respondia, desculpa, esqueci de fazer tal coisa. Então esse processo foi bem estressante, bem mais cabelo branco nessa época. É porque tinha cobrança do pessoal daqui: ah o especial parou de funcionar, não tá mais no ar... tinha o link e não acontecia nada, não carregava nada. E eu ligava pra ele por Skype, por favor, veja o que que tá acontecendo.... Aí eles botaram em https, que é mais seguro e melhora o indexamento do Google aí dava problema, aí tiraram. Aí tudo isso, tenho que ficar verificando um milhão coisas que antes eu não tinha, que na verdade eu não tenho acesso pra mudar nada disso, mas tenho que ficar vendo onde tem problema... problema nisso, problema naquilo... foram 3, 4 dias que eu não fiz nada além disso. Chegava de manhã, saía pra almoçar rápido, às vezes não conseguia almoçar porque tava em função, tinha que ficar mudando tanta coisa por conta dessa mudança do servidor, e até hoje tem umas coisas... sei lá, faltou um arquivo pra copiar, está corrompendo algum arquivo, antes eu tava subindo dois arquivos que faltaram assim.

*Quais são as principais ferramentas que tu acaba utilizando? Por que... tu atua em várias frentes*

O Sublime. Imagina um bloco de notas, só que suporta uma quantidade absurda de linguagens, um bloco de notas que eu chamo de sodpack, que é um bloco de notas turbinado. Então tu pode programar dentro do código fontes ele reconhece palavras chaves de várias linguagens e eu uso todas as bibliotecas frees que tem na internet, tipo bootstrap, Javascript, shutter shock, essas coisas pra alimentar o que eu preciso. A pages do Google. Eu uso Mod, se escreve Modder Easy, nos especiais, se caso alguém precise, já tem até uma galera no jornal que quer aprender, alguns já estão... aprenderam. Então eles já conseguem fazer seus próprios... eles

exportam e eu subo pro servidor, só coloco as tags pro Twitter, Facebook, pro Google Plus pegar tudo direitinho.

*E tu ...tu chega a propor uma mudança de título em função do mecanismo de busca...*

Eles já dão pronto, tem uma galera ali que... é bala, dois palitos, como se costuma dizer e eles reconhecem bem rápido. Tipo Fernando do Mais Serra, ele já manda título específico só pra rede social, ele manda ó, usa esse título e essa linha de apoio. Aí eu crio a imagem pra compartilhar na rede social, então qualquer uma vai aparecer. Eu fiz um geradorzinho lá, eu coloco duas, três informações ele já gera todo código fonte, eu dou ctrl+c, ctrl+v e subo pro servidor, tá pronto. Eu agilizei um pouco o meu processo ali. E é nesse processo aí quando as outras pessoas fazem e já tá pronto, dá uma alegria. Aí eu uso o Modder Easy que é free e uso depois muita coisa da web, que nem agora que eu melhorei o Olhometro, eu fui procurar outras ferramentas, procuro no Github que é como se fosse um Facebook dos programadores, tu fez alguma coisa tu compartilha com a galera para todo acessar. Aí tem um mini fórum pra tirar dúvidas, melhorias, né? Aí eu achei lá, os caras ensinam como programar, como usar ele, pego várias ferramentas ali e vou implementando dentro do meu software, depois começo fazer um bilhão de testes por conta mesmo. E a gente usa muito Google Drive. Google Drive tá no coração. Porque ele tem muitas facilidades à frente do Excel. Você pode colocar ali dentro umas poucas informações, aí eu tive que aprender Excel do zero, praticamente, nem sabia usar. Pra poder fazer muita fórmula, muito cálculo, cruzar muita informação pra chegar nos números. Por exemplo, hoje no Olhometro a gente consegue ver se determinado vereador se ele votou mais contra o governo, a favor do governo, em projetos no mês de julho de 2008, sabe?

327

*É um cruzamento...*

É, eu gosto disso. Depois que eu descobri isso daí... tipo cientista de dados que tem essas informações... eu gostaria de fazer. Então tem que aprender, eu fui atrás de aprender. Não fiz curso, tive que aprender. YouTube, fórum tem tudo ali. Tem muita gente que pede ajuda pra tabular dados no Excel, então... eu virei um centro de informação, pode se dizer, por conta do Excel. Eu fui por conta e ... acabei ajudei bastante gente. Mas, o Excel, o Word, hoje eu tô usando bastante do Google Drive e hoje tem muita extensão, que ajuda bastante. Hoje por exemplo, acho que foi ontem, eu ajudo montar o C.O. de texto, subi um texto lá, tu põe uma a palavra-chave, e tenta analisar quais seriam as melhores tags pra usar na matéria, mudar algumas coisas. Então eu tento fazer algumas coisas pra facilitar minha vida também. Então aprender Excel é um dos principais, que tu pode juntar com o Analíticos, juntar junto com eles, ele ajuda a fazer um downloads dos dados, processa, tu consegue gerar um monte de relatórios, de gráficos, e eu tento automatizar o máximo os processos...

*Claro... Para te facilitar por outro lado.*

Então, o Google Drive é um dos principais assim... A gente usa o Office 365, mas eu não gosto, prefiro muito mais o Google Drive assim, uso o Trello. Não sei se tu já ouviu falar...

*Já, eu já até trabalhei com Trello.*

O Trello é uma coisa só minha, eu uso sozinho. Só eu.

*Pra gerir tua produção...*

É, eu tenho mais ou menos lá... tenho que fazer isso, então tá lá. Tá uma linha lá. Tem que fazer aquilo lá, tem que fazer aquilo outro, então tu às vezes esquece. Ou você anota num papel e joga fora o papel. *[Eu já usei em equipe]*. E o Trello é free. Tipo eles têm fermenta de pauta aqui, eles tinham, era muito e-mail assim...

*Pois é, a Juliana me falou que usam muito e-mail...*

Eu odeio e-mail, eu acho e-mail ruim...

*Pois é, eu perguntei se não tinha nenhuma ferramenta para a gestão da pauta...*

Aí o Zé me pediu assim que a gente podia fazer para melhorar. Então a gente usou o Planner dentro do Office 365. Quando eles fazem a reunião de pauta todo meio dia, eles colocam lá mais ou menos a programação da semana. Então eles colocam todas as editorias, eles colocam os assuntos, os títulos do que tem que ser feito, atribuem às pessoas o que tem que fazer, ah o Joãozinho isso, Mariazinha isso, pode arrastar as cabeças, pode arrastar os perfis lá de todo mundo e já fica meio pré-programado pra semana inteira e eles vão modificando. Então ajuda bastante porque fica online. Você pode acessar de qualquer lugar. O próximo passo agora é a ferramenta de pauta mais detalhada, essa aí também é mais cabelo branco. Usando o Cherry Point do Office 365 é uma ferramenta que coloca ali uma pauta que é pra viagem, que vai demandar

dois fotografos, que vai demandar bastante equipe, vai viajar de um dia e vai voltar depois de três dias, vai ser em tal lugar, vai precisar de um repórter, então é uma ferramenta simples mas...

*Complexa!*

É, simples pra quem vê e complexa pra quem faz. E se ninguém for fazer, tem que meter o bedelhão no meio para fazer.

*Tu percebe que é uma necessidade que tem e não necessariamente a equipe pediu...*

É. Eu sou enxerido pra caramba. O Ports, que é da foto, eles têm muito problema assim... hoje eles usam o Word. Eles colocam segunda-feira, aí eles colocam umas coisas lá, saída para tal horário, saída para tal lugar e aí acontecia das pessoas apagarem a pauta do outro e colocarem a dele, sabe? Eu via isso daí e pensava: meu Deus! É a idade das cavernas, sabe?... Eu trabalhava quando tinha um software que quando tu ia fazer xixi precisa pausar o software que era por tempo né, aí você tinha que dizer pausa pro pipi e quando tu voltava tinha que [des]pausar e contava o teu tempo. Então tudo era controlado ao extremo, tudo que tu fazia, tu ia almoçar pausa pro almoço, volta do almoço, tinha que botar tudo. E eu vim pra cá e não tinha. E agora a gente começou a fazer reunião com os editores pra melhorar isso aí. Aí tu vai lá bota a ferramenta, bota todas as informações que falta e agora tem mais reunião. A Andreia me pediu coisas mais interativas...

*Mas é reunião com tua com os editores...*

Com os editores. Eu vi raiva nos olhos assim... Mas, paciência. Eu levo no bom humor. Não tem problema. Aí a Andreia me pediu coisas que fossem interativas para o público. Para que pudesse interagir com o público. Aí vai lá constrói uma ferramenta genérica, que simplesmente tu alimenta numa planilha, que ela vai lá e busca e joga para tela. Aí fiz tipo quiz... eu fiz uma ferramenta de quiz. Você monta a pergunta, as alternativas e a resposta certa, ele constrói tudo, independente se for duas ou mil perguntas, ele monta na tela. Aí a Andreia queria uma mais complexa. Ai eu fui lá e peguei um banco de dados da Formula 1, montei toda uma planilha com oito abas com um bilhão de informações da Formula 1 e montei para mostrar para ela uma coisa bem complexa assim: cruza informações com dados, gráficos, você pode pesquisar por piloto, país, nacionalidade, ele vai mostrar alguns registros. Eu peguei isso só como exemplo né, mas aí é mais uma outra coisa, são coisas que tu faz fixa, depois tu passa pra uma coisa automático, depois tu vê que criou um monstro, mas depois tem a satisfação de ver a coisa funcionando, é uma alegria. Eu perdi metade do código fonte no caminho. Faltou luz aqui, corrompeu tudo. O código fonte era imenso, tinha umas 20 mil linhas assim, corrompeu, o computador desligou, eu comecei a gritar dentro da redação. Todo mundo quieto e eu lá chorando, mas são coisas... mas muitas coisas que eu uso sempre, mas tipo na mudança do Olhometro, eu teve coisas novas. Coisas novas, que eu gosto de procurar coisas novas assim. Enquanto alguns, pode soar meio babaca o que eu vou falar, mas gostam de ficar na zona de conforto, eu gosto de [*de achar uma coisa diferente*], é. Depois tem o Adobe Premiere que é de editar vídeos que é bastante, tem o AfterEffects, que eu aprendi sozinho também que é para colocar alguns efeitos dentro do vídeo, que estavam precisando. Eu disse sobre editar vídeo porque eu sabia editar vídeo, estava com essa necessidade. E o que precisar fazer, na verdade. Quase fiz um ao vivo. Mas basicamente... já participei de matéria também, essas matérias sobre filme de super-heróis, coisas assim como eu sou viciado em coisas de história em quadrinhos, vídeo game, eu já ajudei a montar matéria, só falta... já apareceu meu nome lá, já montei visual pra imprensa, aqui pro online. ... já fiz de tudo.

*Já fez de tudo, parece que você trabalha 24 horas do dia. E tu chega a participar de reunião de pauta?*

Não. Não sei porque, gostaria...

*La te perguntar, gostaria de participar?*

Acho que seria legal, aqui no momento quem participa do online, da editoria do online, era a Andressa, aí saiu a Andressa por causa da licença, aí entrou a Carol, a Carol participava, mas saiu do online porque assumiu a editoria de variedades, então teoricamente só tem eu e dois estagiários. Só que os dois estagiários são jornalistas e atualizam uma capa, e publicam as matérias, só que eu estou do outro lado né? Que eu poderia ajudar no processo, que tem essa visão diferente deles. Eu fiz a faculdade, fiz muita cadeira, trabalhei muito com gerenciamento, de controlar tudo que vai fazer, como que vai fazer, horário, ajustar tudo direitinho, todo cronograma, sabe aquela pessoa metódica, por causa dos trabalhos que eu tive, onde eu trabalhei era tudo assim, então, hoje, dentro da minha cabeça funciona assim, e quando os outros não fazem eu acho bagunçado, aí acabo sendo o chato. É difícil tu dizer, olha do jeito que você trabalha é bagunçado. Eu acho bagunçado. Tudo bem de um dia pro outro, mas quando é uma coisa de um intervalo muito grande... eu gostaria que fosse tudo organizadinho, separado tempo por tempo, como se fosse um projeto. Tivesse um gerente de projeto... é difícil. O jornalista não tem isso na... ou não tiveram isso na faculdade, e eu tenho, o Sistemas tem muito disso, chega a ser até chato. Tem gente que gosta tem gente que não gosta. Eu adoro isso.

Acho que até na vida pessoal funciona. Meu Podcast que eu tenho com os meus amigos eu coloco tudo direitinho lá, cronograma, um monte de coisa pra que a coisa fique toda organizada, eu chego a esse ponto de ser chato. Então eu gostaria que fosse tudo organizado, tudo ajustado, as ferramentas sabe? Tudo planejado direitinho... eu acho que seria melhor. Não só pro jornalista mas pra qualquer área. Ia ser um sonho assim...

*Anham. E tu nunca manifestou tua vontade de participar, tu acha que poderia contribuir...*

Não, porque eu acho que como é uma reunião de pauta de notícias eles vão pensar: porque que o programador tá aqui? É que eu posso dá umas ideias que eles não vão gostar. Eu sou meio ousado às vezes. Tipo eu não tenho vergonha de falar as coisas. Eu acho que se eu sou cobrado, eu também posso cobrar. E as vezes eu faço muita analogia maluca pra não falar palavrão. Então eu acho que eles iam ficar um pouco incomodados pelo fato de eu não ser jornalista, numa reunião de pauta de jornalista e editor ainda.

*E tu sente algum embate de área?*

Eu acho que não. Acho que só nesse sentido básico de não ser jornalista, eu não tenho jornalismo, porque eu sou péssimo em português. Mas tem o computador e é o meu mundo ali... então acho que eles se sentiriam incomodados...

*Mas então assim pensando nessa perspectiva pro jornalismo como que tu enxerga o papel da sua atividade?*

Eu vejo muito o que o Zé fala: olha, o pessoal gosta do teu trabalho, todos gostam de trabalhar juntos e sentem essa necessidade, porque quando tu sai de férias algumas coisas não funcionam direito, aí eu consigo entender melhor que eles precisam bastante que eu ajude eles, então eu me sinto bem com isso. Tudo bem a reunião de pauta ser... não importa. Eu acho que seria pior se ninguém sente tua falta, jornal ta tudo bem... foi até melhor sabe... que aí tu sente que teu emprego tá em risco, aí seria o pior. Mas eu tento sempre nisso fazer alguma diferente, novo, pra ajudar a vida do pessoal, eles pensam em uma ideia maluca e eu tento criar alguma coisa mais doida, que facilite a vida deles. Tanto que eles brincam comigo quando vão fazer ao vivo e me chamam de diretor. Porque eles vão ao vivo e eu fico lembrando eles: fala tal coisa lembra daquilo, olha o microfone... exemplo...

*Sim, aí tu pode fazer uma produção mesmo...*

Sim, faço tudo, boto as coisas que eles precisam. Que nem a gente fez ao vivo com a banda Blackbird, sabe? Eles fizeram um ao vivo aqui dentro. Então eles pediram: ah, vamos fazer um ao vivo com a Blackbird. Aí eu falei tá ok. Então vai lá pega a mesa... a gente tem uma mesa de som, pega o manual do som, estuda o manual da mesa de som, vê como ele funciona, aí vai estudar... apesar de eu tocar instrumento também... vai ver como é que funciona, trouxe o violão... Pego o transmissor, fiz testes em toda a mesa de som, faz a equalização pra quando eles chegarem capturar pelos cabos. Aí enfia os cabos, botei uma caixa de som gigante pra eles se ouvirem. Enquanto todo mundo estava assistindo ao show assim, rindo, filmando, eu tava correndo que nem um maluco equalizando cada instrumento meio que na corrida ali... Então um falava eu abaixava, diminuía, tirava o grave, o volume e eu nem vi o show deles...

*Não aproveitou...*

É, então monta toda estrutura, porque não teria que fazer isso, né? Deixa tudo pronto, eles fazem o show, todo mundo curte... todo mundo fica feliz e eu que tava correndo. Eles terminaram, eu ajudei a carregar as coisas, desmontei tudo e aí eu fui almoçar, isso era quase 3 e meia da tarde. Então é essa rotina. Então eles pedem pra fazer alguma coisa e eu vou lá e boto pra funcionar. Eles queriam fazer o ao vivo cheio de coisa, aí vai lá procura o programa, monta tudo, usa um pouco de programação, pra enganar o software e parecer um monte de coisa na tela interativa, vai lá, invento e eles gostam... E como o pessoal gosta... eu fico com isso, assim... Tipo, nem só de programação... mas, sei lá, por isso eu inventei o solucionista.

*Tipo o que eles não sabem fazer eles te procuram.*

Isso aí. Mais um pouco eles vão me pedir: como é que levanta essa mesa? Mais um pouco. Já fiz de tudo aqui no jornal, carregar coisa, fazer ao vivo de música acho que...

*E quantos anos mesmo que tu tá aqui?*

Eu tô aqui com 5 e três meses. E fazer ao vivo de banda foi o mais difícil assim. Teve que dar um jeito de botar na mesa de som de 4 canais, 8 canais. Fazer ao vivo lá do Mississippi, lá do bar, direto também foi difícil.

*Claro. Certamente. Então assim, o setor de jornalismo ele vem sendo bastante afetado pelas tecnologias, certo...*

É, eu leio bastante sobre isso...

*Oh, que bom. Então assim uma das características e justamente a presença de profissionais com tu nas redações...*

Cada vez mais...

*Cada vez mais. Como que tu percebe esse movimento? Tu acha que agora com as integrações das redações... não tem mais alguém de TI para trabalhar contigo? Da TV que provavelmente poderia trabalhar junto contigo?*

O que tem lá é o pessoal mesmo da área da TV mesmo, eu não conheço... eu fui poucas vezes lá mesmo. Mas eu acho que eu vou querer aprender muito sobre sinal, assim, como que funciona pra captar melhor o sinal. Pra mandar aquele link simples que a pessoa fala não chega depois ou antes, que já aconteceu um ao vivo com a gente aqui. Eu quero usar câmeras que já tem lá, 4k, Full HD, fazer ao vivos com a qualidade lisa pro Facebook, pro Instagram. Hoje a gente já resolveu o problema do som, mas agora eu quero ver junto com eles com que a gente pode fazer. Pode usar o mesmo equipamento, iluminação pra fazer isso aí. Então já tem o pessoal lá. Eu falei com o cinegrafista que veio aqui, fiz amizade com ele, troquei umas ideias, e eu acho que vai ajudar bastante melhorar esse processo. Porque o ao vivo já é uma novidade, era uma novidade, agora virou um padrão, quase todos jornais do Brasil fazem. Uma pessoa física faz e tem uma audiência absurda. Tem muita gente que tá indo trabalhar não jornais, mas em blogs e sites do meio artístico que não são jornalistas e tem muita gente que diz que não tem relevância porque não é jornalista, mas tem muito jornalista que foi aprender programação, foi aprender outras áreas, tem algumas coisas que eu vi na Microsoft que o futuro todo mundo vai ser programador, eles pegaram o padrão dos Estados Unidos eles querem colocar a programação pra criança desde nova. Isso ajuda bastante o raciocínio. Tem muita coisa que a tu precisa pra pra pensar, é automático, é uma reação do cérebro. E eu senti que veio disso assim. Eu gostaria que o pessoal visse isso como uma coisa boa e não como um bicho de sete cabeças. Tu olhar a programação parece ser complicada, mas não é. Eu acho o português mais difícil que a programação.

*É uma perspectiva...*

Porque é tanta regra pra escrever uma palavra que eu não sei mais nada. Eu nunca sei se o c, se é com ç... as vezes vou pro Google. E a programação não, é matemática, é muito lógica, 1 é 1 e acabou, não deixa de ser 1. Tem soma, mas tem o sinal que identifica. Você nunca pode: ah tal coisa é tal coisa. Mas eu acho que seria legal, ajudaria muito eles conseguirem ver o próprio material de outra forma... tu consegue ver diferente...

*Se a equipe entendesse... pelo menos tivesse uma noção melhor do que é a programação?*

Tipo eu sento do lado da Andressinha que tá há pouco tempo na diagramação, há dois anos se não me engano. Ela estudou design e tem uma visão bem legal, um pouquinho mais... já um pouco do digital.

*Mais próximo...*

É. Tem a Márcia, a Juli e a Cintia elas tem uma visão muito do papel. Só que esses dias eu tava conversando com a Bruna: alguns jornais já pararam de sair impresso, é tudo digital. E se o pessoal não ficar atento, vai acabar ficando tudo defasado. Tipo tu vê que tudo agora é factual. A pessoa quer saber agora, está o tempo inteiro com o celular na mão. Então se tu não publicar logo, se tu não começar usar essas linguagens, tu ficar pra traz.... Então, tipo, eu não sou jornalista, mas estou sempre procurando coisas para ver o que pode melhorar.

*Tu está sempre inteirado com o que acontece nesse universo...*

É, eu sou muito, muito... Podcast sobre um bilhão de coisas. Desde bobagem, ciência, história, muitas coisas sobre tecnologia, novidades, como implementar coisas, tem podcast só de programador que os outros que ouviriam não entenderiam nada, mas tem muita coisa que eu tento implementar no que eu faço assim. Até como trabalhar melhor, tem muita coisa... Eu acho que se o pessoal tem que começar a ver melhor isso, não só aqui, mas em outros lugares eles iam ver... acho que a Microsoft lançou ano passado um vídeo que em menos de dez anos não vai ter mais revista, não vai ter mais jornal, não vai ter mais nada impresso. Isso é preocupante, porque o jornal trabalha com quê? Papel impresso. Uma revista, a Abril mudou muito a forma que eles trabalham, se reinventaram. Agora tu paga lá uma mensalidade pra acessar todas as revistas. Eu acho que esse pensamento que eles têm de blocos fechados, pra qualquer matéria, eles vão ter que mudar, abrir a cabeça, como eles podem colocar o material deles no online e o que podem botar a mais que vai chamar atenção do público. Se for qualquer coisa, pode ler no jornal do lado, tem o... que dizem que são cavalo paraguaio e só sai na frente, mas não tem muita informação... Acho que teria que publicar matéria melhor e ver o que poderia botar a mais. Alguma coisa que é o que falta neles. Tipo esse... Acho que vem muito do pessoal do design e um pouco da programação por conhecerem muitas ferramentas, que tem um bilhão na internet, pra tentar melhorar o processo. As vezes um textão, que é um saco de ler. Você pode transformar

aquele textão em um pequeno infográfico... e melhor ainda. Tem uma ferramenta que mede o quanto o pessoal desce o scroll do mouse, se tu não começa bem no primeiro paragrafo, já bem ali, tu matou a matéria. Se tu não começa explicando bem o que é, ficar enchendo linguiça, tu olha ali no Chartbit que o scroll já não desce mais e a matéria caiu. Tu vai no Analítics e tu vê que a taxa de rejeição dela é altíssima, então qual que é o problema? Aí se eu falo isso, daí eu sou o chato, que eu sou o programador, não sou jornalista. “Ah mas tu não tens essa visão”, não é essa a questão, eu sou leitor também, tem esse negócio. O Estadão tem essa mania: põe o título, primeiro parágrafo o título, a linha de apoio, depois enche de linguiça e depois lá no segundo terceiro parágrafo eles começam a falar negócio... e as ferramentas todas já provaram: o pessoal cai fora, cai fora, cai fora. Tem alguns jornalistas que tem um texto que não importa o tamanho, o pessoal fica, tu vai ver a ferramenta e vai até o final, e a taxa é ótima sabe...

*Tu consegue acompanhar todas as estatísticas do jornal?*

Eu entro na maioria assim, porque pedi acesso eu comecei a acompanhar o que era bom e o que era ruim...

*E tu passa pra redação?*

Não. É que eles levam mais em consideração do pessoal ali. Que nem eu tinha automatizado ferramentas usando o Analytics, com a Carol do online pra ela conseguir ver melhor quais que eram as mais acessadas, qual que era um monte de coisa baseado na... ela queria melhorar pra ver quantas matérias eram publicadas em cada editoria por dia. Aí eu consegui construir uma ferramenta pra isso aí. Ai se a Andressa voltar, ela vai utilizar isso também, a gente consegue ver quem publica mais, quem publica menos. Então eu gostaria de ter essa imagem das coisas. Eu não sou só programador, sou leitor também, é meio estranho... mas eu gostaria que fosse mais forte assim. Eu acho que qualquer um que não é jornalista numa redação, não tem tanto poder pra falar o que é verdade, o que é mentira, eu sou meio maluco. Não te preocupas... Mas eu creio que qualquer um que trabalhe na redação e que não é jornalista não tem tanta...

*Influência?*

É, influência. Talvez por não escrever... mas tem outras formas de você transmitir informação, áudio, vídeo... Tipo tem um vídeo que uma vez gravaram com uma dentista, a mulher gaguejava que nem um gago assim... aí eu fiquei uma semana pra construir todo áudio dela, todo áudio dela do vídeo, arranquei todo vídeo fora, construir tudo, repiquei tudo em milhões de pedaços, construí o áudio dela. Então tava liso, depois tinha toda uma interatividade com o vídeo, como se fosse o que ela falava, sobre halitose. Então mostrava a boca, mostrava o que que era os itens, pegava todos os pontos importantes dela. Então eu construí baseado no péssimo áudio da mulher. Então eu acho que a primeira edição, que eles tinham feito ia ficar uma porcaria. Não dava pra entender nada e tava chato de ouvir. E eles gostaram bastante dessa ideia, só que demanda um tempão. Três dias só pra editar áudio e dois pra montar a parte visual e depois fazer algumas pequenas revisões. Mas... tu transforma um assunto chato pra dedeu, um vídeo ruim pra caramba em um conteúdo um pouco diferente, eu gosto de fazer isso.

*Faz do limão, uma limonada. (risos)*

Eu não gosto dessa frase, mas nesse exemplo caiu que nem uma luva

*Então assim, quais são... se a gente vai pensar em conhecimentos, habilidades, perfil, para uma pessoa que desempenha a tua função, o que ela tem que ter?*

Não precisa ser diplomado na área assim. Eu acho que tem que ter assim, uma nova linguagem, uma nova linguagem não, tem um tempo já, não sei você já ouviu falar, chamado Python, a gente chama “Pitão”. Eu fiz um curso com um nordestino e ele falava assim... e ela é muito forte, é muito usada no jornalismo pra fazer...eu não sei se eu vou pronunciar certo, Web Scraping, que era pra extrair dados. Tem muita gente que usa isso pra procurar... pra fazer robô pra procurar quem tá falando do Lula, quando o Lula foi preso. Então eles faziam ferramentas que varriam a internet pra procurar pessoas e sites que estavam falando sobre #lulapreso, por exemplo. Então essa linguagem ela é simples e tem muita gente que ta procurando ela pra fazer isso, pra como interagir com o jornalismo, integrar com o jornalismo. E parece que ela caiu como uma luva pra isso. Tem muita gente que usa pra fazer isso, eu fiz...como eu não sabia programar nela, eu fiz usando o Excel, também eu usei o máximo de conhecimento que eu tinha sobre xml, html, e feed e eu criei um código fonte dentro do Excel, tipo macro, pra que lesse o feed e extraísse informações do próprio Pioneiro pra montar uma tabela com um monte de informações. Depois eu descobri que dava pra fazer isso pelo Python, perdi um tempão, mas tudo bem. Eu acho que se o pessoal aprendesse isso seria legal pra fazer aplicações próprias para extrair informações dentro da própria matéria e de outras até, procurar na internet, porque depois que tu executa e não faz mais nada, ele procura pra ti, alimenta uma planilha, ou faz um alerta pra ti, que nem no Twitter que tem a #, você poderia procurar determinadas condições ali dentro, sabe. Eu achei bacana. Eu baixei material pra aprender bem a fundo, porque é uma coisa bem complexa, é uma coisa

dos vereadores e dos deputados, eu tive umas ideias com uns malucos que falaram comigo. Pegar tudo que eles fazem e tentar cruzar informação. Eu acho que seria uma linguagem perfeita para eles, tipo... Trabalhar com small data, big data que é uma tendência do jornalismo. E o Python conversa com isso... Também tem outra uma linguagem que chama “E”, só “E” mesmo. É outra coisa, que tem muita informação. Polícia é assim, política é assim, tanto que a gente virou referência de informações sobre mortos na região, nosso número é melhor que os da polícia, 100% preciso. A gente conseguiu pegar com eles, e o Leo é um cara que consegue todas as informações, a gente sabe quantas mortes tem por mês, quantas pessoas que tem passagem pela polícia ou não, quantas mulheres, quantos homens, a gente virou um centro de referência. Então eu acho que esse conhecimento ajudaria bastante a galera. Ou um pouquinho... eu chamo um UXdesigner, acho mais engraçado falar. Como montar essa parte visual, a Andressinha tem esse visual, quando ela montava algumas coisas bem criativas pro impresso e parecia automático que ela já pensava no online. Porque basicamente era ctrl+c, ctrl+v e tá lá, pronto ali para usar, fazer o mínimo de mudanças.... Ela tem essa visão, assim, bem fácil assim. E eu acho que ficar pensando só no impresso, infelizmente vai ter essa mudança, essa migração, eu acho que tem que começar a pensar já em coisas diferentes o pessoal tem receio.

(outra pessoa entra na sala da entrevista) Desculpa interromper,

*É por causa do horário?*

Não, tô vendo aqui, não se preocupe. É o Tite...

*Isso, ela tinha ficado de me mostrar.*

Eu ia fazer um negócio interativo pro online só que não deu tempo...

*É, eu perguntei pra ela se ia pro online...*

É, eu ia fazer cada quadrinho animado no balãozinho só que demorei horas pra fazer uma página...

*Aí tu abortou missão...*

Abortei. Mas eu acho que o pessoal precisa se reciclar, acho que reciclar o conhecimento não faz mal. Porque se os grandes jornais foram pro online, alguma coisa tem. É que nem cidade grande, Caxias é uma cidade média pra baixo... pessoal lê muito aqui... Só que o leitor dos jornais que nem o nosso são pessoas mais idosas, infelizmente essas pessoas idosas vão falecer. E o neto deles não sabe nem o que é uma revista. Então eu não gosto muito, mas as pessoas são alienadas e precisam tá o tempo inteiro entretido. Tem aquelas pessoas que dizem que o brasileiro acha que o Facebook é internet, então vai dizer o que? Não tem o que dizer. Mas eu acho que partir dessa área é um diferencial pro currículo da pessoa. Eu preciso melhorar o português. Não só o pessoal daqui, mas todo mundo, tem que conhecer bastante sobre tecnologia, programação, quais as ferramentas que são fáceis de usar. Tipo Google Drive, se tu procurar uma lista de ferramentas pro jornalista, ela tá lá. Tem infogramas... eu abomino essas ferramentas que é cheio de propaganda e tem limite de ferramentas, de materiais que pode produzir, mas tem outras coisas que eu posso parar e sentar e ensinar a pessoa mexer em dois dias, que dá conta de fazer um milhão de coisas assim.

*E isso que você está falando do UXdesigner, envolve conhecimentos como: experiência do usuário, design de interação, design de interface, arquitetura de informação...*

Tu nunca pode pensar...

*Porque no caso tua formação foi mais na linha de programação?*

Eu tive algumas cadeiras que ajudaram bastante isso e um dia eu falei com o professor assim, eu não me dava muito bem com o professor que eu era zueiro, ah professor eu faço tudo pensando se a minha mãe vai conseguir usar o software ou no que for porque minha mãe tem problema de visão, enxerga mal. Ai o professor falou “ah não, é uma boa expectativa”. Então tem que pensar se a pessoa é experiente e a pessoa desprovida de qualquer percepção tecnológica se ela consegue usar. Então, eu tento utilizar esses dois extremos assim...

*Sim, na verdade essas teorias que falam sobre falam da experiência do usuário como sendo centro de todo o projeto, de todo trabalho...*

Tu pensa qual usuário, partindo dele assim, tipo no futebol você partiria do zagueiro, uma aplicação tu parte do usuário, ele vai conseguir usar? Tipo um Basômetro, eu acho a coisa mais impossível de usar, eu não entendi, achei muito bagunçado. A gente tem usuários que são mais velhos. Então simplesmente tem que dá o mais mastigado ali. O que foi votado, quem votou sim, quem votou não, foto das pessoas, quantos votaram sim, quantos votaram não. Muita gente entregou, ali dessa forma, tá ali entregue, simplesmente tu olha. E ta

ali as informações diretas entregues pros usuários que não precisam pensar nada. Eu penso dessa forma que quanto mais clique a pessoa tem que dar, pior é. Quanto mais longe a tua informação tá do usuário quando ele entra na página, pior é. Se ele tem que clicar, clicar, clicar... eu já abandono qualquer site que é assim. E o usuário mais simples não vai conseguir achar, então eu tento botar tudo mais rápido, mais simples direto na primeira tela ali, acessou ta aqui... menu, mais, links, botões, grandes, bem simples, não encher de perfumaria e entregar... eu penso basicamente assim, eu não tenho formação nessa área, mas eu penso assim. Simples e sem encher linguiça...

*Objetivo.*

Objetivo, essa é a palavra.

*Então tá, é isso. A princípio era isso.*

Eu sou mais... o pessoal é muito sério... eu sou mais solto assim...

*Não, mas isso aí vai de perfil né. Você não tem... não, até que aqui foi todo mundo à vontade...*

É, eu sou o cara que fala mais palavrinha, mais gíria, sabe...

*Tá tranquilo, eu não vou mais te ocupar, te agradeço a atenção, ajudou muito....*

## 8.16 Entrevista WEB48A

Você quer as respostas mais longas, mais curtas...

*Ah, não... fica a vontade para tu falar o que quiser...*

Se eu espichar demais, você corta...

*É por que numa resposta, responde outras coisas... outros trazem algumas coisas que eu não pensei assim... que na verdade é assim, entender um pouco da sua rotina, como é que se insere no contexto de produção, é mais ou menos isso assim... as perguntas vão mais ou menos nesse sentido, por que a redação citou o seu nome bastante.*

Sim...

*Então, eu gostaria de entender esse processo. Parte da tese é entender esse processo. Então, eu gostaria que você falasse um pouco da sua formação e quando e como, começou a trabalhar em redação de jornal.*

Eu sou formado em Design Gráfico pela Universidade Federal de Pelotas...

*Tu é de Pelotas. Eu sou de Pelotas também.*

Eu me formei em 2012, foram quatro anos, mas eu fiz disciplinas de cinema, disciplina de artes, fiz disciplina de design digital, [incompreendido] e outros cursos também... dei vários cursos de desenho, então, aproveitei muito essa parte acadêmica e depois eu comecei a fazer um estágio, meu único estágio no Diário Popular, em Pelotas, também, no jornal, eu fiz um estágio eu acho que de seis meses, depois eu trabalhei mais quatro meses, por que eu fui contratado, e depois disso meu trabalho começou a ganhar algum destaque, comecei a fazer algumas capas e me chamaram para trabalhar aqui na Zero Hora. E eu vim para cá no final de 2013, eu vim para trabalhar no núcleo de inovação da Zero Hora. Eram três designers, dois jornalistas trabalhando no caderno Planeta e Ciência.

*O que era o núcleo de inovação? Trabalhar nesse caderno?*

Exatamente. Trabalhar nesse caderno, mas eu fiquei responsável pela parte de online. Trabalhar com a parte de programação, design, fotografia, tudo digital assim... inclusive na entrevista me mostraram alguma referencia da Folha de São Paulo, New York Times.... Você sabe fazer isso? Sei, sei fazer. Não sabia a metade das coisas.

*Você se formou em Design Gráfico?*

Eu me formei em Design Gráfico.

*E você sempre trabalhou com digital?*

Sempre com digital.

*E no Diário Popular que função tu fazia?*

Eu fazia diagramação. E ilustração também.

*E aqui, você veio para esse caderno. Para esse núcleo.*

Exatamente. Totalmente digital. É a expectativa deles.

*E aí fostes passando por quais funções aqui dentro?*

Eu comecei como webdesigner 1, atualmente eu sou web designer 2. Então, não mudou tanto assim, o cargo no jornal.

*Mas, tu não trabalha mais para esse caderno.*

Não trabalho mais para esse caderno e ele nem existe mais. Foi extinto.

*E hoje, tu está na editoria de arte...*

Exatamente. Estou na editoria de arte faz uns três anos, mais ou menos. Tiveram algumas reformulações na redação e esse caderno acabou extinto e eles reorganizaram as pessoas e viram que era melhor eu ficar na editoria de arte, por que eu trabalhava com ilustração, infografia, enfim... só que eu fui trabalhar direto com editoria de arte e na editoria de arte tinha gente que trabalhavam com impresso e algumas poucas pessoas que trabalhavam com online. Então, era bem dividido assim. Quem fazia papel, não fazia online. E como eu era totalmente digital, já estudava programação, design digital, interface, eu não fazia nada de papel. Quando eu entrei na editoria de arte, eu fiquei só responsável pela parte online, assim, foi quando eu consegui me destacar. No cenário digital acabei ganhando a várias premiações...

*E tu pode me falar assim, quais são as principais atribuições do seu cargo, quais são as suas responsabilidades? O que você faz assim no seu dia a dia.*

O meu cargo, é um cargo simples, webdesigner, não sou gestor. Mas, eu tenho funções bem carregadas nesse sentido de organização de equipe, de trabalho principalmente, assim. Eu acho que eu sou o designer mais experiente na equipe, por eu ter trabalhado com algumas empresas de fora, eu já trabalhei com a Google, eu já trabalhei com Apple, por ter feito freelances e já ter trabalhado com algumas empresas de fora do país, isso acabou me dando bastante experiência assim. Então, eu fico responsável por projetos maiores atualmente. Por exemplo, agora a gente tem a Copa do Mundo, eu fiquei responsável por criar um projeto grande que fosse criativo em volta disso, assim... aí eu montei todo um esquema de projeto de produção, de etapas, de pessoas, que seriam envolvidas nisso.

*E é sempre com foco no online.*

Exatamente.

*E no setor que você trabalha, tem alguém que ainda trabalha para o papel?*

Tem bastante gente que produz para o papel ainda. Principalmente, o infográfico, ilustração para o papel também. Tem duas pessoas que produzem ainda ilustração editorial, e eu fiz duas ilustrações editoriais para o papel, mas foram bem poucas assim. Não é o meu foco assim.

*E quantas pessoas trabalham contigo ali?*

Eu acho que são dez pessoas mais ou menos. Eu não sei te dizer fora. Uma média assim.

*E que trabalha só com online. Tu sabe?*

Especificamente, só digital eu acho que só eu, e tem mais três programadores. Que trabalham só com programação.

*E quais são os outros profissionais que tu mais interage? São com os programadores? Com quem mais tu negocia e...*

São com os programadores e às vezes eu preciso de alguma demanda de arte ou de ilustração, assim. Às vezes, se eu estou montando um projeto de animação a gente precisa de uma mão de um artista para me ajudar no projeto. E aí eu entro em contato com o ilustrador e faço essa conexão entre a ilustração, o projeto e a programação.

*Uma mediação assim... e nesse processo de negociação, como tu acha que o teu poder de decisão ele influencia no processo como um todo. Tu acha que aquilo que tu define tem que ser muito negociado, tem que ser aprovado, qual o impacto da sua decisão ali no processo produtivo.*

Na verdade, eu faço muito testes antes para saber quanto tempo vai levar cada etapa de produção, isso tudo é registrado, para que tudo isso caiba no tempo certo. No jornal, as coisas acontecem muito rápido. A gente não pode levar muito tempo para produzir. Então, se a gente vai produzir uma animação, tem que ser uma animação mais curta, mais objetiva, para dar tempo de produzir e estar no dia seguinte no ar. Então, eu tento decupar o máximo das etapas assim... para tentar entregar as coisas.

*E como é que a demanda chega para ti? Pensando na rotina de produção do jornal. Como é que a tua atividade ela se insere, como a demanda chega para ti.*

Na verdade, eu tenho muita liberdade de criação. Tem que falar com o meu gestor Leandro, ele me dá total liberdade de criar. Eu posso montar os projetos que eu tiver ideia. Eu sou livre para criar o que eu quiser. Eu consegui essa liberdade.

*Mas, dentro de uma pauta?*

Exatamente. Vai ter Copa do Mundo, ah vamos nos organizar porque seria legal que tu montasse para montar algo para Copa do Mundo. Tu é livre para criar o que você quiser. Claro, tem as aprovações, as apresentações, mas eu tenho essa liberdade de criação assim. Eu analiso os concorrentes o que o New York Times está produzindo, o que ESPN está produzindo, SPORTV... Folha de S. Paulo... o que estão fazendo sobre a Copa? Ah, está todo mundo mostrando a mesma coisa, o que a gente pode fazer de diferente nesse sentido, eu tento sempre buscar isso.

*E esses produtos no momento em que você cria, estão vinculados a uma plataforma? Você vai pensar nisso, no dispositivo móvel, no desktop... como é que vai para todos os lugares?*

Sim, exatamente. Você tem que pensar todas essas possibilidades. Mas, o ideal é sempre ter um foco. Essas animações que a gente está produzindo para a Copa, o meu foco principal são as redes sociais. Então, que isso fosse compartilhado e gerasse valor para a marca. Então, eu sempre penso sobre como isso vai chegar para o público. Isso vai ser para o público de assinatura, para o público em geral, isso vai ser um foco em desktop, isso vai ser para um site mais pesado, ou isso vai ser para um site mais leve e rápido para o usuário mobile. Então, tem essas diferenças na hora de montar o projeto.

*Então, você fica totalmente livre dentro de uma temática em que o jornal está focado para pensar um produto. Que seja diferente e que não necessariamente está integrado ao conteúdo normal do jornal. É legal. É diferente... e assim... você está há quanto tempo trabalhando aqui no jornal?*

Vai fazer cinco anos.

*É bastante tempo. E nesse tempo, tu percebeu várias mudanças na redação, e uma delas, em que você está extremamente envolvido e que é preponderante é essa transformação tecnológica. E ela está em contínua transformação. E o que você destacaria como desafios, preocupações, oportunidades, como você enxerga esse cenário assim? Para sua atividade?*

Em geral, pelo que eu vejo, eu estudo muita tecnologia, eu estou sempre ligado nas grandes empresas, o que está sendo produzido, eu vejo que o jornal está muito devagar.

*É? Comparativamente a outros setores de mídia.*

Principalmente, no marketing digital, divulgação, assinatura, está muito devagar.

*Você percebe outras estratégias...*

Que seria muito melhor aplicadas aqui e ainda não são.

*E você não consegue sugerir alguma coisa nesse sentido?*

Não posso, por que não participo de reunião de lideranças.

*Sim. Sim.*

Eu fico limitado a produzir dentro da minha editoria, vamos dizer assim. Eu não posso sair muito dessa linha.

*Em termos de habilidades, domínios, de conhecimento, isso não parece ser um problema para ti. Todos esses desafios que a tecnologia, vai apresentando, você vai tentando apreender e incorporar ao seu trabalho. E estimulante. Não é assustador.*

Não. Para mim é sempre um desafio. Se eu vi uma tecnologia nova, um código, uma maneira de produzir esse conteúdo diferente, uma apresentação diferente, eu vou lá e pesquiso e eu já aprendi a e vamos fazer, vamos aplicar para o próximo.

*Tem essa facilidade e quais são as principais ferramentas que você utiliza assim? De software de recursos assim...*

A primeira coisa que eu utilizo é um caderninho com uma lapiseira [*é mesmo?*] para descrever, montar ali, fazer uma descrição rápida, um rafe geral do que é... do que vai ser o projeto. Depois, eu parto para alguma coisa no PhotoShop, um rascunho. Depois eu monto um moodboard principalmente no Illustrator, por que eu gosto bastante por que aceita bastante imagem... monto um moodboard de referência, isso aqui é referência legal para imagem, isso aqui é uma referência legal de infografia, essa é uma referência legal de layout, vou montando essas referências e aí eu tento montar a parte de design de arte, de direção de arte, animação, vou esquematizando assim, toda as referências que eu gosto...

*No Illustrator...*

Isso. Aí depois, se é um projeto web, depois de organizar as referências, eu volto para o caderninho e monto um layout de interface sobre como eu quero esses elementos na página, aí depois disso, eu posso para Sketch

que é uma ferramenta para desenvolvimento de aplicativo, e depois da parte do Sketch eu monto o layout depois. E as definições ali, que vai ficar todas as especificações para o programador ver depois.

*E como se dá essa relação sua com o programador, esse diálogo? Por que, você que entende bastante de tecnologia é bem tranquilo.*

É bem tranquilo. O bom de designer entender, isso é uma coisa interessante de falar assim, o designer não tem que ser programador. Eu acho que o designer tem que se preocupar com o projeto, com a pauta e, principalmente, com o usuário. Eu acho que ele não precisa saber programar. Ele não precisa saber tocar em código. Mas, ele tem que entender a tecnologia e tem que entender o que o programador faz. Isso é o principal. Quais são as habilidades do programador para poder te ajudar. Então, sabendo que o programador trabalha com CSS, HTML, JavaScript, Front-end, eu já sei o que eu posso pedir para ele. “Eu quero que layout tenha um botão assim, para quando passar o mouse, ganhe outra cor”, exemplos básicos assim. Então, sabendo o que ele consegue fazer, eu consigo pedir para ele.

*Entender as limitações...*

Saber também quanto tempo leva para fazer as atividades isso é muito importante.

*E acaba que dentro do seu domínio de conhecimentos, alguma coisa de interação, arquitetura de informação, de experiência de usuário, essa é uma coisa que tu procura estar por dentro, que influencia diretamente no seu trabalho.*

Principal.

*É o principal, né? É a grande área de estudo desta área, né? Então, tentando pensar em um plano mais macro, tu falou que tem alguns lugares em que a decisão é mais limitada, mas em contrapartida tu tem uma liberdade de criação, no seu setor, então, como é que você entende, o papel desta tua função, para o contexto de produção de um modo geral? Qual a relevância, como tu enxerga o seu trabalho em uma perspectiva?*

Isso é uma coisa muito importante de falar. Eu já banquei muito projeto que as pessoas não achavam que iam adiante. Principalmente, o projeto das Olimpíadas. É uma coisa importante de se falar. Eu comecei a montar algumas animações e os jornalistas começaram a dizer, eu não sei se isso vai ser legal, eu não sei se vale a pena fazer... eu não sei se vale o esforço... E eu, não vamos fazer um site que contemple todos os esportes olímpicos masculino e feminino, valorizando os dois lados e mostrando todos os medalhistas, estatísticas, todos os dados de Olimpíadas passadas, quem foi o maior recordista, isso tudo com animações. Teria animações de cada um dos esportes. Seria em torno de 35 animações e seria um desafio muito grande de se fazer em um mês. “Não, vou montar esse projeto, está esquematizado, está toda a linha de produção certinha para o online, eu preciso desse ilustrador, desse programador e vai dar tempo para fazer”. Aí as pessoas ficaram assim, o Leandro me deu bastante liberdade para criar, a gente montou o projeto, saiu para o ar, a gente ganhou um prêmio internacional da América Latina, como o melhor site do ano. Foi uma promoção do Facebook, senão me engano. A gente ganhou como melhor site da América Latina. A gente ganhou o prêmio no Behance como site do ano, na plataforma, que Behance sobe não sei quantos sites por minuto, a gente ganhou como site do ano, no final do ano, ganhou prêmio de destaque na capa do Behance e outra três ou quatro premiações que eu não me lembro do nome agora. Então, eu acho que falta as pessoas acreditarem um pouco mais na criação da arte, assim. Porque eu vejo muito aqui que os jornalistas acham que só eles trabalham com comunicação. Eu acho que a gente na arte também trabalha com isso, também tem que ter valorizado as nossas sugestões de pauta, principalmente, às vezes elas são meio ignoradas assim.

*E como é que vocês sugerem pautas e percebem que tem uma resistência. Tem um embate ali...*

Exatamente. Exatamente. A gente fica sempre sujeito ali, a receber demanda da redação e a executar tudo aquilo que eles querem que a gente faça. A gente recebeu infográfico e tem que produzir aquilo ali. Mas, se a gente sugerir o infográfico que pode ser feito? Já visando a produção que pode ter depois.

*E o projeto que tu pensou ele acabou, demandou um conteúdo a ser elaborado, apurado, pesquisado.*

Exatamente, o que teve uma certa resistência da redação, das pessoas não quererem pesquisar.

*Por que não vinha deles?*

Exatamente. Isso acontece muito. Ah, que vai demorar. Ah, que é muito conteúdo. Ah, que não vai dar tempo.

*E mesmo assim, você deixa de propor, sabendo que vai ter algum tipo de resistência?*

Não, eu sempre vou propor e saio brigando.

*Vai saindo, vai avançando.*

Exatamente.

*Isso é algo, que até mesmo dentro da perspectiva teórica se fala, né? Até por que o jornalista se sente um pouco ameaçado, por que ele acha que pode perder lugar, para pessoas que trabalham com essa parte de tecnologia. Mas, talvez, se a gente for parar para pensar, essa é uma atividade que um graduando em designer, não pensa em trabalhar. Pensando assim, em uma perspectiva, você algum dia, pensou em trabalhar em uma redação?*

Não. Nunca imaginei.

*Então, é um nicho de mercado, que está sendo explorado e desenvolvido por quem está sendo pioneiro nessa área. Tu está sendo talvez... Numa redação que tem uma tradição do papel, tem todo um outro retrospecto. Então, esse seria um dos desafios que seria romper a barreira com esses jornalistas?*

Eu acho que sim. Eu acho que as pessoas deveriam trabalhar mais integradas. Eu acho que o esquema de redação que se tem atualmente, redação de um lado aqui, arte lá... fotografia lá, eu acho que esse esquema não funciona. Eu acho que deveria ser em times. Tem o projeto tal, sobre Copa do Mundo, como a gente estava dizendo. Quem vai montar o projeto é o jornalista tal, o artista tal e o programador tal. Por que eles não sentam juntos para trabalhar em equipe?

*Faz uma equipe para trabalhar. Você acha que a estrutura física, acaba por atrapalhar um pouco a integração, o planejamento.*

Principalmente, na questão do online. No papel, eu não sei como funciona. Eu nunca trabalhei nesse esquema de produção, diagramação e tal. Eu não sei se essa estrutura de redação atual é a ideal para o online assim. Eu vejo que para o papel funciona muito bem assim.

*Sim. Tem muito mais anos de experiência com essa estrutura que para o online. Então, assim... você não participa das reuniões de pauta, mas você tem o seu editor que em parte participa e leva em parte essas demandas. De vocês...*

É... Mais ou menos.

*Tu acha leva um outro tipo de demanda.*

É por que ele tem que cuidar muito de toda a estrutura da equipe, cuidar de ponto, cuidar do horário de todo mundo...

*Tem umas tarefas de gestão.*

Eu fico livre para criar. Pode sugerir. Tem essa liberdade assim.

*E tem um núcleo que trabalha separado, eu acho que não é junto da equipe de arte, trabalha e que pensa alguns produtos digital. Tem? [Leonardo: Tem.] Tem, né? E como se faz essa relação.*

A gente não tem contato nenhum com eles.

*E o que vocês elaboram que eles não elaboram? Ou vice-versa.*

A gente produz conteúdo junto com jornalista. Conteúdos de fato para o site da Zero Hora. Eles trabalham com a parte de interface do produto digital. O que é diferente, né? O usuário tal, reclamou que o botão tal não está funcionando na tela tal. Aí você tem que ir lá, ajustar, verificar, otimizar o site para ele ficar mais rápido, é mais um trabalho de programação assim...

*Para o site da Zero Hora, tanto desktop, quanto aplicativo, né? Mas, essa interface, eles planejam essa interface ou só fazem essas alterações?*

Eles projetam a interface. Eu acho que eles têm UI designers e UX designers trabalhando, tem um time de desenvolvimento que já foi bem maior, então, eles têm muito trabalho terceirizado de fora, de ferramentas. Porque eles não têm tempo para criar tudo, só que acaba que a gente também não tem nenhum contato, o que também é outro problema. Ah, questão de interface “Ah, como funciona o botão rover no caderno Vida?” Lá eles têm todos esses deadlines. A gente não tem esse contato do que mudou. Mudou uma ferramenta lá no back-end deles, no servidor eles modificaram as coisas, não passaram para o nosso programador. O nosso programador, estava desenvolvendo um trabalho e pum. Caiu um negócio, então, tem... eu acho que poderia ser mais ligado essas coisas assim.

*Porque influencia bastante no trabalho de vocês. Por que, o trabalho de vocês, é de alguma forma colocado nesse lugar.*

Nessa plataforma.

*Nessa plataforma.*

Temos um outro grande problema ali.

*Então, daria para pensar esse espaço do digital, ele estaria um pouco deslocado do contexto geral de produção assim. Seria mais interessante, se ele estivesse mais conectado mesmo, para pensar o produto como um todo. Então, tá... à princípio era isso...*

Eu não sei se eu respondi tudo...

*Responden sim. Eu não sei se você quer colocar mais alguma coisa? Alguma coisa para entender o seu trabalho dentro do contexto de produção... Mais alguma coisa que você achar relevante. Nesse sentido... Webdesigner ali, você tu que são três.*

Webdesigner são um, dois, três... eu acho que são quatro pessoas.

*Contigo.*

Isso. Comigo. Tem o pessoal da diagramação que migrou agora para lá,

*O Rafael falou que são duas pessoas. E eles ficam subordinados a ti?*

Não.

*Todo mundo trabalha no mesmo cargo.*

Tanto os que tem experiência, quanto os que não tem experiência, recebem o mesmo salário.

*E eles tem essa liberdade que tu tem de propor e se precisar mobilizar outras pessoas, para um projeto...*

Não. É um pouco diferente. Eles recebem demandas dos gestores e tem que executar aquele trabalho. Eles também não são designers de propor pautas assim, não. Acho que parte também do designer. Tem uma coisa legal que também dá para fazer. Eu acho que isso depende da pessoa também.

*Claro. Claro. Então, a princípio era isso, agradeço demais a sua atenção e a tua disponibilidade.*

## 8.17 Entrevista WEB15G

*Então assim Rafael, eu queria que você falasse um pouco da sua formação e como tu começou a trabalhar em redação de jornal?*

Tá. Eu optei por fazer publicidade porque eu gostava de cinema. E aí... então aí eu optei por publicidade. Aí eu acabei fazendo uma graduação só que durante eu pensei... eu descobri que o curso é bem focado pra agência... aí eu pensei eu não vou querer trabalhar em operacional de agência né? Não era minha praia... mas eu vou me atirar na agência... aí eu fui e eu queria trabalhar em redação né? Aí eu fui, cheguei lá na agência e o cara falou tem uma vaga de arte... se tu quiser fazer. Eu falei eu vou em artes.. Aí depois eu entrei em uma faculdade com uns jornalistas e tinha cine club livre. Aí tipo eu fazia os releases e fazia os cartazes. E ia na gráfica e pegava. E colocava nos lugares estratégicos da cidade. Aí depois terminei a faculdade, tinha uma tv que tinha um programa, que era um programa sobre cinema. Aí eu fui pra ser produtor do programa e comecei a me enfiar em edição também, edição de vídeo. Então durante o curso eu acabei fazendo várias coisas, sabe? Aí tinha uma professora que recebeu uma bolsa pra fazer uma pesquisa que ninguém queria fazer. Daí ela: "O Rafael, vamos fazer, por favor, vai escrever artigo, vai ser bom pra ti e não sei que lá, e eu não quero perder essa bolsa". Aí eu: putz, tá, vamo lá. Daqui a pouco se eu quiser fazer o mestrado pelo menos eu tenho...

340

*Uma produção...*

Porque durante a faculdade eu sempre fui meio polvo assim. Não sabia direito o que fazer, sempre fiz de tudo um pouco. Então a minha formação ficou sendo bem plural assim. E eu acho que isso em geral ia me ajudar com o emprego. E eu me formei e na real foi difícil conseguir emprego, eu consegui fazer alguns freelas que me pagavam muito pouco e as vezes não me pagavam e aí pra não ficar parado eu decidi continuar estudando. Aí comecei a fazer uma pós em cinema na UNIFRA que é o que eu gosto e aí fiz junto uma outra pós na UFSM que é sobre educação ambiental, parece que não tem nada a ver (Risos). Mas o que acontece, o curso lá é bem interdisciplinar e aí eu consegui fazer algumas do cinema lá, por isso que eu fiz juntas as duas. Eu fiz um curta e consegui aproveitar nas duas. E acabei entrando no jornalismo acho que começou na faculdade com o cineclub que eu tive contato com o pessoal do projeto do jornalismo mesmo e depois... deixa eu pensar que mais.... Que que acontece também, eu comecei a fazer algumas cadeiras de jornalismo, que o meu curso não oferecia né. Diagramação, por exemplo, meu curso não oferecia, mas eu não cheguei a fazer... é que na época da faculdade eu não trabalhava com diagramação... eu trabalhava com artes enfim, mas não especificamente com diagramação. Aí eu tava formado fazendo uns freelas e um dos freelas, a menina disse: "Tu trabalha com artes, trabalha com Corel né, já fez diagramação?" Aí eu disse: nunca fiz, mas vamos lá né. Aí ela disse: é só seguir o exemplo, tu dá conta de fazer. Daí eu comecei a fazer freela pro Diário que era terceirizado, era uma agência, Intensa Comunicação e Conteúdo, que o Diário contratava ela que daí eles tinham jornalistas, tinha o material, faziam as pautas bem comerciais, e aí eu fazia a diagramação: dia das mães, dia dos pais, natal...

*Bem comercial....*

É, bem comercial. Então eu fiquei acho que uns três anos isso, fazendo freela e as duas pós. Também trabalhei na UFSM, mas era outra coisa nada a ver, era pra um curso EaD. Mas me ajudava a pagar minhas despesas, eu morava sozinho....

*Tu lembra o ano mais ou menos?*

Meu curso foi de 2005 a 2009. A pós eu conclui em 2013, então eu entrei em 2011. Eu fiz também antes de entrar no jornal eu fui assistente de produção de um longa da cidade.... Então tudo que aparecia eu ia fazendo, de ir me jogando sabe, não sei fazer, mas vou me jogando. E aí no jornal eu acabei entrando em 2013. A minha seleção começou no final de 2012, porque eu tinha um amigo que trabalhava lá dentro e ele disse: "ah tem uma vaga interna de diagramador, tu não quer ser?" Aí eu peguei mandei currículo pra lá, comecei a fazer as entrevistas, mas eu já tinha feito outros processo de seleção lá dentro e eu não tinha passado, e aí eu fiz bem sem expectativa sabe? Ia lá fazia as entrevistas e tal e aí tinha outro menino que tava lá dentro fazendo freela. E aí eu pensei tá, vou fazer a entrevista, mas é obvio que o guri que tá aqui dentro vai passar né? E aí eu fui fazendo entrevistas, entrevistas. Aí eu fiz uma prova prática, com quem na época era meu chefe, Paulo Chagas, eu disse: "eu não sei, eu nunca mexi com design, não tenho experiência com design". Fui bem sincero. E ele disse: não tem problema, a vaga é pra daqui um mês, vai vendo tutorial no YouTube, vai mexendo, não sei se vai ser tu, mas é bom tu fazer né? E aí é bom tu fazer o registro de jornalista também porque no que te chamarem tu tem que ter, independente de tu ser ou não, é uma

segurança pra ti... Daí tá né, fui fazer meu registro, pra fazer o registro tinha que provar dois anos de produção, eu tinha porque fazia os cadernos, aí consegui meu registro, aí me chamaram: tu passou na seleção. Aí o Chagas, eu acho que ele não queria que eu entrasse, eu percebi. Ele disse: te escolheram pelo teu currículo. E outro menino tava fazendo faculdade ainda, mas pra ele era bom. Aí eu entrei numa terça feira, a redação tava um caos assim. Era pra ter uma integração, minha integração foi cortada no meio e foi um turbilhão. Aí meu primeiro dia foi bem ruim assim. Aí na época meu chefe, o Chagas, na época ele tava bem estressado e tipo não... foi difícil pra mim no início. Eles não me explicaram muito bem, quem tinha que me ajudar era o menino que eu estava tomando a vaga então foi uma situação delicada... E entendo, eu não queria julgar muito.... mas eu tinha que aprender, era uma rotina muito nova. E a minha personalidade é uma personalidade mais fechada... eu estou conversando bastante contigo... mas eu não sou assim, na redação eu sou mais quieto, sou mais silencioso... Aí pra mim foi bem difícil, um mês, dois meses bem complicados. Mas com o tempo eu fui conquistando meu espaço ali dentro, acho que eu falei mais do que tu queria que eu falasse....

*Não, tá tranquilo...*

É isso.

*Aí tu começou na diagramação, daí depois tu foi mudando pelo que o pessoal já me disse...*

É. Eu fiquei na diagramação um ano e meio.

*E tu entrou na redação em 2000 e...*

2013, dois dias pós Kiss. Quando eu entrei, como era Kiss, ficou um mês todo com o jornal todo preto, sabe? Aí não tinha editoria, era tudo Kiss. Aí eu não entrei em uma editoria específica, entrei no dia e acabei fazendo tudo preto. Depois eles vieram e me deixaram com o Caderno 2, que era o caderno de cultura. E aí eu acabei ficando só com o pessoal da cultura, a diagramação dessas páginas, e com a revista Mix que era a revista da cultura do final de semana. Então eu fazia basicamente isso. Trabalhava final de semana, eu pegava cadeira por conta disso. E aí ficou um ano e meio nisso. E nisso eu tava em férias e a Silvana me ligou e disse: “Rafa quando tu voltar das tuas férias tu vai ser do online”. E eu fiquei bem assim: como assim do online, que que eu vou fazer do online. Eu tô mexendo com papel.... e eu tinha uma relação muito boa com o pessoal da cultura. E eu fiquei poxa o que vou fazer no online? Eu fiquei meio apavorado assim, e eu não fazia nada pro online. Acho que eu produzi alguma coisa que a Silvana achou legal e aí acho que ela ficou meio de olho. Na verdade foi uma estratégia que tinham deixado uma vaga e ela me trouxe. Daí a primeira reunião com a Silvana ela me disse: Rafa não sei que que tu vai fazer aqui, mas a gente não pode perder essa vaga, eu conquistei e a gente não vai perder, vamos achar o que fazer. E eu disse tá vamos lá, né. Ela disse: vamos produzir vídeo, tu gosta dessa área. Disse vamos. Só que nisso também tinha facebook, me ajuda no facebook, ajudo sim. E daí eu comecei a fazer de tudo um pouco, sabe, tudo que vinha... porque eu também não sabia qual era minha vaga. Daí criaram minha função como webdesigner. Eu fiquei acho que uns três meses na minha carteira como diagramador e depois mudou pra webdesigner, eles viram que era algo que se encaixava mais com as coisas que eu poderia oferecer. Eu acho que, eu já falei isso com a Silvana, se eu tivesse continuado na diagramação eu não estaria mais no jornal, porque eu acho que diagramar é meio engessado, a mesmice, eu já queria um pouco mais de.... E o online na realidade é o que vem me desafiando muito, a gente passa inventando alguma coisa. Hoje eu faço alguma coisa de diagramação, mas eu faço pro online, ebooks, na realidade todas as artes que eu crio a maioria das artes eu inicio, eu uso o InDesign sabe? Porque eu tô habituado e depois finalizo em Photoshop alguma coisa. E no online eu comecei ajudando no face, teve uma época de treinamentos.... aí tá, vamos fazer vídeos, tá mas então nós temos que uniformizar os fotógrafos pra todo mundo fazer o vídeo meio que o padrão. Aí a gente fez muitas oficinas, teve uma época que a gente fez muita oficina uns para os outros assim... então tinha o Superação... Então uma das metas era capacitar tantos repórteres, tantos fotógrafos da redação. Tinha número de vídeos... A gente tinha muitas metas assim sabe? E era legal que a a parte de vídeo foi crescendo muito com isso também e a gente começou a acompanhar mês a mês os números de produção, o número de visualizações. A gente tinha o Borya, que era o player da RBS, ainda é, e ele tinha várias limitações, uma delas era a qualidade dos vídeos, e era ruim, trancava. E aí a gente se fez de louco e começou, tinha um canal no Youtube abandonado e a gente começou a resgatar esse canal e publicar os vídeos lá e foi pegando as matérias e começou a crescer... não sei se você já...

*Eu já sigo o canal...*

Mas na época eu peguei o canal e não tinha 100 mil... devia ter umas 63 mil visualizações, hoje ele tá com quase 2 milhões. Então ele cresceu bastante, sabe? E aí o pessoal da Zero Hora: porque vocês estão usando o Youtube? Voltem pro Borya. Daí a gente teve que fazer um trabalho de formiga e botar todos os vídeos nossos, que já eram mais de cem, e o Borya era chato, não é que nem Youtube que tu sobe um vídeo assim,

era muito burocrático, então foi um trabalho de dois ou três dias. E hoje a gente segue no Youtube. A gente remunerou... remunerou não, a gente ganha dinheiro com o Youtube também.

*Anham, sim. E hoje como que é tua rotina? Queria que tu falasse da grande rotina do jornal e como tu se insere nela, e tuas atribuições no dia a dia?*

Pois é. Eu faço bastante coisa, sabe?

*Mas tu chega normalmente em que horário?*

O meu contrato na verdade é diferente dos outros porque eu faço 44 horas semanais; Eu chego normalmente 9 e meia, 10 e meia por aí. Fico até as seis meia, sete e meia por aí. Agora depois que a gente foi vendido eu comecei trabalhando no layout do site e eu fiquei um bom tempo trabalhando no layout. Toda parte como que iria a funcionar, dependeu bastante tempo meu e da Silvana. Então hoje eu cuido bastante disso, continuo cuidando disso, no sentido de que tudo que é probleminha a pessoa bota pra mim. Daí tu faz um treinamento e tal e a ideia é que eu consiga resolver esses pequenos probleminhas porque até então eu não conseguia, dependia da Suíta.

*O que que a Suíta faz pra vocês?*

Então, o que que acontece. Eu e a Silvana desenhamos todo site, entregamos pra Suíta e a Suíta programou todo site e entregou bonitinho. Hoje a suíta nos dá manutenção e a gente tem contato com ele via Skype, via e-mail também. E na realidade o site tá cheio de probleminhas ainda, então a gente está tentando resolver aos poucos isso. Então a gente é atrelado a eles nesse sentido. No meu dia a dia o que eu faço bastante vídeos, não só edição, faço captação, a gente faz.... produção eles fazem na reportagem... Mas a gente sai pra rua junto pra fazer captação das imagens, isso aí por exemplo a gente não tem uma equipe de vídeo. Então por exemplo se eu for pra fazer um vídeo eu tenho que ir e pensar na iluminação, pensar na captação de áudio e também na captação de imagem. E a gente não tem muitos equipamentos, uma câmera boa e uma bem antiga, mas que nos ajuda assim um pouco. Então depois que eu capto as imagens eu volto pra redação, edito os vídeos, faço a finalização e editar é tipo tudo, escolher trilhas... Na verdade da edição a escolher trilhas, só eu que faço, antigamente os repórteres, até assim eu queria que eles me ajudassem na edição, mas hoje eu que edito, eu que seleciono o material que vai entrar, depois eu chamo o repórter e digo: é isso ou não é isso? Sabe. E escolher trilha, escolher os elementos. Porque eu já trabalhei bastante nisso também, sabe? Se eu vou usar alguma arte específica nos caracteres, na abertura e fechamento dos vídeos. Tudo. Acho que a diagramação ajuda bastante também. Fora isso no meu dia a dia eu ajudo bastante a editoria também no Facebook, respondendo os leitores inbox. Publicando matérias, monitorando comentários. Eu faço muita ação junto com o comercial. Os produtos mesmos, saber como que a gente vender. Publico matérias, também, por exemplo, as cruzadinhas eu também publico. Eu não sou jornalista, não posso escrever as matérias, mas vezes eu faço alguma coisinha, coisas que não exigem muito eu faço, pra não ficar parado. No meu dia a dia é mais ou menos isso assim.

*E como que as demandas chegam pra ti?*

Chegam por e-mail. E como a redação é pequena a gente vai se falando mesmo.

*O pessoal vai pedindo e via te acionando..*

É, teve uma fase na RBS que a gente era mais organizado nesse sentido. Por exemplo ia fazer vídeo, tinha muitas demandas, a gente criou um sistema de fila pra essas demandas, sabe? Então monitorava, tinha uma tabelinha assim de pedido, edição, finalização, entrega. Hoje não tem mais isso. Daí eu vou me agendando de acordo com o que eu tenho na semana.

*Tu que organiza....*

Eu organizo. Aí lá pelas tantas a Silvana tem que dizer: “o Rafa não tá aceitando mais nada”. Porque eu não sei muito dizer não, então eu vou pegando tudo.

*Aí ela que faz a gerência pra ti. Então nessa sua rotina tu interage mais com a tua editora? Os repórteres ou os editores...*

Não... exatamente. Com minha editora e com os repórteres...

*Eles que te acessam...*

É. A Silvana é mais pra me dizer isso tu pega, isso tu não pega, não precisa pegar. Aí por exemplo agora todas as sextas-feiras a gente tem uma, eu e a Pâmela que é a repórter especial, a gente tem uma reunião pra definir como a gente vai tratar a reportagem especial do outro finde. Se vi ter vídeo, se vai ter infográfico, como vai

ser esse material no site. Se a reportagem me demandar muito durante a semana eu tento pegar menos coisas no dia, daí eu não consigo ajudar as gurias no Face.

*Certo. E agora pelo que me falaram a redação está passando por um processo de integração que antes a produção do online e do impresso eram bem distantes, mais separadas. E esse processo de integração tá afetando a sua rotina de alguma maneira?*

Não deu pra sentir ainda porque é muito novo. Mas na época da RBS que a gente integrou... não tem porque não integrar, não faz sentido integrar... É ruim pra todo mundo eu acho. E por enquanto eu não posso dizer como afetou porque é muito novo sabe, mas....

*E tu participa das reuniões de pauta?*

Não.

*Não participa?*

Não. Já participei de algumas assim só em ocasiões pessoais.

*Claro. E tu acha que seria importante?*

Eu acho que não.... Eu acho que assim, as reuniões específicas seria interessante. Mas não reunião de pauta em si. E isso a gente fala. Por exemplo, o que que a gente vai fazer nos cinco anos da Kiss. A gente fez várias reuniões e daí, a gente fez com editor, repórter, fotógrafo, pra gente definir pra que lado a gente ia. Porque isso foi bem, os cinco anos, foi bem difícil pra mim assim. Porque a Silvana queria que a gente tivesse bem afim do que a gente queria fazer, decidir o que fazer. Ela queria saber o quão certinho a gente ia seguir e eu dizia: eu não consigo te dizer pra onde a gente vai.... porque eu tava captando as imagens e era muito material sabe e daí a gente não conseguia fechado, e ela tava preocupada com isso, tinha muito pouco tempo e eu conheço meu processo criativo, a Pâmela também é repórter e ela tem o processo criativo pra escrever que é dela, é diferente não é... e é uma pauta difícil mesmo e junto com isso eu tinha que pensar como que a gente vai botar isso no site de uma forma que ficasse legal, sendo que o site tem limitações. Então eu já tava vendo plano b, c. E outras coisas pra gente. Tava vendo até fazer um site num Google site, que é que eu conseguiria fazer em pouco tempo sem depender da Suíta, só que daí não era dentro do nosso site, o Diário de Santa Maria... Só que nesse meio tempo eu tinha que cuidar de muita coisa ao mesmo tempo e eu tava enlouquecendo.

*Sim. Você fica responsável pelo Layout do site, embora a programação...*

É. O layout, o que tu ver ali no site hoje, corzinha, fotos, tamanho, tudo fui eu que defini, eu e a Silvana.

*Organização, arquitetura, todo o processo...*

É, todo o processo. E algumas coisas não ficaram exatamente como a gente queria, mas ficou mais próximo do desenho do site. Algumas coisas estão no original, outras a gente foi vendo que não fazia muito sentido e a gente trocou.

*Certo, claro. E a Silvana comentou que vocês trabalharam na identidade visual do diário, da marca? Não?*

Na realidade eu não trabalhei com a marca. Quem trabalhou com a marca foi o Ricardinho, o Ricardo que tá na diagramação.

*Ah tá...*

Eu trabalhei na realidade agente definiu que a cor do jornal, ele é vermelho, no site achou que o azul combina mais. E aí hoje se tu entra no site do diário você se depara com o azul assim, tem o vermelho, lá embaixo, a gente precisava colocar o vermelho em algum lugar. Mas o azul predomina. A parte do layout pro app, a gente tá tocando isso também. Estratégia de divulgação também. Por exemplo quando a gente lançou o novo site: ah como que a gente vai divulgar isso? Vamos fazer os videozinhos. Aí a gente fez os vídeos, a gente bolava histórias. Quando a gente teve a previsão do tempo, vamos dizer que a gente tem a previsão do tempo. Aí eu fazia um videozinho e colocava o layout da previsão.

*Você fazia isso nas redes sociais?*

Nas redes sociais. No dia a dia eu também faço muitas artes pras redes sociais. Sei lá. Querem fazer uma matéria do Elvis, por exemplo. Aí o pessoal da cultura me pede pra fazer um card dizendo as pessoas são fãs do Elvis, vem falar com a gente. Aí eu faço uma artezinha, posto no facebook. Isso eu faço bastante.

*E alguma coisa de divulgação sai no impresso, do online?*

Sim, eu faço alguns anúncios pro impresso também. Por exemplo a gente pensou em uma campanha pra dizer que o jornal era legal, que tava mais próximo do leitor, então se tu tivesse um problema na tua rua, podia mandar pra gente. Daí a gente criou uma chamadinha: ah, o diário te ajuda a fazer tal coisa. E também nos rodapés que saiu no impresso e agente ocupava também com capa do Facebook. E aí agora teve o Paywall e a gente fez uma campanha que era pras assinaturas, pro pessoal assinar o online. Eles tinham encomendado pra uma agência fazer, daí não chegou lá, não ficou como eles queriam. Daí: Rafa, tu faz? Daí eu fiz, o formato da página inteira e o rodapé. Então esses rodapés eles só tão entrando no impresso, eles não tão entrando no... eles não estão nas redes sociais, era pra entrar nas redes sociais, capa do Facebook, a gente não colocou porque a resposta dos leitores em relação ao Paywall foi bem ruim. Então a gente pensou vamos colocar no Face? Aí não, deixa só no impresso.

*Nas redes sociais tem bastante haters (risos). Então assim do seu dia a dia você tem bastante demandas, é responsável pelo online. E como então tu avalia o papel dessa tua atividade no contexto de produção do jornal?*

Eu acho que hoje é uma vaga meio que indispensável pro jornal assim. Não eu Rafael eu como pessoa, mas a atividade em si, no dia em que eu sair dali as pessoas vão sentir falta, de mim também, mas da vaga em si. Na realidade eu sou a pessoa que cuida dos vídeos e do visual do site em si e tem que ter uma pessoa que pense nisso, porque os jornalistas tem que pensar no conteúdo em si e não na parte visual. É uma vaga que anos atrás eles não tivessem pensado. Não sei se nos outros jornais tem um cara. O Pioneiro eu não sei se eles têm um webdesigner...

*O Pioneiro tem. Na verdade cada jornal dá atribuições diferentes pra essa mesma atividade e são profissionais diferentes que atuam fazendo essa mesma função.*

Não jornalistas? Ou são?

*Deixa eu pensar... não, nenhum deles jornalistas.*

Uma coisa em comum...

*É, uma coisa bem comum, bem interessante. Por exemplo, a Zero Hora tem designers e eles não fazem programação e tem quem faça e eles dialogam com o pessoal da programação que é da equipe. O Correio do Povo não tem, eles não tem essa função dentro do jornal. O Pioneiro tem e é um rapaz de programação, é um rapaz totalmente da área de informática, de sistemas, e ele acaba que se responsabilizando por algumas coisas de design, mas o foco dele total é a parte de programação. E no caso dele até pelo perfil, assim, eu vi tudo que o pessoal não consegue fazer em termos de tecnologia, tem que produzir um vídeo, fazer alguma coisa, o que a redação não sabe fazer vai nele e ele só ali. E ele dá jeito de aprender, e busca um programa que faça aquilo, ele tem um perfil bem específico...*

Eu confesso que eu me identifico um pouco com esse menino porque eu também nunca disse não pra nada, por mais que eu não soubesse o porque eu entendo que webdesign é uma coisa muito ampla, então tudo eu acho que tenho que fazer, eu acho que eu tô sendo pago pra isso e tá dentro da minha função eu vou dar um jeito de eu fazer. Então quando apareceu essa proposta da Suíta me dar um treinamento, aí a Silvana disse tá mas eu preciso saber se tu quer também. Na realidade meu lado acomodado diria não, não quero. Aí eu disse pra ela: vai ter custo pra empresa? Não. Então tá decidido. Ah vai ser bom pra mim, porque se não fosse ofertado isso eu não ia procurar um curso sobre isso específico que ia fazer, aí eu vi que ia ser bom pro jornal, daí eu vi que seria um pouquinho mais autônomo dos programadores da Suíta. Aí eu acabei aprendendo um pouquinho de html, css e mexer nos códigos do site, que tá atrás do nosso site. E a gente tá desenvolvendo uma página agora, que é a página da região e tá praticamente pronta a página...

*É, ela disse que tu tá recluso nesse período trabalhando em casa...*

Eu não conseguiria fazer na redação, não mesmo. Tentei, não tinha como, as pessoas me pedem muita coisa lá dentro. E é algo chato, eu tive que estudar coisas que precisa muito atenção, e precisa tomar café, precisa tomar chimarrão, em casa eu consigo fazer na redação não dá.

*É, na tua rotina o pessoal vai te acessar.*

Eu acho que eu sempre fui muito curioso. Na realidade antigamente quando me pediam pra fazer qualquer coisa eu acho que eu dizia vou descobrir um jeito de fazer, mas eu ficava apavorado sabe? Hoje eu fico mais tranquilo, claro vou achar um jeito de fazer, se não der desse vou de outro, talvez não fique tão bom quanto deveria, mas vou cumprir o objetivo. Eu ajudo a fazer lives também, voltando atrás, ajudo a fazer lives.

*Claro. Então tu está ali há uns cinco anos trabalhando no jornal, é um bom tempo. E justamente nesse período, é um período que o jornalismo vem vivendo a mudanças bem radicais, impactantes, muito em função das tecnologias. Nesse período tu conseguiria destacar quais foram pra ti as principais mudanças que aconteceram?*

Tu diz na redação, mais no jornalismo assim?

*É, assim, no teu contexto de produção, da rotina, o que tu acredita...*

A gente passou por uma fase na RBS que a gente começou a produzir vídeos, que não era tanto o foco, daí eles falaram: opa, foca aqui, foca em vídeo. Aí todo mundo começou a fazer muito vídeo e aí depois deu uma parada. Agora eu acho, que até pela integração, a ideia é a gente voltar a fazer vídeos e de mudança que mais?

O que tu acha que permaneceu, que que tu acha que mudou completamente...

Eu acho que os jornalistas do papel tão começando a ver o digital diferente do que viam, sabe? Eu acho que antes a impressão que dava, que a equipe não fazia muita coisa, que o pessoal só colocava o texto do impresso no online e se fazia com alguns botões e era isso. Eu acho que eles estão vendo... tanto que a gente produz muita coisa diferente, produções que são nossas, do online e o impresso acaba aproveitando. O online veio muito atrelado também ao entretenimento. A gente fez muita coisa bem do entretenimento, e alguns questionam se isso é jornalismo, mas a gente fez. Por exemplo a gente criou o Top X, que era uma votação sobre coisas da cidade. E isso foi vendido pro comercial no outro ano, então foi Top Pizza, aí depois foi o Top Hambúrguer, o Top Sushi. Então tudo isso foi vendido sabe, então isso trouxe dinheiro pra empresa e na realidade eu acho que o online ele ainda não se paga, ele não paga nosso salário ainda. Mas ele tá cada vez mais ajudando a pagar os nossos salários, pra gente conseguir se manter. A equipe do online ela tá maior, teve uma fase que ela foi pequena, aí ela cresceu, e ela diminuiu, ficou uma pessoa só. Agora a gente tem uma equipe mais consolidada e não tem como tirar uma pessoa. Isso... também acho que a empresa é bem madura de saber que necessita bastante do online. E eu vejo isso né, que o online tá cada vez mais fortalecendo e conseguindo mais grana não ainda sem ser dependente do papel, a gente precisa ainda da grana do papel. Isso se reflete também no comercial, os vendedores faziam mais questão de vender algo pro papel porque tinha uma visibilidade boa, e online era sempre o brinde, sabe. E agora tá começando a mudar tem projetos que a gente pensa junto com o comercial só pro online e as vezes a gente consegue aproveitar pro papel, as vezes não. Eu acho que é mais isso no tempo que eu vejo.

*Tá. Então assim pra desempenhar essa sua atividade, quais são as características que tu acha que um profissional tem que ter?*

Tem que ser multifacetado e tem que aceitar desafios, não precisa saber tudo, mas tem que ter vontade e ir atrás. Tem que ser autodidata. Não ter vergonha de dizer que não sabe, tem que ser humilde sempre. E ir atrás de quem sabe. Acho que não se negar a nada, porque acrescenta, vai acrescentar muito pra pessoa também e humildade eu acho que tem que ter bastante. Acho que é isso.

*Anham. E como tu ver o futuro da sua atividade pro jornal?*

Eu acho que vai ser... daqui a pouco, talvez, eu acho que é até o sonho da Silvana que tenha mais uma pessoa pra fazer isso. Eu seria feliz se eu tivesse um estagiário. Um estagiário pra mim resolveria bastante. Mas o ideal mesmo é que tivesse uma equipe só de vídeo, outra só áudio, na Zero Hora tem isso. Mas como nossa realidade é um pouco diferente se tivesse mais uma pessoa era legal. Eu acho que é uma função que veio pra ficar, não veio pra ser extinta, nada assim e é isso.

*Então tá. Da minha parte era isso.*

É, eu não sei se eu me atropelo...

*Não, bem tranquilo...*

Não sei se tu conseguiu seguir tua estrutura

*Conseguí seguir minha estrutura, tu já vai respondendo em outras e é isso aí.*

Eu queria voltar numa partezinha...

*Fala, pode falar...*

Eu fiquei pensando que eu acho que o Facebook ajudou bastante, eu acho que o impresso acabou. A gente quer que o impresso na realidade leve em consideração as opiniões dos leitores no Facebook, que eu acho que eles não dão muito valor. Os leitores questionam bastante algumas matérias do impresso, tem matérias que eles vão nos tópicos do impresso.

*São mais artigos e a resposta tá ali...*

É, um mundo à parte. Eu acho que eles estão pensando um pouco mais...

*Certo. E tu percebe algum tipo de preocupação deles ou de alguém dentro da redação com os títulos que se pode ter a busca no google, tagueamento, esse tipo de coisa...*

Na realidade quem faz isso é o online, às vezes pedem pra gente, o repórter do impresso agenda uma matéria daí a gente vai lá e muda todo o título. A Silvana pela manhã pegava os títulos e mandava pro repórter: que título é esse? Porque é outra coisa né? Então tem uma preocupação pela equipe do online, mas tem alguns repórteres que tão se ligando nisso: “ah, eu acho que isso não funciona pro site, tem que ser de tal forma”. Eu acho que é nisso.

*Seria isso?*

Seria isso.

*Pode ficar a vontade, se quiser retomar alguma coisa não tem problema algum.*